

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**DOUTORADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DICH**

Wagner Xavier de Camargo

**CIRCULANDO ENTRE PRÁTICAS ESPORTIVAS E SEXUAIS:  
ETNOGRAFIA EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS MUNDIAIS  
LGBTs**

Tese submetida ao Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Doutor em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.Carmen Silvia de Moraes Rial

Co-orientador: Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz

Florianópolis  
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

C172c Camargo, Wagner Xavier de  
Circulando entre práticas esportivas e sexuais [tese] :  
etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs / Wagner  
Xavier de Camargo ; orientadora, Carmen Silvia de Moraes  
Rial. - Florianópolis, SC, 2012.  
1 v.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina,  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-  
Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Inclui referências

1. Ciências Humanas. 2. Atletas - Homossexuais. 3.  
Esportes - Comportamento sexual. 4. Competições -  
Homossexuais - Aspectos antropológicos. I. Rial, Carmen  
Silvia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa  
de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. III.  
Título.

CDU 168.522

Wagner Xavier de Camargo

**CIRCULANDO ENTRE PRÁTICAS ESPORTIVAS E SEXUAIS:  
ETNOGRAFIA EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS MUNDIAIS  
LGBTs**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Ciências Humanas” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas

Florianópolis, 29 de Fevereiro de 2012

---

Profa. Dra. Joana Maria Pedro  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial  
Orientadora

---

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz  
Co-Orientador

---

Prof. Dr. José Soares Gatti Junior,  
Universidade Tuiuti

---

Profa. Dra. Miriam Adelman,  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

---

Prof. Dr. Luiz Henrique Toledo,  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

Prof. Dra. Mara Coelho de Souza Lago,  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi,  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Prof. Dr. Matias Godio (suplente),  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

## **Agradecimentos**

Indubitavelmente posso reconhecer que fui privilegiado em termos de suporte financeiro para a realização da pesquisa de doutoramento. Por isso, meu maior agradecimento vai

Às

### **agências de fomento à pesquisa**

que, de diferentes formas e em momentos distintos, viabilizaram o desenvolvimento desta investigação: à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro nos dois primeiros anos e durante os dois semestres letivos de intercâmbio em Berlim; ao Deutscher Akademischer Austausch Dienst – DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), pelo curso de línguas e acomodação inicial de quatro meses na capital alemã; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela bolsa de pesquisa no último ano regulamentar.

Às/Aos

### **amigas/os brasileiras/os do/no Brasil,**

gostaria de deixar registrado o que mais me marcou neste processo no tocante a cada um(a): a Ana Costa de Lima, pela predisposição às trocas acadêmicas; a Cristina Consani Foroni Klein, pelas palavras encorajadoras e de carinho; ao Colegas do Grupo Esporte e Sociedade (CED), pelo partilhamento comum de serotonina e profundo prazer nas discussões coletivas; aos Colegas da linha de pesquisa em Estudos de Gênero, por dividirem experiências; a Daniel Zonzini Voltan, pelos

apoios incondicionais nos projetos em que nos metemos; a Gláucia Marcondes, pelo estímulo inicial e por acreditar na minha volta ao mundo acadêmico; a Ivan Baraldi, pelas boas risadas e convivência; a Joel Thiago Klein, pelos conselhos sempre pragmáticos e úteis; a Leandro Molina, pela fiel amizade; a Luiz Vadico, pela poética inspiradora transformada em excertos usados na tese; a Michelle Carreirão Gonçalves, pela convivência e apoios diários; à querida Sandra Mara Machado Carreirão Gonçalves e seu incondicional senso de humor e sua ternura; à Turma de 2008 do doutorado interdisciplinar da UFSC, que simbolicamente se edificou como marco de referência de minha volta ao mundo acadêmico.

Às/Aos

**amigas/os brasileiras/os e alemãs/es em Berlim,**

sou grato a Alessandro Fiore, por me mostrar o mundo com sensibilidade; a Douglas Gatte Pichi, por partilhar momentos de grande alegria na terra inóspita; a Flávio Lopes, pela energia boa que sempre compartilhou em nossos encontros; a Gabriela Sobral, pelo sorriso e cumplicidade amigos; a Ísis Fernandes Pinto, por fazer-me olhar para outros lados além dos que eu via; a Kaciano Gadelha, por ensinar-me, na vida, a lógica dos “afectos”; a Naylson Maciel, pelas prazerosas conversas, pelo companheirismo de todos os momentos e por toda a logística durante minha estada na capital alemã, a Sebastian (“Bastie”) Behrens, für die Übersetzungen und Hilfe mit der Sprache.

À

**banca de doutores,**

composta especialmente para a defesa, José de Souza Gatti Júnior, Luiz Henrique de Toledo, Mara Coelho de Souza Lago, Matias Godio, Meryl (Miriam) Adelman, Miriam Pillar Grossi, meu sincero agradecimento pela predisposição em ler e contribuir criticamente com a tese.

Aos

**orientadores,**

Alexandre Fernandez Vaz, agradeço pela amizade e incansável diálogo, e a Carmen Silvia de Moraes Rial, pelos ponderados conselhos, direcionamentos e suporte institucional.

À

**pessoa que mais admiro**

nesta vida, Maria Conceição Xavier de Camargo (minha mãe) agradeço por ter me ensinado a ser gente, a ser homem, ser mulher, ser sensível, ser guerreiro, ser eu mesmo e por sempre me oferecer escuta em um mundo de violências ensurdecadoras.

Ao

**Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas**

pelo suporte incontestável em todos os momentos do período doutoral e, em especial, um agradecimento à querida profa. Dra. Joana Maria Pedro, coordenadora do programa, pelo seu sorriso no olhar e pelas palavras de apoio, disparados sempre ao me encontrar!

À

**querida Dulce Inês Leocadio,**

amiga de outro tempo e de outras paragens, que veio em meu encalço para ajustar o presente texto às normas técnicas necessárias, meu obrigado pelo carinho e profissionalismo.

Às/Aos

**significantes outras/os**

que fazem e/ou fizeram parte da minha existência nestes anos e que me estimularam, de algum modo, na idealização da pesquisa e na produção, elaboração, redação do texto final desta tese.

E, finalmente, aos

**sujeitos-atletas**

da pesquisa, que mesmo não podendo/conseguindo ler em português, deixo aqui registrado meu agradecimento às inúmeras horas que me dedicaram, nas instalações esportivas, em bares, em festas, na universidade e em outros lugares, sempre com paciência e bom humor.



## RESUMO

Esta pesquisa nasceu de meu desejo em tentar investigar, de modo mais acentuado, as sexualidades esportivas de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros com a chamada “masculinidade hegemônica” nos esportes. Para tanto, e por questões de delimitação teórico-metodológica, escolhi analisar as práticas sociais e simbólicas de “atletas gays” e suas negociações no tocante a tal temática, em torneios esportivos específicos. Assim, meu objetivo era refletir sobre a materialização de corpos e a produção de subjetividades destes sujeitos, articuladas com as construções sociais e discursivas de masculinidade nas competições esportivas LGBT. Utilizando-me de pressupostos da antropologia multissituada, desenvolvi trabalho de campo em três cidades-sedes dos jogos (Copenhague, Colônia e Vancouver), em momentos distintos do período doutoral regulamentar. Entrevistas, conversas, treinamentos, redes sociais, as próprias observações participantes nestas competições, levaram-me a eleição de dezoito tópicos temáticos, que se entrecruzaram e se interseccionalizaram numa escrita hipertextual. O texto é labiríntico, rizomático e se outorga o direito de não ter início, meio ou fim. Como considerações finais-chave da etnografia exploro as seguintes indagações: a) as práticas esportivas *queer* (dissonantes e subversivas) propõem um novo modelo de esporte?; b) a busca pela participação internacional em competições esportivas LGBT seria parte de uma estratégia de circulação global de corpos e “capitais ejaculantes” de sujeitos participantes?; c) a relação *esporte-festa-sexo*, componente constituinte das contendidas, corrobora com a hipótese de vivermos uma nova era no capitalismo contemporâneo, notadamente farmacopornográfica?.

**Palavras-chave:** Atletas gays; Sexualidades esportivas; Competições esportivas LGBT; Práticas esportivas queer; Antropologia multissituada; Escrita hipertextual.



## ABSTRACT

This research has born from my desire to investigate, most notably, sexualities of lesbian, gay, bisexual and transgender people within the "hegemonic masculinity" in the arena of sports. For this purpose (and by questions of theoretical and methodological delimitation), I have chosen to analyze social and symbolic practices of "gay athletes" and their negotiations related to this subject, at specific sports tournaments. Thus, my aim was to reflect upon the materialization of bodies and the production of subjectivities of these subjects, articulated with the social and discursive constructs of masculinity in LGBT sports competitions. Using the main assumptions of the multi-sited anthropology, I have conducted fieldwork in three international events (in Copenhagen, Cologne and Vancouver), at different times of the doctoral investigation. Interviews, conversations, training sessions, social networks, participant observation in all these competitions have led me to the election of eighteen thematic topics, which are intersected and written in a hypertext. This text is chaotic, rhizomatic, and grants the right to have no beginning, middle or end. As final key-considerations of the ethnography. I explore the following questions: a) The queer sport practices (jarring and subversive) would/could propose a new model of sport?; b) The search for international participation in LGBT sports competitions would be part of a strategy of global circulation of bodies and "ejaculation capitals" of the participating subjects?; c) The interrelation between sport-party-sex (intrinsic part of the contends),corroborate to the hypothesis that we live in a new era of the contemporary capitalism, notably "farmacopornographic"?

**Key-words:** Gays athletes; Sport sexualities; LGBT Sports Competitions; Queer Sports Practices; Multi-sited Anthropology; Hypertext written



## **LISTA DE FIGURAS**

---

Figura 1: Mapa de distribuição dos países participantes em Colônia, Alemanha, 2010	<b>54</b>
Figura 2: Credencial dos jogos	<b>79</b>
Figura 3: Davie Village: circunscrição e estabelecimentos comerciais (Vancouver, West End)	<b>81</b>
Figura 4: Festa de abertura GG (VIII)	<b>111</b>
Figura 5: Festa de encerramento (GG VIII)	<b>111</b>
Figura 6: Folder da casa noturna berlinense “GMF”	<b>115</b>
Figura 7: Folder da casa noturna berlinense “Locker Room”	<b>116</b>
Figura 8: Planta de entrada e adjacências	<b>127</b>
Figura 9: Planta de entrada e adjacências	<b>128</b>
Figura 10: Propaganda oficial dos II WOG (2009)	<b>191</b>
Figura 11: Propaganda oficial dos GG (2010)	<b>191</b>
Figura 12: Propaganda GG-2010 (BLU, 2010)	<b>192</b>
Figura 13: Propaganda GG-2010	<b>193</b>
Figura 14: Folder campanha Berlim	<b>281</b>
Figura 15: Folder Festa futebol	<b>314</b>

---



## LISTA DE TABELAS

---

Tabela 1 – Gay games – cidades sedes e participantes	<b>50</b>
Tabela 2 – Gay-games – outros números	<b>53</b>
Tabela 3 – Esportes e práticas alternativas no Outgames (Vancouver – 2010)	<b>84</b>
Tabela 4 – Modalidade atletismo: melhores marcas (pista e campo)	<b>105</b>
Tabela 5 – Os dez países com maior número de inscritos (II WOG/2009)	<b>200</b>
Tabela 6 – Países nas dez últimas posições do ranking de inscritos (II WOG/2006)	<b>201</b>
Tabela 7 – Inscrição de atletas por esporte (II WOG/2009)	<b>204</b>

---





## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

---

<b>ASVOG</b>	Associacion de Volleyball Gay
<b>AVC</b>	Acidente Vascular Cerebral
<b>BC</b>	British Columbia
<b>CDG</b>	Comitê Desportivo Gay
<b>COI</b>	Comite Olímpico Internacional
<b>CTeMe</b>	Conhecimento, Tecnologia e mercado
<b>EGLSF</b>	Federação Esportiva Europeia de Gay e Lésbicas
<b>FINA</b>	Federation Internationale de Natacion
<b>FIS</b>	Federation Internationale de Ski
<b>FSGL</b>	Fédération Sportive Gaie et Lesbienne
<b>FU</b>	Freie Universität
<b>GG</b>	Gay Games
<b>GLITS</b>	Gay and Lesbian International Track Association
<b>GLISA</b>	Gays and Lesbian International Sports Association
<b>GLSBe</b>	Gay and Lesbian Sport Berne
<b>GOG</b>	Gay Olympic Games
<b>IAAF</b>	International Association of Athletics Federations
<b>IOC</b>	International Olympic Committee
<b>LGBT</b>	The Gay & Lesbians Business Association of BC
<b>MAP</b>	Monitoring AIDS Pandemic
<b>MSM</b>	Male Sex Male
<b>ONGs</b>	Organizações não Governamentais
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>RFSL</b>	Swedish Federation for Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Rights
<b>SFAA</b>	San Francisco Arts and Athletics
<b>S/M</b>	Sadomasoquistas
<b>USOC</b>	United States Olympic Committee
<b>VGVA</b>	Vancouver Gay Volleyball
<b>WADA</b>	World Anti-Doping Agency
<b>WASP</b>	White , Anglo Saxon and Protestant
<b>WOG</b>	World Outgames

---



## SUMÁRIO

### **Proposições . 1**

#### *Dispositivos*

Às Margens . 19, Atletas . 23, Gay Games . 44,  
Masculinidade-S . 56, North American Outgames . 77,  
Práticas Esportivas Queer . 99,  
Rituais Festivos . 121, Saídas do Armário . 148,  
Territórios Marginais . 168, Vestiário . 178,  
World Outgames . 189

#### *Polaridades*

Circulação e Desejos . 219, Contaminação e Adicção . 232,  
Fetiches e Prazeres . 243, Ocupação e Subversão . 261

#### *Colapsos*

Novos Modelos (de Prática Esportiva?) . 279,  
Projetos de Vida? . 296,  
Sociedade Farmacopornográfica? . 325

### **Posposições . 333**

### **Referências . 343**

#### Anexo . 379



# PROPOSIÇÕES



## Por onde ~~começar~~ **por onde?**

Numa escuridão quase completa, pois tapara o abajur com um pulôver verde, que estava queimando aos poucos, era estranho bancar a aranha indo de um lado para o outro com os fios, da cama para a porta, do banheiro para o armário, estendendo de cada vez cinco ou seis fios e retrocedendo com muito cuidado para não pisar nos rolamentos. [...]. Entre a porta e a última linha, estendiam-se sucessivamente os fios anunciadores (da maçaneta até a cadeira inclinada, da maçaneta até um cinzeiro de propaganda do vermute Martini, colocado na beira da pia, e da maçaneta a uma das gavetas do armário, cheia de livros e papéis, segura apenas pela borda), as bacias cheias de água, formando duas linhas defensivas irregulares, mas orientadas em geral da parede da esquerda à da direita, ou seja, a primeira linha ia do banheiro ao armário e a segunda linha ia dos pés da cama até as pernas da escrivaninha. Só restava um metro livre entre a última série de bacias cheias de água, sobre a qual se estendiam vários fios, e a parede na qual se abria a janela sobre o pátio (dois andares abaixo). (CORTÁZAR, 1974, p. 292).<sup>1</sup>

Esta passagem faz parte das peripécias de Horário, personagem-protagonista de *O jogo da amarelinha*, num dos capítulos mais maquínicos da obra, e é mote introdutório aqui por ilustrar a escrita hipertextual, com a qual trabalharei na edificação textual em pauta a seguir.

Antes de tudo, vale destacar que não haverá uma introdução convencional e nem “explicarei” como este texto — que, por acaso é uma tese de doutorado — deve ser lido. Por isso, não há começo-fim definidos, nem uma trajetória específica para percorrê-lo. Deixar-se

---

<sup>1</sup> Agradeço ao prof. Dr. José Gatti a indicação da obra literária de Julio Cortázar como inspiração para a escrita da tese.

contaminar pelas experimentações, relatos e reflexões é a pista para lê-lo, para senti-lo, ou ainda, para experimentá-lo. Porém, é necessário adiantar que há uma proposta distinta em andamento, tanto na forma, quanto no conteúdo.

A escrita hipertextual é, do ponto de vista histórico, relativamente recente, uma vez que nasce com o advento do texto eletrônico e dos *links*, que passam a compor o ambiente dos computadores, em fins do século XX (NEITZEL, 2002). A hipertextualidade na escrita é dissonante, subversiva, e traz a corrosão da linearidade de “textos inteligíveis” de tempos passados, abrindo, assim, uma dinâmica de registro em rede, numa construção em relação (ao outro), que se concretiza na parceria do ato da leitura.

Destaco que “escrever de modo diferente”, por assim dizer, não é um delírio pessoal, muito menos uma excentricidade que tomo por prazer. Provoco uma ruptura como forma de questionar a maneira como, muitas vezes, o conhecimento científico e as produções acadêmicas são produzidas “em série”, como na esteira industrial dos “tempos modernos”, sem muita ponderação crítica. No limite, questiono como teses de doutoramento são “fabricadas”. Muitas vezes se repetem estruturas, modelos, formas de escrita e se cumprem critérios preestabelecidos sem, mínimos, distanciamento, criticidade e criatividade. Afinal para que serve um doutorando se não para destruir (exatamente neste momento de sua trajetória acadêmica) os cânones tradicionais do “como se faz uma tese” à moda antiga? Fazer Ciência não diz respeito apenas a reproduzir modelos e a se reportar ao já consagrado, mas também envolve criatividade, reinvenção, subversão.

Este texto é construído em rede e a partir de fragmentos, acomodados em “blocos”. Tais blocos de fragmentos conectam-se uns aos outros por *hiperlinks* textuais, inseridos naqueles e conectados a outros pontos, em outras partes e em outros blocos. A estrutura é não-linear, não cronológica e oferece várias entradas e saídas para o leitor. Contudo, em alguns momentos o texto se engessa pelo formato descritivo-analítico porque tem um propósito final, que é exigido *a priori* pela academia. Em muitos outros, permite-se e proporciona ao leitor a sensação de estar em meu lugar, vivendo histórias enunciadas, experimentando algumas experiências, tanto minhas quanto de meus interlocutores. Porém, em todo o percurso aparecem cenários, descrições, situações, diálogos, personagens reais (e imaginários) que possibilitam idas e vindas, numa estrutura reversível e “reinventável”.



Sem predeterminação sequencial, a tese encampa três aglomerados de textos, divididos em *dispositivos*, *polaridades* e *colapso*. É muito importante ter em mente que tais partes não são capítulos e nem projetam uma “ordem”, muito menos uma sequência narrativa de fatos e análises. Em *dispositivos*, trabalham os elementos que afloram do campo etnográfico, transpassando sujeitos e relações sociais, e estabelecendo trânsito, movimento, proposições. Por sua vez, em *polaridades* há o estabelecimento de pólos através dos quais tensões se arquitetam, permitindo a estruturação de questionamentos e a emergência de questões mais profundas e complexas. E, por fim, em *colapsos*, problemáticas implodem, mostrando fissuras, desferindo interrogações, esgarçando contextos e limites. Ao passo que a escrita segue mais fluída em *dispositivos*, coloca-se reiterativa em *polaridades*, e bastante fragmentada e tensa em *colapso*. Os elementos explicitam-se, inter-relacionam-se, convulsionam-se, criando lapsos de interseccionalidades. A análise nunca é fechada, acabada, final. Recusando a ideia de um único “clímax”, o texto pede um leitor(a) curioso(a), paciente e ativo(a) a todo instante para as voltas e reviravoltas nas tramas. O fluxo da leitura pode caminhar horizontalmente ou por escolhas aleatórias de tópicos e, portanto, fluir na verticalidade das intenções.

Dessa forma, a escrita outorga-se o direito de dessincronizar fatos no tempo e nos espaços (no caso, de Florianópolis, de Berlim e do mundo). O texto brinca com a problemática interpretação-experimentação e causa “polêmicas” em torno da figura do pesquisador-antropólogo. Há 18 verbetes distribuídos em ordem alfabética dentro das partes anteriormente explicitadas e podem ser, aleatoriamente, escolhidos para a leitura. O caráter enciclopédico deste esquema destitui hierarquias eletivas. Eles são autorreferência de si e referências de outros, e outros de outros, assim sucessivamente. Qualquer sequência eleita poderá produzir efeito similar, fazendo o leitor se sentir no mundo das experiências cotidianas esportivas e festivas das competições atléticas de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais, intersexos e *queers* (LGBTTTIQ), ou seja, como um dos/as participantes/espectadores destas mesmas competições internacionais.

A ordem alfabética dos subtítulos é uma provocação paradoxalmente subversiva, pois conclama a linearidade do alfabeto e a subversão de não dar importância a tópicos que poderiam, prioritariamente, ser apresentados antes de outros. Os créditos finais —

como num filme — representam a arcaica “apresentação” e também emergem na “tela” por ordem alfabética.

Se preferir uma leitura caótica, melhor. Cada termo assinalado desta forma [entre colchetes] remete a outro e o direcionamento para o referido verbete pode construir novas formas de ler o universo social em análise. Este mecanismo não engessa a leitura e confere liberdade em deglutir o texto a partir do livre arbítrio e do bel prazer, construindo caminhos particulares. Em tempos dinâmicos de internet e leitura virtual, a escrita em papel também se transforma, e desta forma, se reinventa. Os *hiperlinks* entre verbetes são provocações de um papel anárquico que se volta contra as páginas de *pixels*, e não se rendem!

Em jogo está uma “estética da fragmentaridade” e a intercomunicação entre as partes pode ser alcançada pelo leitor, tanto de forma mental (com sua construção mental de sentido sobre o que se lê), como de forma física (saltando as páginas para o próximo verbete relacionado entre colchetes).

Por fim, conto aqui um segredo sobre este formato: ele foi uma inspiração a partir da obra analítica de Hans Ulrich Gumbrecht, *Em 1926: vivendo no limite do tempo*, e ironiza a produção e o consumo de conhecimento no contexto pós-moderno. Claro que minha reinvenção neste espaço não atinge todo o potencial literário que a referida obra carrega. No entanto, minha decisão por “emprestar” dele o formato para pensar e reposicionar minha escrita também é uma resposta à sua ironia de que “não parece ser uma ameaça muito séria” (1999, p. 14) que o livro inspire alguém. Pois o autor se equivocou: inspirou profundamente a mim, ao menos.

### **Contexto, propósito e questões**

Poderia falar mais sistematicamente sobre minha pesquisa neste espaço, mas decidi não fazê-lo. Ainda não é o momento de sobrecarregar, você, leitor, com muitas informações. Por hora, meu propósito é mais contextualizar do que explicar e basta dizer, portanto, que o esporte e as relações de gênero são alvos de minha atenção.

O mundo esportivo tem sido alvo cada vez mais frequente de maior atenção por parte dos pesquisadores das Ciências Sociais, tanto no Brasil quanto no mundo. A indústria bilionária do esporte — e em especial a do futebol — movimenta não somente muito dinheiro, como

incita a saber mais sobre *doping* químico e tecnológico, compra e transferência de jogadores, mega-espetáculos esportivos, sexualidades de atletas e uma longa lista de outras curiosidades. Nunca se quantificou tantas mulheres atletas nos esportes de elite como atualmente, nem se falou tanto em racismo e homofobia no futebol; porém a chamada *Jock Culture* ainda impera soberana. Isto é, a devoção aos “valores olímpicos”, a submissão à autoridade, a coesão grupal e o “ganhar a qualquer custo” são/estão, fortemente, cultivados nos desejos de jovens que se dedicam ao mundo esportivo. O *American way of life*, berço da *Jock Culture*, já foi mais intenso do que hoje, mas ainda continua seduzindo seus seguidores.

Por causa disso (mas não só por isso), boa parte deste mundo do esporte — para não dizer a maioria — abomina o diferente, o aberrante, aquele que sai do esquema, ou melhor, que não se adequa a ele. Violência física, “*bullying* esportivo”, não socialização ou participação, exclusão. Isso é o que temos em escala exponencial. A tolerância com corpos e comportamentos dissonantes dos estabelecidos parece não ser largamente cultivada.

Vou me preocupar aqui com um tipo distinto de esporte e de atleta. Quero entender mais sobre a expressão esportiva LGBTTTIQ (resumidamente, no texto da tese, chamada de LGBT) e acerca destes atletas; ou melhor, como para fins científicos tenho que “recortar” uma amostra — porque, afinal, ainda é assim que se produz conhecimento científico! — observarei com mais atenção o público esportivo homossexual masculino.

Jennifer Birch-Jones, coordenadora do programa de combate à homofobia na “Canadian Association for the Advancement of Women and Sport” (CAAWS), em julho de 2011, apresenta, numa palestra, dados reveladores sobre “cada vez mais sujeitos LGBT fora do *closet* da sexualidade no esporte convencional no Canadá” e tal aspecto é, para ela, motivo de orgulho. Diz que no país proliferam-se famílias que apóiam seus/as filhos/as nas definições de suas sexualidades. No entanto, enquanto estive por lá e me interando de uma pesquisa recentemente anunciada nos jornais, um em quatro canadenses acham que a sexualidade tem que estar fora do espectro esportivo; por volta de 61% acha que não deveria haver atletas gays no esporte e 45% consideram o mesmo sobre lésbicas. E isso foi averiguado apenas para gays e lésbicas, grupos que “lideram” a visibilidade social daquela imensa sigla de letras.

Porém, como minha preocupação não é com o esporte convencional, essa comparação mais macro estará apenas nas margens de minha análise. Estou curioso em saber como é o circuito esportivo em que competem atletas LGBT? Que elementos temos de comparação com as manifestações esportivas *mainstream*? Que práticas e desejos apresentam os gays em suas manifestações competitivas cotidianas? Como os corpos se materializam nesse espaço mediante discursos? Que papel exerce a “masculinidade dominante” na cultura atlética gay?

Por fim, é imprescindível avisar ao leitor sobre uma categoria comum, que aparecerá em todo o texto, mas que trará conceituações distintas cada vez que evocada. Importante destacar tal aspecto agora com vistas a evitar uma ginástica mental, disparada com a tentativa de “adivinhação”. Assim, aparecerão os conceitos de *performance atlética* (que diz respeito ao rendimento do gesto esportivo), *performance linguística* (discursiva dos sujeitos), *performance corporal* (no sentido de atos e gestos produzidos) e *performance sexual* (desempenho nas práticas sexuais).

Tais questões e observações, portanto, endereçam e delimitam o percurso desenvolvido e estabelecido a seguir.

## Nominações

Uma das maiores dificuldades que tive em campo e mesmo nas esferas políticas do esporte LGBT foi com as denominações e chamamentos endereçados aos/pelos sujeitos do “movimento”. Não se trata de saber qual é o melhor deles ou qual denominação é “politicamente correta”, mas, sim, trata-se de compreender que por detrás de tais nomenclaturas estão, também, campos de disputa de poder e de delimitação de espaços.

A primeira vez que tive problemas com tal questão foi no campeonato mundial de Copenhagen, em 2009. Lá, conversando com inúmeras pessoas — que numa rede de conexões me apresentavam a muitas outras pessoas — percebi o dilema estabelecido. Alguns se designavam simplesmente “gays”; outros se autorreferenciavam “gay male” ou “gay men”. Uma pequena parcela preferia o nome *queer*, e uns poucos sujeitos se autointitulavam “MSM” ou “male sex with male” (homens que fazem sexo com homens).

Minha surpresa foi quando, entrevistando um grupo de lésbicas, ouvi o termo “two-spirited persons”, que nas línguas aborígenes do Oeste norte-americano (Canadá, EUA e México) identifica indivíduos gays, lésbicas e bissexuais. Minha curiosidade foi tanta que, em julho de 2011, estando no Canadá para mais uma inserção em campo, procurei bibliografia sobre os “two-spirited” e achei algumas boas referências antropológicas, discutindo o modo de vida deles em grupos como os Cherokees, Cheyennes e Navajos.

Com exceção de um de meus entrevistados, os demais não se importam em “se autoclassificarem”, mas irritam-se em serem chamados por terceiros de alguma referência desprestigiada ou taxativa. Não quero trazer à cena, ainda, tais sujeitos, mas o estadunidense mais idoso que participou da pesquisa preferia o termo “queer”, ao passo que um jovem esportista dinamarquês recusava toda e qualquer designação da sigla, autodeclarando-se “MSM” com tendências heterossexuais.

Sei que tais considerações apresentadas nesse momento provocam curiosidades, inclusive acadêmicas para a avaliação do trabalho em questão. Mas elas terão hora para se apresentarem. De todos àqueles termos citados, no entanto, um merece ser mais detalhado.

“Queer” parece ser, para parte do movimento LGBT internacional (e para alguns sujeitos militantes deste) a palavra de ordem, no topo de uma hierarquia que mistura orgulho e especificidade, ou como preferem dizer, “o reconhecimento da igualdade pela diferença”. Para a outra parte, no entanto — e aqui é muito difícil precisar quantidades de prós e contras — o termo que invoca o anormal, o esquisito, o abjeto, o aberrante, o estranho, incomoda e, diria que, incomoda num nível de gravidade altíssima. Em suas recentes “Notas sobre Masculinidades”, José Gatti (2011) afirma que o termo *queer*, evocando camadas de preconceito e discriminação, aproximar-se-ia do pejorativo ‘nigger’, da língua inglesa. Vocábulo controverso, portanto, torna-se cada vez mais conhecido, “popular” e gera protestos por parte de pesquisadores envolvidos em seu estudo, particularmente quando identificam o “*queer*” sendo sinônimo para a famigerada “sopa de letrinhas”, anteriormente mencionada e denunciada por Regina Fachinni (2005). Segundo Guacira Louro, tal simplificação não é adequada, pois tende a apagar a posição “não-assimilacionista e não normativa” do *queer* (2001, p. 546).

De qualquer modo, a origem da resignificação do termo “*queer*” data de meados de 1990, momento em que o movimento norte-

americano *Queer Nation*, insatisfeito com as políticas dirigidas à população “gay e lésbica”, pressiona o poder público nos Estados Unidos para o reconhecimento do direito à igualdade de outros sujeitos que não aqueles sempre visibilizados (como os brancos, protestantes e bem educados).

Das trincheiras desta “guerra” ideológica, alguns frutos foram colhidos nas áreas de sexualidade e da saúde, dos direitos humanos, da cidadania (ainda em luta contínua) e, igualmente, influenciou um largo debate acadêmico, cujo resultado foi (e ainda está em processo) a edificação de um corpo teórico, denominado “teoria *queer*”, cuja fundadora foi Teresa De Lauretis (1991). Curiosamente, e este é um argumento de um teórico *queer* brasileiro Richard Miskolci (2011), que considera que os debates mais estruturados no Brasil estão na área educacional e é instigante pensar que tal possibilidade teórica está, exatamente, no limiar entre a teoria e a prática sociais. Se a apreensão do *queer* pela teoria é um aprisionamento do poder político disruptivo e subversivo (como alguns veem afirmar), não vem ao caso. O fato é que a teoria *queer* e as práticas *queer* dão espaços às políticas de representação e de performatividade, que funcionam como operações de desnaturalização de sexos, gêneros, de regimes disciplinares, tornando-se lugares de (re)politização (BOURCIER, 2001). “Queer” parece ser, para parte do movimento lésbico, gay, bissexual e transgênero (LGBT) internacional – e também para alguns sujeitos militantes deste – a palavra de ordem, no topo de uma hierarquia que mistura orgulho e especificidade, ou como preferem dizer, “o reconhecimento da igualdade pela diferença”. Para a outra parte, no entanto – e aqui é muito difícil precisar quantidades de prós e contras – o termo que invoca o anormal, o esquisito, o abjeto, o aberrante, o estranho, incomoda e, diria que, incomoda num nível de alta gravidade.

Quanto à minha pesquisa e minhas considerações, não há um padrão assumido. Realmente desejaria nominar o esporte feito por gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transex, intersex e *queer* como “práticas esportivas *queer*”, pois vejo nele algo específico em gestação e que poderia fazer repensar o próprio modelo esportivo *mainstream* de alto nível. Contudo, entendo que há um debate estruturado dentro da “teoria *queer* no contexto esportivo”, o qual postula que tal designação referir-se-ia a uma manifestação esportiva distinta do que a que existe. A busca por um “currículo esportivo *queer*” seria urgente e as *práticas*

*esportivas queer* seriam, assim, uma expressão com devir utópico, ainda em gestação.

De outra parte, nominar “esporte LGBT” ou “movimento esportivo LGBT” me incomoda duplamente. Como antropólogo-pesquisador, não concordo com tal categoria pelo simples fato de que a sigla mascara e esconde outros sujeitos que participam do mundo esportivo considerado e, como no esporte convencional, eles ficam à margem e são excluídos da mesma forma. Não gosto desta percepção/constatação de que há indivíduos à margem de um sistema do qual faço parte. E, portanto, essa segunda constatação implica na outra metade de meu desgosto: como participante desta expressão esportiva, não me vejo representado na sigla LGBT. A questão não é a letra, efetivamente, que me classifica ou nomeia. O ponto-chave para mim é que não me vejo (ou não quero me ver) numa prática segmentária, elitista, masculina, branca, que estimula rendimento em detrimento de participação.

### **Pesquisa de Campo**

Talvez essa seja uma das partes mais importantes destas proposições para o leitor, uma vez que pretende situá-lo em relação à pesquisa de campo realizada. Formado em antropologia, tenho simpatia pela etnografia, que guia meus *feelings* enquanto estabeleço contato, entreteço redes de relações. Porém, mesmo o discurso disciplinar me seduzindo, não me aprisiona.

No período doutoral (2008-2011) estive realizando trabalho de campo em três ocasiões específicas, todas elas fora do país. Por serem os Jogos e Competições LGBT expressões esportivas globais e por eu estar pesquisando exatamente sua expressão do esporte-competição necessitei ir a busca de onde aconteciam tais eventos. Assim, estive, entre julho e agosto de 2009, em Copenhague, Dinamarca, para os II World Outgames (II Jogos Mundiais LGBT); entre julho e agosto de 2010, em Colônia, Alemanha, para os VIII Gay Games (VIII Jogos ‘Olímpicos’ Gays); e entre fins de julho e início de agosto de 2011, em Vancouver, Canadá, para os II North American Outgames (II Campeonato Norte-americano). Além de tais ocasiões “oficiais” — porque constavam do período de doutoramento, definido institucionalmente — houve minha participação nos VII Gay Games,

em Chicago-2006, os quais considero como ponto de partida para esta pesquisa, visto que serviu de base para minhas pressuposições iniciais, que dariam corpo, meses depois, ao projeto de investigação.

Dessa forma, nos moldes mais sofisticados possíveis, realizei uma etnografia multi-sited (ou multissituada), traçada na justaposição de lugares, onde o antropólogo-pesquisador se faz presente por meio de uma lógica conectora de tais espaços, o que define, assim, o empreendimento etnográfico. O conhecimento etnográfico, assim, desloca-se de uma perspectiva monossituada, baseada em macro construções de uma dada ordem social no sistema capitalista, para os múltiplos espaços de observação e participação, que dialogam com enfoques locais/globais e jogam no caldeirão dos paradoxos, os modos de vida do sujeito e àqueles prescritos pelo “sistema” global. De uma etnografia *no* sistema global, pude edificar uma etnografia *do* sistema global (MARCUS, 1995), sem perder de vistas que as antinomias entre parte e todo fazem parte da análise.

Participando daqueles eventos de modos distintos, ora mais antropólogo, ora mais atleta-militante e, em outros momentos ainda, mais um investigador de bastidores, fui, desse modo, trocando de máscaras sociais. Estabeleci redes de contato, agendei e realizei entrevistas, estabeleci vínculos. Uma parte dos entrevistados e os principais informantes ainda se mantêm em contato; outros poucos — ao contrário do que apregoam os “regulamentos éticos de conduta” para o pesquisador — transformaram-se em amigos. Alguns se tornaram “casos afetivos acidentais”, em diferentes contextos e distintos momentos, e me permitiram pensar e refletir sobre questões relativas à sexualidade do pesquisador em campo, tópico não tão raro, mas pouco debatido nas Ciências Humanas.

De um grande universo de 180 atletas encontrados em pistas, quadras, gramados, ginásios, vestiários, tatames, festas e por meio de indicações de amigos, conhecidos ou amigos de amigos, acabei conversando mais sistematicamente com aproximadamente vinte deles. Desses, fiz entrevista com treze e acompanhei o cotidiano — durante o período de intercâmbio de um ano e meio em Berlim — de seis deles. Os que podem ser considerados “protagonistas” (ou que ofereceram subsídios para alguma discussão importante) aparecem com seus nomes e sobrenomes abreviados pelas iniciais em letras maiúsculas. Os “coadjuvantes”, por assim dizer, ou aparecem registrados com uma letra maiúscula seguida de minúscula, ou os que eram cônjuges de



interlocutores principais são abreviados com a primeira letra do nome maiúscula e um ponto. As figuras públicas (como presidentes de associações e militantes/ativistas) permaneceram nomeadas no texto, pois disseram não se importar com a divulgação das reais identificações. Por fim, nas “festas esportivas” entram em cena *barmen*, que possuíam nomes “genéricos”, segundo me disseram, os quais eram ditos a todos indistintamente. Nesses casos, mantive tal nome “genérico” por entender que talvez nem fossem reais e, portanto, não haveria porque proteger nomeações fictícias.

A maioria dos entrevistados era de cor “branca”, termo enunciado/subentendido por eles. E mesmo alguns deles sendo “negros”, “caucasianos”, “mulatos” ou “asiáticos”, tais autodesignações serão assinaladas por mim entre "aspas", pois chamo atenção para a “racialização” da subjetividade e, dessa forma, saliento a importância de desnaturalizar a própria categoria descritiva e identificatória para uma dimensão em que é percebida como orientadora e formadora de hierarquias/posições políticas entre sujeitos. Como postulou Judith Butler (1998), a materialização de tais categorias é política e está (ou deveria estar) sob crítica, indagando suas disposições tradicionais e reivindicando um debate político.

Fuço parcialmente ao protocolo de investigação social e não realizo apenas entrevistas com os sujeitos. Tenho conversas gravadas e não gravadas, acompanho-os aos treinos e competições, participo de festividades em conjunto, partilhamos comidas, bebidas e diversos aspectos da vida, inclusive das sexualidades de alguns. Em dados momentos funcionei como “psicólogo” dando conselhos, outras apenas ouvi histórias de desabafo. Irritei-me humanamente com alguns; desiludi-me ideologicamente com outros, procurei contornar situações embaraçosas e, quando não foi possível, não me restou outra saída que o rompimento do contato. Protegi-os todos de exposição e especulação, bem como os preservo e respeito neste texto. Entre eu e todos houve anuência em utilizar os próprios nomes, desde que abreviados por siglas.

As conversas e entrevistas foram realizadas, basicamente, em quatro línguas maternas: português, espanhol, inglês e alemão. Não há uma prevalência de uma ou outra, mesmo porque até com alguns interlocutores que falavam português, em dados momentos de nossos encontros, tínhamos que “trocar” de língua para poder estabelecer contatos com demais pessoas que se acercavam, por serem colegas, amigos, cônjuges, maridos/esposos ou mesmo familiares. As entrevistas

foram todas transcritas nas línguas originais e os excertos utilizados por mim na tese foram todos colocados em português, a fim de manter uma maior fluência na leitura.

Ainda sobre esse tópico, em alguns casos decidi manter algumas palavras, frases ou expressões da língua materna, principalmente por dois motivos razoáveis: 1) a tradução livre foi minha e pode ser que uma ou outra expressão possa ter outro sentido que o traduzido, e 2) às vezes, manter na língua materna uma indignação, uma repreensão, uma assertiva ou qualquer que seja o termo enunciado, traz um efeito onomatopaico e significativo mais interessante do que a versão traduzida.

Acerca dos trechos de meus diários de campo, deixei-os todos com a data. Isso não por outro motivo que organização pessoal. Tenho um mapa dos entrevistados em todos os eventos e com todas as datas; o mesmo fiz com os diários, que grande parte se encontra em papel ainda e uma pequena quantia digitalizada. No momento inicial de me organizar para recortar falas, diálogos e registros quase fui levado à loucura em meio a tantas informações. Minha sorte é ter boa memória e ter anotado tudo, inclusive lapsos que aparentemente são insignificantes, como o dobrar de um guardanapo em oito partes num restaurante por parte de um sujeito que me contava de sua relação conflituosa com o namorado.

Um aviso importante que deixo para o leitor ainda sobre os entrevistados é que não trabalho com histórias de vida, mas sim com trajetórias. Não serão propriamente narrativas com início-meio-fim, mesmo porque soube, relativamente, pouco da vida dos sujeitos por se tratarem de eventos esportivos com duração de, no máximo, dez dias. Mesmo aqueles com quem tive a chance de continuar em contato mais próximo, faltaram-me, certamente, dados mais profundos sobre suas vidas, o que me impossibilita de ter uma “narrativa cronológica de vida” dos mesmos.

Ao longo da pesquisa de campo tive dois percalços sempre recorrentes: a) acesso aos sujeitos, uma vez que era a abordagem um a um ou a indicação de algum outro atleta que me possibilitava fazer um novo contato; e b) problemas de acesso específico a dados e informações dos comitês organizadores, que muitas vezes não entendiam a figura do pesquisador desvinculada do atleta e se negavam a compartilhar dados (estatísticos) mais gerais dos inscritos nos eventos. Para acesso aos locais de treinamento ou de competição, vez alguma me

fora fornecida permissão, sendo que, em todos os eventos eu tive que pagar duas taxas com tal finalidade (a de vinculação individual a uma ONG esportiva da região e a taxa de inscrição na modalidade esportiva de minha preferência).

Por fim, e não menos importante, a la Loïc Wacquant (2002), transformei meu corpo em um instrumento de coleta de dados, numa perspectiva de sentimentos e percepções. Vivências e experiências nas competições esportivas como parte constituinte das trocas reais e simbólicas. “Antropologia das sensações” ou “etnografia reflexiva”, pouco importa o termo que se dê. O desafio lançado é como produzir conhecimento a partir da experiência vivida para incremento da teoria social contemporânea.

\*\*\*



# **DISPOSITIVOS**



## Às Margens

*Desde pequeno vivi às margens de uma sociedade pequeno-burguesa, numa pequena cidade do interior de São Paulo, onde o nome de família e o ter posses eram valores aristocráticos, ainda aspirados naquele universo. Eu não tinha qualquer um dos dois, morava num bairro pobre, estudava numa escola de periferia, andava e brincava pelas ruas, tinha amigos negros, anões e obesos e, sobretudo, era gay. As margens foram colocadas como via de mão única, moldando minha subjetividade, minhas escolhas profissionais e minhas decisões de vida. Dada minha condição social, meus únicos álibis eram ser “branco” e ostentar um estereótipo fenotípico “masculino”. Se todos os ensinamentos de meu pai não funcionaram para outras questões relativas à certa “masculinidade hegemônica”, ao menos, a armadura do “macho” funcionou como camouflagem. Então, sobrevivi.*

\*\*\*

*Era 1992, meu primeiro semestre de Ciências Sociais e na disciplina de “Introdução à Antropologia” tínhamos que escolher um tema para uma primeira experiência de trabalho de campo. Eu e uma amiga guatemalteca escolhemos “moradores de viadutos na cidade de Campinas”. Procuramos vários desses lugares para a pesquisa, e quando encontramos um bastante simpático, na região do entorno da rodoviária velha (hoje não mais existente), da cidade. Lá achamos Cido, Maria e Pimpo, respectivamente um casal de moradores do local e seu cachorro. Alguns encontros se deram e Cido me oferecia (apenas “ao homem” da dupla) aguardente pura para celebrar o encontro. Criamos laços, desenvolvemos afetos e partilhamos experiências. A três semanas do fechamento do semestre e de nossa investigação, na última visita, Cido e Pimpo não estavam mais e Maria havia sido internada num hospital em estado grave, com queimaduras de terceiro grau. O motivo apurado pela assistente social foi “incômodo”; numa cidade como Campinas, morte de indigentes nem chega a virar caso policial. Uma moto sem escapamento e ronco alto, uma garrafa no ar e o barraco incendiou-se; isso foi o que testemunhas disseram. A sobrevivente Cida morreu um mês e meio depois.*

\*\*\*

*Na escola de periferia em que fiz o ensino fundamental tinha um amigo chamado Márcio Terto. Desde cedo cortava cana para ajudar na renda da família. Nós brincávamos na carroceria de um caminhão velho e ele me explicava como se cortava cana. Por um momento, sonhei em ser cortador de cana, dada sua fascinante narração. Todos caçoavam dele pela sua caipirez e ignorância. Nós éramos amigos. Certo dia Márcio perdeu três dedos de uma mão no facão de cana, “na lida”, como me contou. Ausente da escola, quando voltou, ainda caçoavam dele, pois de caipira tinha virado “aleijado”. Nós continuávamos amigos. Na eleição que reelegeu Lula para presidente, nos encontramos na fila, em frente à nossa velha sala de aula, no mesmo colégio eleitoral, mesma escola. Ao sinal da fiscal para adentrar a sala e votar, passou seu quarto filho pequeno para meus braços, para que o segurasse enquanto exercia sua cidadania. Percebi, então, que nós ainda somos amigos.*

\*\*\*

*Quando no fim do segundo semestre do Curso de Ciências Sociais fiquei sabendo da existência de bolsas de pesquisa, comecei a sonhar com uma tal “iniciação científica”, que nem bem sabia, ao certo, o que era. Aboli minhas férias de verão, me isolei no quarto da pequena república em que vivia e decidi ler. Li tudo o que podia, de um monte de coisas desconexas que só um graduando neófito consegue ler. Tempo depois, tinha me decidido que pesquisaria as relações de parentesco e casamento entre alguns indígenas do Alto Xingu — pois tinha um professor-pesquisador que desenvolvia um projeto lá — ou talvez fosse para a antropologia urbana e estudaria as relações dos grandes grupos do tráfico de drogas e a violência nas cidades. A prostituição feminina também me passou pela cabeça, assim como algo sobre a organização do então incipiente movimento dos sem terra. Findas as férias, nada de uma temática brotar de minhas elocubrações. Passados alguns meses, apareceu a oportunidade: emigração açoriana e festa do Divino Espírito Santo. Nas visitas à comunidade açoriana de São Paulo, entre os velhinhos imigrantes e suas comidas típicas, aprendi o que era fazer pesquisa antropológica.*



\*\*\*

*Num dia chuvoso de 1984, comparecemos apenas dois alunos da “4ª série A” (naquela época). Mais precisamente, eu e uma menina. Talvez àquele dia, nós dois e o professor tenhamos nos conhecido mais um ao outro do que em qualquer outro momento de nossas vidas. Com a baixa presença de alunos, pois em bairro pobre sem asfalto quando chove ninguém consegue caminhar com decência, o professor ficou em seus afazeres sobre a mesa, enquanto eu e minha amiga fomos para fora, no corredor em frente à sala, brincar de alguma coisa que, efetivamente, não me lembro. Em dado momento ela me desafiou a fazer algo e, se eu não conseguisse, ela me bateria (esse foi o aviso final a partir de seu punho e físico avantajados). Não conseguindo executar o proposto, levei uma rasteira dela, cai no chão e sujei toda minha calça de água da chuva e lama do canteiro de plantas. Ao ouvir os risos dela, o professor veio a ter conosco e, também rindo, me perguntou se eu não tinha vergonha de apanhar de uma garota. Cabisbaixo, não respondi dada a infinita vergonha de mim mesmo. Ele logo emendou, então, uma ameaça: ou eu batia nela em retribuição à “ofensa” ou ele me bateria de cinta. Com meu silêncio de recusa em agredi-la, levei três cintadas daquele professor. Voltamos os três para a sala, emudecidos, ouvindo apenas o tilintar da chuva nas janelas e seguimos nossas existências.*

\*\*\*

*Minha trajetória no esporte começou tarde. Mais propriamente começou quando conheci o “Baiano”, velocista, origem humilde, gente boa. De instantâneo, virei atleta-guia. Corria ao lado de meu amigo, pois lhe faltava a visão. Quando me encontra, diz-me que “sempre o ensinei muito”, quando em realidade, “Baiano” me fez enxergar além do que eu mesmo poderia. De acompanhante vidente, passei a tesoureiro da associação de cegos de Campinas. Um “garoto faz-tudo”, era assim apresentado. Certo dia, me descobriram e decidiram me dar um esporte paraolímpico para desenvolver no país. De coordenador virei dirigente, classe alta, “nata” do esporte (mesmo para deficientes). Num dos Jogos Paraolímpicos, certa vez, visualizei uma senhora junto ao grupo que nunca tinha visto, nem nas próprias competições em que*

*estávamos. Portava umas quatro ou cinco sacolas de compras, usava óculos de sol, parecia “madame” daquelas que a gente vê nas novelas. Perguntei de quem se tratava e alguém dos meus me respondeu: “é a dona que liberou a grana do ministério para a gente viajar”. A partir daí, desencantei. De um tanto que só pensava na vida simples do “Baiano”, em seus muitos filhos, em nossa vida dura dos treinos. Cumprido contrato e responsabilidades finalizadas, pois assim que me ensinaram quando pequeno, desliguei-me para recomeçar.*

\*\*\*

O texto que se segue é de um recomeço. Depois de vários anos afastado, atuando oficialmente como professor e “oficiosamente” como “faz-tudo” na área do esporte paraolímpico, ele atesta minha volta (definitiva e irreversível) à vida acadêmica. Mantendo como paixão de análise o esporte e como instrumental analítico de formação nas Ciências Sociais, minha escrita aqui não é apenas um compêndio de quatro anos de doutoramento, numa instituição de ensino superior que me acolheu. É a sedimentação de vivências, experiências sentidas na carne, aprendizados, dores, amores e também de processo investigativo científico, pois que tudo isso faz parte de mim. São processos que se deram (e ainda se dão) em minha vida e que, num dado momento, foram contingentes na percepção e apreensão acadêmica de um (ou vários) problema(s) de pesquisa.

## Atletas

**Eu:** [...] e você, Daddy, é um atleta?

**DJ:** Eu? Não, definitivamente não sou um atleta! Eu quero um atleta para mim, de preferência assim como você, pode ser?

**Eu:** Bem... – *fiquei desconcertado*. Mas, como assim, quer alguém para a vida toda ou só aqui?

**DJ:** “vida toda”, garoto? – *indignação na fala* – claro que não; só durante os jogos... *risos*. (Entrevista com DJ, 30 jul. 2010).

Esse trecho anterior é parte de minha conversa com DJ<sup>1</sup>, estadunidense, “branco”, de 58 anos, solteiro e um entusiasta e apoiador de competições esportivas para gays, conforme me confessou. Ex-atleta de *powerlifting* (levantamento de peso) e atual técnico de *bodybuilding* (esculturamento corporal), *Daddy* — como gosta de ser tratado — usa saias de couro, possui *piercings*, brincos e *tatoos*, e se considera à frente de sua geração. Participa especificamente dos Gay Games como atleta desde os anos 1990. Adepto do mundo gay dos fetiches, é desinibido, muito sociável e comunicativo. Foi ele quem me inseriu na apresentação de *bodybuilding*, nos Gay Games VIII. Nosso contato se iniciou por acaso, no primeiro dia de retirada do material de inscrição, no pavilhão da *Kölnmesse*, em Colônia — sede da oitava edição daqueles jogos.

Nos anos em que etnografei os eventos esportivos LGBT, tomei contato com uma gama bastante ampla e heterogênea, de sujeitos praticantes de esportes. Ao mesmo tempo em que tiveram histórias similares de descoberta de suas sexualidades, eles possuem itinerários bem distintos no “circuito de desejos” do mundo gay. É como se, a partir de um marco zero (a “saída do armário” como marco referencial da entrada em um campo novo de ações), tais sujeitos comesçassem a angariar e colecionar experiências que moldam (e conduzirão) suas performances (e preferências) na “vida sexual adulta gay”. Isso porque foi de mesmo denominador, em inúmeras falas, o início da vida sexual dentro de um padrão convencional da “matriz heterossexual” — em termos de Judith Butler (2003), ainda na fase da adolescência. A partir

---

<sup>1</sup> As identificações dos colaboradores da pesquisa são reais, mas abreviadas com letras maiúsculas o primeiro e último nomes. Essa foi uma sugestão de um entrevistado ao que acatei e, por ocasião dos seguintes, discutia a viabilidade dela. Todos aceitaram.

disso, há um período de abstinência sexual ou de “cumprimento do papel sexual masculino” (segundo um entrevistado), para depois assumir uma fase de experimentação, que dá vazão às vivências mais marcantes e, de certo modo, “definitivas” de uma vida sexual adulta, agora “gay” ou “homossexual”. Nas palavras de Miguel Vale de Almeida (2009, p. 15), “o homossexual [...] não ‘nasce para’ uma realidade social já feita para recebê-lo [...]. Ele nasce para a impossibilidade de ser e nasce para cumprir um projecto de subjectivação enquanto heterossexual”, E este processo, segundo o autor, também seria um “projeto de sujeição”. Portanto, a superação de tal problemática instalada se daria, ao menos parcialmente, quando o sujeito consegue estabelecer outro vínculo com o *closet* — mais negociador do que vitimizador —, num processo de construções identitárias [ver Saída do Armário].

A larga maioria não é composta de atletas (atuais ou passados), mas os sujeitos têm histórias pessoais de início bem cedo nas práticas esportivas<sup>2</sup>. No entanto, assumindo categorias nativas, no âmbito competitivo designam-se (e são designados por outros agentes sociais) como “atletas”, isto é, indivíduos envolvidos em práticas esportivas mais ou menos regulares, tanto com vistas à performance atlética, quanto a simples expressão lúdica do movimento. Assumirei tal designação sem aspas, pois essa classificação é parte discursiva de como denominam suas performances, no sentido butleriano. Muitos se denominam desse modo em busca daquilo que gostariam de ser (ou terem sido) e/ou mesmo daquilo que gostariam de ter (ou terem tido), como um corpo atlético e definido, como exposto nos desejos de consumo de DJ, explícitas no introito deste ítem. O fetiche em relação à posição de atleta (e mesmo às vestimentas atléticas) é algo muito presente no imaginário, nos discursos e nas práticas dos sujeitos que frequentam as arenas esportivas LGBT, nas quais para participar, basta ser portador de um cartão de crédito internacional, certo tempo na agenda e vontade de viajar.

Nas competições esportivas em que estive presente travei contato com algo em torno de 180 atletas, praticantes de aproximadamente vinte modalidades — de uma média aproximada entre 30 e 35 esportes geralmente oferecidos nos eventos — e estabeleci

---

<sup>2</sup> As médias etárias registradas na amostra coletada em 2009 nos II World OutGames relativas ao início de uma prática esportiva sistemática foram: 12,2 anos para os que se reconheciam como do “sexo masculino” e 6,1 anos para as do “sexo feminino”.

desde contatos superficiais até mais próximos, com o desenrolar, inclusive, de relações fraternas.

Do total de contatos estabelecidos, obtive cerca de treze diálogos mais profundos e acompanhei sistematicamente, durante um período de cerca de um ano, a vida de seis daqueles sujeitos.<sup>3</sup> As interações se deram em seus locais de treino, em eventos esportivos, em situações sociais outras (como bares, cafés, restaurantes, boates, saunas, ou outros lugares de entretenimento LGBT) e enquanto os diálogos fluíam, eu encaminhava minhas preocupações investigativas por meio deles. Para usar uma designação de Perlongher (2008), praticamente a totalidade dos atletas entrevistados estabelecia, em meios sociais e esportivos onde circulavam, “relações horizontais”, isto é, relações em que não estavam em jogo dinheiro, disputas por poder, território, cargos ou prestígio. Eram relações baseadas apenas em “trocas de orgasmo por orgasmo”, dentro do que foi chamado por Pollak (1987) de “mercado dos intercâmbios sexuais”. Apenas um casal (FF e RR) mantinha uma ligação afetiva baseada em “relações verticais”, que envolviam dominação/submissão, imposição de vontades e desejos, disputas por recursos econômicos. Por sua vez, as entrevistas mais pormenorizadas e específicas com os sujeitos escolhidos foram, geralmente, realizadas em locais mais reservados e silenciosos. Todos sabiam de minha condição de pesquisador; porém, em meio à interação, a maioria se esquecia disso e me tratava como um “parceiro de jogo”, para tecer uma analogia ao mundo dos esportes.

Um dado estatístico interessante que trago de um *survey* amostral por mim realizado em 2009 conclui, de modo geral, que a maioria de tais sujeitos provém de países desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá, Austrália e Europa Ocidental), habitam grandes centros urbanos (ou cidades médias de regiões megalópoles ou metropolitanas), tem escolaridade formal de nível superior (principalmente cursos

---

<sup>3</sup> Os diálogos ou interlocuções se estabeleceram com AJ (em Chicago/2006, Copenhagen/2009 e Colônia/2010), com HL, JN, AV e PL (casal) em Copenhagen/2009, com DJ, NB, JP, PM, CS, HS, BS, FF e RR (casal) e RB e DF (casal) em Colônia-2010. Quanto aos casais, o informante principal é citado em primeiro lugar e seu cônjuge é considerado, mas apenas complementarmente. De todos, os que permaneci mais em contato durante a pesquisa foram AJ, PM, CS, HS, BS e RB e DF por razões de proximidade física e/ou afetiva. Outros atletas — representados apenas pela letra maiúscula do primeiro nome ou por letra maiúscula seguida de minúscula — serão considerados em partes da tese, não sendo, entretanto, informantes principais. Os entrevistados por mim no Canadá (em agosto/2011) aparecerão em *North American Outgames*.

universitários), designam-se “brancos” (com alguma porcentagem de mestiçagem) e, em esmagadora proporção, reconhecem-se do “gênero masculino” [World OutGames]. Muitos relatam que moram sozinhos e aproveitam as viagens proporcionadas pela participação nos eventos para férias e turismo. No quesito renda, notadamente possuem recursos suficientes à participação, ao turismo local, a uma hospedagem confortável<sup>4</sup> e, além disso, dispõem de reservas para prolongar a viagem, agregando roteiros turísticos aos dias posteriores à competição.

A situação de aproveitar o evento para estender a viagem e averiguar o que o local pode oferecer é bastante aproveitada também por casais. Encontrei uma série deles em todas as referidas competições em que tomei parte.<sup>5</sup> Alguns deles tiravam férias juntos para poderem participar da competição e aproveitar “*tudo* o que o evento pode oferecer” [meu destaque], de acordo com o que me revelou um contato em Copenhagen/2009,

**Eu:** Então você veio casado para os Jogos?, *perguntei.*

**Da:** Sim, claro; ele é meu maior apoiador/incentivador; não só porque é psicólogo, mas quando tive problemas com meu pai – há muitos anos – ele foi minha família, *respondeu.*

**Eu:** mas como é o lance de participar dos Jogos, vocês vêm sempre juntos?.

**Da:** Não, porque eu represento instâncias do esporte LGBT no mundo, então viajo muito. E ele, quando vem, não compete. Mas quando é possível, geralmente no verão, viajamos juntos para aproveitar tudo o que o evento tem para oferecer.

**Eu:** O que é esse ‘tudo’?, *indaguei.*

---

<sup>4</sup> Os hotéis oficiais dos eventos são, costumeiramente, cinco estrelas, como as cadeias Sheraton, Hyatt e Mercury, por exemplo.

<sup>5</sup> Durante o tempo da pesquisa estabeleci contato com oito casais, que direta ou indiretamente estavam envolvidos com os Jogos. Nos World Outgames/2009 conheci AV (aeróbica) e PL (lutas); Z. (*squash*) & P. (corredor de rua). Por sua vez, nos Gay Games/2010, tive uma interação mais próxima com FF (meia maratona) e RR (*squash*); RB (lutas) e DF (meia maratona); S. e J. (ambos boliche); Dn (espectador) e C. (*rugby/football*); Di (espectador) e R. (futebol); E. (boliche/futsal) e A. (natação). No que diz respeito apenas aos casais [Projetos de Vida].

**Da:** Ah, você sabe[...], *riu e levantou a sombrancelha, permanecendo pensativo alguns segundos*. Saímos para lugares gays e procuramos um terceiro [parceiro]; nas competições gays é mais fácil encontrar, pois há opções para todos os lados. Sempre fizemos isso, desde o início de nosso namoro. (Trecho de diálogo com Da, 28 jul. 2009).

Buscar um terceiro elemento para fazer sexo — ou *threesome*, como se referem em inglês — faz parte dos discursos e práticas dos casais entrevistados e parece supor que há uma nova forma de conjugalidade em processo. RB e DF, por mim encontrados em 2010, foram os primeiros a explicitar, clara e avidamente, seus desejos ao me fazerem o inusitado convite. Um alemão e outro grego, 36 e 35 anos respectivamente, “brancos” e “casados” há seis anos, manifestam que essa é a “única forma de fazer o relacionamento durar”<sup>6</sup>, segundo me relata RB, que, olhando para DF, pede afirmativamente um sorriso, e acabamos os três rindo em consonância.

Apesar de bastante comum os chamados “relacionamentos abertos” no mundo gay masculino adulto, no caso de RB e DF a prática do sexo com terceiros participa de uma lógica de organização da relação, que mistura partilhamento de intimidade, preocupação com o outro, carinho e amor. Como constatou, similarmente, Olívia von der Weid em sua pesquisa sobre *swing* entre casais (heterossexuais),

o *swing* não surge apenas como uma forma de satisfação de impulsos momentâneos, uma maneira menos arriscada de se consumir o prazer e descartá-lo. [...] Ver o outro se relacionando e ser visto, participar dessa interação como

---

<sup>6</sup> Conversa após o jantar de 05 ago. 2010, no qual a temática principal fora a participação na “comunidade” dos Jogos e relações sexuais com terceiros. RB e DF me relataram que o clube poliesportivo de Londres, do qual fazem parte, realiza sempre torneios entre os membros e jantares/festas confraternizadoras. As competições internacionais LGBT, de acordo com o que reportaram, são momentos para “uma confraternização mais global [...] para conhecer pessoas de outros lugares [...] e também para mostrar o que desenvolvemos em nosso clube”. Nesse último aspecto ouvi um desabafo de RB, que competia na modalidade de “lutas marciais”, o quão desapontado estava em ver “[...] tão poucos competidores e com níveis tão baixos”. Para ele, os melhores eram de sua equipe (Conversas de 06 ago. 2010, após assistir as finais das lutas).

observador ou ativamente, traria consequências para a relação a dois no sentido de aumentar a liberdade e a intimidade e melhorar a própria relação sexual do casal (WEID, 2010, p. 792).

Enquanto RB tinha uma estressante rotina de lutas no Ginásio principal da *Deutsche Sporthochschule* (Escola Superior Alemã de Esportes), no complexo esportivo Müngersdorf, em Colônia, DF tirava fotos de seu *Mann* (como se referia ao seu “marido”, em alemão) e me explicava o quão difícil tinha sido sua situação de moradia e trabalho na Inglaterra, onde se conheceram.

Era a primeira “competição gay” de ambos e eles estavam literalmente “fascinados” com todo o entorno. Ambos vindos de histórias de sofrimentos, as competições LGBT funcionavam com “redução de amizade, amor e confraternização entre os seus [iguais]”, pelo que me reportaram. RB é praticante de “artes marciais” (karatê e judô) desde a mais tenra idade, e DF é corredor (meio-fundista). Vivendo em Londres, participam da associação de Artes Marciais Ishigaki Ju-Jitsu<sup>7</sup>, apesar de que quem compete por ela é RB. DF é o “mascote” do grupo, segundo o que me contou o namorado, rindo.

Eles vivem juntos desde que RB decidiu mudar-se da Alemanha para a Inglaterra, após a morte da mãe. Ambos se conheceram nesse país e tal fato determinou a mudança de RB para apoiar DF e, com isso, contruir um relacionamento. Apesar de apoiado pelo pai na escola e nos esportes, RB teve uma triste realidade em casa: via, constantemente, sua mãe sendo espancada pelo patriarca. Essa realidade o revoltou muito enquanto adolescente, o que fez com que iniciasse a prática de lutas marciais para, literalmente, “bater no pai”. O dilema se “resolve” quando a mãe doente falece e, como tinha conhecido DF em Londres, RB decide para lá se mudar, deixando a casa paterna. Segundo me contou entre lágrimas, “[...] não encontra mais o pai desde 2004 e nem sabe se está vivo. Minha mãe, de tanto apanhar, adquiriu um distúrbio

---

<sup>7</sup> A Ishigaki – Gay Ju Jitsu Club, segundo seu site, começou quando um grupo de indivíduos, que praticavam artes marciais em academias convencionais, decidiu treinar em um ambiente em que a “sexualidade seria posta como diferencial”. Como relata “Ishigaki was started in January 1994. A group of guys who had been training in a regular club decided that they wanted to train in an environment where sexuality would be no issue. After a bit of political negotiation, Ishigaki was established” (www.ishigaki.org.uk. 2011).



neurológico, o que, segundo ele, talvez tenha sido o motivo de sua morte prematura”. (Registro de campo de 06 ago. 2010).

Desde então moram juntos há sete anos e a fórmula para a duração é “sempre fazer tudo juntos”, inclusive o sexo. Desde que nos conhecemos os três, identificamo-nos muito, não apenas com histórias pessoais de opressão e violência dentro de casa — como abusos, desrespeitos à condição de sujeitos “desviantes”— mas foi muito similar a maneira como os três lidamos com a vida. RB e DF tornaram-se meus amigos. Não daqueles com os quais se tem relações superficiais ou incompletas, mas aqueles que estabelecem vínculos afetivos.

Essa visão “além-fronteiras” do monogamismo não é mesma que possui PM, corredor e ciclista, 27 anos, alemão, “branco” e que foi traído por seu ex-namorado com um terceiro (mais jovem). Na época em que nos conhecemos, PM estava solteiro “por opção”, como afirmava categoricamente. Travei contato com PM no início do primeiro semestre de 2010, em Berlim, Alemanha, por meio de um portal de relacionamentos na *internet*, onde postei um anúncio procurando gays atletas (ou praticantes assíduos de exercícios físicos), que não se importassem em conversar comigo sobre suas experiências esportivas e de vida<sup>8</sup>. PM depositara grandes expectativas sobre sua relação amorosa. Em nosso terceiro encontro, na primavera de 2010, PM quase chorou, em dado momento, quando falava de sua relação passada e de seu trágico desfecho. Contou-me:

[...] eu nadava e meu ex me impedia constantemente de nadar e isso me deixava bastante chateado [senão deprimido, depois percebi]. Ele me seguia até a piscina só para ver se eu saía com alguém. Um dia o encontrei dentro da academia como *Probant* [uma espécie de

---

<sup>8</sup> Várias investigações científicas recentes focaram-se na *internet* e em seus sites de relacionamento ou redes sociais para lograrem contatos com sujeitos, ou identificarem padrões de sociabilidade, o que não é novidade nas Ciências Humanas atualmente (BRAZ, 2007; MISKOLCI, 2009, 2011). Lembremos que, em tempos pré-internet havia o *disk amizade* e as pessoas se conheciam via telefone (BERNARDO, 1994); ou ainda, nos primeiros anos da rede, por uma plataforma pouco conhecida (o ‘Palace’) e que foi objeto de investigação de Mario J. L. Guimarães Jr. (2000). Uma pesquisa inédita sobre a virtualização de corpos na plataforma *Gay Romeo* – a mesma na qual publiquei meu perfil para procurar informantes e de larga utilização Alemanha é de autoria de Kaciano Gadelha, em desenvolvimento no Instituto Latinoamericano, na Universidade Livre de Berlim.

provedor dos serviços, que ganha acesso gratuito às instalações esportivas, durante uma semana]... Isso só para me vigiar. Depois descobri que me traía e tudo terminou, pois, para mim, só há uma chance. (Entrevista com PM, 27 maio 2010).

A narrativa de PM fez-me lembrar de várias cenas que presenciei em academias de ginástica e musculação no Brasil: casais gays que vão treinar juntos e se monitoram um ao outro, revezando-se no controle percutório como “prevenção” à traição. Isso não é raro e as fugas ao banheiro para trocas de telefone com algum outro praticante, ou mesmo para ter contatos e relações sexuais fugazes (que “aguçam o prazer da existência”, como me relatou um conhecido certa vez), são presentes e constantes. A mais comum das práticas sexuais entre gays, tanto em banheiros públicos como em ambientes de academias (saunas e vestiários) é a felação ou sexo oral, amplamente tratado na literatura (LEE, 1978; FERRARI, 2006; SIMON; BROOKS, 2009; JONES, 2001; EDELMAN, 2011). Nominado em inglês como *tearoom trade* (“acordo da sala de chá”), no Brasil pode ser traduzido como “banheirão”, segundo Maria Girardello Gatti, tradutora do artigo de William E. Jones (2011).

Se o contato pesquisador-colaborador foi interrompido quando PM expôs claramente sua intenção de fazermos um “escambo” entre entrevistas e sexo, com HS (48 anos, alemão, “branco”, solteiro, ativista LGBT e corredor de rua e de provas na pista no atletismo) foi diferente. Conhecido pelas mesmas vias eletrônicas, HS tornou-se não apenas um informante importante, mas alguém que me introduziu nas famosas “festas de atletas” [Rituais Festivos] e me apresentou outros competidores, os quais também se tornaram participantes da investigação. O vínculo criado com HS transborda os limites da pesquisa, uma vez que estabelecemos uma relação fraternal, independente do contato “institucionalizado”.

De origem berlinense, HS vem de uma família humilde, que vivia na ex-Berlim Oriental. Atualmente vivendo num grande apartamento em *Schöneberg* — o “gueto gay” localizado na ex-porção ocidental da capital alemã — orgulha-se de ter “um canto para envelhecer”. Apesar de muito comunicativo, pois qualquer conversa com ele não termina em menos de quatro horas, reclama muito de solidão e de ser o único dos irmãos a não ter uma família. É alto, magro,

já possui cabelos grisalhos e procura vestir roupas mais esportivas, segundo disse, para “tentar disfarçar a idade”. Estudou o equivalente a um curso técnico (técnico de obras em solo) e exerce a profissão há anos. Sobre a sexualidade, contou-me:

[...] em casa nunca tivemos privacidade, por assim dizer. Disse meu avô que quando ele era pequeno, seus pais eram bravos e havia sempre algum segredo em torno da vida do casal. Em casa, não. Meu pai e minha mãe nos davam banho. Vivíamos pelados no verão. Brincávamos pelados pelo jardim e éramos felizes. Nunca houve *taboo* quanto ao corpo na minha casa. Mas não sei o que se passou comigo. Tinha vergonha de ser gay. Achava que era errado, que não estava certo aquilo. Minha mãe morreu sem saber. Só me tornei gay com 26 anos. [...] Isso seria cômico, se não fosse trágico [*Das ist doch zum lachen*]. (Entrevista com HS, 09 maio 2010).

HS teve seu *coming out* tardio, como a maioria dos atletas. Em realidade, destaca que o grande momento de “liberdade sexual” que teve foi durante os III Jogos Gays, em Vancouver, 1990. Ostentando uma “masculinidade hegemônica”, segundo Connel (2005), HS não tem amigas lésbicas, vive cercado de amigos, mas ainda busca “um amor que o complete”. Por isso participa das competições esportivas, pois “não há nada mais chato do que correr sozinho”. Os eventos esportivos, para ele, são formas de conhecer outros “iguais” e com “mesmos interesses”.

Outro atleta participante da pesquisa e que teve problemas com o ex-namorado em termos do que é comumente designado por “infidelidade” ou “traição” foi CS, 30 anos, alemão, “branco” e voleibolista. Ele vive em Leipzig, cidade de pequeno porte, relativamente próxima a Berlim e a qual tive oportunidade de conhecer, nas vezes em que viajei até lá para conversar com o atleta. Durante boa parte do tempo de investigação, tive a possibilidade de acompanhar os “altos e baixos” da vida esportiva e sentimental desse atleta. Logo que nos conhecemos, tinha recentemente iniciado um relacionamento com um atleta dinamarquês, também do voleibol, nos Eurogames de Barcelona em 2008.

Tudo começou muito rápido, sabe? A gente se conheceu no ginásio em que jogávamos e ficamos no mesmo dia, *risos*. Eu não costumo fazer isso, mas [...] (pausa). Com ele foi especial. Nós transamos também no mesmo dia. *Oh Gott* (meu Deus)! Isso é terrível para quem quer namorar [...] (pausa). Mas eu sabia que daria certo. E deu. Estou vivendo a fase mais feliz da minha vida. (Conversa com CS, 02 ago. 2010).

CS apostou alto para a manutenção do relacionamento. Não estava apenas sentimentalmente envolvido, como despendia somas altíssimas de dinheiro para bancar suas idas de Berlim a Aarhus (Dinamarca), muitas vezes faltando do trabalho, para poder ficar com o namorado. Entretanto, parece que tais esforços não foram correspondidos na mesma proporção, pois o dinamarquês não o visitava e ele ficava incomodado com isso. Quando cheguei ao Brasil de retorno da Alemanha, em abril de 2011, recebi a notícia de que CS estava, novamente, solteiro. Em uma conversa via *skype* me relatou as agruras de “ser gay atualmente e viver na solidão”, algo bastante comum nos discursos de senso comum dos gays.

Filho único de uma família média do sul da Alemanha, CS saiu cedo de casa para viver sua sexualidade. Quanto às práticas sexuais, define-se *versatile* (que na tradução do alemão é “versátil”, ou seja, tanto penetra quanto pode ser penetrado em termos de papéis sexuais). Certa vez, disse-me,

Não entendo esses gays! Se colocamos no perfil do GR [gay romeo] que somos ativos, temos que ser 100% ativos. Se coloco que sou passivo, ninguém me escreve. Se coloco versátil, todos duvidam de mim quanto à natureza de minha masculinidade. Realmente não sei o que por. Agora decidi que vou deixar oculto, bem como não vou mais expor o tamanho de meu pau [*mein Schwanz*]. (Entrevista com CS, 29 set. 2010).

De corpo esguio e estatura de 1,90 m, CS apresenta certos “trejeitos” (categoria nativa que se refere a gestos e gracejos mais próximos do que se considera ser feminino) ao caminhar, característica

que o coloca defronte a uma prática agressiva, um espote “duro” (*hart*, em alemão), fazendo-o performar uma “masculinidade afirmativa”, quase heterossexual, que transborda em gestos masculinos em quadra. Considerado o melhor atleta nos bloqueios e nas cortadas, vivenciava uma crise afetiva durante os meses em que ficamos em contato.

Praticante de natação desde pequeno, CS encontrou no voleibol um estímulo a mais para participar dos esportes e dos “processos identitários” por meio deles. Nos anos 2000 fundou a primeira associação esportiva gay e lésbica de Leipzig, sendo seu primeiro diretor. Os únicos esportes desenvolvidos eram natação e voleibol e ele praticava os dois. Porém, segundo me relatou, a organização foi fechada por falta de participação.

Não que a cidade não tenha gays. Tem sim, eu sei. Mas eles não querem fazer esporte. Ou se fazem, estão em times locais. Isso é um absurdo, mas não pude fazer nada. De repente, a associação acabou, fechou as portas. Hoje eu jogo pela [equipe] de Hamburgo e vou para os jogos pela equipe de lá. (Entrevista com CS, 29 set. 2010).

FF (43 anos, alemão, “branco”, solteiro e maratonista) e RR (44 anos, alemão, “branco”, jogador de *squash*) foram a mim apresentados por HS (anteriormente mencionado), um amigo em comum de ambos. Eles estavam juntos havia mais de um ano e foi a primeira vez que ambos participaram de competições esportivas LGBT. FF é comissário de bordo da *Lufthansa* e se identificou sobremaneira comigo, uma vez que, segundo relatou em nosso primeiro contato, “gosto muito dos brasileiros e já conheço muitas partes de seu país”. RR é tímido, bastante calado e sempre sorria antes de responder a uma pergunta. Ao passo que RR pratica *squash* já há um bom tempo, FF iniciou seu “programa de treinamento” para correr maratonas assim que soube que era portador do vírus HIV.

Quando descobri que era portador do vírus, [...] fiquei bastante depressivo. Nunca tinha prestado atenção em minha saúde e nem gostava de fazer esporte. Mas depois, comecei cuidar mais de meu corpo e comer comidas saudáveis. A vida que levo de

*Flugattendant*<sup>9</sup> é muito louca e vivia de baladas em baladas. Hoje continuo trabalhando, mas me cuido muito. Mesmo ficando horas sem dormir enquanto voo, depois compenso e tento me alimentar regularmente. Tomar o coquetel [para o HIV] exige disciplina e o esporte me ajudou nisso. (Registro de campo, 06 ago. 2010).

FF considera a contração do vírus um divisor de águas em sua vida e o esporte o ajudou a superar tal “fatalidade” e a torná-lo “melhor”. Aqui estabeleço um paralelo entre seu discurso e o de alguns atletas cegos (estudados por mim durante a pesquisa de mestrado), que adquiriram suas deficiências visuais ao longo da vida (CAMARGO, 2000). Ou seja, se no caso dos atletas cegos a aquisição da deficiência (por acidente ou doença) funcionava como uma punição que viria “mostrar algo” ou mesmo “corrigir a rota” de suas vidas, para FF a contração do vírus funciona segundo a mesma lógica: antes não prestava atenção ao seu corpo, vivia em festas e era sedentário; depois elege o esporte como fator de saúde, alimenta-se regularmente e se cuida mais. O único diferencial das condições apresentadas destes sujeitos é que no caso de FF, apesar da “correção de rota da vida”, à exposição a riscos não cessou, pois ele e o namorado ainda “aventuram-se”, vez ou outra, em ambientes de prática de sexo entre homens. Na convivência com eles, identifiquei uma relação sadomasoquista que poderia chamar de “clássica”, produtora de uma relação de poder/submissão unidirecional de FF para RR, com performances de mestre/escravo.<sup>10</sup> Além disso, descobri como FF se contaminou com o vírus HIV [**Contaminação e Adicção**].

RR é tímido, nada comunicativo e foi bastante difícil “ganhar confiança” para podermos conversar mais abertamente sobre temáticas como sexualidade, envolvimento com esportes, competições gays, etc.

---

<sup>9</sup> Apesar de poder traduzir o termo de FF por “comissário de bordo”, decidi mantê-lo pelo estilo que ele tentou criar em misturar duas palavras de duas línguas distintas: “Flugbegleiter”, do alemão, e “flight attendant”, do inglês. Depois percebi com o contato que, como ele é uma pessoa refinada, o uso de termos nas duas línguas que domina é uma tentativa de conferir estirpe à sua própria pessoa.

<sup>10</sup> Segundo Maria Filomena Gregori (2008, p. 597), o sadomasoquismo designa todo um campo do erotismo contemporâneo bastante investigado, no qual diversas (e múltiplas) práticas “reúnem aspectos condizentes com percepções que articulam prazer e perigo, risco, segurança e consensualidade”. Não é meu objetivo seguir tal discussão. Destaco a excelente discussão feita pela autora (Cf. GREGORI, 2008, p. 588 e ss.).

De uma família católica, miscigenada com imigrantes italianos, RR cresceu caçula em uma família de homens. Segundo ele, apanhava de todos, do pai aos irmãos mais velhos. Franzino, de baixa estatura, RR anda constantemente assustado quando em situações sociais festivas. Como ambos eram de Berlim, apesar de termos nos conhecido nos Jogos Gays de Colônia, continuamos os contatos nos meses subsequentes.

Certa vez encontrei RR numa “festa de atletas”. Lá estavam FF e RR andando como se fossem o “dono e seu cachorro”, pois FF tinha uma coleira de couro na mão, atada ao pescoço de RR, que engatinhava e o seguia cegamente, com a face tapada por uma máscara de borracha. FF exerce relação de dominação sobre RR, que aceita e se submete. Horas depois vi RR ser múltiplas vezes penetrado por uma turba de homens, numa espécie de transe hipnótico. Fiquei assustado [Rituais Festivos]. Algum tempo depois, mais confiante no vínculo com RR, perguntei sobre o episódio:

**RR:** fico surpreso com seu espanto. Estávamos num lugar de fetiches, não?

**Eu:** não estou espantado, apenas gostaria que você comentasse a sensação, os movimentos, enfim, o ocorrido.

**RR:** bem, vou dizer algo. Nada aconteceu que eu não conhecesse. Eu fui penetrado naquela noite por muitos homens, não sei quantos. FF me disse que me saí bem na minha performance. Ele gostou [...]. Eu também, claro. E digo para você que nada ali foi diferente do que me acontecia quando era pequeno, quando meus irmãos e meus pais abusavam de mim. (Entrevista com FF e RR, em 15 out. 2010).

Por sua vez, entre AV (27 anos, brasileiro, “mulato” e ginasta) e PL (35 anos, suíço, “branco” e lutador de *ju-jitsu* e karatê) encontrei “um relacionamento à brasileira”, segundo me explicou, sorrindo, o primeiro<sup>11</sup>. Ele vive na Suíça e teve muitos problemas para sobreviver,

---

<sup>11</sup> Na opinião de AV, um *relacionamento à brasileira* significa “marido dominador e mulher submissa” e ele se identifica com o papel da “mulher”, segundo me disse. Ele oferece “casa limpa, comida caseira e roupa lavada” para PL, que o ajudou a ficar na Europa quando mais precisou. (Registro de Campo, 27 jul. 2009).

inclusive porque arrumar trabalho com vínculo formal era difícil de conseguir em sua situação de migrante ilegal. Até que, em dado dia, encontrou PL e, então, “foi paixão à primeira vista”. Foram morar juntos no apartamento em que PL alugava e, a partir disso, AV ganhou estabilidade financeira e um local para morar [**Projeto de Vida**]. Em Copenhague, em 2009, ele competiu na modalidade aeróbica (um dos esportes com grande quantidade de público nas apresentações) e garantiu a segunda colocação no *ranking* na categoria “step” e “aeróbica” (livre) com sua equipe *Swiss Gayrobic* (Aerobics results/2009). Seu companheiro PL assistia-o a todo tempo e estava nos Jogos competindo em “lutas”.

AV não foi o único brasileiro que encontrei nos anos de peregrinação pelas competições LGBT. Já em 2006, nos Gay Games de Chicago, havia conhecido AJ (46 anos na época, brasileiro, “branco”, solteiro e nadador). AJ foi o único atleta dentre todos que consegui acompanhar a trajetória de 2006 a 2011, mesmo sem ter planejado<sup>12</sup>. Ele é um assíduo praticante de natação desde quando jovem e atualmente treina três a quatro vezes na semana com uma equipe de *masters*, os quais “nem desconfiam” de sua orientação sexual. “Branco”, loiro e olhos azuis, bem apessoado e com dinheiro no bolso, o cirurgião plástico brasileiro vive sua sexualidade em todos os lugares do mundo, menos em sua cidade natal, no Paraná [**Saída do Armário**].

O mais recente brasileiro que conheci foi em agosto de 2010, nos Gay Games de Colônia, Alemanha. Sonhando em ser jogador de futebol e não fugindo aos estereótipos da maioria dos meninos mestiços e pobres brasileiros, JP foi tentar a sorte sozinho na Europa, nos idos de seus 19 anos. Atualmente com 26 anos e vivendo na Dinamarca, onde em breve espera conseguir a cidadania europeia, já morou na Inglaterra, na Suécia e já “rodou o continente europeu”, conforme me disse.

Na competição JP participou de um grupo que foi composto para jogar futebol, uma vez que não havia suficientes representantes dinamarqueses:

---

<sup>12</sup> Participamos juntos da “entrada da delegação brasileira” (composta por 4 indivíduos) no desfile da Cerimônia de Abertura dos Gay Games VII, em Chicago/2006. Depois nos encontramos na Parada da Diversidade de Florianópolis, em 2008. Logo em seguida encontramos-nos nos Jogos de Copenhague/2009. Em 2010, desfilamos novamente juntos na abertura do Gay Games VIII e, por fim, em 2011 (março), quando eu voltava para o Brasil, nos encontramos em Frankfurt, pois ele regressava de suas férias de Bali (Indonésia), com a treinadora de natação.



Daí fui convidado a jogar com os cara! Mas são tudo ruim, viu?! Nossa senhora [...] nunca vi coisa pior [...] Nem futebol de várzea no Brasil não é tão ruim. Eu não, eu nasci com a bola no pé, né?, cresci jogando nas rua e tenho ginga, maluco. Só não vê quem não qué! Esses branquelo não jogam porra nenhuma. Dá até raiva!. (Conversa com JP, 04 ago. 2010)

Como seu sonho de “jogar bola” foi frustrado pelo não sucesso imediato, JP necessitou “se virar”, como expressa. A “prostituição viril masculina”, em termos sociológicos de Néstor Perlongher, foi a solução **[Contaminação e Adicção]**.

Ele é descolado e eu o chamaria de “sobrevivente”, depois de ouvida sua história de vida. Nossa conversa mais sistemática aconteceu em um dia no qual JP não tinha jogado, e assim, fomos jantar. Não se importa muito com status social, muito menos com profissões. Faz de tudo um pouco e se diz “pau para toda obra”. Já foi garçom, assessor, trabalhador braçal, carregador e, mais recentemente, garoto de programa. Diz que nada o encabula. Conta-me:

Certa uma vez conheci um sueco, bonitão o cara, loiro alto, sabe?, daí ele me disse, né, ‘vem morar comigo, cara?’ e eu fui, né? Não podia deixar de ir. Nem sabia o que podia acontecer, mas fui. Nossa, casa maravilhosa e era legal. Me senti rico, sabe?. Logo arrumei um emprego de garçon e fiquei por lá um ano e meio. (Entrevista com JP, 06 ago. 2010).

Vivendo de sexo e sonhando com algo que não tem, JP vai construindo suas explicações para a vida e se defendendo como pode. Segundo Gláucia de Oliveira Assis (1999, p. 154), há sonhos e planos no horizonte dos emigrantes brasileiros que estudou: “os emigrantes de todos os tempos, quando partem para tentar uma vida melhor no estrangeiro, têm como projeto retornar em algum momento de suas vidas à terra natal”. Como inúmeros brasileiros que emigram para o continente europeu, JP não é exceção e pensa um dia voltar para morar com a mãe.

Ainda faltam quatro sujeitos que partilharam comigo a cena esportiva durante a etnografia. HL (35 anos, “branco”, alemão, nadador), JN (42 anos, “branco”, inglês, tenista), NB (30 anos, “branco”, alemão, mesatenista) e BS (28 anos, “branco”, australiano, *snowboarder*, *skater*, mesatenista e jogador de hóquei no gelo). Encontrei os dois primeiros em Copenhaga/2009, e os dois outros em Colônia, em 2010. De todos, acompanhei BS por mais tempo, inclusive em momentos de suas passagens pela Europa, quando participava de amistosos ou tirava alguma semana de folga na temporada 2010<sup>13</sup>. Apesar de não se conhecerem ou de nunca terem se encontrado, tinham em comum terem estado comigo em diferentes tempos e lugares, não apenas em entrevista, mas em situação mais pessoal.

HL é berlinense e nos conhecemos nas finais da natação, ainda na Dinamarca/2009. Com o findar dos Jogos, na semana seguinte nos encontramos em Berlim. A partir dos primeiros contatos, ele me apresentou um universo bastante distinto, para não dizer “excêntrico” aos meus gostos. Por trás de sua cândida aparência e de todas as suas gentilezas, tinha alguém bastante fascinado pelo “fetiche do açougueiro”, segundo suas designações.

Nossos contatos duraram até o dia em que, na sua casa, sugeri-me vestir uma máscara inteiriça de borracha lustrosa, na cor preta, branca e vermelha, com apenas um buraco pequeno na boca (para a respiração), sem vazão nos olhos (no lugar havia desenhos de duas cruzes) e com um tubo estriado e estreito saindo do local das narinas, cuja extremidade oposta tinha uma pera de borracha (similar às do esfigmomanômetro ou aparelho de pressão), que daria o poder a ele de controlar minha respiração — e, por extensão, a decisão sobre (minhas) vida e morte. Com minha recusa terminal a proseguir nosso contato, houve uma quebra do pacto ainda frágil entre nós e o afastamento foi inevitável. Tempos depois, passado o susto, fui procurar inteirar-me daquela que seria — se houvesse permitido — minha masmorra (sexual).

---

<sup>13</sup> BS estava de férias de verão, quando nos conhecemos em julho-agosto de 2010. Logo depois entrou em competição pela Copa Europeia de Snowboard (*Snowboard Europa Cup*), ocorrida desde fins de outubro daquele ano a meados de março de 2011. Os principais países em que competiu foram Itália, Suíça, França, Noruega e alguns do Leste Europeu. Eu acompanhava os resultados dos *meetings* pela *web*, na página da Federação Internacional de Ski (*Fédération Internationale de Ski – FIS*) e através de seus emails informativos.

A chamada “cultura do açougueiro”, uma mescla de sadomasoquismo com fantasias e apetrechos de açougue, mistura também práticas de amordaçamento, dominação/submissão, materiais sintéticos de borracha em cores bem marcantes. Procurei me enteirar do fetiche e descobri em Berlim uma loja especializada nominada “Butcherei Lindiger”, localizada no bairro Schöneberg, gueto gay tradicional da capital germânica. Lá encontrei tudo sobre a *estética butcher*, de aventais a correntes, botinas de borracha, máscaras de inúmeros tipos, macacões emborrachados, suspensórios e afins. Tal estética, utilizando-me de termos de Gregori (2008), aproximar-se-ia do que ela chamou de “limite da sexualidade”.

Com JN, por sua vez, a história foi diferente, pois nossos encontros eram esbarrões e nossas conversas aconteciam em curtos espaços de tempo, quando nos cruzávamos nas instalações esportivas, ainda na Dinamarca. Os contatos posteriores por email me possibilitaram discutir várias questões sobre sua vida pessoal e esportiva, que na superfície de nossos primeiros encontros não pude. JN é executivo, bem sucedido, morava à época em Manchester e vivia sozinho. Visitou-me, certa vez, em Berlim e ressaltou que, apesar das “pequenas distâncias aéreas que ligam cidades como Londres e Berlim”, não conseguiria viver fora de seu país natal.

Mas, JN procura um “parceiro de tênis”, segundo me disse. Demorei a entender que, em todas as vezes que me dizia isso, fazia uma referência a um “parceiro de vida” e não apenas de prática da modalidade esportiva. Romântico, tem esperanças de ainda encontrar “o par ideal”. Tanto no tênis quanto na vida,

[...] é tudo uma questão de junção. Se der certo, é para a vida toda. Se não, não dura semanas. Um parceiro (*fellow*) fica do teu lado quando vêm os problemas, rebate as bolas da tristeza e do pessimismo, te ajuda quando você cai, e entra e sai contigo do jogo. Se um joga sozinho, o outro fica olhando. Não existe fim de jogo (*game over*) [...] e se existe é para os dois!. (Registro de campo, 30 jul. 2009).

O trecho anterior de uma de nossas conversas mereceu destaque pela construção argumentativa na metáfora do jogo de tênis como um “jogo de relacionamento”, dos “parceiros da dupla” com os da vida, no

rebater das “bolas da tristeza e do pessimismo” conjuntamente e no fato de que se houver “fim de jogo”, esse é para os dois. Ler o esporte (no caso o tênis de dupla) como metáfora da vida homoafetiva a dois foi algo que apareceu apenas nesse caso.

De uma informação pedida em meio a uma horda de espectadores que adentravam ao complexo esportivo *Rheinenergie*, onde estavam o estádio e a pista de atletismo da Cerimônia de Abertura, em Colônia, conheci NB. Psicólogo, bem vestido e de personalidade introvertida, conforme pude notar, disse-me mais tarde que quando trocou as primeiras palavras comigo “sentiu-me à vontade e percebi a chance de conhecer alguém legal”. (Diário de campo, 06 ago. 2010). Até aí estávamos nos primeiros minutos de conversa em meio à multidão, num comunicar-se sobre direções e locais. Eu, procurando onde era concentração dos atletas para o desfile de abertura do evento e ele, buscando um amigo ainda não encontrado, residente na cidade.

NB disputou o tênis de mesa para Bochum, cidade alemã localizada na porção oeste do país. Foi sua primeira participação e em nossas conversas sempre colocava o incômodo de ter encontrado “[...] muitos japoneses e chineses competindo, o que aumenta muito a concorrência da modalidade”. Quando a competição de tênis de mesa terminou, a reclamação maior a mim foi “[...] voltar para casa sem medalha.” (Registro de conversa, 08 ago. 2010).

Ruivo, de olhos azuis, pele sardenta e olhos grandes, NB possuía um dos discursos mais intelectuais — e em certo sentido, hermético, pois era proferido em alemão — de todos os entrevistados, o que me fez inúmeras vezes pedir para que “decodificasse” em estruturas gramaticais mais simples e lineares, para que a conversa fluísse. Bem resolvido em sua sexualidade, vê as competições esportivas gays como possibilidade de “acesso a outros parceiros” que a cidade não possibilita.

Em um dos bares esportivos de Colônia, onde se joga tênis de mesa e sinuca recreativos, foi onde conheci BS. Ele estava com amigos e bebiam a eliminação de seu time no hóquei no gelo, dos Gay Games VIII. Atleta australiano, “branco”, 24 anos, patrocinado de *snowboard*, curte *hóquei* e *skate* desde pequeno<sup>14</sup>. De família abastada, bem vestido, BS sempre teve dinheiro — segundo me disse — para viajar, o que lhe dá muito prazer. Escolheu a modalidade *snowboard* para se dedicar em

---

<sup>14</sup> O *snowboard* segue as regras da Federação Internacional de Esqui e foi introduzido na versão de inverno dos Jogos Olímpicos em Nagano, no Japão, em 1998 (COAKLEY, 2007).

termos profissionais e treina, costumeiramente, na Europa. “Aqui”, destacou referindo-se ao Velho Continente,

“[...] encontro as melhores condições para treinar e competir, tanto devido às necessidades do *snowboard*, quanto para participar de eventos esportivos com calendários permanentes. Fico sempre entre Itália, França e Alemanha.” (Registro de campo, 03 ago. 2010).

No bar onde estávamos, uma mesa fica situada no centro de um salão principal e algumas pessoas se alternam ao seu redor rebatendo, cada uma a sua vez, a bolinha. É uma espécie de *ping-pong* coletivo, por assim dizer. Segundo BS é “mais diversão do que treinamento” e serve para se preparar “contra” o irmão, com quem treina. Esse é deficiente físico de membros inferiores e atleta paraolímpico. Eu me alternava nesse bolo de pessoas e, de repente, flagramo-nos rindo um para o outro.

De todos os colaboradores da pesquisa, BS era o mais ativo do ponto de vista esportivo. Além de ser vinculado à federação de *snowboard*, praticava tênis de mesa nas horas vagas e participava de um grupo de skatistas gays. Sobre o fenômeno recente da prática do *skate* entre jovens gays, Trotsdorf (2005, p. 7) expressa que:

A atrativa relação entre juventude e esporte também encontra um lugar entre os homens gays e os influencia sobremaneira. O ‘Skateboy’ (ou a autodenominação clichê dos *skaters*) têm lugar certo no entretenimento erótico homossexual, através de inúmeras páginas pessoais e webcams online na *internet*, ou ainda por meio de perfis<sup>15</sup>.

Sua prática de *skate* é realizada por prazer, o que às vezes, lhe custa caro, pois ao se machucar, fica fora das competições de *snowboard*. Por isso, disse-me que “[...] praticar *skate* tem que ser como fazer sexo, tudo controlado; pois o excesso de um, prejudica o outro”. Para seu primeiro Gay Games em 2010, a equipe de hóquei no gelo

---

<sup>15</sup> No original: “Diese attraktive Verbindungen von jugendlichem Ausdruck und Sport übt auch auf viele schwule Männer einen großem Reiz aus. Der ‘Skaterboy’ (oder das Klischee des Skaterboys) hat im schwulen Erotikbereich, wie unzählige Seiten und Webcam-Angebote im Netz oder diverse Heftchen zeigen, einen festen Platz”.

montada foi uma “brincadeira” que os amigos decidiram propor, já que nem *skate*, nem *snowboard* são modalidades realizadas naquela competição.

No entanto, contou-me rindo que foram eliminados na primeira rodada de classificação, visto que não houve chances contra os norteamericanos (canadenses e americanos), que dominam as disputas do *hockey on ice* desde o início dos Gay Games. Ao menos no Canadá, onde é largamente praticada, tal modalidade adquire status de “esporte nacional” e tem uma aderência à cultura masculina similarmente ao que ocorre com o futebol no Brasil.

Em termos de Laura Robinson (1998, p. 57-58), talvez seja mais do que isso: o *hockey* é cultuado como se fora uma “religião”,

That hockey is like a religion in Canada can hardly be in dispute. Those who run the sport speak openly in these terms. As the Western world became more secularized, the sports stadium or arena replicated the church as a place of male communion and worship. One God has become many.

Por aqui foram apresentados os atores principais (e alguns secundários) que povoaram o cenário etnográfico nas competições esportivas investigadas. Não pretendo tomar tais histórias e trajetórias individuais como modelos representativos a serem generalizados para outros participantes, tampouco trazer à tona “verdades” sobre tais sujeitos em suas relações com os jogos LGBT. Pensei em apresentá-los e mostrar como há tensões relacionais entre eles e o objeto de seus desejos, no caso, as práticas esportivas. De formas diferenciadas e em outros contextos, eles estarão em permanente fluxo no texto.

### **Verbetes relacionados:**

Contaminação e Adicção, Projetos de Vida? , Rituais Festivos, Saída do Armário, World OutGames



## Gay Games<sup>1</sup>

It's quite possible that someday the distinctions between gay and nongay cultures will become irrelevant, but for the nonce, with these Games and the Procession of the Arts, we hereby serve notice that we are fully vested citizens of the world, with a thriving and bona fide culture, and that we are worthy of the respect and esteem of all other citizens of this world. Today and this week, we see ourselves as we really are – active, productive, creative, and healthy. I hope we all experience the sense of self-worth and self-esteem that is the natural consequence of the activities in this community. Let the games begin!. (*Tom Waddell e seu discurso de abertura dos I Gay Games, 1982*) (WADDELL; SCHARP, 1996)

A primeira vez que ouvi falar sobre competições gays estava com um amigo atleta (corredor), que me confessou que seu “sonho” era correr nos “Gay Games”. Vivíamos 1996 e faltavam dois anos para a próxima edição quadrienal destes Jogos, que seriam realizados em Amsterdã, na Holanda. Dizia-me “Imagine só um monte de caras bonitos correndo ao teu lado, heim! Que tal, isso não é estimulante?”. Sem pronta resposta — num momento que ainda me mantinha, socialmente, no “armário” de minha sexualidade — calei-me, perplexo. Ora, eu nunca ouvira que gays competiam entre si, no que poderia classificar como um “ambiente restritivo”. Guardei tal informação e seguimos nossas vidas.

De ambientes restritivos ou exclusivos eu sabia bem. Afinal estava envolvido com esportes de alto nível de pessoas com deficiência [As Margens]. Dessa forma que aquela argumentação de meu amigo ressoava em meus pensamentos, mas nunca com perspectivas de se tornar realidade. Até que, curioso em saber mais sobre a prática de esportes por parte de gays, inscrevi-me voluntariamente nos Gay Games, no ano de 2005. Do *badminton* ao *wrestling* (luta greco-romana), numa longa lista de esportes individuais e coletivos, escolhi as provas de pista do atletismo (*track and field*). Mais atleta do que

---

<sup>1</sup> Parte do texto aqui alocado já foi publicado em Camargo; Rial (2011).



antropólogo, minha participação se efetivou no ano seguinte, mais especificamente na 7ª edição daquelas competições, em Chicago, Estados Unidos, no verão de 2006.

Com o estádio *Soldier Field* lotado, aplausos e gritarias. Estávamos em fila e pelo menos havia duas horas esperando o desfile de abertura. Famílias, parentes, amigos e torcidas organizadas se faziam presentes. À entrada, esperávamos perfilados por ordem alfabética de países, todos sendo anunciados sob uma avalanche de aplausos. O desfile da “delegação brasileira” foi restrito a três brasileiros e uma brasileira. Meio decepcionante, confesso. Em meio aos discursos de “Brasil potência olímpica”, parece que isso não funciona para os gays. Mas ao anúncio do nome “Brasil”, corremos para dentro do campo de futebol. Estávamos participando da cerimônia de abertura dos Gay Olympic Games. (Registro de campo, 15 jul. 2006).

O estádio da abertura, com capacidade para 61.500 assentos, além de localizar-se numa área nobre da cidade norte-americana (próximo ao lago Michigan), estava praticamente lotado. Com arredores e vias de acesso fechados, o tráfego era específico para a massa de atletas e de público, que se dirigia ao local da cerimônia de início dos jogos. Para quem já tinha participado de aberturas anteriores de dois Jogos Paraolímpicos, a sensação de competição esportiva de alto nível e de espetáculo esportivo era a mesma identificada na atmosfera que envolvia aquele dia festivo.

Desta primeira experiência elaborei um projeto de investigação do doutorado e transformei os jogos em campo de pesquisa etnográfico. Assim, em fins de julho e início de agosto de 2010, mais antropólogo do que atleta, lá estava eu para a 8ª edição dos Gay Games, realizados na cidade de Colônia, Alemanha.

As “Olimpíadas *Gays*” — ou juridicamente Gay Games (GG)<sup>2</sup> — iniciaram-se em 1982, tendo como cidade-sede São Francisco, nos

---

<sup>2</sup> Apesar da periodicidade e caráter olímpicos de tais jogos, o Comitê Olímpico Norteamericano (USOC) proibiu Tom Waddell e a Federação dos Gay Games (FGG) de se utilizarem da expressão “olimpíadas” como referências a eles, após uma longa batalha judicial

Estados Unidos. (PRONGER, 1990; WADDELL; SCHAAP, 1996; BOSCH; BRAUN, 2005; DAVIDSON, 2006). Surgiram da iniciativa de Tom Waddell, norteamericano que, desde meados dos anos 1980, tinha em mente criar a primeira versão de um campeonato que reuniria atletas *gays*, lésbicas, bissexuais, transgêneros e mesmo heterossexuais. Na esteira dos efervescentes debates sobre identidades, pós-revolução sexual:

Waddell's vision was to gather lesbian, gay, bisexual, transgender and supportive heterosexual athletes in an international athletic competition in which athletes could openly celebrate both their athletic and sexual identities in ways not currently possible in most mainstream sporting events (GRIFFIN, 1998, p. 190).

Apesar de oriundo dos eventos esportivos convencionais (*mainstream*), Waddell era engajado politicamente e defendia a prática do esporte como exercício de cidadania. De acordo com Davidson (2006), mesmo durante a participação nos Jogos Olímpicos Mexicanos de 1968, Waddell protestou contra a ação racista do Comitê Olímpico americano em punir John Carlos e Tommy Smith pelos gestos de punhos cerrados no pódio, em referência direta ao “black power”. Em seu currículo esportivo tinha a 6ª colocação na prova de Decathlo<sup>3</sup> naquelas Olimpíadas (PRONGER, 1990; BOSCH; BRAUN, 2005). Para entender o que Tom Waddell representa no contexto destas competições, basta dizer que ele está para os GG, assim como Pierre de Coubertin (ou o Barão de Coubertin) está para os Jogos Olímpicos da Era Moderna. Waddell, de forma alguma, defendia a exclusividade das competições como ambientes restritivos, ou como poderíamos ressemantizá-los, “espaços guetificados” [Territórios Marginais]. E, além disso, era contra a competição enquanto “conflito”, onde apenas um poderia vencer —

---

nos anos 1980. Como destacou Perry Young (1995, p. 119), “The fight over the name proved long and expansive, but the Olympic Committee finally (with the blessing of the U.S. Supreme Court) succeeded in blocking Waddell's use of the word ‘Olympic’”.

<sup>3</sup> O Decathlo é uma prova “masculina” e combinada de dez eventos relativos ao atletismo. No primeiro dia ocorrem os 100m, salto em distância, arremesso de peso, salto em altura e 400m; no segundo dia, 110m com barreiras, arremesso de disco, salto com vara, arremesso de dardo e 1500m. Algo prévio a essa formação foi proposto no século XIX e, em 1912, Comitê Olímpico Internacional (COI) inseriu, oficialmente, nas competições (CBAt, 2011)

pois apesar de trazer consigo a igualdade formal de chances, acaba excluindo a maioria (WADDELL; SCHAAP, 1996).

Considerado o “pai dos jogos gays” (BOSCH; BRAUN, 2005, p. 186), foi a partir de sua iniciativa que os GG passam a uma existência institucionalizada de prática esportivas de/para sujeitos *queer*, além de incluir, ao mesmo tempo, atletas heterossexuais identificados à causa de um mundo sem barreiras e preconceitos no esporte. Em suas palavras,

The Gay Games are not separatist, they are not exclusive, they are not oriented to victory, and they are not for commercial gain. They ARE, however, intended to bring a global community together in friendship, to experience participation, to elevate consciousness and self-esteem and to achieve a form of cultural and intellectual synergy (WADDELL, 1982, p. 1).

Está claramente colocado na “carta de fundação” dos Jogos o caráter inclusivo, participativo, não comercial e não competitivo. Sua criação adquire uma característica mais ampla, uma vez que, de acordo com Caroline Symons (2010), participar em tais torneios também era uma forma de se adequar aos padrões de corpo, de estilo de vida e de entretenimento que atingiam a população gay e lésbica nos anos 1980, particularmente nos EUA.

Os princípios norteadores do agrupamento de atletas — definidos pelo próprio Waddell a partir da segunda edição dos Jogos em 1986 — eram (e ainda são): 1) equipes “co-sexualizadas” entre homo/héteros e/ou “homens/mulheres”; 2) competição entre grupos etários, para equiparação das condições objetivas entre competidores; 3) estímulo à participação de todas as “minorias ‘raciais’ e étnicas, surdos e pessoas com deficiência” (WADDELL, 1982, p. 1).

No tocante à organização atual das competições, a divisão por faixas etárias é o princípio aplicado em maior proporção, principalmente em modalidades esportivas individuais, como atletismo e natação. Equipes mistas de “homens” com “mulheres” são raras, para não dizer inexistentes, uma vez que há tão somente duas categorias nas quais os sujeitos são “encaixotados”: a “masculina” e a “feminina”. A presença de ex-atletas heterossexuais (e atletas ainda em atividade) pode ocorrer em esportes individuais, que apresentam chance de medalhas, como o

atletismo e a natação. Esportes coletivos nos Gay Games (como futebol de campo, voleibol, handebol, softbol e basquetebol), em geral são lugares de “encontros identificatórios” de sujeitos que tiveram histórico de rejeição no esporte convencional. Por outro lado, ao passo que minorias étnico-raciais se fazem presentes em baixíssima proporção, pessoas com deficiência inexistem nestes espaços esportivos.

**Eu:** diga, DJ, o que significa estar aqui no Gay Games para você?

**DJ:** é sério, você quer ouvir o que tenho a dizer?

**Eu:** sim, claro, gostaria muito.

**DJ:** [eu] estou muito emocionado, rapaz! Já participei muitas vezes, certo. Essa é a sexta vez. Estou realmente emocionado. Tenho amigos que já se foram e não estão mais aqui. Gente que lutou comigo por um lugar no mundo, né? Se a gente está aqui é porque [...] assim, como vou dizer [...]. *Nesse momento os voluntários chamavam-nos para o retorno à zona dos países e DJ começava a ficar muito emotivo; então parei de filmar.*

**DJ:** minha primeira vez foi com muitos amigos, entende? E eu não vou esquecer. Os momentos mais emocionantes para mim é ser olhado, observado e aplaudido por centenas de milhares de pessoas [...] isso para quem é excluído é uma experiência fantástica. Digo, é uma experiência fantástica mostrar ao mundo que nós [gays] somos mais do que “sexo, drogas e rock’and roll”. Somos pessoas como outras pessoas [quaiquer]; temos nossas paixões; e nós temos [...] nós queremos celebrar nossas vidas como outras pessoas celebram as delas. [...] Gay Games é uma oportunidade de mostrar para o mundo que nós somos iguais a quaisquer outros. Eu vivo num país que em 36 estados [dos 50 estados norte-americanos] eu posso ser preso só por ser gay. [...] Por isso acho que precisamos manter isso aqui [jogos gays]. (Registro de audiovisual com DJ, 31 ago. 2010).

Nos Gay Games VIII participei como corredor no atletismo e me inscrevi na prova de pista de 5 km. Porém, meu “sentido

antropológico” mais aguçado me permitiu “olhar, ouvir e escrever”— como nas palavras de Oliveira (1996) — sobre tudo o que me era, então, ao mesmo tempo familiar e exótico. Além de mapear melhor por onde pessoas e fatos circulavam ou mesmo quando eram os melhores momentos para encontrar alguém com quem conversar, pude ter acesso mais próximo às vidas de sujeitos que “militavam” há anos no movimento esportivo LGBT internacional e às suas redes sociais.

Organizando os Jogos Gays há quase 30 anos, a Federação dos Gay Games (FGG), sediada nos Estados Unidos, é conduzida basicamente por trabalho voluntário de um Comitê de Diretores (*Board of Directors*) e liderada por dois co-presidentes, de gêneros distintos, segundo critérios de paridade de gênero. Esta organização foi oficializada juridicamente em 1989, por meio de esforços de amigos próximos a Waddell, que continuaram organizando as competições gays quadrianuais, mesmo após sua morte em 1987, por complicações relacionadas a AIDS<sup>4</sup>. Segundo o site oficial da FGG, “Built upon the principles of Participation, Inclusion, and Personal Best, since 1982 the Gay Games have empowered thousands of LGBT athletes and artists through sport, culture, and fellowship” (FEDERATION OF GAY GAMES, 2011).

Além de desenvolver um programa esportivo, os GG realizam paralelamente um circuito cultural, composto por exposições, *vernissages* e mesmo mostras artísticas atrelados ao evento oficial. Tal ideia já havia sido planejada originalmente por Waddell, mas foi somente concretizada nos II Gay Games, em San Francisco, 1986. A mostra artístico-cultural, nesta ocasião, chamada de ‘Procession of the Arts’, compôs-se de “[...] concerts, exhibits, plays, conferences, films, dances, cabarets, and an old-fashioned Circus Parade” (UNCLE DONALD’S CASTRO STREET, 2011, p. 2).

No que diz respeito ao processo seletivo para a escolha das cidades-sedes dos Gay Games, um protocolo parecido ao do mundo esportivo convencional entra em vigor. Quando há candidatas interessadas, o comitê diretor da FGG disponibiliza o cadastro *online* — por meio de um projeto de desenvolvimento esportivo chamado BID,

---

<sup>4</sup> Até então havia uma associação que se denominava “San Francisco Arts and Athletics” (SFAA), formada entre 1981 e 1982, com o intuito de agregar esforços e investimentos para a realização das competições.

comum inclusive a outras competições convencionais<sup>5</sup> — e, após meses de vitórias e análises do relatório de intenções, decide-se pela melhor candidatura. Certamente menos glamoroso do que o processo multimilionário do Comitê Olímpico Internacional (COI), que recebe ampla cobertura midiática e se constitui ele mesmo em parte do espetáculo dos jogos. A seguir apresento a tabela sistematizada com as cidades-sedes no decorrer da história dos GG, suas respectivas versões e o número de participantes, dados adaptados de Heike Bosch e Phillip Braun (2005) e coletados em ambientes virtuais:

TABELA 1 - GAY GAMES – CIDADES E SEDES E PARTICIPANTES

<b>ANO</b>	<b>EDIÇÃO</b>	<b>CIDADE</b>	<b>PAÍS</b>	<b>Nº PARTICIPANTES (APROX.)</b>
<b>1982</b>	<b>I</b>	São Francisco	EUA	<b>1.350</b>
<b>1986</b>	<b>II</b>	São Francisco	EUA	<b>3.500</b>
<b>1990</b>	<b>III</b>	Vancouver	Canadá	<b>7.300</b>
<b>1994</b>	<b>IV</b>	Nova York	EUA	<b>12.500</b>
<b>1998</b>	<b>V</b>	Amsterdã	Holanda	<b>13.000</b>
<b>2002</b>	<b>VI</b>	Sydney	Austrália	<b>11.000</b>
<b>2006</b>	<b>VII</b>	Chicago	EUA	<b>11.500</b>
<b>2010</b>	<b>VIII</b>	Colônia	Alemanha	<b>12.900</b>
<b>2014</b>	<b>IX</b>	<b>Cleveland</b>	<b>EUA</b>	<b>...</b>

Fonte: Adaptado de: BOSCH; BRAUN (2005).

Num primeiro olhar, importante destacar a quantidade de atletas inscritos nos jogos. Da segunda versão para a terceira, tal quantidade

<sup>5</sup> Esse processo é comum a todas as competições do sistema esportivo mundial e o Brasil, por exemplo, já se candidatou várias vezes para sediar uma Olimpíada, apenas obtendo sucesso para a versão de 2016. Sobre os Gay Games, nosso país se candidatou, pela primeira vez, à 10ª versão dos Jogos, que acontecerá em 2018. Isso foi uma ação do Comitê Desportivo Gay (CDG), criado em 2008 e o qual desenvolve uma política de alinhamento aos países que têm tradição no movimento esportivo LGBT internacional.

mais que dobrou. Mesmo os III GG tendo sido realizados em Vancouver, Canadá (um território contíguo ao norteamericano), tal edição foi a primeira internacionalizada, numa era de plena intensificação da globalização. A partir das subsequentes versões, o montante de participantes manteve-se relativamente constante, sempre acima dos 10 mil.

Para que se tenha ideia do fenômeno em discussão, gostaria de comparar tais quantificações com as dos Jogos Olímpicos e os Paraolímpicos<sup>6</sup>, dois importantes eventos do contemporâneo “sistema esportivo global” (RIAL, 2008). Enquanto que as últimas edições dos GG em Chicago/2006 e em Colônia/2010 contaram com a participação de, respectivamente, 11.500 e 12.900 atletas, as correspondentes versões Olímpica e Paraolímpica de verão em 2008, em Beijing (China), somaram, cada uma à sua vez, 10.500 e 4.800 atletas (BATTAN, 2008), ambos totais absolutos inferiores àqueles mencionados.

Em termos de quantificações, Brian Pronger (1990) e Pat Griffin (1998) já haviam frisado numericamente essa competição, inclusive atentando para a proporção de participação de gêneros e também estabelecendo comparações com Olimpíadas:

In 1986, the Gay Games attracted 3.482 athletes with a ratio of men to women of 3:2 in a total of seventeen sports. (This is to be contrasted with the 1988 Olympics in Seoul where the male/female ratio was 2,5: 1) [...] Gay Games III in Vancouver (1990) had over 7,200 athletes registered (which totals over 120 more than participated at the 1984 Los Angeles Olympic Games) in thirty-two sports (PRONGER, 1990, p. 252).

In 1994 in New York City, Gay Games IV attracted more participants than the 1992 Barcelona Olympics. Gay Games V will be held in August 1998 in Amsterdam and will probably do the same (GRIFFIN, 1998, 190).

---

<sup>6</sup> Jogos e campeonatos de pessoas com deficiência física e visual. São realizados poucas semanas após os Jogos olímpicos convencionais (CAMARGO, 2000).

Destaquei a variável “número de atletas” apenas para evidenciar que os GG são vultosos na proporção de participantes que atraem, abrindo precedentes para classificá-los, via quantidade, na categoria “megaeventos”. Do ponto de vista conceitual, as competições LGBT podem ser consideradas “megarrituais globais”, em termos de Gustavo Lins Ribeiro (2000), ou “megaeventos esportivos” — nomenclatura mais comum e que, atualmente, prolifera na literatura econômica (RITCHIE; SHIPWAY; CLEEVE, 2009).

De outro ponto de vista, congrega mais participantes do que nos Jogos Olímpicos convencionais, conforme destacado por Pronger (1990) e Griffin (1998), não se caracteriza uma novidade propriamente dita, visto que, para se fazer presente em qualquer uma destas versões esportivas LGBT não será preciso marcas e índices auferidos, ou mesmo convocações oficiais de Comitês Olímpicos Nacionais. A ida ao evento é de “livre arbítrio” de cada sujeito, sendo apenas necessário ter recursos suficientes para todo o processo, da inscrição à viagem e aos gastos oriundos dela.

No entanto, excetuando-se a variável analisada, as competições LGBT parecem estar fora dos critérios que são reconhecidos e que legitimam, frequentemente, um fenômeno como “megaevento”, seja porque elas não apresentam espetacularidade e apelo midiático, não agregam popularidade, angariam patrocínios inexpressivos, não movimentam alta quantia de dinheiro, se tomá-los em comparação a eventos como Olimpíadas e Copas do Mundo de Futebol.

Outro detalhe importante que a Tabela 1 salienta é o processo de desterritorialização global *do* (e reterritorialização *no*) espaço norte-americano dos Jogos Gays — em 30 anos voltou cinco vezes para os EUA, que também foi o único país a repetir a organização do evento. Tal retorno ao território americano, sob supervisão da Federação dos Gay Games é, particularmente, orquestrado de tempos em tempos. Há manobras políticas que arregimentam apoios e estabelecem uma rede de ações para que isso aconteça e me faz pensar na manutenção de “espaços políticos identitários” [**Ocupação e Subversão**].

A Tabela 2 a seguir foi confeccionada com dados mais pormenorizados sobre a competição, os quais nos dão uma dimensão outra, inclusive de custos dos eventos. Coletei informações em sites oficiais da FGG e outros *blogs* para compô-la:



TABELA 2 - GAY GAMES – OUTROS NÚMEROS

<b>Edição</b>	<b>Nº Países inscritos</b>	<b>Modalidades esportivas</b>	<b>Voluntários</b>	<b>Custo total (US\$)</b>
<b>Gay Games I</b>	12	17	~ 600	125 mil
<b>Gay Games II</b>	17	18	~ 1.000	350 mil
<b>Gay Games III</b>	39	27	~ 2.000	2,1 milhões
<b>Gay Games IV</b>	40	31	~ 7.000	6,5 milhões
<b>Gay Games V</b>	68	33	~ 4.000	7,0 milhões
<b>Gay Games VI</b>	80	36	~ 3.000	5,0 milhões
<b>Gay Games VII</b>	81	31	~ 2.500	13,0 milhões
<b>Gay Games VIII</b>	83	35	~ 2.000	??

Fonte: FGG website, e Uncle Donald' Castro Street (2011).

Nota-se que, desde a primeira versão dos jogos, o número de países (e, conseqüentemente de cidades, pois as inscrições são também contabilizadas por elas) está em ascensão. Por sua vez, desde os GGIV (New York/94), o número de modalidades esportivas para uma edição olímpica está estável na casa das 30. O que surpreende na tabela é o a quantia de voluntários para estes eventos, que, no geral, sempre é bastante alta. Em se levando em conta os custos de cada edição, os GGVII (Chicago/2006) foram os únicos que, em toda a história dos jogos, registraram lucro entre o que foi investido e o retorno por meio de anúncios em mídias e arrecadação. Na brochura oficial do evento, dada aos atletas no ato da inscrição, havia mais de cem patrocinadores, dentre eles, alguns conhecidos como Coca-Cola Company, Puma, The New York Times. Mas por que tão grande evento não é conhecido do grande público e mesmo não é mencionado nos veículos de comunicação convencionais?

Outro destaque relativo aos inscritos nos GG: a maior parte dos atletas é oriunda dos EUA, visto que foram quase sete mil estadunidenses em 2006 e cerca de três mil em 2010. A maioria masculina nunca foi ultrapassada na história dos jogos, mas em duas ocasiões a porcentagem de mulheres quase chegou à metade dos

participantes: em San Francisco (1986), o montante do delas atingiu 40% e, nos Jogos de Amsterdã (1998), 42%.

Na Figura 1 pode-se observar (pela intensidade mais escura das cores) a proporção de participação dos países envolvidos no planisfério. O mapa foi apresentado no site do comitê organizados dos Jogos de Colônia, em 2010. Apesar de a Austrália estar geograficamente no hemisfério sul, deve ser considerada como partícipe do conjunto das nações ricas do norte desenvolvido, principalmente porque, em termos quantitativos (363 inscritos) aproxima-se de outros países europeus ocidentais (França com 525 inscritos, Suíça, com 248 e Holanda, com 658):

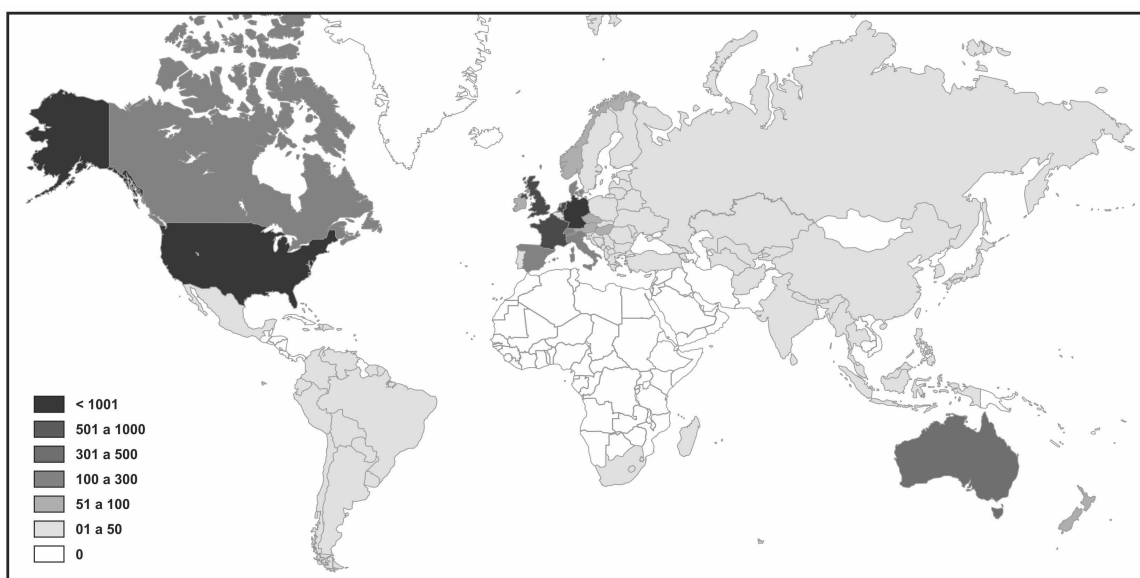


Figura 1: Mapa de distribuição dos países participantes em Colônia, Alemanha, 2010.

Fonte: Gay Games VIII Cologner 2010 Sucess. Arte: Daniel Voltan

As nações que mais têm participantes são Estados Unidos (2.219) e Alemanha (2.955), os quais estão longe de quaisquer outros países em número de inscrição. Destaques do mapa é a presença de países emergentes no rol das participações, como Argentina, Brasil, China, África do Sul, Indonésia e Polônia. Porém, mesmo tendo figurado como partícipes, todos eles inscreveram até 50 participantes, número inexpressivo se comparado aos países citados acima. E, de outra parte, surpreende ainda é que, apesar dos impactos das discussões sobre parceria civil, direitos humanos LGBT e “casamento gay” em escala

mundial, grande parte da África, Oriente Médio, Ásia Central, alguns países da América do Sul e quase toda a Ásia Meridional estão apartados da participação ou figuram de modo muito modesto (a Índia se fez representada nos jogos alemães com apenas 01 participante). Sejam por questões religiosas, econômicas, políticas, culturais ou de conhecimento de causa sobre tal expressão esportiva, o fato é que ainda se sabe pouco sobre os motivos de não participação num megaevento como os Gay Games.

Para além destas quantificações, cabe frisar os GG se originaram como evento esportivo “alternativo” a jogos heteronormativos convencionais, algo “único” nos termos de Caroline Symons:

The Gay Games have been an alternative Games. In a largely homophobic and heterosexist world the staging of the Gay Games, the implementation of progressive participation policies and the development of an extensive international lesbian and gay sports movement have been significant achievements. Inclusive policies and practices along with their affirmation and celebration of LGBTIQ sport and culture make the Gay Games unique” (SYMONS, 2010, p. 241).

No entanto, nos últimos tempos, tais competições têm adquirido contornos de um “projeto exclusivo”, seja pelos constantes retornos aos Estados Unidos reforçando uma política “bairrista” de controle, seja pelos argumentos polêmicos levantados por militantes “separatistas”, que resolveram organizar um campeonato mundial em formato similar: o World OutGames, cuja primeira edição aconteceu em Montreal, Canadá/2006 e a segunda, na Dinamarca, em Copenhagen/2009 [**World Outgames**].

#### **Verbetes relacionados:**

Às Margens, Ocupação e Subversão, Territórios Marginais, World Outgames

## Masculinidade-S

Quando me descobri gente — e na ocasião “homem” — lembro-me de estarmos meu pai e eu, em pé à beira da privada de casa, e eu o olhava atentamente urinar. Logo que terminou, balançou seu pênis e o guardou na cueca. Então, segui o modelo. Do alto de meus um metro e algo, tirei meu “pipi”, urinei e guardei. Meu pai disse: “muito bem, é assim que se faz, rapaz!”. Durante muitos momentos depois em minha (nossa) vida, ele me mostrou (tentando me ensinar) o que era masculinidade — pelo menos, a que ele conhecia, seja através dos cavalos que domava ou dos bois que apartava. E eu sempre com uma pergunta na cabeça: o que tinha a ver masculinidade com tirar o pênis, urinar, balançá-lo e guardá-lo de volta na cueca?

\*\*\*

O propósito de meu projeto de doutoramento era analisar como se comportavam homossexuais masculinos, em competições esportivas específicas, em vista aos padrões de masculinidade vigentes na sociedade atual. Ou, dito de forma mais pontual, meu objetivo central se dividia em a) refletir sobre a materialização dos corpos e a produção de subjetividades de sujeitos homossexuais masculinos, articuladas com as construções de masculinidade no universo esportivo, procurando analisar a produção simbólica de uma “virilidade” encenada (engendrada, reproduzida ou negada) pelos mesmos sujeitos, por meio de atos e discursos.<sup>1</sup> Com isso consegui desenvolver pesquisa sobre experiências cotidianas gays dentro de suas “comunidades esportivas”, algo que, Jarvis (2006) definiu como uma temática ausente na literatura internacional.

Antes de continuar, duas ressalvas há que serem feitas: 1) o trabalho não pretende classificar as formas reais e imaginadas de explicitação de “masculinidades” em campos esportivos LGBT, uma vez que não tem esse propósito e 2) as “masculinidades” e os corpos “em ação” acabaram sendo palcos para a discussão de um amplo leque

---

<sup>1</sup> Já respondendo algumas críticas que o trabalho pode receber, não foi possível investigar como sujeitos de outros gêneros (inclusive transgêneros/as) negociavam identificações no tocante às manifestações de “masculinidades”. No entanto, consegui apreender subjetividades, desejos, práticas de “atletas gays” no emaranhado dos enunciados de outros sujeitos, dentro da “matriz de inteligibilidade de gênero”, definida por Butler (2003).

de temáticas, endereçadas nas diferentes partes da tese. Portanto, apesar de trabalhá-las neste espaço, as “masculinidades” estão em constante circulação nos esquemas simbólicos de apreensão do mundo das práticas esportivas LGBT.

A primeira vez que corri uma maratona foi difícil! Eu queria parar, mas queria também continuar. Estava sozinho e você deve bem saber que correr sozinho dá uma angústia. Daí que passado os 21 km, lá pelos 24 ou 25km, eu pensei, vou continuar, tenho que continuar, ou vou ser uma “mulherzinha” [*eine Mädchen*]? Daí fui até o fim [...]. (Entrevista com HS, 14 set. 2010).

O corredor HS, 48 anos, “branco”, alemão e “gay”, contou-me de suas primeiras investidas num treinamento de provas longas (como a maratona, 42 km) e o como se colocou o desafio de terminar a prova: entre terminar andando e finalizá-la como “mulher”, preferiu continuar correndo e triunfar como “homem”. Apesar de câibras, dores no joelho e uma pequena distensão no quadríceps (músculo da coxa), executou o que tinha se proposto e a medalha (de finalização, não de premiação) era a prova que me mostrava naquele dia da entrevista [Gay Games]. Mesmo entre atletas gays, a evocada “masculinidade esportiva”, por assim dizer, baseia-se nos rituais de dominação de gênero, “velhos conhecidos”, propostos pelo sistema patriarcal e reproduzidos pelos sujeitos, e presentes no mundo dos esportes.

Que as mulheres são consideradas de modo diferenciado e “inferiorizadas” no campo esportivo, tanto em modalidades individuais, quanto coletivas, não há novidade.<sup>2</sup> Inclusive elas são, em parte,

---

<sup>2</sup> Apenas para citar algumas importantes pesquisas. No plano nacional há destaque para Fabiano Davide (2005), que mostra historicamente a desigualdade do gênero feminino nos esportes perante os homens; Silvana Goellner (2003), que salienta as representações do corpo feminino em revista de Educação Física e Esporte, trazendo-as sob eixos orientadores na feitura desse corpo (a beleza, a maternidade e a feminilidade); Meryl (Miriam) Adelman (2003, 2006, 2011), que escreve sobre a condição feminina nos esportes, enfocando distintas corporalidades/subjetividades e dando ênfase para os esportes equestres; Ludmila Mourão e Euza Gomes (2010), que trazem a história de luta e resitência da pioneira boxista Maria Aparecida de Oliveira. No plano internacional, alguns dos trabalhos de destaque são o de Eric Dunning e Joseph Maguire (1997), texto clássico que enfoca as relações entre “sexos” no esporte e, inclusive, testa as possibilidades de aplicação da teoria do processo civilizador de Norbert Elias na interrelação entre esporte e feminilidade; Pat Griffin (1998), que mostra a

protagonistas pela atual “crise” que vive a masculinidade na sociedade contemporânea, tão denunciada e comentada em fóruns de debate, nas Ciências Sociais.<sup>3</sup>

A “crise da identidade masculina” gera um tensionamento sobre velhas formas do “ser homem/ser mulher”, e deixa patente, mais do que outrora, que os homens não são os únicos produtores e/ou consumidores da “masculinidade” no meio social<sup>4</sup>. A ocupação feminina de áreas “tradicionalmente” masculinas da sociedade, os novos papéis das mulheres no mercado de trabalho — impensáveis há trinta ou quarenta anos —, a própria reorganização dos papéis de gênero dentro da atual “família”, o aparecimento de novos atores (como gays, lésbicas, transexuais, travestis, transgêneros) e a emergência de processos públicos de *coming out* [Saídas do Armário] constituíram-se elementos decisivos, que estabeleceram um “xeque-mate” na chamada “masculinidade hegemônica”<sup>5</sup>. Frente a tais outros agentes sociais que produzem, consomem e performatizam a “masculinidade”, falar em **masculinidade-S** torna-se inevitável e necessário.

---

opressão de gênero no caso das lésbicas atletas e técnicas, tanto no esporte universitário como amador; Helen Lenskyj (2003), que identifica preconceitos de gênero e homofobia quanto à figura feminina no esporte e endereça respostas feministas radicais para propor alternativas; Jennifer Hargreaves (2000), que chama de “heroínas do esporte” as mulheres muçulmanas, aborígenes, negras e deficientes, que habitariam o universo esportivo masculinista e preconceituoso; Jayne Caudwell (2006), que propõe repensar a rearticulação da “feminilidade” nos espaços futebolísticos (como vestiários, campo de jogo, práticas de alongamento e treinamentos); Cláudio Tamburrini e Torbjörn Tännsjö (2005), que propõem a criação de “bioamazonas” do futebol, ou seja, atletas superdotadas geneticamente, a fim de minimizar as distâncias colocadas entre corpos masculinos e femininos no *métier* esportivo.

<sup>3</sup> Dentre os vários trabalhos, pode-se enfatizar o de Caldas (1997); Goldemberg (2000); Heilborn (2004); Simões (2005).

<sup>4</sup> Essa desconstrução pertence a Eve Kosofsky Sedgwick (1995, p. 12) que destaca: “[...] an injury begins with the presupposition that everything pertaining to men can be classified as masculinity, and everything that can be said about masculinity pertains in the first place to men”.

<sup>5</sup> Robert Connell (hoje Raewyn Connell) é uma das teóricas mais citadas no estudo da “masculinidade hegemônica”. Ela usa o conceito de hegemonia, de Antonio Gramsci, referindo-se a uma dinâmica cultural através da qual um grupo postula e mantém uma posição de dominância na vida social frente a outros. Uma crítica a Connell seria possível pelo esgarçamento do conceito de hegemonia do autor italiano. Eric Anderson (2005), por sua vez, faz uma distinção interessante entre “masculinidade ortodoxa” e “hegemônica”: ter “masculinidade hegemônica” é atuar de “modo masculino” (tendo coragem, virilidade, assertividade, etc) e apresentar características das formas masculinas dominantes, quais sejam, serem brancos, hábeis, heterossexuais, atléticos e atraentes. Assim, para esse autor, “masculinidade ortodoxa” está contida na “hegemônica”.

O profundo processo de transformações advindas da Modernidade redimensiona modelos e paradigmas, além de redefinir papéis e identidades, histórica e socialmente construídos. O que se entendia por fixo, hoje é mutável. E mesmo as identidades passariam, necessariamente, pelo descentramento e pelo pluralismo. Segundo Avtar Brah (2006, p. 371), “as identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa, nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança”. No caso das “identidades de gênero” não é exceção e os Estudos de Gênero contribuem para desconstruir essencializações de modelos fixos, como os de masculinidade e feminilidade. Os atuais estudos que pretendem identificar e analisar mudanças e transformações inerentes à velha e rígida “identidade masculina” no imaginário coletivo já demarcaram que temos de nos remeter a “identidades fragmentadas” e que, de acordo com teóricas pós-estruturalistas, devem ser entendidas como construções imaginárias, em permanente processo de significação e re-significação, e na edificação de novas identificações em curso. Guacira Louro (2001), por exemplo, vai designá-las como “pós-identidades” e Glória Anzáldua (1987) sublinha que muitos destes sujeitos se encontram exatamente na “fronteira”.

Pode-se dizer que o marco dos estudos sobre masculinidades, ou pelo menos quem influenciou grande parte da produção teórica, foi Connell. Para ela, reconhecer mais de um “tipo” de masculinidade é apenas o primeiro passo e a masculinidade hegemônica está no centro das considerações, porém em estrita relação de dependência com outras formas de masculinidade. Assim, masculinidade hegemônica

[...] can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women (CONNELL, 2005, p. 77).

A autora norte-americana tentou pensar um esquema teórico que explicasse a dominação de gênero (entre homens e mulheres e mesmo entre homens e homens), classes sociais e etnias em todas as sociedades ocidentais. Pensando a “masculinidade hegemônica” como

relacional, elencou elementos de subordinação, cumplicidade e marginalização a ela *linkados*. Ao passo que a dominação é uma relação estabelecida entre homem e mulher heterossexuais, a subordinação seria um vínculo que subjugaria um homossexual a um heterossexual (e, nesse espectro, homossexualidade seria “masculinidade subordinada”) ou um garoto a um homem heterossexual adulto. Homens heterossexuais que não preenchem os requisitos hegemônicos, mas são fidelizados a eles, performam “masculinidades cúmplices” com os padrões de dominação. E, por sua vez, masculinidades negras (e aqui se pode pensar em latinas, asiáticas, indígenas, aborígenes) estabelecer-se-iam como “masculinidades marginalizadas”. Importante destacar que, de acordo com Connel, as relações de marginalização e hierarquia podem também se fazer presentes nas masculinidades subordinadas: como a autora destaca, “marginalization is always relative to the authorization of the hegemonic masculinity of the dominant group” (CONNELL, 2005, p. 81).

Porém, o que encontrei em minha pesquisa etnográfica é um tanto quanto mais complexo. De acordo com Connel (2005), se sabe que as “masculinidades gays” estão no final da lista hierárquica das masculinidades. Mas, mesmo entre os homossexuais esportistas encontrei os que encenavam dominação de gênero em relação a outros sujeitos, que poderiam ser considerados detentores de “masculinidades subordinadas”, “alternativas”. Se a própria noção de “masculinidade hegemônica” é relativa mesmo no escopo das relações sociais entre homens assumidamente heterossexuais (pois as hierarquias de poder balizam suas ações e discursos), não é surpresa encontrar tal variação também nos “mundo masculino clone” dos homossexuais esportistas. A surpresa, no entanto, é encontrar subordinação à subordinação, algo que presenciei entre as tailandesas voleibolistas que conheci.<sup>6</sup>

A “masculinidade hegemônica”, veiculada, performatizada e consumida pelos sujeitos nas arenas LGBT adquire *status*, usando terminologia de Oliveira (2004, p. 16), de “lugar imaginário” ou “imaginado”. E o desejo, em geral, é materializado no físico e no falo. Como expressa PM (corredor e ciclista, 27 anos, alemão, “branco”) em

---

<sup>6</sup> Tenho dúvidas se o “esquema explicativo” resolve as relações entre “as jogadoras” transexuais/intersexuais tailandesas. Presenciei relações no grupo que não podem ser apropriadamente de dominação/submissão, mas de reciprocidade e admiração. Contudo, lembrando que Connel diz que pensa as “sociedades ocidentais”, realmente contatos e ações sociais na Tailândia têm que ser analisados sob outro prisma analítico.



seu esquadrinhamento “desejos” do que esperava encontrar nos Jogos Gays em que participaria:

**Eu:** Mas o que você espera encontrar?

**PM:** Ora? O que todo mundo espera: um pau (*ein Schwanz*)! *risos*

**Eu:** Como assim?, *perguntei...*

**PM:** Um pau não circuncidado! Gosto de pau não circuncidado!

**Eu:** E por que, qual é a diferença para você?

**PM:** Ora, respondeu indignado. Toda a diferença, *riu*. Os caras com prepúcio são mais *sexys*, mais masculinizados, mais *viris* (*Mannschaft*). E eu não gosto de pênis circuncidado. Cara que tem pênis circuncidado parece mais feminino, não acha?

**Eu:** isso tem a ver com a questão de que homens com pênis circuncidados, geralmente, são judeus?

**PM:** não fale besteira! (*Das ist doch Quatsch!*). Não venham vocês falar agora que nós alemães temos preconceito contra os pênis circuncidados porque somos antissemitas! Pelo amor de Deus! Nem comece com isso. Ouvi muito isso desde a minha infância. Até hoje tenho raiva quando vejo programas de televisão sobre Hitler, pois ainda somos culpados disso, *falou irritado*. Você não sabia que a maioria dos americanos também são circuncidados? Não tem nada a ver, nada a ver, entendeu?. (Registro de campo, 04 jun. 2010).

Tal situação trazida talvez tenha sido uma das maiores (senão a mais grave) “saias justas” que tive em campo etnográfico. O que começou com uma “brincadeira” dele em se referir a um pênis (na verdade, aqui a genitália personificaria um sujeito) que gostaria de encontrar nas competições LGBT, acabou por se tornar um imbroglio: percebi que não fez sentido entrar em tema tão polêmico quanto à questão histórica circuncisão-judeus-nazismo-antissemitismo, uma vez que não era meu objetivo na conversa. No entanto, em prazo de poucos minutos e mediante meu silêncio, o diálogo foi esvaído.

A situação descrita faz sentido, pois ilustra, de certo modo, como se conformam as fantasias dos atletas *gays* em relação aos estereótipos masculinos que estão à disposição — interessante pensar

acerca de uma memória coletiva.<sup>7</sup> Levine (1998) desenhou com propriedade a passagem das *sissies* e *sisters* (homossexuais marcadamente afeminados) dos anos 1960 para os “clones” de fins dos anos 1970. Hipermasculinizados, definidos e, sobretudo, masculinos, os clones simbolizavam a “moderna homossexualidade”:

The clone was, in many ways, the manliest of men. He had a gym defined body; after hours of rigorous body building, his physique rippled with bulging muscles, looking more like competitive bodybuilders than hairdressers or florists. He wore blue-collar garb – flannel shirts over muscle-T-shirts, Levis 501s over work boots, bomber jackets over hooded sweatshirts. He kept his hair short and had a thick mustache or closely cropped beard (LEVINE, 1998, p. 07).

Para Pollak (1987), a “evolução” do meio homo em direção a um estilo mais “viril” como ocorreu com os clones, pode ser tomada como sexista e marginalizante de grupos que não se submetiam a imagem *standard* desse novo (e moderno) “macho homossexual”. A partir dessa “reviravolta” imagética autorreferenciativa, segundo esse autor, “as imagens míticas apresentadas mais frequentemente na imprensa homossexual e nas revistas pornográficas especializadas são o cowboy, o motorista de caminhão e o esportista” (POLLAK, 1987, p. 69). Disso decorre que não é difícil compreender essas imagens sociais “disponíveis” para os sujeitos e resignificadas por suas subjetividades.

Aprofundando um percurso mais teórico<sup>8</sup>, outro importante autor que traz uma aborgagem sobre a masculinidade é Almeida (1995),

---

<sup>7</sup> O caso de PM acerca das preferências não foi o único. Depois disso comecei a reparar o quanto formato, cor, textura, grossura, tamanho do pênis e outras características eram acionadas pelos meus interlocutores. A presença ou ausência do prepúcio causavam, em geral, extensos diálogos, inclusive, fomentados por aqueles adeptos de “sneakers”, isto é, “adoradores” de odores de tênis e meias usados. Segundo Silverstein e Picano (1992, p. 73), na Roma Antiga o prepúcio fazia parte da estética corpórea e dos ideais masculinos de beleza: “athletic games required competitors to have a foreskin that completely covered the glans penis (the head of the cock)”. Por isso, durante a prevalência do Império Romano, restaurações de prepúcios eram realizadas para que alguns pudessem competir.

<sup>8</sup> Vale salientar que não pretendo esgotar percurso teórico algum. Outros autores já fizeram isso com mais propriedade. Uma ampla cobertura teórica sobre masculinidade é de Miriam Grossi (2004).

quando etnografa um vilarejo de camponeses, em Portugal. À semelhança de Connel, diz que a masculinidade hegemônica exerce supremacia sobre as masculinidades subordinadas, mas parte da hipótese de que ela se configure como “modelo ideal”, inatingível e, por isso mesmo, exerceria um efeito controlador sobre os homens nas práticas de sociabilidade cotidiana, incitando uma discursividade que exclui o campo emotivo considerado feminino.

No entanto, apesar dos campos social, econômico, religioso e moral do vilarejo de Pardais serem divididos em “masculinos” e “femininos”, as coisas não são tão rígidas assim. De acordo com o autor português,

[...] masculinidade e feminilidade são vividas enquanto conjunto de qualidades que podem verificar-se no campo sexual oposto. Assim é reconhecido que um homem pode ter certos comportamentos, emoções ou atividades ‘femininas’ e vice-versa. Não pode é possuí-las ou exercê-las exclusivamente, o que remeteria para a anormalidade (ALMEIDA, 1995, p. 60)

Almeida (1995) ressalta que desde a mais tenra infância os comportamentos não-normativos de gênero são vigiados e controlados para que “desvios” sejam identificados o mais cedo possível. Dessa forma, as condutas ‘permitidas’ e ‘interditas’ são estipuladas, no âmbito das homossexualidades (masculina e feminina). As camponesas podem dançar entre si, o mesmo não sendo bem visto quando acontece com os homens — exceção feita em momentos de festas carnavalescas, quando eles se travestem de figuras femininas.<sup>9</sup>

Ah!... (*pausa exclamativa*), assim ó (*pausa*), é melhor jogar entre gays, né? Nos times normais a gente joga também, né. A gente é pau pra toda obra e quando tô jogando com hetero, meto a mão na bunda mesmo... hehehe. Não tenho vergonha, não. E se me encarar, eu digo: ‘que foi, vai

---

<sup>9</sup> Aqui também me recordo das práticas “interditas” e “prescritas” entre pescadores homens, estudados por Elisa Silvia e Carmen Rial (2005), que reproduzem padrões semelhantes aos descritos por Almeida.

encará?’. E eles ficam com medo. (Conversa com JP, 04 ago. 2010).

JP, brasileiro de 26 anos, “mulato” e futebolista traz, neste curto fragmento, elementos para pensar as “masculinidades” em relação aos esportes (e, mais especificamente, dentro do futebol). Quando joga bola não se farta em estabelecer uma clara fronteira entre ele (gay) e os outros (héteros) — no caso do futebol mesclado homo-hétero — entre ele (ser desejado) e os outros (seres desejantes), e no limite, entre ele (masculinizado) e os outros (emasculados ou feminilizados).<sup>10</sup>

Numa “competição” de outra natureza, alerta Almeida (1995, p. 189) sobre o costume de “feminilizar os outros” via

gestos de convite sexual que transformam a vítima em ‘mulher simbólica’, pelas brincadeiras que envolvem o apalpar dos traseiros, ou mesmo pela competição monetária, já que a capacidade econômica se associa ao lugar na hierarquia social e esta socorre-se da metáfora da dicotomia masculino/feminino e ativo/passivo.

DaMatta (1997) escreveu, certa vez, sobre uma jocosidade entre adolescentes homens chamada “tem pente aí?”, onde os garotos apalpavam as nádegas dos colegas, insinuando buscar um pente para pentear os cabelos. Tais gestos rituais, segundo o autor, eram destinados a moldar a “masculinidade” naquela época e conferir valores a áreas do corpo sagradas, como as nádegas (e o ânus, por extensão), zona exterior do masculino e símbolo da feminilidade, ou que atestavam o inverso da masculinidade. Como ele explica acerca da brincadeira,

em primeiro lugar, chamava a atenção para aspectos ideais e valorizados da masculinidade; depois, falava de como o masculino era constituído; em seguida, punha à prova e risco essa macheza; e, finalmente, denunciava um lado

---

<sup>10</sup> Nesse ponto cabe uma ressalva de minha parte, pois conheço JP desde o Jogos Mundiais LGBT de 2009, em Copenhagen. No entanto, depois de inúmeras conversas e ocasiões em que fui vê-lo jogar, aceitou falar “oficialmente” comigo apenas nos últimos dias dos Jogos Gays de Colônia, em 2010. Justifico isso devido a minha afirmação sobre essas várias “facetas” discursivas do “personagem” JP.

obscuro e frágil, mas importantíssimo da masculinidade, colocando-a em dúvida e em crise, pois indicava graficamente os seus aspectos ocultos – seus segredos, suas dúvidas, dúvidas e dificuldades (DAMATTA, 1997, p. 43).

Essa valorização do masculino e das áreas interditas desse corpo influencia, sobremaneira, o fetiche de JP em relação à própria prática sexual com outros sujeitos. Sua construção discursiva como uma “hipermasculinização” (BRAZ, 2007a) aparenta que não há outros “machos” ao seu redor que se comparem a ele, e a separação entre “ativos e passivos” — a mesma que Fry e MacRae (1985) descreveram no Brasil, nos anos 1970-80 — é bastante enfatizada e marcadamente assumida.

Diz-se “pirado em sexo” e, numa de nossas conversas, explicou-me: “Não perco tempo, tô aqui competindo [nos Jogos de Colônia], mas tô na vida, entendeu? [...] Tô com a *amapoa* ferida e ardendo de tanto trepar! Quicou na área, eu chuto, *risos*”.<sup>11</sup> Atualmente tentando a cidadania europeia, JP tem um trabalho temporário na Dinamarca e se diverte nestas competições [Atletas; Fetiches e Prazeres].

Segundo enfatiza, o sexo é o motor propulsor de sua vida: “Ah, quando tô lá, encontro alguém legal, pá, às veis rola de eu perceber que o sujeito quer algo, dáí, pá, aplico uma multa nele, bunitaaaa!”. A gíria do “aplicar multa” é cobrar pelo serviço prestado, no caso, o sexual. Demorei a entender que JP era *escort boy*; em outros termos, prostituto masculino ou michê. Ele disse curtir “tudo”, menos sexo anal (em si).

Richard Parker (1999), estudando os fluxos migratórios de jovens gays brasileiros entre as décadas de 1970 e 1980, salienta que quase nunca a prostituição masculina é a opção por excelência que põe em “movimento” migratório tal sujeito — pelo menos não os homens<sup>12</sup>. Muitas vezes ela vem em decorrência de um acaso ou mesmo de um imprevisto. Além disso, como no caso de JP, tal “ofício” surgiu ao longo

---

<sup>11</sup> Apesar de estar fora do Brasil há anos, JP se utiliza de gírias e do *bajubá* (linguagem baseada nas línguas africanas, utilizadas no Candomblé) e sabe do que se passa no “mundo gay” brasileiro. “*Amapoa*” poder ser a vagina, quanto também a própria mulher. No caso do trecho, nominou seu “pênis” como um órgão feminino (suponho).

<sup>12</sup> No caso das mulheres, há estudos que analisam o perfil do fluxo feminino, seja via “migração espontânea”, seja via tráfico de mulheres, notadamente para prostituição nesse caso (PELÚCIO, 2009).

do tempo, advindo da necessidade financeira, de uma “qualidade de vida” melhor, a partir da permanência no continente europeu [Projetos de Vida]. As ofertas do mercado do sexo na Europa para jovens brasileiros “exóticos” (entenda-se essa categoria nativa como jovens mulatos, pardos ou negros que se diferenciam, principalmente dos escandinavos e outras etnias do centro-norte, pela cor da pele) é bastante ampla, bem como há uma economia “aquecida” que os recebe. Para Parker (1999, p. 211):

[...] the reality of the economy that they encounter in such settings may make sex work more attractive than other options, with a good deal of autonomy and a potential for income far beyond the other forms of employment that are typically open to undocumented aliens.

Porém, não é sempre que JP “aplica multa”. Quando se identifica e gosta do potencial parceiro sexual diz:

[...] quando gosto do tipo, putz[...] é foda... mas deixo pra lá. Às vezes transo a noite toda, depois durmo juntinho, hum[...] isso é bão. Mas nem sempre ocorre. E, por fim, nem cobro, né, porque foi tão bão que a gente nem esquenta com o lance do dinheiro. Dinheiro sempre entra outro, outra vez. (Registro de campo, 06 ago. 2010).

Aqui a falácia romântica que ele próprio se envereda: quando há “algo especial”, não cobra pelo serviço sexual, dormindo a noite toda abraçado e curtindo o momento. Sua posição de “domínio masculino”, de gostar de transar e provocar desejos alheios, de ser “sacana” e fazer “bem o serviço”, além de gabar-se em ter “ginga no pé e saber jogar futebol”, traz à lembrança os elementos culturais que caracterizariam “o brasileiro” pelo senso comum, algo outrora desconstruído por DaMatta (1990).

A partir do que foi trazido, com a explicitação de atos sexualizados no esporte — como os que JP se referiu, ao passar a “mão na bunda” jogando futebol —, levanta uma questão inquietante: como incorporar a categoria “sexualidade” na análise das relações entre masculinidades no contexto esportivo (LGBT)?

Nesse ínterim, lembremo-nos que Michel Foucault (1985) destacou que não foram as sociedades ocidentais modernas que obrigaram o sexo a se “esconder”. Pelo contrário, desde o século XVI o sexo foi incitado a se confessar, a se manifestar. É justamente o poder que nos convida a enunciar nossa sexualidade por meio das diversas instituições e saberes, como peça essencial de uma estratégia de controle do indivíduo, característica das sociedades contemporâneas. Para ele,

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. Ou seja, um dispositivo histórico do poder que marca as sociedades ocidentais modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social (FOUCAULT, 1985, p.100).

O esporte LGBT é bastante heterogêneo e se constitui num espaço onde corpos, desejos, fetiches e prazeres se encontram em movimento e, sobretudo, reproduzindo a cultura atlética reinante no “sistema esportivo global” (RIAL, 2008). Tal cultura atlética performatizada pelos sujeitos é signatária de uma “cultura masculinista hegemônica” (BUTLER, 2003), reprodutora das masculinidades até então mencionadas. Portanto, o componente relacional entre “masculinidade hegemônica” esportiva de homossexuais parece também se reproduzir nas práticas esportivas LGBT. E, arrisco dizer, que as hierarquias entre a “masculinidade esportivas” subordinadas (ou entendidas enquanto tal) funcionam segundo outras lógicas. Meu processo investigativo levou-me a pensar na existência de **masculinidades queer**<sup>13</sup> ou dissonantes nesse ambiente competitivo, e, dessa forma, destacar que categorias como “raça”, classe social, gênero

---

<sup>13</sup> Minha etnografia em competições esportivas LGBT me deu certa segurança para afirmar que há uma nova categoria em gestação nos eventos. Nem tão dominante, tampouco espalhada, mas constantemente presente. Eu a denomino “masculinidades queer”, justamente por seu caráter descentralizador e abjeto. São tipos performatizados de “masculinidades”, por sujeitos diversos

e geração se interseccionam com o padrão hegemônico de masculinidade nesse meio, provocando fissuras.

**BS:** Estou aqui pra ganhar! Não me importa se são homens ou são gays. Vou jogar contra eles, vou quebrá-los (*I'll beat them!*) e não me importo. Você já viu “bichisse” (*queerness*) no hóquei no gelo?

**Eu:** não sei dizer; só vi hóquei uma vez na vida e não era um jogo gay!

**BS:** *riu*[...] bem, você não vale! É sul-americano, nem sabe o que é frio!

**Eu:** hey? Sei sim! Sei até que hóquei se joga em quadras fechadas, em complexos subterrâneos, principalmente no Canadá.

**BS:** bem, não sei no Canadá, mas sim, sim. Você tem razão! Mas o que quero dizer é que no hóquei não há espaço pra bichisse, entendeu? (*got it*).  
(Conversa com BS, 04 ago. 2010)

BS é australiano, “branco”, 24 anos, praticante de *snowboard*, jogador de hóquei no gelo, skatista e mesatenista nas horas de folga. No trecho anterior, destacado de nossa conversa, explicava-me como o *hockey on ice* é uma modalidade masculina, de “machos” e como a “bichisse” (*queerness* ou *gayness*) não tem espaço. No desenrolar do diálogo, narrou-me inúmeras brigas em que se envolveu com colegas e adversários no esporte e como se desvencilhou delas, inclusive várias vezes sendo expulso de campo, o que para ele era como um troféu, o reconhecimento de seu “capital masculino”.<sup>14</sup> A associação entre “esporte-coragem-violência-macheza” ficou perceptível.

---

e diferentes, que apresentam marcadores de diferença, como “raça”, classe social, gênero e geração. As “masculinidades queer” não são homogêneas entre si, mas apresentam um denominador comum, qual seja, algum traço que as coloque em consonância umas com as outras. Além disso, todas elas conseguem “dialogar” via tais características, sem hierarquias que interfiram. Assim que o atleta mongol, o idoso “branco” de 70 anos, o corredor gay etíope e a tailandesa voleibolista têm um “substrato comum” que os iguale. Ao passo que as “masculinidades hegemônicas” (dominantes ou prescritas) colhem frutos do WASP (White, Anglo-Saxon and Protestant), as “masculinidades queer” (ou também podemos pensar em “feminilidades queer”) derivam de outros elementos noutro extremo. De modo algum tais características são pejorativas, mas são estratégias de negociação.

<sup>14</sup> “Capital masculino” segundo definições de Pronger (1990), Bech (1997), Anderson (2005) é a quantidade de características masculinas apropriadas pelos sujeitos na “condição de homem”,



Um aspecto curioso de sua explicação fez-me imaginar toda uma hierarquia de esportes, “mais masculinos” e “menos masculinos” (ou “mais femininos”), como se a atribuição desses *status* fosse facilmente aplicável. BS se refere a uma noção, presente no senso comum, de que há esportes mais “direcionados” para homens (portanto, mais masculinos) e modalidades mais “voltadas” para mulheres (e, dessa forma, mais femininas). Tal argumento é embasado pelo pouco conhecimento que há acerca da área esportiva, bastante reforçador de ideias infundadas, por exemplo, disseminadas pela televisão<sup>15</sup>. Eric Anderson (2005) esboça uma tentativa de “classificar” os esportes em mais ou menos masculinos a partir do torneamento muscular. Ou seja, esportes que fazem o corpo ficar torneado (como o rugby, o futebol, o judô, dentre outros) seriam “mais masculinos”; os que não esculpem o corpo de modo mais enfático (como tênis, golf, dança, etc.) seriam menos “masculinos” — portanto “mais femininos”. O autor não segue adiante na taxonomia, porque nem ele parece acreditar muito em tal critério.

De qualquer forma, essa *dominação masculina* explicitamente trazida no discurso de BS seria, segundo Bourdieu (2007), uma “invenção social naturalizada”, por cujo peso tanto homens quanto mulheres padecem. O autor francês propõe uma reflexão acerca da sociedade Cabila, a partir de seus estudos dos anos 50 e 60, sobre como as “disposições falonarcísicas” estabelecem, depositam e incrustam nos corpos uma “dominação de gênero” (que o autor chama “sexo”). Em primeiro lugar, há a questão da oposição hierárquica, binária, entre masculino e feminino ser fundamentada na natureza das coisas. Como diz,

A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas

---

como ser “macho”, corajoso, destemido, varão, viril e manter-se numa posição hierárquica sempre superior aos “oponentes” (entenda-se, aqui, também a feminilidade como uma ameaça premente).

<sup>15</sup> Lawrence Wenner e Steven Jackson (2009), por exemplo, destacam que a televisão é a responsável pela veiculação, de imagens de muitos homens assistindo/jogando futebol, principalmente em propagandas de cerveja, e outros comerciais enfatizando a maquiagem e adereços de atletas de ginástica.

partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, *em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes*, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2007, p. 17, grifo do autor).

A matriz de divisão sexual é tomada como um dado natural, bem como acontece, fazendo uma correlação, com a “masculinidade hegemônica”, e ambas recebem legitimação pelos sujeitos — no caso analisado pelo autor, os Cabila. Disso decorre que as divisões sociais são inscritas nos corpos como “disposições corporais” e se tornam princípios subjetivos, que são “categorias cognitivas através das quais os indivíduos se vêem e constroem o mundo como realidade significativa, viva” (BOURDIEU, 1998, p. 18). Assim, tais “esquemas de percepção” nos influenciam a tomar o mundo como dado. Ou, como ressalta o autor, quando acontece a concordância entre as estruturas sociais e cognitivas (e a incorporação via *habitus*<sup>16</sup>), temos a dominação masculina dada e não questionada, operando por binarismos. A isso também denunciaram inúmeras teóricas feministas.<sup>17</sup>

Nas dicotomias que BS alicerça quando fala em “*queerness*” (bichisse) — e, portanto, por oposição, estaria se referindo a “*maleness*” (macheza) — seu mundo social, pelo prisma bourdieano, construiria o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes<sup>18</sup>.

Atos de cognição não são conscientes, como o autor francês salienta e, por sua vez, a violência simbólica baseia-se na “teoria disposicional da ação”, segundo a qual a ordem masculina está inscrita nos agentes e nas instituições, nas posições e disposições, nas falas e nos corpos. Portanto, se o mundo esportivo LGBT, quando analisado, participa das correntes de estudos que dão conta dos “problemas de gênero”, tal universo e seus sujeitos reproduziriam em menor escala, segundo Bourdieu, o que está “inscrito” na sociedade em geral. Tanto

---

<sup>16</sup> O conceito de *habitus*, segundo a ótica bourdieuana, configura-se por dispositivos reproduzidos e incrustados na estrutura sociopsíquica (BOURDIEU, 1989).

<sup>17</sup> É possível elencar algumas como Jo Freeman, Juliet Mitchell, Françoise Heritier e, mais recentemente, Judith Butler e Teresa De Lauretis.

<sup>18</sup> Apenas lembrando que Bourdieu (1998) diz que a dominação masculina fundamenta-se, em última análise, na lógica das trocas simbólicas e que a sexualidade não foi construída enquanto tal, sendo que as diferenças sexuais estão inseridas num sistema de oposições antropológicas e cosmológicas, produtos de uma visão e experiência de mundo.

discursos quanto posturas e funcionamentos intitucionais seriam meramente reproduzidos, mediante a ordem masculina instituída e tomada como natural.

Rial (1998) faz um esforço reflexivo para aplicar, no campo esportivo, os pressupostos bourdieuanos. Ela vai tratar das práticas esportivas do judô e do rúgbi em dois casos relatados, como gestoras da construção da dominação masculina. Torna-se “homem”, masculino, viril, o indivíduo submetido ao sofrimento corporal, às condições a que se é assujeitado, ou ainda do treinamento esportivo a que é submetido (no caso do esporte)<sup>19</sup>. Do judô ao rúgbi, passando pelo futebol e *full-contact*, a autora percorre diferentes *ethos* e analisa distintos *habitus* na comparação destes esportes em “jogo”. E,

embora possam ser comparados em linhas gerais, o futebol e o rúgbi, de um lado, judô e full-contact de outro, [eles] falam de valores pessoais e sociais bem diferentes e constroem masculinidades distintas (RIAL, 1998, p. 13).

Assim, a construção de “distintas masculinidades” dependendo do esporte que se analisa, remete-nos ao processo de aprendizagem múltiplo destas masculinidades em sentido mais amplo e, desta forma, a autora concorda com Loïc Wacquant (2002), que atesta tal fenômeno ser exequível mediante *práticas de incorporação*.

E, voltando às práticas esportivas LGBT, por esta lógica, o *ethos* encarnado, corporificado de uma dada prática esportiva por atletas *gays*, engendraria um *habitus* que, mediante a produção contingente das subjetividades no âmbito esportivo em questão, o tornaria específico.

Dessa forma, olhar para a “masculinidade hegemônica” como produto da dominação masculina no ambiente esportivo do ponto de vista bourdieuano é olhar sob o prisma das estruturas sociais, que explicariam o funcionamento de atitudes e comportamentos. Pensando na “cristalização” de uma estrutura e de possibilidades outras de tomar a

---

<sup>19</sup> Sobre tal temática ver: Alexandre Vaz (1999, 2000), artigos onde o autor “inaugura” as discussões sobre treinamento do corpo e dominação da natureza, a partir do referencial teórico frankfurtiano. Estas incursões teóricas deram origem a uma linha de pesquisa sobre Esporte e Sociedade, a qual o pesquisador coordena no Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea, na Universidade Federal de Santa Catarina.

“própria estrutura”, lembrei-me de Derrida (1965, p. 101-102), que diz algo sobre certa *estruturalidade da estrutura*:

Todavia, até ao acontecimento que eu desejaria determinar a estrutura, ou antes a estruturalidade da estrutura, conquanto sempre ativa, foi sempre neutralizada e reduzida: por um gesto que consistia em dar-lhe um centro, em reportá-la a um ponto de presença, a uma origem fixa. Este centro tinha, por função não somente orientar e equilibrar, organizar a estrutura — não se pode, com efeito, pensar uma estrutura desorganizada —, mas, sobretudo, fazer que o princípio de organização da estrutura limitasse o que nós poderíamos denominar o jogo da estrutura [...].”

Trata-se, dessa forma, de desnaturalizar a estrutura estruturante — dos sentidos, da linguagem. Tratar a própria estrutura como estrutural e estruturante, na medida em que o seu centro tenha o jogo de sentidos, que poderiam subverter as posições definidas, e instituem novas (posições). Ou seja, a crítica de Derrida (1965) ajuda a pensar como se desvencilhar de camisas-de-força dos binarismos, no tocante às considerações dos gêneros inteligíveis ou não, para além de sistemas de organização sexual heteronormativo.

No momento do anúncio no alto-falante da prova de 400 metros com barreiras, houve uma correria generalizada. Quando os corredores já se encontravam na pista de atletismo, eis que surgiu um competidor alto, de ascendência indígena, longilíneo, alourado artificialmente. A figura ‘andrógina’, por assim dizer, imediatamente confunde os presentes e provoca risos contidos. Era um(a) atleta mexicano(a), (tra)vestido(a) de vermelho-sangue, em uma espécie de pele de tubarão de nylon, que cobria o corpo todo. Havia uma alternância estilística proposital: braço coberto, braço à mostra. Pernas no mesmo esquema. A sapatilha dourada combinava com o cabelo. Após o disparo do revólver de festim, quatro barreiras, quatro gritos estridentes. O(a)

mexicano(a) garantiu a medalha!. (Registro de campo, jul. 2006)<sup>20</sup>.

Figuras como a desse(a) mexicano(a) nos Gay Games são raras, senão inexistentes. Apesar de se tratar genericamente de “competições gays”, mesmo entre os participantes há estranheza quando alguém se apresenta para competir, de modo diferente do coletivo. É o assimilacionismo dos esportistas gays em respeito ao esporte convencional, como demarcou Pronger (2000). É a vontade de ser reconhecido enquanto um atleta qualquer e não como uma forma “aberrante” de expressão esportiva. No entanto, e apesar de tudo, o(a) mexicano(a) fez diferente e somente pode se apresentar da maneira como o fez pois, naquele momento histórico, reuniam-se algumas condições que lhe possibilitaram tal “façanha”: a) estar num dado “espaço” materializado de mínima convivência e aceitação da diversidade, sem que fosse censurado ou impedido pela organização dos jogos de se expressar à sua maneira; b) desmistificar a figura “masculina-macho” do atleta (corredor, no caso); c) invocar silenciosamente, porém visivelmente, a alteridade; e d) trazer à baila uma nova e distinta forma de subjetividade esportiva (a *queer*).

Apesar de competir em uma prova de 400 metros com barreiras — categoria masculina e, nesse sentido, divisão idêntica à existente no atletismo convencional (portanto heteronormativo) — o/a atleta mexicano(a) propôs uma nova estética de representação do(a) atleta-corredor(a) e do *eu-sujeito*. Uma estética que abre possibilidades do vestir-se de maneira diferenciada para um evento (o modelito vermelho-sangue talvez seja até mais estilístico do que apenas um simples shorts e uma camiseta, que costumeiramente os corredores usam) e mesmo de sentir-se e portar-se de forma mais “confortável” com sua subjetividade *gay*. Os gritos estridentes ante cada barreira poderiam significar os mesmos “urros” de um jogador de hóquei frente a uma jogada agressiva ou mesmo o som emitido no movimento final de um levantador de pesos.

A única questão residual nesta estética de representação do corredor *queer* de atletismo — e, em geral, do/a atleta convencional — é que para o modelo (hetero)normativo da (hetero)sexualidade

---

<sup>20</sup> Tal excerto de minhas notas de campo já foi utilizado em outra análise (CAMARGO; RIAL, 2009).

compulsória, em termos de Wittig (2001) e Rich (1999) tal estética é desviante, inconcebível e, até certo ponto, inaceitável, particularmente frente ao elenco das características demarcatórias de gênero que revestem o esporte em geral, e o atletismo em particular.

Em termos pós-modernos o/a atleta mexicano(a) evocaria o que se poderia chamar de “fragilidade do referente”, uma vez que põe em suspenso aquilo que, teoricamente, era esperado e dito do *sujeito-homem-atleta*, num evento da categoria masculina, prova de corridas.<sup>21</sup>

Aquilo que o/a atleta mexicano(a) apresenta durante o evento do qual participa, sua estilística corporal, seus gritos de ataque ao passar pelas barreiras e mesmo seus depoimentos/entrevistas pós-prova, além dos agradecimentos aos/às amigos(as) competidores(as), fazem parte de uma *fabricação performática*, em termos de Butler (2003).

É importante destacar que, de acordo com Miskolci e Pelúcio (2006, p. 5), tais performatividades se baseiam na “reiteração de normas que são anteriores ao agente, e que sendo permanentemente reiteradas materializam aquilo que nomeiam”. Por isso tal conceito é desvinculado da ideia voluntarista de representar um papel de gênero, como se fosse um “ato teatralizado”.

Os atos do/a mexicano(a) são executados na superfície externa de um corpo, bem como na interioridade daquilo que desestabiliza. A performatividade do ato contém a *performance* do ser. Tais conceitos estão interrelacionados, mas são distintos. Um exemplo sugestivo e esclarecedor é o do/a *Drag Queen*,

A performance do/a drag [queen] brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* de gênero (BUTLER, 2003, p. 196).

---

<sup>21</sup> A *desnaturalização* ou *desreferencialização* — em termos específicos de Hans Ulrich Gumbrecht (1998) — que se originam a partir da fragilidade do referente e da morte do sujeito é um dos conceitos característicos da situação pós-moderna. Jair Ferreira dos Santos (1986) prefere o termo “dessubstancialização” ou perda da ‘substância’ desse sujeito. Esse seria um dos princípios fundantes do pós-estruturalismo. José Esteban Muñoz (1999), teórico *queer*, fala de “desidentificação”.

No caso do/a mexicano(a) talvez tal exemplo seja adequado para se problematizar as dimensões do sexo anatômico (macho), da identidade social de gênero (feminina) e da *performance* de gênero (“*drag* esportiva”), termos meus. Todavia, como pensar sobre outras performances de gênero que não estão/são manifestas visível ou discursivamente?

Assim, a partir da ótica do pós-estruturalismo, as contribuições feministas de Butler parecem oferecer melhores chaves-interpretativas para entender os sujeitos nas arenas esportivas LGBT.

Antes de tudo é importante destacar que, para ela, gênero não é “interpretação cultural do sexo”, mas sim uma “matriz de inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2003, p. 25), ou seja, é um “modelo” de como se podem entender culturalmente as dissonâncias estabelecidas entre os sexos/gêneros no social.<sup>22</sup> Uma vez que a produção do sexo como “pré-discursivo” participa da lógica das relações de poder, as quais ocultam a própria operação da produção discursiva,

como estratégia para descaracterizar e dar novo significado às categorias corporais, descrevo e proponho uma série de práticas parodísticas baseadas numa teoria performativa de atos de gênero que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, ocasionando sua re-significação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária (BUTLER, 2003, p. 11).

Nesse sentido, corpo, sexo, gênero e sexualidade são descontínuos e não podem ser entendidos como “recipientes passivos de uma lei cultural inexorável”. Então, a autora toma a “noção de corpo, não como uma superfície pronta à espera de significação, mas como um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas” (BUTLER, 2003, p. 59). Isto significa não tomar o sujeito como ponto de partida. Significa pensar, como aponta Camilo Braz,

tanto as materializações dos corpos quanto a produção das subjetividades como contingentes: a possibilidade de existência (ou de ‘abjeção’) dos

---

<sup>22</sup> Patrícia Knudsen (2007) vai frisar que Butler tomará os “gêneros não-inteligíveis” — ou o que Julia Kristeva (1982) denominou “abjetos” — como “paradigma de gênero”.

corpos e dos ‘sujeitos’ depende da matriz discursiva de inteligibilidade a que se esteja referindo” (BRAZ, 2007a, p. 8).

Experimentar corporal e “teatralmente” como a masculinidade é o produto de um conjunto de códigos culturais performativos aprendidos e incorporados através do que Butler chamaria de “repetição coercitiva” caracterizaria a performance de gênero e isso pode ser reapropriado e posto em prática por qualquer corpo, independentemente de seu sexo anatômico.

\*\*\*

Numa das primeiras vezes que fui levado a um clube de sexo entre homens por um informante, não sei se de nervoso ou de ansiedade, logo que adentrei, senti que precisava urinar. No banheiro à meia-luz, com cheiro forte por todos os lados e lotado de corpos seminus, entrei, tirei meu pênis para urinar e, num assalto, vi uma boca perdida no escuro do úmido espaço dos urinóis, desejando minha “chuva dourada”. “Mije aqui”, ouvi num resmungo do sujeito que, em não sabendo minha procedência, disse em inglês. Foi nesse momento que comecei a elaborar a complexa relação entre masculinidade e o movimento de tirar o pênis para fora para urinar. Se de um lado o desejo e o fetiche moviam aquela boca na direção de meu membro, por outro, minha subjetividade tentava entender as conexões de anseio e desejo, representadas pelo falo na sociedade contemporânea.

**Verbetes relacionados:**

Atletas, Fetiches e Prazeres, Gay Games, Projetos de Vida, Saída do Armário



## North American OutGames

### Pride and the Outgames kick off

City officials, queers and allies gathered at city hall on July 25 to officially kick off Pride Week and the 2011 North American Outgames in Vancouver (LEWIS, 2011, p. 13).

Em cerimônia oficial na prefeitura de Vancouver, Canadá, e contando com a presença de governantes e de importantes personalidades locais, o prefeito Gregor Robinson declarou abertos os II Outgames Norte-americanos e a semana de comemorações da Parada Gay, acontecimentos que prometiam mexer com os ânimos e com a economia daquela cidade. Não foi minha primeira vez no Canadá, tampouco era estreante em uma competição esportiva de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e demais sujeitos não-heterossexuais. Porém, era uma experiência diferenciada presenciar um campeonato regional envolvendo apenas Estados Unidos, Canadá e México.

A cidade da costa oeste canadense é distinta das outras do litoral oposto e mesmo das do interior do país. Vancouver promove o encontro de expressões culturais canadenses, americanas e chinesas e provoca a união também dos mundos ocidental e oriental, uma vez que “margeia” o Oriente e é, reconhecidamente, a principal rota de chegada da imigração chinesa no Canadá.

Em termos de evento esportivo de natureza LGBT, a cidade também tem certo *background*, pois realizou o Gay Games III, em 1990, bem no ápice da globalização econômico-cultural. Porém, esse “*début* esportivo” ocorreu sob protestos de grupos conservadores e religiosos, que viam os jogos como “sinal de heresia”. Sandra Thomas faz um *reload* histórico da dimensão conflitiva na comparação entre os eventos:

Vancouver in 2011 is a much different city than the one that hosted the Gay Games in 1990, an event that saw protesters from a conservative church in the Fraser Valley take out full-page ads in the Vancouver Sun and Province newspapers warning of the impending sodomite invasion and asking people to gather at Empire Stadium to pray the games be stopped (THOMAS, 2011, p. A4).

No entanto, os jogos de 1990 criaram uma “agenda política” para o segmento, através da qual se pode planejar demandas futuras, tanto para a cidade, quanto para o próprio destino internacional do esporte LGBT. Ron Dutton, um dos historiadores mais respeitados pelo trabalho de resgate da memória do movimento LGBT vancouveriano, expressa:

For many gays and lesbians it was a coming of age for the city; a recognition that they belonged to a bigger community. After that, you couldn't not take the gay community seriously [...]. I think that maybe this was the event that had to happen here in order to bring the community together (DUTTON apud DIMERA, 2011, p. 16).

Essa ideia de pertencimento a uma “grande comunidade” encontra fundamento no evento da década de noventa, pois a edição dos GG foi a primeira transnacional — isto é, fora dos EUA — tendo assistência de mais de 7.000 atletas, de 39 países, disputando 27 esportes, também em uma semana de contendas [Gay Games].

Desta vez, porém, os jogos que “agregaram a comunidade” LGBT eram diferentes, propostos pela franquia “Outgames”, criada, controlada e veiculada pela GLISA, a Associação Esportiva Internacional de Gays e Lésbicas. Compondo-se, basicamente, de uma Conferência de Direitos Humanos e um programa esportivo, o evento se realizou no período 25-31 de julho de 2011, fechando a semana com a Parada Gay de Vancouver, um dos maiores acontecimentos turísticos LGBT da costa oeste canadense.

Cheguei por volta do meio dia no Aeroporto Internacional de Vancouver. Não é minha primeira vez na cidade, bem como também não sou estrepante no país. A cidade está diferente daquela sob forte nevasca, que presenciei em 1998, e a qual deixou as pessoas horrorizadas e as casas aterradas sob metros de neve. Muito tempo atrás! Ainda bem que agora é verão. Mais escriba do que filósofo, talvez o que registre hoje não saia muito inteligível, pois nem reflexão consigo fazer

depois de 15 horas de voo. Além de estar com fome, peguei metrô errado e perdi dinheiro nos tickets que comprei, pois não me atentei para o canhoto promocional com 10 passagens. Às vezes ‘macaco velho’ também se engana. Ainda tenho que comprar o jornal do dia e verificar os endereços do QG central dos jogos. Longa jornada! A dois dias antes do início do evento; portanto, ainda tenho tempo para mapear o terreno. (Registro de campo, 21 jul. 2011).

Minha participação no evento foi gestada ainda durante o ano de 2010, quando tomei conhecimento, por intermédio, de meus sujeitos da pesquisa na Europa, que haveria competições regionalizadas do continente americano, em território canadense, em 2011. Contando com a participação de, aproximadamente, 1.000 atletas, Vancouver recebeu a maior parte deles do próprio país fronteiriço. Havia poucos estrangeiros e, quanto aos latinoamericanos, muitos vivem fora de seus países de origem há certo tempo<sup>1</sup>.

Sem intenção de competir, mas de observar os bastidores do evento, inscrevi-me como conferencista e também paguei a taxa mínima de participação por esporte, o que me daria acesso não apenas à conferência, mas também às instalações esportivas (como pista de atletismo, piscina, quadras, campos e ginásios).

Eventos de grande porte tendem a ser mais restritivos quanto às áreas de deslocamento, ao passo que os menores não possuem controle rígido, ou podem facilitar tudo via um único “passaporte”, como a credencial em formato de cartão ao lado. Em Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, por exemplo, as áreas de acesso são divididas por letras alocadas nos crachá pessoais, agregadas a símbolos como os de



Figura 2: Credencial dos jogos.

---

<sup>1</sup> Foi o caso do mexicano CV e do brasileiro RT, corredores de atletismo, os quais acompanhei durante toda a semana de competições. Ambos moravam nos Estados Unidos há mais de dez anos.

“passagem liberada” (sinal de infinito) ou “área de imprensa”.

Assim, o pesquisador que se propõe a participar de eventos esportivos em busca da compreensão de práticas sociais nestes âmbitos, bem como se necessitar de sujeitos para entrevistar, deve ficar atento às condições e estratégias de acessibilidade.

Com *budget* de viagem limitado — entenda-se bolsa de pesquisa regular — a hospedagem se deu em albergue da juventude e as refeições eram feitas por mim, na própria cozinha deste local. Apesar de simples, a funcionalidade das instalações (quarto, banheiro, cozinha, geladeira, acesso à internet e biblioteca de leitura) e mesmo sua localização na cidade, possibilitaram-me maximizar o tempo e organizar bem as atividades e deslocamentos<sup>2</sup>.

O albergue Downtown Vancouver localiza-se na região conhecida como *Davie Village*, “gueto gay” do bairro de West End. O nome da área vem da Davie Street, principal rua ao longo da qual se localizam os principais estabelecimentos comerciais do pequeno distrito, que concentra a maior quantidade de residências e comércios voltados ao público gay-lésbico.

Essa região foi um local de resistência contra a intolerância à homossexualidade, no final dos anos 1960. Ali começou a se formar “secretamente”, segundo expressa Jeff Lee (2011), uma área comercial e residencial de forte concentração homossexual, que foi se desenvolvendo lentamente para dar suporte a esse grupo. Atualmente ainda ponto de referência, tal área ressentiu-se de certa decadência devido à transferência de jovens famílias chefiadas por homossexuais e suas crianças adotivas a subúrbios distantes do centro, uma vez que, segundo ele, “ser gay em Vancouver não é mais sinônimo de

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, a pesquisa atingiu os “sujeitos possíveis”, dentro também das possibilidades materiais (financeiras) reais para sua realização. Digo isso, pois com recursos limitados, tive acesso a um sujeito “classe média” que participa dos jogos. Não consegui, por razões óbvias, entrevistar atletas gays “super ricos”, daqueles que ficam em hotéis de luxo, alugam carros caros, desfilam com *scort boys* executivos, compram jóias e objetos de arte em tais ocasiões. Ao contrário de Diana Lima (2007), que realizou etnografia com os “emergentes da Barra” (a nova “elite” de um bairro do Rio de Janeiro) e tinha uma ampla rede de relações que a colocou em contato com tal segmento, eu não conheço/conheci esportista gay algum com tal *status* socioeconômico. Uma problemática interessante seria pensar as competições esportivas LGBT a partir da ótica do consumo irrestrito que disparam em alguns destes sujeitos. Essa é, no entanto, uma temática que extrapola os limites desta pesquisa.

‘identidade’ e de ‘estar entre iguais’, mas apenas mais uma moda no mundo”. Como expressa em outras palavras,

No longer does being gay mean having to hide one’s sexual orientation or live in the West End among other gays for moral and physical support. [Because] [...] being gay is also no longer synonymous with haunting the neighbourhood bars and nightclubs (LEE, 2011, p. E1).

A seguir há um mapa do pequeno “gueto gay” vancouveriano, definido no entorno da principal rua da região de West End, a Davie Street:

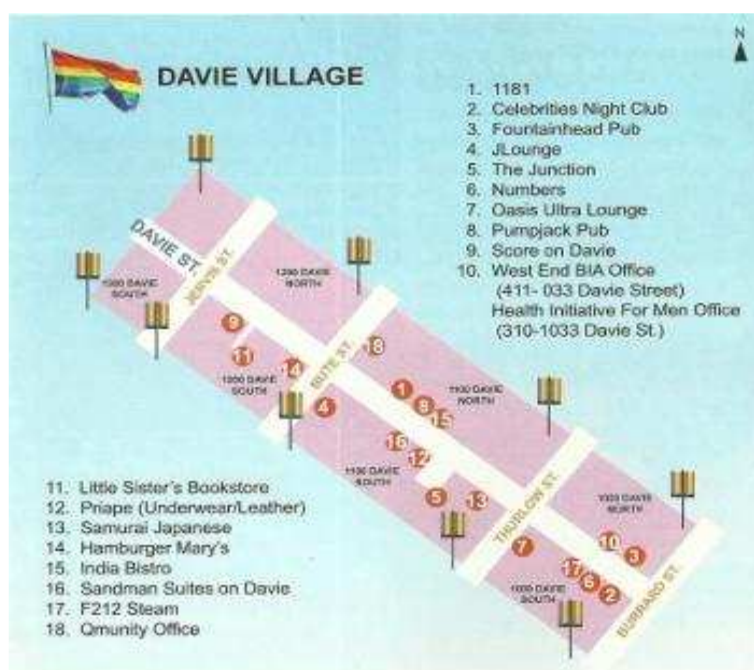


Figura 3: Davie Village: circunscrição e estabelecimentos comerciais (Vancouver, West End).

Fonte: Gay Friendly Vancouver “In Town Guide” (2011).

Para quem atravessa uma das pontes que liga a cidade a seu centro (*downtown*), chega a West End e a tal “gueto gay”. Assim como na representação gráfica, nas cercanias há bandeiras do arco-íris, sinalizando a zona *gay friendly*. Caminhando no sentido noroeste, de ambos os lados da Davie Street, encontram-se estabelecimentos como restaurantes, bistrôs, lojas de roupas, saunas, casas noturnas (discotecas) e bares, além de livrarias e postos de saúde, todos eles representados na

legenda da ilustração e por números dentro de círculos vermelhos no mapa. A grande parte destes locais oferece, gratuitamente, guias (revistas), folders, mapas e cartões do “circuito” comercial em suas entradas.

No caso, a *Davie Village* surgiu no decorrer da década de 1980, mas os investimentos só vieram mais tarde, impulsionados pelo potencial “consumista” do público-alvo:

it wasn't until the 1990s, following the publication of two groundbreaking reports tracking gay purchasing power in the United States, the so-called “pink dollar”, that companies north of the border began to wake up to a business potential that had previously gone untapped (HANSEN, 2011, p. C3).

A formação dessa área não é exceção no processo de urbanização das grandes cidades, particularmente nos países desenvolvidos do hemisfério norte, que tiveram parte de seus territórios transformados em “guetos”, étnico-raciais, sociais e sexuais. Wacquant (2008) deslindou as etapas históricas de formação dos guetos e, mais especificamente, Levine (1998) descreveu a formação do “gueto homossexual” e suas lógicas de estruturação [Territórios Marginais].

Fiz minha *accreditation* e penso que tudo está pronto para o início da semana de competições. Os locais foram identificados e já tenho os endereços. Amanhã sigo para a abertura do evento na prefeitura; depois confiro o início do voleibol no ginásio ao final da Burnaby [highway], vou ao coquetel no fim da tarde e faço contatos para entrevistas ao longo da semana. Por uma questão de logística de deslocamento e de otimização de tempo, o atletismo será a modalidade escolhida para todos os dias. Com tempo tão exíguo, só penso no que dizia o prof. Horst Strokendl em seu workshop: “methodological work is based on details! (Registro de campo, 24 jul. 2011).

A secretaria geral dos jogos de Vancouver estava montada no *hall* de uma das torres do Sheraton, hotel cinco estrelas e oficial do evento, localizado também em West End. Ali se hospedavam, segundo informações do próprio comitê organizador, a maioria dos participantes das competições e da conferência. O presidente da organização dos Outgames em Vancouver, John Boychuk, disse, em entrevista coletiva na cerimônia de abertura, que o evento só foi possível devido ao trabalho de “três anos e meio e milhares de horas dispendidas de sete voluntários”. (Registro de campo, 25 jul. 2011). Sobre o orçamento, de acordo com Thomas, uma dada quantia da verba veio da municipalidade e a maior proporção de patrocinadores privados:

[...] the current BC [British Columbia] Liberal government contributed \$ 75.000 towards the sports events and \$ 81.000 for the human rights conference for the Vancouver Outgames 2011. The rest of the \$ 1.25 million budgeted was paid for by a combination of athletic registration, corporate sponsorship, donations and ticket sales (THOMAS, 2011, p. A4)

Os apoiadores e os patrocinadores do evento estavam divididos em categorias e em níveis de doação. Grandes somas de dinheiro classificavam-se nos níveis “diamond” (diamante) — como as advindas da província British Columbia e da prefeitura da cidade de Vancouver — e “platinum”. Outras quotas de patrocínios menores distribuíram-se em “gold”, “silver” e “bronze”. Demais ajudas eram reconhecidas como parcerias, auxílios, apoios e descontos aos participantes. Interessante é a classificação dos termos de adesão às quotas como se fossem prêmios esportivos. De suporte geral, estavam as 23 associações esportivas LGBT da cidade, que se responsabilizaram pela divulgação do evento, bem como no “recrutamento” à participação.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> As principais associações e entidades são: *Vancouver Gay Volleyball* (VGVA), pelo número de participantes; a *Vancouver Outdoor Club for Women*, pela concentração de atletas do gênero feminino; a *Vancouver Front Runners*, pela envergadura internacional, pois os *Front Runners* correm em várias maratonas e provas de longa distância no mundo; e a *Rogues Rugby Football Club*, por ser a fundada mais recentemente e um clube de rugby que convida tanto homens, quanto mulheres, idosos e transgênero a praticarem a modalidade. Dados extraídos de “The Gay and Lesbian Business Association of British Columbia” (2011).

Minha viagem ao Canadá para a participação nos Outgames norte-americanos tinha um propósito especial. Pretendia analisar se o formato de uma competição determina o nível de competitividade nela executado. Explico melhor: o formato do Gay Games passou a ser muito criticado, há alguns anos, devido à ênfase demasiada no alto nível esportivo e no caráter competitivo do evento. Por isso, um grupo dissidente que reunia europeus (ocidentais, principalmente) e canadenses elaborou a um modelo “alternativo”, que buscava mesclar arte (cultura) e direitos humanos (conscientização política), além de práticas esportivas (ou, no limite, esportes). Surgem, assim, os “Outgames”, modelo de competição que culminou na organização e realização do I Jogos Mundiais LGBT, em Montreal, em 2006 [World Outgames]. Portanto, uma competição esportiva mais “alternativa” em território norte-americano estimularia que tipo de performances esportivas dos atletas e que tipo de discursos? O evento seria influenciado mais pela “concepção ideológica” dos Outgames — afinal era uma de suas versões menores — ou a proximidade com os EUA e com a FGG exerceria alguma ênfase no nivelamento competitivo do evento? Mais *having fun* ou mais “discurso assimilacionista” em relação ao esporte comercial?

As competições ocorreram em seis dias e foram divididas em “esportes convencionais” e “atividades recreativas”. Observe a tabela:

TABELA 3 – ESPORTES E PRÁTICAS ALTERNATIVAS NO OUTGAMES (VANCOUVER – 2011)

<b>Esportes Convencionais</b>	<b>Atividades esportivas alternativas</b>
10 km Corrida de rua	<b>4 km de caminhada</b>
Atletismo	<b>“Dance sport”</b>
Badminton	<b>Desafio ecológico</b>
Futebol	<b>Poker – Texas hold'em</b>
Golf Softbol	<b>6 m de escalada vertical</b>
Tênis de campo	
Voleibol	



Dos “esportes convencionais”, a corrida de rua e o atletismo foram os que mais atraíram participantes. Inclusive, o evento da corrida era aberto ao público externo. Das “alternativas”, as que mais chamaram atenção foram o “Eco-Challenge” (trilha, ciclismo, canoing) e o “Desafio vertical” (escalada de um paredão rochoso de 6 m), ambos entretenimentos característicos da cidade canadense<sup>4</sup>.

O atletismo, esporte que mais acompanhei, teve uma estrutura bastante amadora, como tendas e banheiros químicos instalados provisoriamente ao largo de um dos lados da pista oficial. Alguns “atletas de ponta”, como um dos *Front Runners* (grupo de corredores de São Francisco), reclamou que só estavam participando porque tinham se deslocado até ali, pois “nem competições escolares na Califórnia são tão precárias!” (Diário de campo, 26 jul. 2011).<sup>5</sup>

As modalidades encontraram-se distribuídas em várias partes da cidade, dependendo de suas especificidades. Assim, o “Eco-Challenge” (Desafio Ecológico) ocorreu nas trilhas do Lost Lake, o vôlei no Centro Esportivo Harry Jerome, em Burnaby e o atletismo, futebol, tênis e softbol nas instalações da Universidade de Vancouver. As corridas de rua e a caminhada fizeram circuitos variados pela cidade (mais concentrados próximos da região da Davie Street) e o poker foi planejado para um centro recreativo, em Downtown. Apesar de ter me focado no atletismo durante todos os dias, acabei me deslocando ao ginásio de vôlei no segundo dia e assisti a dois jogos de futebol do Rain City Soccer Club, de Seattle (EUA).

Num dia de sol tórrido, sob um céu sem nuvens, iniciam-se as provas do atletismo. Péssima

---

<sup>4</sup> Apesar de um dos organizadores das “provas alternativas” ter dito que a função de constar no programa dos Outgames é esportivizar as práticas ecológicas disponibilizadas, isso será muito difícil de ser empreendido, por dois motivos básicos: 1) não há apelo de público para a prática – por exemplo, é o que acontece com o wrestling (luta livre), que tende à extinção dos programas esportivos; e 2) nem todas as cidades onde os jogos se realizam têm infraestrutura necessária para desenvolver modalidades “alternativas” – por exemplo, atividades de escalada em locais onde não há encostas teriam de ser, necessariamente, *indoor*.

<sup>5</sup> Pude presenciar uma cena que deflagrou esse caráter “amadorístico” a que se refere o corredor: a colocação obstáculos para a prova do *steplechase* (3 km sobre obstáculos) que, para qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento técnico das marcações do atletismo, seria facilmente identificado o local pelas marcas nas beiras da pista (plaquinhas luminosas explicativas). Contudo, a prova foi atrasada em 30 minutos porque os voluntários não sabiam onde e nem como, exatamente, colocar as barreiras.

situação do tempo, principalmente para as corridas. Caminhava sozinho no longo percurso entre o terminal de ônibus da Universidade de Vancouver e o centro de esportes, quando fui abordado por um atleta, também participante dos jogos, e também perdido na terra estrangeira. Sem muitas placas de direcionamento, no meio do amplo campus arborizado e verdejante, seguíamos nossa bússula intuitiva à procura do formato ovalado e do cheiro de borracha aquecida, causa do regozijo dos que se aventuram no atletismo. Logo avistamos uma placa que indicava “Track & Field”. Foi aí que trombamos com um grupo de corredores, no qual havia alguém que sabia onde era a entrada e a mesa de confirmação de inscrição. E, quando percebi, sem querer já estava enturmado. (Registro de campo, 27 jul. 2011).

Desse casual contato inicial entre competidores do atletismo conheci CD, “negro”, alto, americano, 41 anos, ex-atleta semi-profissional e militante da “causa LGBT”, segundo me disse. CD teve uma trajetória longa no esporte competitivo convencional. Participou do atletismo americano durante doze anos, chegou a um nível de expressão continental e logo se aposentou. Mesmo “quarentão”, diz continuar competindo com o “prazer de um adolescente”. Quando elogio sua jovialidade, CD reproduz o senso comum, dizendo que “Black athletes don’t look like old guys”. Sua relação com o esporte LGBT tem cerca de quinze anos e ele só passou a militar com maior ênfase após o *coming out*, que ocorreu junto ao técnico da equipe de atletismo de Houston. Segundo me disse, o técnico foi o primeiro a ter conhecimento sobre sua orientação sexual, uma vez que nem “a mãe sabia de nada”.<sup>6</sup>

Contou-me que, em sua vida no atletismo, encontrou vários casos de atletas que eram gays, os quais mantinham “a vida sexual em segredo”, algo que, como reporta Eve K. Sedgwick (2007), refere-se ao “segredo da sexualidade”. Disse que, certa vez, teve um caso com um velocista e que nunca entendeu o porquê do então parceiro não sair do

---

<sup>6</sup> Eric Anderson (2005) relata como o técnico e a equipe são, em geral, os primeiros a ser comunicados sobre o *coming out* (saída do *closet* ou do armário) de um atleta. Muito comum na cena esportiva norte-americana, o *coming out* faz parte dos rituais de homossexualidades no meio esportivo.

*closet* e se assumir. Na época já tinha tido o seu *coming out*, mas não soube entender o “medo” do parceiro. Ele considera que “quando se mostra eficiência atlética, nada mais importa. Orientação sexual não está na agenda de considerações”. Nesse sentido, CD reafirma os mesmos padrões de saída do *closet* que marcam, em geral, as histórias da sexualidade no meio esportivo [Saída do Armário].

Sua primeira participação em uma competição dos Gay Games foi em Sydney/2002. Lá conquistou algumas medalhas e passou a ser conhecido no meio LGBT. No decorrer desta última década, envolveu-se com a política, que afirmou ser “sua paixão”. Participou da criação da GLISA e hoje faz parte dessa associação e de sua filial, GLISA North American (entidade responsável pelo esporte LGBT na América do Norte). Mas ressaltou:

Eu quero competir, não quero que tudo se resuma a política. Não acredito na junção dos jogos [em 2018]. A organização conjunta entre Gay Games e World Outgames é um engodo [*it's a trick*]. Os WOG vieram pra ficar. Esse *working group* é uma enrolação para ganhar tempo<sup>7</sup>. Se depender de mim, vamos apostar na continuidade dos Gay Games hoje e sempre. (Conversa com CD, 27 jul. 2011).

CD é a favor e defende a existência de dois circuitos de competição internacional, com periodicidade quadrienal, pois considera que ter oportunidades para competir uma única vez somente a cada quatro anos é insuficiente. Para ele, o movimento esportivo LGBT deve modelar seus encontros competitivos à semelhança do convencional, com Jogos Olímpicos, Mundiais, Jogos Continentais, Nacionais e Regionais. Isso equacionaria uma “demanda reprimida por competições” por parte do segmento LGBT, segundo me relatou.

O último tópico abordado em nossa conversa foi a questão do “circuito de festas” existentes, costumeiramente, por ocasião dos eventos. CD assim se expressa:

---

<sup>7</sup> É sabido que, por sugestão do grupo de Berlim nos idos de 2009, os eventos de chancelas “Gay Games” e “Outgames” deveriam se juntar a fim de organizarem uma única competição esportiva internacional. Para isso foi composto, em fins de 2010, um *working group* internacional (grupo de trabalho mundial), com paridade de membros entre as duas associações que os organizam, a FGG e a GLISA [Ocupação e Subversão].

Olha, vou direto ao ponto [*I gonna go straight to the point!*], disse enfático. Não sou cristão, tampouco religioso, algo que me colocaria como conservador ou retrógrado. No entanto, eu considero que esporte é esporte e o resto é resto. **Enquanto rola a semana de competições, de jeito algum deveria haver festas. Isso é para amadores!** Quem foi e é atleta sabe do peso de uma competição, da responsabilidade e do empenho nos treinamentos. Festas são ambientes fúteis, para bebida e sexo, *right?* Isso não tem a ver com esporte. Essa é minha opinião. (Conversa com CD, 27.07.2011, grifo do autor).

“Festas são para amadores”, diz. Assim profissionalismo rivaliza com o amadorismo reinante, em sua opinião. Longe de estar resolvida, esta relação *esporte-festa* (com potencial referência a sexo nela imiscuída) ainda perdura nos discursos e nos posicionamentos dos atletas, dividindo opiniões perante a própria atuação no esporte LGBT. Mesmo quem se omite, se pronuncia. Para CD, o amadorismo está para a festividade, assim como, suponho, o profissionalismo (ou a responsabilidade perante dada atividade) estaria para o esporte-competição. Em realidade, por trás de um discurso de “mais eficiência e menos frivolidade”, encontram-se “valores” pretensamente hegemônicos do esporte, reproduzidos por aqueles nele “oprimidos”. Novamente Anderson (2005, p. 37) destaca:

Gay athletes are not consciously aware of their blind acceptance of the virtues of sport, they have merely embraced the orthodox model of sport because the hegemonic underpinnings of sport have prevented them from critically examining the effect sport has on society and on the stigmatizing of homosexuality.

Este autor considera que hegemonia do esporte, como valor necessário para o “ser homem”, é tão persuasiva, que passa despercebida pelo exame crítico dos atletas, eles próprios oprimidos por ela. Dentre estes estão, obviamente, os gays. Por isso, arrisco parafrasear Brian Pronger quando defende que a emergência do discurso homofóbico no

meio esportivo para homens/atletas heterossexuais “previne” a expressão do potencial desejo homoerótico (PRONGER, 1990) e para os homossexuais sedimenta a opressão e marginalização destes (e de mulheres) em relação a outros homens/atletas heterossexuais [Saída do Armário, Novos Modelos de Prática Esportiva].

Um dia bastou para que todos na pista de atletismo identificassem quem era o pesquisador brasileiro que observava os jogos gays. Não que eu chamasse atenção. Discreto, ficava de canto em canto, entre as provas de pista e as de campo, apenas observando, tomando notas e, vez ou outra, conversando com alguns desavisados perambulantes sobre temas desconexos, como ‘esporte gay’, ‘homofobia’, ‘locker room’, ‘marcas e recordes’, que se para eles não tinham sentido, para mim ajudavam a completar o imenso quebra-cabeça investigativo. O desfarce de atleta (shorts e camiseta, tênis, mochila a tiracolo, *squeeze* de água) me beneficia nestes locais. Assim como meu corpo ainda se adequa ao “esperado”, não tinha problema em circular sendo uma “exceção” no meio. Tais álibis são perfeitos para o início de um contato. Na cerimônia de premiação do atletismo, na confusão da entrega das medalhas, o americano velocista, admirador de *bears* (gays peludos e gordos), veio ter comigo e me disse que um brasileiro me procurava e me perguntava se eu queria entrevistá-lo. Ora, não tendo identificado brasileiro algum, fiquei curioso em saber de quem se tratava. (Registro de campo, 29 jul. 2011)

Quando conheci RT, recordei-me que houvera cruzado com ele na pista de atletismo *hanging out* com outros atletas, mas não sabia que era brasileiro. “Moreno-jambo”, 46 anos, atleta de provas de velocidade (100, 200 e 400 metros), ao avistar-me, soltou um espontâneo: “fala aí, brasileiro safado!”. Nenhum boné ou camiseta me identificavam como “brasileiro” e a não ser os burburinhos de boca a boca sobre “o pesquisador na pista de atletismo”; nada naquele contexto diria o contrário ou me poria rótulo algum. O chamamento “safado” e a

intimidade que ele evocava, por outro lado, não faziam sentido, haja vista não nos conhecermos até então. Deixei de lado qualquer má impressão sobre RT e decidi conhecer um pouco de sua trajetória de vida.

Nascido em Belém do Pará, em 1964, morou na cidade até 1985, quando se mudou para Manaus a fim de tentar emprego em “qualquer coisa que pudesse fazer”. De artesanato a atendente de hotel, acabou cursando o preparatório para comissários de bordo. “Na época”, comentou, “todo mundo queria trabalhar na Varig e eu me animei”. Voar, para ele, transformava-se não apenas em possibilidade concreta, mas em realização do sonho: voar para longe de sua realidade.

Foi assim que logo voando trechos longos nacionais, surgiu uma oportunidade de trabalhar na ponte aérea Rio de Janeiro-São Paulo e, então, RT foi transferido para o Rio de Janeiro. Em 1990, na virada do ano, “my dream came true”, conforme me contou, quando encontrou um norte-americano. O encontro despertou paixão, virou amor e o arrebatou loucamente:

Sabe, não sei te explicar bem, mas vou tentar. Aqueles olhos dele, azuis, assim, ó, grandes e arregalados, com os cílios longos, a pele branca, bem contrária da minha, né?, assim, né, tudo perfeito. Aquele homem me dizendo que me amava e tudo, e queria casar comigo e tudo, né? Bem, eu nem sabia o que falar. Eu falei, sim, né. A gente vive esperando uma chance dessas, né, daí quando aparece vou dizer não. Não dava [...]. (Entrevista com RT, 30 jul. 2011).

Não é novidade todo o “encantamento” com o estrangeiro gay em épocas de Reveillon e Carnaval, quando a cidade do Rio está repleta de turistas. Parker (1999) analisou a migração interna e a emigração de brasileiros gays para o exterior em seu importante estudo. Segundo ele, além do fato de o brasileiro ser inclinado a deslocar-se pelos espaços, “por natureza e tradição histórica”, as instabilidades econômicas vividas pelo país nos anos 1980 e início dos 1990 impulsionaram fortemente o fluxo externo — algo também constatado, de certo modo, por Assis (1999). Tal cenário afetou também, invariavelmente, sujeitos gays que “sonhavam” como RT. Em palavras do autor supra citado,

Both through short-term travel and tourism as well as more extended periods of migration and, in some instances, immigration, the interface between Brazil and the outside world has evolved as a process of interpenetration between intersecting social, cultural, and economic structures (PARKER, 1999, p. 196-197).

Importante lembrar que, apesar de atestar a possibilidade de que a “sexualidade” possa ter peso considerável na decisão pelo deslocamento (um “deslocamento sexual”, portanto) dos emigrantes homossexuais brasileiros por ele entrevistados, o autor diz que ela nunca é considerada sozinha para a saída de dada situação social e nem há, o que se poderia imaginar, uma “fuga sexual”. A atmosfera econômica e a situação social dos sujeitos participam em maior proporção da decisão para a migração/emigração.

Nos EUA, RT morou 10 meses em *Palms Springs* e conheceu um americano que o convidou para participar do VII Gay Games, em Chicago/2006. De início, e pelo seu físico muscularmente avantajado, sugeriu a modalidade *bodybuilding* (esculturação corporal), ao que ele prontamente recusou. Começou, então, a praticar atletismo, que, segundo me reportou, “era a única coisa que tinha aprendido na escola”.

RT tem uma vida esportiva bem ativa, participando, inclusive dos torneios *open* (abertos) de atletismo, no estado da Califórnia. Tem vínculo com a federação USA Track & Field e compete em todos os eventos do território nacional norte-americano. Além disso, possui técnicos esportivos designados por esta federação, e recebe, via email, planilhas de treinamento e de controle de alimentação, regularmente. No “currículo LGBT” tem participações (e muitas medalhas) em competições específicas.<sup>8</sup>

As marcas de RT não são tão altas em termos de rendimento, mas no “conjunto” apresentam certa diferença. Por isso que ele participa, costumeiramente, das “provas de conjunto”, ou seja, os chamados revezamentos, que permitem aos atletas com diferentes

---

<sup>8</sup> VII Gay Games Chicago/2006 (prata no revezamento 4x400m); I World Outgames Montreal/2006 (bronze nos 200m, ouro no revezamento 4x400m, no revezamento medley masculino e feminino); II World Outgames Copenhagen/2009 (ouro nos revezamentos 4x100m e 4x200m); VIII Gay Games Colônia/2010 (prata no 4x100m, ouro no 4x400m e 4x200m medley); II North American Outgames Vancouver/2011 (ouro no revezamento e bronze nos 100m).

características estarem no “agrupados” a os outros, a fim de que suas habilidades atléticas se combinem, focando o melhor desempenho. Outro detalhe é que sua participação nos revezamentos, na maioria das vezes, serve para completar a equipe e permita haver disputa, uma vez que, em geral, revezamentos são provas esvaziadas.<sup>9</sup>

No tocante aos esportes, a vida esportiva de RT não começou cedo. Caçula de três filhos, as prioridades eram os irmãos maiores, numa inversão que afirma não ter superado completamente. Segundo relata, foi um “filho não planejado” e, como a família era de classe social economicamente desfavorecida, acabou fazendo o que “tinha pra fazer” nos arredores de sua casa, como o futebol de “pelada” e o atletismo, nos programas de extensão da faculdade de educação física, da Universidade Federal do Pará. Para os irmãos, a família pagava escolinha de futebol para o mais velho e ginástica olímpica para o segundo filho.

Ah, foram tempos difíceis, sabe? A gente não tinha muito dinheiro e o que tinha era para eles [irmãos]. Nunca entendi de fato por quê. Às vezes achava que eu era o ‘pôblema’, outras nem sei... [pausa]. Mas minha mãe gostava muito de mim, sabe. Talvez ela sabia que eu era gay, sei lá. Ela nunca deixou eu sem nada, apesar de que ela entendia as regra[s] do jogo, né? O dinheiro era curto e era pra eles. O resto era para eu, ela e a casa. Então acho que era isso. Meu pai mesmo nunca foi ver eu competir. (Entrevista com RT, 30 jul. 2011)

O pai nunca esteve presente em algumas de suas competições, mesmo nos poucos campeonatos em que o filho atuou na tardia vida esportiva. Ao contrário, a família “se arrumava” toda para ir a uma apresentação do filho ginasta. O primogênito, mesmo jogando no Redenção (equipe de segunda divisão no Estado do Pará), tinha presença constante do pai nas arquibancadas, em dias de jogo. RT reclama que

---

<sup>9</sup> No linguajar nativo, sempre nos revezamentos há diferentes “tipos” de “homem”, como são chamados. Assim, há o “homem que fecha” (um *sprinter*, geralmente o mais rápido), o “homem que abre” (ou o de melhor arranque e explosão), o “homem da curva” (que consegue ter melhor desempenho nas curvas, principalmente no 4x400m). No conjunto, RB conseguia se alocar em algumas destas qualidades.



creceu sem um “role model” (modelo principal) de pai na vida. Enquanto o ouço, penso que a expressão em inglês por ele utilizada me mostra que só foi entender o que isto significava já quando vivia nos EUA; daí o conceito ser a mim explicado apenas na segunda língua: “cresci sem influência de figura masculina pra me amparar; cresci batendo a cara!”, expressa.

No decorrer da entrevista RT entrou em intimidades sobre as quais não tinha me pronunciado, nem requisitado. As historietas familiares, os primeiros amores, a descoberta tardia da (homos)sexualidade e o processo de saída do armário (*coming out*) definitivo, que começou a ocorrer na mudança de Belém a Manaus e, segundo percebi, se concretizou no Rio de Janeiro, cidade que significou “o desabrochar da vida gay”, mencionou.

Parker (1999) identificara dois movimentos migrantes importantes, quando analisa o panorama interno brasileiro, de uma cidade pequena para uma maior e logo para uma metrópole ou capital. Nesse sentido, RT “cumpriu” as mesmas etapas: primeiro Belém-Manaus, depois Manaus-Rio de Janeiro. Como o autor salienta:

Such movement seems to take place in steps or stages. The first stage is almost always intraregional, or even internal to a given state, with migrants moving from the interior to the capital city of a state or the major urban center in one of the five major geographic regions of the country (PARKER, 1999, p. 180).

Ainda em Belém, seus comportamentos reproduziam a masculinidade tradicional do sistema patriarcal, àquela aprendida nos anos de convivência entre os “machos” da família. Segundo me relata, “*nunca* fui afeminado, afetado”, por isso, “*nunca* sofri preconceito” [grifos meus]. O interessante é refletir sobre o advérbio “*nunca*”: não era afeminado porque era subjugado e assujeitado pelos outros três homens da família e, portanto, ‘nunca se expressava afeminadamente’ ou ‘nunca houvera sido’ afeminado, mesmo antes da convivência social com os irmãos/pai? Provavelmente, a primeira proposição, uma vez que, em sendo caçula, a segunda se torna inóqua.

A percepção dos “gays normalizados” (ou a negação inconsciente) sobre a ausência de preconceito a partir da própria

condição é muito comum, principalmente, nos advindos de culturas em que o machismo é imperante. E, nesse sentido, esta é característica bastante recorrente (mas não só) no Norte do país. Há alguns trabalhos que associam o “machismo” às culturas latino-americanas. Em outro texto, Parker (1991) problematiza o caso brasileiro e Klein (2000), por sua vez, diz que a maioria das pesquisas sobre este tópico se desenvolveram no México. Sobre o tema, este autor diz,

The behavioral traits most commonly associated with machismo include hypermasculine bravado and posturing, willingness to confront physically my perceived slight, domination of women and other men through act and language, drinking to excess, sexual conquest, and squiring children (KLEIN, 2000, p. 68).

Em terras norte-americanas a vida não foi fácil. Após os primeiros meses de “intense love”, começaram as brigas e as crises de ciúme do/no parceiro. Além de não ter arrumado emprego, o americano o sustentava e, nesse contexto, o controlava freneticamente. Quando veio a calmaria, pensou que tudo havia se encaixado, após o período de loucura do outro. E, certo dia,

Então ele chegou e não me chamou. Sento[u] assim no sofá – *mostrou-me o gesto de alguém que se senta reflexivo* – e disse: “estou com AIDS, R[...]”. Isso foi 1991. A gente não tinha dois anos de casado, sabe. E tudo aquilo acontecendo. Eu nem podia imaginar. Nem sabia o que dizer. Vou dizer o quê?, *me perguntou* [...]. (Entrevista com RT, 31 jul. 2011).

A contração do HIV deixou-o depressivo. O ex-namorado do então parceiro acabara de morrer de AIDS. À época, ainda era um período de mortandades pela contaminação com o vírus, relacionadas aos homossexuais. Não comia mais, dormia ou vivia como antes. Não mais “ligava” para o Brasil e deixou sua mãe preocupada.<sup>10</sup> A partir daí,

---

<sup>10</sup> Até hoje RT mantém o hábito de “ligar” de telefone para o país. Mesmo sabendo de novas tecnologias de comunicação em rede (como o Skype ou Voip), disse-me manter dito hábito. Nos EUA ainda se encontram nas famosas “groceries” multiplicidades infinitas de cartões

ficou uns “bons anos” sem voltar e deu, pessoalmente, para ela a notícia, pois “mãe é sagrado, né? A gente pode esconder tudo de todo mundo, menos da mãe”. Penoso foi, segundo conta, dizer as “duas verdades” ao mesmo tempo: “sou gay e tenho AIDS”.

O episódio disparou a ira contra uma situação indesejada de dependência do americano e a separação do cônjuge foi inevitável. O esporte tornou-se, então, um “remédio”, profetizou: “a partir daí comecei a me cuidar e não mais viver aquela vida promíscua que vivia”.<sup>11</sup>

Assim, voltamos ao atletismo, que tinha exercido um papel na pré-adolescência do brasileiro e, naquele momento, retorna como um porto seguro, uma finalidade de vida, um caminho a ser seguido, que lhe “distrairia a cabeça e ajudaria o corpo”. RT começou a praticar a modalidade em um grupo informal, local, composto por imigrantes, universitários, trabalhadores. Viajou a diversas localidades com a equipe de Los Angeles.

O mais paradoxal é que, ao mesmo tempo em que retoma as atividades relativas ao esporte que desenvolvia na juventude, também retoma o contato social com grupos que não tinham a ver com sua orientação sexual. Conforme diz,

Eles eram assim, tudo misturado. A gente tinha o apoio de um técnico, sabe, que aparecia de vez em quando, mas o grupo era coordenado por outros técnicos. Quer dizer, acho que eram estudantes de técnicos. Eles iam se formar ainda, acho. Mas eram bons. Eu sempre tinha meus treinos, nunca atrasava e treinava bem forte. (Entrevista com RT, 30 jul. 2011).

---

“Connected Calling Cards”, para todos os países do mundo. Assis (1999) também destacara a mesma característica em seus entrevistados brasileiros em Boston.

<sup>11</sup> Interessante notar que a contração do vírus, simbolicamente, foi a aquisição de uma “deficiência” para RT. Apesar de hoje estar plenamente adaptado à rotina de cuidados (alimentação, sono e exercícios físicos), ele proclama ter mudado o modo como se porta perante o mundo (gay ou hétero). O dividir os hábitos entre os “promíscuos” e os “não promíscuos” mostra bem o autojulgamento sobre si e sobre os outros, acerca de uma vida passada e uma presente. Guardadas devidas proporções, encontrei semelhantes posicionamentos entre pessoas com deficiências em minha investigação de mestrado, na vida das quais o esporte funcionava como esse “divisor de águas” entre “o antes” e “o depois” (CAMARGO, 2000).

RT começou a reeditar o modo de vida que tinha no Brasil, porém com um distinto detalhe: assumido e agora solteiro, voltava, gradativamente, ao “mundo do entretenimento gay”. Foi nessa fase que me narrou ter “conhecido mais do mundo gay do que qualquer outro período de sua vida”. No esporte, fugia dos momentos coletivos (festividades e encontros) e não gostava de encontrar outros iguais: as situações em que identificou outro gay no vestiário o deixaram “muito perturbado”, segundo comenta.

Tinha[m] as brincadeiras, né?. Digo, entre os atletas no vestiário. Essa coisa, sabe. Toalha molhada enrolada e, pum, na bunda. Eu nunca tinha vivido isso. E os americano[s] são meio assim, sabe, como vou dizer – *fica pensativo*. Não sei, mas tudo é sexo. Eles dizem que nós brasileiros pensamo[s] em sexo. Eles é que pensam; quando começava rolar algo estranho nas duchas eu dizia ‘vou nessa’, né. Senão[...] . (Entrevista com RT, 30 jul. 2011).

As brincadeiras são comuns em ambientes homosociais dos vestiários, saunas e banheiros, e, inclusive, a própria reação de RT a tais situações reproduz, em ampla escala, o que Pronger (1990) chamou de “paradoxo homoerótico”, ou seja, ao mesmo tempo em que estes ambientes colocam a socialização masculina como alvo, também despertam desejos homoeróticos (conscientes ou não), que devem ser massacrados (via homofobia) para afastar o potencial disruptivo do gesto afetivo-sexual entre “machos”.

A partir de 2006 RT passou a competir, paralelamente, em ambientes exclusivos para homossexuais e, para ele, “as competições normais são mais organizadas do que as gays”. À minha pergunta do motivo pelo qual ele mantém a participação em tais competições, mediante a desorganização e menor nível técnico, ele acabou se esquivando. Mas, mais tarde na conversa, percebi que a referência grupal (diria identitária), as múltiplas possibilidades (sexuais e de encontros) e as medalhas que conquista poderiam figurar como respostas favoráveis para a indagação.

Algo que o “irrita”, segundo me disse, é a presença de casais nos eventos esportivos. Para ele há mais casais homo-orientados em

competições LGBT do que casais héteros nos demais eventos em que participa,

**RT:** A maioria está interessada no esporte, sabe. Mesmo os casais ‘normais’ não ficam juntos durante a competição. Por que os casais gays precisam ficar de beijinho pra lá, beijinho pra cá?

**Eu:** Mas se você tivesse um namorado, também não faria isso?

**RT:** Não, claro que não. Eu tô lá pra competir. Eu não vou namorar na pista de atletismo.

**Eu:** Mas insisto, *digo mediante sua irritação*: não é isso que diferencia o esporte gay do outro esporte?

**RT:** Nem penso em sexo quando estou nas competições. Nem acho que tem a ver. Acho que estamos lá para competir. Mas depois que termina, aí é um Deus que nos acuda. Aí vou lá e também quero. Mas na competição, não. Fora da competição, ah, eu não perdô, não. Marcou toca perto de mim, já era. Nem os casados eu perdo. (Entrevista com RT, 31jul. 2011).

Nesse momento da conversa, não entendi a reação “virulenta” sobre a questão dos casais; talvez RT não tenha compreendido a pergunta. Referi-me a gestos afetivos compartilhados, não a sexo nas arenas esportivas. Ele não foi o único que entrevistei/conversei que afastava, peremptoriamente, a prática sexual do mundo do esporte, como se fora algo proibido, imaculado, restrito ao “depois” ou a “outro lugar” que não lá.

Se realmente o sexo e a sexualidade passam longe das arenas esportivas e para ele são elementos que não têm sentido, porque, então, andava flertando com atletas nos intervalos das provas, como constatei? Volto ao momento em que nos conhecemos e que ele me interpelou com um sonoro: “brasileiro safado!”. Para mim RT deixou claro que a arena esportiva, como qualquer outro lugar do mundo real, pode ser potencializadora de encontros e (até) de práticas sexuais. No entanto, a grande questão de quando se deseja reconhecimento de iguais é ficar do lado da norma, dos mais fortes, dos “corretos”. E para ele o esporte convencional é assim. A expressão esportiva LGBT é dissonante,

desviante, *queer*. A resistência interna de RT em relação às “competições gays” (LGBT) funciona para manter “intocado” o universo assexual do esporte, dividido do “jeito” que ele aprendeu, do “jeito” que muitos pensam que tem que ser: homens convivem e competem com homens; mulheres com mulheres. E para que mudar?

**Verbetes relacionados:**

Gay Games, Novos Modelos de Prática Esportiva?, Ocupação e Subversão, Saída do Armário, Territórios Marginais, World Outgames

## Práticas Esportivas Queer

[...] por que o esporte nunca foi considerado uma prática artística, ainda que com ela compartilhasse uma série de dimensões? (MELO; LACERDA, 2010, p. 113).

Meu propósito neste item é analisar o que entendo por “práticas esportivas queer”, distanciando-as do convencional “esporte LGBT” e interrelacionando-as com as ocasiões festivas, importantes elementos de (homos)sociabilidade relativos à coesão grupal.

Para perceber as fissuras, fronteiras e as potencialidades daquelas práticas, pretendo compreender melhor como tal ambiente esportivo se estrutura, uma vez que as competições atléticas permitem, segundo Costa (2009, p. 17), “[...] pensar na possibilidade de compreender o esporte, e as representações criadas em torno dele, a partir do ambiente no qual é praticado.” Antes de prosseguir, pretendo tecer algumas ressalvas de maior amplitude.

Os torneios esportivos LGBT analisados por mim são eventos de alcance global e, frequentemente, organizados por duas entidades internacionais. As Olimpíadas Gays (ou “Gay Games”), como já mencionei, são realizadas pela Federação dos Gay Games (FGG), a cada quatro anos, em co-organização com a cidade-sede detentora do direito de realizar o evento. Por sua vez, a Associação Esportiva Internacional de Gays e Lésbicas (GLISA) passou, desde 2006, a organizar o campeonato mundial denominado World Outgames, também num calendário quadrianual, e que se estabeleceu como uma nova referência em termos de torneio mundial.

Tais eventos se inserem no “sistema esportivo global” (RIAL, 2008) e, mesmo em escala menor se comparados às Olimpíadas e à Copa do Mundo de Futebol, são um produto da Modernidade assim como o esporte moderno o é (ELIAS, 1994). Do mesmo modo com que esse último foi difundido e apropriado de distintas maneiras no mundo, as competições LGBT funcionam como projeto político de (re)invenção e (re)afirmação de ficções identitárias sócio-sexuais [**Circulação e Desejos**].

São eventos denominados “culturais e esportivos”, que oferecem variadas atividades e, dentre elas, o esporte-competição é o carro-chefe, sendo que no formato “Outgames” há uma Conferência de

Direitos Humanos LGBT inserida no programa [World Outgames]. O público de tais competições é bem heterogêneo, sendo as atividades praticadas por sujeitos que se auto-identificam como *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexuais e *queers*.

Historicamente, nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e alguns poucos países da Europa Ocidental, tal expressividade esportiva tem certa tradição histórica, datando de início dos anos 1980. Outros países, sem tradição na realização destes eventos, emergem como bastante interessados em seu desenvolvimento — notadamente Brasil, Filipinas, México e Argentina figurariam como tais.<sup>1</sup>

Variando em nível técnico (*performance* atlética), ainda há torneios de menor porte, que podem ser divididos em *locais* (como jogos municipais ou apresentações recreativas e ocasionais por fatores de comemoração de eventos)<sup>2</sup>, *nacionais* (como, por exemplo, o I Campeonato LGBT da Bolívia)<sup>3</sup>, *regionais* (estendendo-se por uma ampla área, como a Copa ASVOG<sup>4</sup> ou o II North American Outgames), e mesmo *continentais* (como os EuroGames).<sup>5</sup>

Ao passo que em competições esportivas globais como Copas do Mundo de Futebol ou Jogos Olímpicos (e, por conseguinte, nos Jogos Paraolímpicos), o local e o global se articulam na construção dos discursos identitários (GASTALDO, 2007), em competições LGBT há um processo similar, porém não exatamente idêntico: há grupos que vestem camisas representativas de suas cidades e grupos que vestem as cores nacionais. No torneio de voleibol dos últimos Gay Games

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, ao menos no Brasil, há em gestação algumas preocupações do governo federal em reconhecer, em documentos oficiais das Conferências Nacionais LGBT, o esporte como parte do desenvolvimento cidadão LGBT (BRASIL, 2008).

<sup>2</sup> Para comemorar o Orgulho Gay, Florianópolis realiza todo ano os “Diversity Games”, ou Jogos da Diversidade, que acontecem geralmente em três dias, no calendário de eventos. Porto Alegre, seguindo a mesma lógica, organiza os “Jogos Gays Gaúchos”. Outras iniciativas já ocorreram em Curitiba, Brasília e Salvador.

<sup>3</sup> Bolívia terá campeonato de vôlei LGBT. A CAPA. Disponível em: <[http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5213&target=\\_blank&titulo=Bol%EDvia+ter%E1+campeonato+de+v%F4lei+LGBT](http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5213&target=_blank&titulo=Bol%EDvia+ter%E1+campeonato+de+v%F4lei+LGBT)>. Acesso em 25 jul. 2008.

<sup>4</sup> “Asociación de Volleyball Gay” (TOMAZ, 2008).

<sup>5</sup> São as competições que ocorrem entre os países europeus, em geral, a cada dois anos ou quando não se tem outro evento esportivo específico internacional, como os mencionados anteriormente. Tal decisão sobre sedes, datas e viabilidade na realização são discutidos pela Federação Esportiva Europeia Gay e Lésbica (EGLSF), cuja assembléia é anual, em algum cidade/país escolhidos na mesma ocasião. A do ano de 2011 foi realizada em Frankfurt, Alemanha, de 03 a 06 de março, onde estive presente. A edição de 2012 será sediada em Split, na Croácia.



(Colônia/2010), por exemplo, ao mesmo tempo em que podiam ser encontradas equipes como “Magnum Houston” ou “London Volley” (representando, explicitamente, as cidades), havia também outras como “Wonder Thai” e “Aztecas Mexico”, em referências, respectivamente, à Tailândia e ao México.

Essa flexibilidade de representação é permitida nesses contextos. Os discursos sobre “ser brasileiro”, “ser mexicano” ou “ser tailandês” — só para citar alguns dos que os encampam do ponto de vista nacional — são essencialismos “identitários” e apenas estabelecem fronteiras entre “o eu” e “o outro”. Como as identidades nacionais não podem ser tratadas de forma monolítica ou estável (HALL, 2003) e a problemática em torno das “identidades de gênero” ferve no conjunto dos discursos individuais e coletivos, ocorre em competições LGBT o que se pode designar como “dessacralização dos sentimentos nacionais” (SOARES; VAZ, 2009). Ou seja, aquilo que é um ponto importante de estruturação e de manutenção das ‘paixões coletivas’ no esporte convencional, em escala planetária — inclusive movimentando bilhões de dólares em produtos, imagens e serviços que representam a nação — no caso daquelas competições é inexpressivo, pois os “sentimentos nacionais” quando aparecem, estão completamente fora do panorama midiático (APPADURAI, 1994; RIAL, 2008) e mesmo das lógicas mercadológicas esportivas globais.

Por apresentarem a característica de eventos globais, e serem amplamente atendidas por atletas de todos os continentes, tais eventos configuram-se como um estímulo para refletir sobre processos de territorialização/desterritorialização de gênero e de itinerância de desejos, como salientei em outro momento [Circulação e Desejos].

E no nível da prática atlética, o que exatamente acontece?

*Hey boy*, desde que o mundo é mundo e eu participo dos Jogos Gays que há *sissies* (“bichinhas”) e *butches* (“machorras”). Eu, na verdade, já passei dessa fase. Não importa muito para mim quem está de saia ou de *shorts*, de *topless* ou sem cueca. Sou de uma geração que isso tudo não existia e, para mim, isso tudo aqui hoje é o “paraíso na terra” (*wonderland*)! Eu quero correr pelado! (Entrevista com DJ, 30 jul. 2010).

Apesar de dividir o mundo esportivo LGBT encaixando os sujeitos em estereótipos, DJ (58 anos, norte-americano, “branco”, praticante de *powerlifting* e *bodybuilding*) trouxe, no depoimento acima, a vontade de fazer algo diferente em tal contexto esportivo. “Correr pelado” no âmbito de nossa conversa, não era uma referência apenas ao ato em si, mas designava sua vontade de transpassar fronteiras que engessam expressividades atléticas no campo das práticas LGBT. Na época com 58 anos (em 2010), as competições LGBT não existiam quando ele era jovem e, participar delas hoje e com possibilidade de exercer “certo charme” (segundo verbalizou), o deixa bastante entusiasmado.

Resgatei tal fragmento como inspiração para tentar decompor o esporte LGBT e entender por que, segundo minhas considerações críticas, pretendo transformá-lo e denominá-lo (ao menos teoricamente) de *práticas esportivas queer*. A primeira desconstrução que faço é a que diz respeito ao termo “esporte”. À semelhança de Costa (2009), por entender que são exatamente *práticas corporais com finalidades esportivas* as que são desenvolvidas pelos sujeitos *queer*, proponho que sejam denominadas “práticas esportivas”. O autor considera o esporte universitário como “práticas esportivas universitárias”, uma vez que seria “[...] mais coerente com algumas atividades que não poderiam ser classificadas como esporte, mas são disputadas como se fossem” (COSTA, 2009, p. 31-32).

Seriam, assim, “práticas esportivas LGBT”? Não exatamente. Já destaquei, em outro momento, que discordo do aglomerado invisibilizador das letras “LGBT”. Mas que termo, então, utilizar? Proponho falar em “práticas esportivas queer” e, para tanto, me utilizarei, novamente, de uma importante contribuição de Costa (2009).

Esse antropólogo brasileiro estudou os torneios universitários e identificou que os estudantes realizam as “práticas esportivas tradicionais”, dentre as quais as modalidades coletivas são as mais comuns (vôlei, basquete, futebol e até rugby), e organizam, igualmente, o que denominou de “práticas alternativas ou excêntricas”, isto é, formas do fazer/praticar distintas do estabelecido pelas regras e que não apenas geravam participação, como eram momentos de descontração, também apreciados pelos estudantes. São os casos, por exemplo, da “maratoma” (uma corrida em que há o consumo de bebida alcoólica durante um dado percurso que deve ser cumprido), do “4 x 100 roupas” (uma corrida de

vezamento onde competidores correm pelados e as mulheres, no máximo, só podem correr com pequenas peças de roupas) e do campeonato de “bola-beque” (uma prova que testa a agilidade em montar um cigarro de maconha, fumá-lo e proclamar alguns dizeres nativos).

Os sujeitos LGBT apresentam certa resistência (mas não por falta de habilidade) em propor práticas alternativas em seus cenários esportivos, uma vez que há forte sentimento assimilacionista e reprodutor dos cânones mantenedores do esporte *mainstream* [Ocupação e Subversão]. Todavia, não estariam afastadas as possibilidades de uma prática dissonante, ou em meus termos, *queer*.

Na sexta-feira cheguei para a natação como nos demais dias. Na verdade, não tinha mais motivos para ir, mas havia prometido a AJ que o veria nadar o 1500 m livre. Ele disse que a prova é chata; porém é só um apoio moral. Ao chegar, uma *drag queen* pediu-me um ingresso e não entendi. Então me disse que, se não tinha era preciso pagar 20 euros e adquiri-lo na bilheteria. Paguei e entrei. Logo o *show* começou e um grupo de rapazes entrou na piscina como se fossem fazer um nado sincronizado, porém masculino. Estavam vestidos com maiôs avermelhados, cheios de lantejoulas *pink* e pedrinhas brilhantes prata. Na cabeça, toquinhas de plástico. Achei o visual cômico, mas aguardei para ver o que rolaria. (Registro de campo, 31 jul. 2010).

O *show* a que me refiro chama-se “Pink Flaming” e é bastante popular nos Gay Games. É uma espécie de nado sincronizado, porém com homens. Durante a apresentação coreografada à base de uma *dance music* bastante conhecida do público, os atletas caracterizados com maiôs e toucas femininas faziam movimentos ritmados, simultaneamente dentro-fora da água. A apresentação acontece, tradicionalmente, no último dia de competições na natação e é atração geral, um momento de descontração, de risos e de confraternização entre nadadores e espectadores. Nas duas edições “olímpicas” em que estive,

apenas presenciei esta que seria, nos dizeres de Costa (2009), uma “prática excêntrica” ou “alternativa” entre atletas LGBT.

Em todo o trabalho de campo e mesmo na literatura consultada sobre competições e jogos LGBT, quase inexistentes foram os momentos em que identifiquei alguma atividade que não fosse esportiva *strictu sensu*, assentada em padrões convencionais. Encontrei a menção de Pronger (2000), que reconhece a existência de “clubes gays” de luta greco-romana onde o objetivo das contendidas é sexual; no entanto o teórico estadunidense apressa-se em dizer que de modo algum há tal intencionalidade materializada nos Gay Games.<sup>6</sup>

Portanto, defendo que um devir disruptivo, atrelado a imensa diversidade que existe entre os sujeitos participantes deste mundo esportivo, poderia propor que tal fenômeno pudesse ser considerado como *práticas esportivas queer*.

## **Resultados e marcas: algumas comparações objetivas**

A seguir apresento uma tabela composta por mim com os principais resultados dos Gay Games e dos World Outgames, em algumas provas do atletismo (modalidade que possibilita a comparação objetiva de marcas), a fim de repensar em que molde o esporte LGBT está sendo praticado.

Os parâmetros eleitos para a comparação foram os recordes estabelecidos em Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Todos os resultados da tabela são oficiais e foram aferidos mediante as melhores condições de velocidade do vento, cronometragem mecânica, presença de oficiais federados da IAAF (*International Association of Athletics Federations*), e pistas emborrachadas também oficiais.

O propósito da comparação é tecer considerações sobre o “esporte LGBT” no bojo de tais resultados e discutir se elas se aproximam ou se distanciam dos padrões do esporte-competição convencional, registrados nas Olimpíadas e a Paraolimpíadas, ambas expressões máximas deste.

---

<sup>6</sup> Reconhece que não é uma prática comum, mas cita: “There are homosexual wrestling clubs that make sexual intercourse part of the sport – these are not part of ‘legitimate’ wrestling, and this activity is not part of the lineup for the Gay Games or any other public gay sports events” (PRONGER, 2000, p. 244).

A Tabela 4 pode ser lida da esquerda para a direita e, simultaneamente, linha a linha de cima para baixo. Na primeira coluna mais a esquerda há as provas escolhidas: 100m, 200m e 400m são provas de velocidade e, portanto, medidas em segundos (apenas marcas “altas” nos 400m passam a ser contadas em minutos); 1500m é uma prova de meio fundo (ou meia distância); 5km e 10km são provas de fundo (na bibliografia técnica há um desacordo se 5km ainda é meio fundo ou já é fundo), bem como o é a maratona, uma das maiores provas de corrida de longa distância (42km 195m), realizada, excepcionalmente, no asfalto e fora do ambiente ovalado da pistas; o dardo e o peso são dois implementos que conferem seus nomes às chamadas “provas de campo” do atletismo. Escolhi dois arremessos por entender que os saltos seriam desvantajosos quando comparasse com as marcas de pessoas com deficiência (das Paraolimpíadas). Ainda algo que deve ser observado *a priori* é a legenda abaixo da tabela; ela detalha em que faixa etária está o recorde, no caso das competições LGBT.

TABELA 4 – MODALIDADE ATLETISMO: MELHORES MARCAS (PISTA E CAMPO)

Atletismo	Jogos Olímpicos		Jogos Paraolímpicos				Gay Games		World Outgames	
	Masc	Fem	Deficiência Visual		Deficiência Física		Masc	Fem	Masc	Fem
<b>Provas</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>
100 m	9"69	10"62	11"03	12"31	11"08	12"04	11"34	13"66	11"37	13"87
200 m	19"30	21"34	21"43	24"99	21"67	24"72	22"99	27"97	22"92	28"47
400 m	43"49	48"25	48"93	53"67	47"49	51"91	49"76	1'04"40**	54"54	68"35
1500 m	3'32"07	3'53"96	3'51"09	4'19"20	3'00"10	4'41"64	4'18"28*	5'28"83	4'27"86*	5'38"45**
5 km	12'57"82	14'40"79	14'24"02	17'52"42	10'13"21	11'59"51	16'07"	18'40"	16'01"60*	21'46"53**
10 km	27'01"17	29'54"66	31'37"25	am	20'51"86	24'21"64	34'22"	39'31"	33'31"67	40'22"00
Maratona	2:03'38"	2:15'35"	2:22'55"	am	1:23'17"	1:39'59"	2:50'07"	3:36'58"	2:40'00"	3:15'09"
Dardo	90,57m	71,53m	53,61m	45,06m	57,61m	42,38m	49,42m*	27,35m*	38,98m	28,87m#
Peso	22,47m	22,41m	16,62m	13,03m	17,89m	12,58m	11,37m	9,17m	11,63m	8,95m**

Legenda: **Gay Games e World Outgames**

Sem marcas: 30-34 ou menos

\* 35-39 anos (2010)

\*\*40-44 anos (2010)

#45-49 anos

**Demais eventos**

am = ausência de marca

Se tomarmos a prova de 100m, que elege o “homem mais rápido do mundo” (e também a “mulher mais rápida”, por conseguinte), perceberemos que apesar do *gap* de milésimos de segundos que separam as marcas dos atletas gays e daqueles com deficiência, todos eles estão bem distantes do corredor mais rápido do mundo, que tem o recorde de 9”69. Algo importante é que no atletismo, nesse nível de performance atlética, quase dois segundos de vantagem é uma distância imensa e alguns atletas treinam anos para poderem ser mais rápidos e não conseguem. Por sua vez, as atletas com deficiência e as não deficientes nos 100m têm marcas bem melhores do que as atletas lésbicas nos Gay e Outgames. E, além disso, a mesma consideração desta prova serviria para os 200m, onde todos os padrões observados se repetem, porém com outras números.<sup>7</sup>

Nos 400m, por sua vez, há alguns detalhes dignos de serem observados. A melhor marca masculina dos Gay Games (49”76) se equipara à melhor marca de um atleta B2<sup>8</sup> na Paraolimpíada (48”93) e ambos estão muito próximos da marca feminina feita na Olimpíada (48”25). Apenas o deficiente físico, pela utilização de prótese tecnológica (cadeira de rodas para corrida) sai em vantagem perante os anteriormente mencionados (47”49).

Os mesmos comentários sobre a cadeira de rodas valem para o 1500m, prova em que o deficiente físico tailandês, na Paraolimpíada/2008, marcou 3’00”10, resultado seguramente melhor do que todos os demais níveis e categorias de comparação. Marcas próximas são as de um atleta B2 tunisiano na Paraolimpíada/2004 (3’51”09) e de uma atleta olímpica (3’53”96).

Em seguida, conforme observamos as provas de fundo, aumentam também as diferenças de resultados. As competições esportivas LGBT, indubitavelmente, acabam deixando a desejar em termos de *performance* atlética. Nos 5km, novamente as marcas do feminino na Olimpíada (14’40”79) se equiparam às do masculino

---

<sup>7</sup> Uma observação interessante é que os recordes dos 100m e 200m para deficientes visuais na Paraolimpíada são de um brasileiro, Lucas Prado, estabelecidos na China, em 2008. Ele é cego total (categoria T11 ou B1 na classificação esportiva). Suas marcas são recordes paraolímpicos e mundiais.

<sup>8</sup> B2 (ou T12 no atletismo) é a segunda categoria de classificação esportiva para pessoas com deficiência visual. Considerado “baixa visão” enxerga até 5 metros a partir do rosto e tem campo de visão (angulação) reduzido. Sobre classificações (ESPANHA, 1992).

(deficiência visual) na Paraolimpíada (14'24"02) e uma surpresa são os resultados auferidos pelas categorias masculina e feminina na deficiência física da Paraolimpíada: por ter uma lesão considerada baixa<sup>9</sup> — e, portanto, ter maior mobilidade de movimentos — os/as atletas lesionados conseguem um alto desempenho, o que justifica, respectivamente, as boas marcas registradas: 10'13"21 (masc) e 11'59"51 (fem). Essas duas marcas não são apenas recordes paraolímpicos estabelecidos, mas poderiam ser considerados recordes mundiais incomparáveis com os atingidos por quaisquer outros/as atletas, em qualquer época histórica até hoje. No entanto, o fato de haver uma prótese mediando o esforço e também a obtenção da marca, inaugura toda uma problemática insolúvel para a “moralidade esportiva” atual.

A prova dos 10 km repete as façanhas de melhores marcas para os/as deficientes físicos/as e uma curiosidade é que até então não houve registro de recorde paraolímpico para a categoria feminina (deficiência visual). O símbolo “am” significa “ausência de marca” e demonstra que é a única classe que não teve registro de resultado. Tendo trabalhado com técnicos de atletismo experientes durante mais doze anos, sei que essa é uma brecha que os olheiros de talentos esperam para iniciar o treinamento de algum/a atleta, visando à obtenção certa de medalha em tal prova, em competições de alto nível.

Quanto à maratona, uma inversão acontece em relação às provas de velocidade. Diferenças de minutos são mais fáceis de serem tiradas do que diferenças de segundos ou milésimos de segundos. Portanto, temos uma situação interessante de ser detalhada. As marcas femininas na Olimpíada (2:15:35), masculina na Paraolimpíada (deficiência visual, 2:22:55) e masculina nos Outgames (2:40:00) estão apenas aparentemente distantes umas das outras. Seriam resultados que poderiam competir juntos, numa hipótese de junção de categorias. Com um pouco mais de treinamento para os atletas deficientes visuais e gays e as marcas se equivalem relativamente. Outra vez, no caso das deficiências físicas, a vantagem de quase uma hora em ambas as categorias (feminina com 1:39:59 e da masculina com 1:23:17) é devido ao implemento propulsor (cadeira). Além desses detalhes, uma vez mais

---

<sup>9</sup> Lesão é inversamente proporcional à mobilidade: maior a lesão, menor mobilidade e vice-versa. Atletas T54 competem em cadeiras (sequelas de poliomielite, lesões medulares e amputações).

não há registro de marcas para o feminino, na maratona da Paraolimpíada.

Agora consideremos o caso das provas de campo. As distâncias do lançamento do dardo das categorias olímpicas estão muito superiores do que quaisquer outros níveis de desempenho. Mas há pormenores a serem observados em outras partes: no caso da Paraolimpíada, a categoria masculina das deficiências visual e física se equivalem, respectivamente, com 53,61 metros e 57,61 metros. No caso da marca dos Gay Games (49,42m), o atleta que marcou tinha, à época, idade entre 35 e 39 anos, uma média etária bastante superior às do olimpismo. Assim que, em se considerando tal detalhe — e, se fosse o caso, pensando na entrenabilidade de um “jovem atleta gay”, por exemplo —, tal marca poderia ser superior.

O arremesso de peso, por fim, repete as considerações dos melhores resultados auferidos pelo olimpismo e se coloca sem parâmetros de comparação. No entanto, se as distâncias arremessadas pelos atletas (deficientes físico e visual) se equivalem, o mesmo não pode ser dito de qualquer uma das categorias das competições gays. Tanto os arremessos do Gay Games quando dos Outgames estão, infinitamente, mais baixos do que os demais, nas Olimpíadas e Paraolimpíadas. Algo que também pode explicar tal diferença é a dificuldade com o nível técnico (e precisão) no arremesso do peso. Como a entrenabilidade de sujeitos *queer* não é tão sistemática, essa pode ser uma razão.

A partir de todas essas conjecturas sobre a comparação objetiva de resultados, gostaria de tecer alguns comentários pontuais:

a) se, de um lado, as marcas das competições LGBT são, em dados momentos, competitivas nos moldes em que o esporte de alto nível se encontra atualmente, de outro, as marcas dos Gay Games são, ligeiramente, melhores do que as auferidas nos World Outgames. Isso não é, propriamente, uma novidade, visto que é sabido que os Gay Games enfatizam a competição e em seus torneios é mais comum encontrar ex-atletas e ex-técnicos profissionais envolvidos do que na outra estrutura;

b) dependendo das condições de infraestrutura e implementos à disposição, as pessoas com deficiência física poderiam ser tão competitivas como quaisquer outros “sujeitos andantes” (nomenclatura



para quem tem corpos hábeis e não se utilizam de implementos). Esse é o caso do corredor Oscar Pistorius, que tem causado polêmica e que comento num outro item [Novos Modelos de Prática Esportiva];

c) várias comparações feitas por mim demonstram que é possível — apenas baseando-se nas marcas e sem maiores polêmicas e contorcionismos — colocar categorias para competirem juntas, o que seria o início de uma implosão dentro do “sistema esportivo” como ele é concebido atualmente.

### **Festas e Esporte: interrelações?**

As festas são elementos importantíssimos ligados aos ambientes esportivos dos torneios LGBT. Elas incitam sociabilidade, colocam em circulação os sujeitos e promovem encontros sexuais. Em realidade, de diferentes maneiras, elas foram mencionadas pelos entrevistados da pesquisa, mesmo quando alguns deles as consideravam “perniciosas” para seus rendimentos atléticos. Elas são, em minhas considerações, elementos simbólicos constituintes do imaginário do sujeito que participa (ou pretende participar) das competições atléticas.

Antes de examiná-las mais pormenorizadamente, devo salientar que a pesquisa de campo desta investigação foi feita, do ponto de vista geográfico, em diferentes regiões do globo, o que interfere diretamente no modo como as culturas homossexuais dessas áreas se comportam socialmente. Entre os locais eleitos na Europa (Alemanha e Dinamarca) e os da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) há grandes diferenças na *party culture* (modos de festejar), na *sex culture/scene* (cultura/cena do sexo) e na *drug culture* (drogas utilizadas ou preferidas). Mesmo comparando com o Brasil haveria distinções no modo como estes elementos são apropriados e transformados pela “cultura gay”. Isso deve ser frisado, pois são localidades/países com diferentes (homo)culturas, que determinam também modos distintos de (homo)sociabilidade. Enquanto em Berlim (e mesmo em Copenhagen) ainda podem ser achados bares/clubes onde acontece a prática de sexo entre homens e há o consumo de drogas inaláveis (como o *poppers*) em larga escala, tais elementos, que eram característicos da subcultura gay norte-americana nas décadas de 1960-70, não mais compõem a cena estadunidense ou canadense. A “cena gay” estudada por mim deste lado

do Atlântico, em cidades como Chicago e Vancouver, disponibilizam outra configuração de entretenimentos: bares e boates dançantes, com restrição horária de funcionamento definidos, drogas pesadas como *crystal methamphetamine* (mais forte que o crack) e, em caso de sexo, a sauna masculina é a única (e escassa) opção.

Feitas tais ressalvas, as ocasiões festivas correlacionadas aos eventos esportivos internacionais já destacados podem ser divididas, basicamente, em dois grupos: as que são “planejadas”, participando da programação oficial — por exemplo, a “White” ou “Color” *party*, ilustradas nos folders apresentados a seguir — e as que se desenrolam nos “circuitos alternativos” ao institucionalizado<sup>10</sup> e, por isso mesmo, locais preferidos pelo grande público e onde, de fato, é estabelecido o “escambo” de orgasmo por orgasmo, para usar um termo de Pollak (1987), em referência aos encontros sexuais entre participantes.

As organizações propriamente ditas (FGG; GLISA) não assumem, institucionalmente, o planejamento e nem a execução das festas. Apenas concedem o direito para dados grupos de se utilizarem do logotipo do evento e de se dizerem “oficiais”. Outro detalhe importante é o que diz respeito à assistência a tais ocasiões. As festas de abertura são as mais numerosas, onde, seguramente pelo que vi em campo, são frequentadas pela imensa massa de atletas participantes dos eventos. Ou seja, são festas em amplos locais, com vários bares disponíveis, grande quantidade de mão-de-obra funcionária, para um montante de 10 a 20 mil pessoas. Como as festas não são fechadas para o público externo e muitos sujeitos levam/convidam seus agregados (amigos/as, conhecidos/as, namorados/as e familiares), não é incomum ter um ambiente absurdamente lotado e intransitável, muitas vezes insuportável pela falta de condições básicas, como ventilação, adequados banheiros e espaços para a circulação. Ao contrário, porém, a festa oficial do encerramento é esvaziada e não chega a atingir 40% do montante da primeira. Pelo menos foi o que apurei em situações etnográficas e em

---

<sup>10</sup> Há também a “Black party”, arquitetada em contraposição à “White” e parte do circuito *off* oferecido. Em geral, ela reúne os sujeitos adeptos de práticas de S/M (sodomasoquistas), que vestem couro ou trajes pretos emborrachados, contrários ao ambiente “vanilla” (convencional) de outros encontros festivos homossexuais. Em Vancouver, encontrei a similar “Leather party”, também direcionada àquele público. Na cidade canadense há uma associação chamada “Vancouver Men in Leather”, cujo slogan é: “a social club for guys interested in leather and fetish gear”. (Registro de campo, 05 ago. 2011).

conversas com membros das organizações destes eventos. Nos *folders*, em geral, a referência ao esporte é característica bastante comum:



Figura 4: Festa de abertura (GGVIII)



Figura 5: Festa de encerramento (GGVIII)

Cheguei da festa [White party] e tomo agora algumas notas. Apesar de cansado, me considero feliz por estar escrevendo aqui sentado no hotel do que naquele imenso mar de braços e corpos. A festa foi no galpão da Kölnmesse, distante de tudo, mas tinha que ser assim, pois não caberiam tantas pessoas juntas num só local, se fosse num dos bares do circuito gay da cidade. Colônia é, literalmente, um pombal. E foi justamente essa sensação a minha hoje, nos aglomerados para pegar bebidas ou nas imensas filas que se formavam nos banheiros. Preferi não beber a noite toda a enfrentá-las. Acho que estou ficando velho! Não tenho tanta paciência mais para muita gente junta. Importante era ver a circulação e interagir com alguns sujeitos. Pelo menos fiz um contato com um atleta de Hamburgo, do futebol. Vou tentar marcar uma conversa. (Registro de campo, 31 jul. 2010)

As festas dos “circuitos alternativos” ao institucional, por sua vez, ainda podem ser de dois tipos: as que são oferecidas por bares e boates da cidade onde ocorre a competição esportiva e as que são planejadas e organizadas espontaneamente pelos próprios sujeitos. Essas últimas são aleatórias e difíceis de serem acessadas, pois são *private parties*, isto é, festas privadas, geralmente em residências, coberturas de hotéis, motéis ou ainda em apartamento locado por algum atleta, que convida seus amigos “mais íntimos” (e também *fuck buddies*, ou parceiros de transa), os quais podem, de repente, levar um ou dois outros amigos (também “de confiança”) para participarem de rituais de sexo grupal. Apesar de ter mapeado algumas poucas destas ocasiões, não participei de qualquer delas. Tais festas não são abertas e é preciso ter “conexões” apropriadas para nelas ser aceito. Não é tão simples quanto possa parecer. Em todas as situações de campo em que estive, identifiquei agenciamentos e situações, mas fui incapaz de conseguir contatos “de dentro”. Como me disse um atleta das Filipinas em Vancouver/2011, que me informou estar rolando o “recrutamento” para uma orgia na véspera da cerimônia de encerramento, é necessário ter “inside connections”. Ele não as tinha tampouco, mas tinha um elemento-chave para os “cadastradores”, qual fosse, “beleza exótica”

(nas palavras dele), que funciona como uma “moeda de troca” profícua no ambiente dos torneios internacionais.

O outro tipo é o das festas do circuito citadino. Normalmente elas são elencadas e publicadas em revistas de circulação de informação entre o público LGBT. Algo incomum no Brasil, em vários países em que estive há um guia que serve para os sujeitos se localizarem no mundo do entretenimento gay e lésbico, geralmente em formato de revista. Em Copenhague há a publicação *Out & About*, que traz além do roteiro, anúncios de locais específicos para compras de roupas mais “transadas”; em Colônia encontrei a *Box* e a *Blu*, ambas publicações da porção oeste da Alemanha (região mais populosa do país), que perfilam informações de bares, boates e saunas, mas também artigos sobre saúde LGBT, prevenção de DSTs e AIDS e anúncios de busca (por sexo, parceiros, grupos de ajuda, endereços de psicanalistas, etc.); em Vancouver achei uma multiplicidade de magazines, desde os relacionados diretamente aos assuntos da “comunidade” (como o *Xtra! Vancouver Gay & Lesbian news*) até um guia de negócios direcionados ao público LGBT (*The Gay and Lesbians Business Association of BC*), que trazia inúmeras lojas de produtos, roupas íntimas, acessórios, filmes, móveis de decoração, produtos de beleza, massivamente “seduzindo” os consumidores. De todas as publicações, no entanto, a mais interessante é a revista *Siegessäule*, de Berlim, Alemanha. É um compêndio que traz informações similares às demais listadas anteriormente, mas com um diferencial: convida especialistas acadêmicos para escreverem sobre o “mundo LGBT”, das dimensões sociopolíticas às culturais e esportivas, passando por problemas como homofobia, xenofobia, assassinatos de transexuais, adicção de prostitutas/as e problemas com migração e permanência de não cidadãos na Alemanha (e na UE, por conseguinte). Recolhi desta publicação 21 edições entre julho/2009 a março/2011.

Como as festas — em geral, mas nem sempre — evocam algum elemento do mundo esportivo como componente atrativo aos sujeitos LGBT, gostaria de apresentar duas delas, realizadas em momentos distintos, ocorridas na capital alemã, no ano de 2010, apenas para incrementar a análise a seguir.

A Figura 6 é um folheto propagandístico da festa de um clube de classe média-alta chamado “Club GMF”. Tal festa específica ocorreu no verão de 2010, no dia oficial da “Parada Gay” (*Christoffer Street Day* - CSD) da cidade. Não é feita com frequência, nem é tão famosa quanto a *Athlete’s Party* do Lab.Oratory, analisada em outro momento [Rituais

**Festivos**]. Arrisco dizer que o tema “esporte” foi pensado para atrair o maior número possível de clientes, uma vez que seria o encerramento oficial da “Parada Gay”, uma das maiores da Europa.<sup>11</sup>

Vê-se o lugar comum do torso desnudo e torneado — imagem sempre referenciada em casas noturnas com predomínio de homossexuais masculinos —, a bola de futebol e o provocativo anúncio de “saída do armário” do/no futebol. É interessante o chamariz para a festa a partir de um esporte tradicionalmente (mas não necessariamente) considerado hipermasculino [**Saída do Armário**].

A referência atinge o futebol, considerado o “mais masculino” e heterocentrado esporte do mundo esportivo (ANDERSON, 2005). A provocação do folder não é apenas uma ironia (*coming out* futebolístico), mas também cumpre uma função fetichista nos frequentadores, uma vez que grande parte deles “sonha” (ou deseja) “pegar” um jogador de futebol (algum dia). Isso foi o que ouvi em conversas informais, em ambientes competitivos etnografados. Ao contrário de outras festas que conclamam a presença de “atletas”, esta foi bastante convencional, inclusive, no tocante ao vestuário do público. Raros eram visuais que fugiam da “calça jeans, camiseta e tênis da moda e gel no cabelo”. Apesar de ter sido realizada no verão (do hemisfério norte) e mesmo tendo como tema central o “esporte”, essas condições não foram suficientes para provocar mudanças, nem no vestuário, nem nos comportamentos do público frequentador.

---

<sup>11</sup> O GMF atrai outro tipo de público, por exemplo, em relação ao LAB. É considerado um local de “gays ricos e bem apessoados”, disseram meus interlocutores e eu também pude constatar em campo. Excetuando-se as festas em ocasiões especiais (feriados nacionais ou eventos comemorativos), a única noite em que a casa abre é no domingo pela noite, das 23 às 6:00 da manhã da segunda-feira. A levar em conta tal princípio, percebe-se que a casa funciona como selecionadora de classe social. A frequência é alta e, na maioria das vezes, o argumento para ir até lá é o de “não encontrar as mesmas caras” que, eventualmente, visitam outros bares.

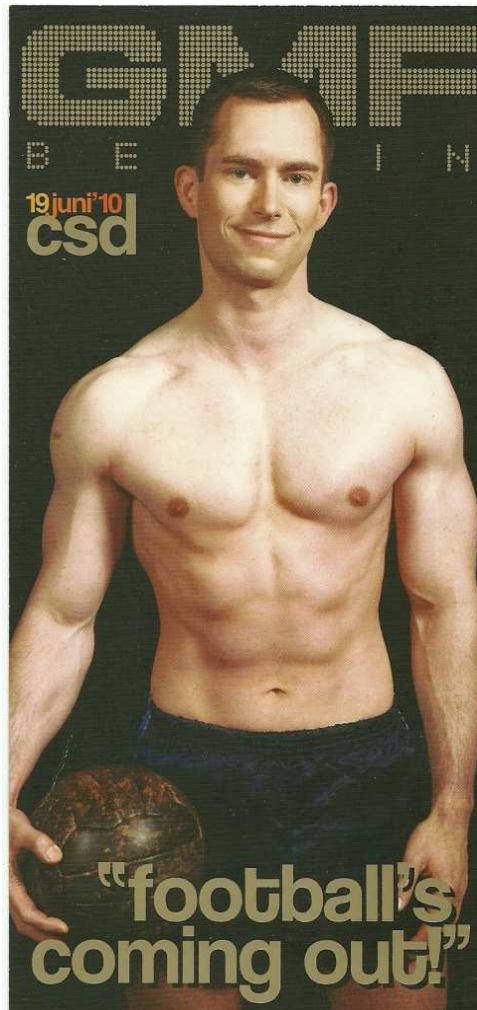


Figura 6: Folder da casa noturna berlinense “GMF”

Mesmo num momento de encerramento de uma das ocasiões festivas mais esperadas do verão, como é o caso da Parada Gay, o público “se comportou” como nos dias convencionais da casa, onde o “beijar na boca e beber é conhecer pessoas, é estar em relação com elas”, como destaca Costa (2009, p. 38) sobre os encontros festivos universitários.

O próximo caso é de um local chamado “Locker Room”, que abriu suas portas em 2009 e teve, durante bom tempo, dificuldades para atrair clientes. Tentando atingir um público distinto para consolidar uma frequência duradoura, o bar tentou várias possibilidades, inclusive *show* de *Drag Queens*, mas de nada adiantou. Com o passar do tempo, a casa se “especializou” num público de menor poder aquisitivo, passou a

cobrar apenas 4 euros pela entrada, e como uma espécie de chamariz para aumentar a circulação, resolveu organizar uma “festa esportiva”.<sup>12</sup>

O aniversário de um ano teve a temática “esporte” e apesar de amplamente divulgada (em outras boates, bares de sexo, saunas e boca-a-boca), foi uma catástrofe em termos de frequência, uma vez que éramos, lá dentro, cerca de vinte e poucas pessoas.

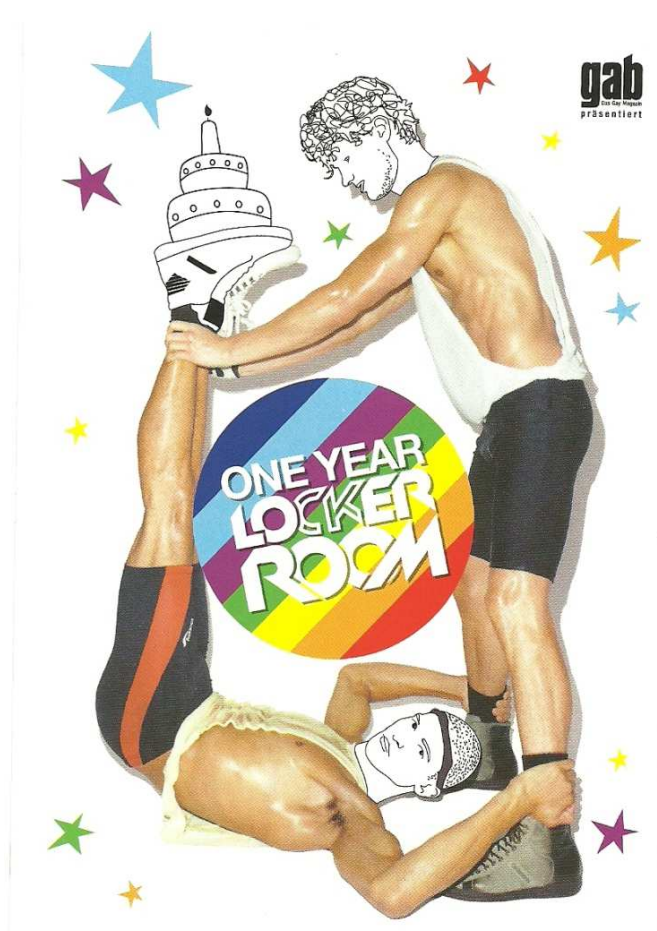


Figura 7: Folder da casa noturna berlinense “Locker Room”

Não me arrisco em (e nem acho pertinente) discutir fatos que fizeram o local não ser bemquisto e fechar suas portas, em fins de 2010. Além de estar em uma região inóspita, o bar era “sujo” e “mal organizado”, ao menos para alguém que estava acostumado a “rodar”, fazendo etnografia nestes estabelecimentos comerciais. Como último

---

<sup>12</sup> Apenas a título de comparação, o GMF cobra 10 euros nos domingos convencionais e 20 euros nos dias de festas especiais. Tais valores são unanimemente considerados “altos”, em comparação aos valores de outros estabelecimentos similares na grande Berlim.



recurso antes do término, os donos resolveram estimular a concepção daquele espaço como também um “espaço para práticas sexuais”, o que também não resolveu.<sup>13</sup>

Se para alguns locais o “beber e beijar” são elementos suficientes para a sociabilidade gay masculina, para outros, isso não basta. Assim, as práticas sexuais entram como componentes fundamentais destes processos de interação social e homossocialização, pensadas no contexto de bares, os quais, muitas vezes, elaboram uma lista temática de festas com fetiches de vários tipos, inclusive o relativo ao mundo dos esportes.<sup>14</sup>

### **Relação esporte-festa-sexo**

A peregrinação estabelecida nas competições esportivas LGBT, atrelada à etnografia dos bares gays em Berlim acompanhando os sujeitos-atletas, indicaram um fator inédito, que faz emergir elementos não tão facilmente identificáveis em outros eventos esportivos, dos quais tomei parte, isto é, para muitos sujeitos a variável *sexo* entra em jogo e é determinante na escolha para a participação.

De acordo com Costa (2009), a grande maioria dos estudantes move-se para os torneios universitários com várias expectativas em mente, dentre elas a sociabilidade, o consumo de bebidas alcólicas, o desejo de participar de festas e também de experimentar práticas sexuais, num ambiente livre de controle. Por isso, para esse autor, “a relação entre *esporte* e *festa*, decisiva no plano organizacional, não está presente somente na preparação, mas também no entendimento das atividades realizadas” (COSTA, 2009, p. 33).

Ao etnografar as competições esportivas LGBT, percebi que as práticas sexuais são elementos fundamentais no conjunto do planejamento da viagem aos eventos, da hospedagem e dos roteiros turísticos atrelados a eles. Há, ainda, casos de quem “utiliza” a ocasião dos jogos como um ritual de passagem para uma “vida homossexual

---

<sup>13</sup> Dirk, um *barman* do LAB, disse-me que houve a instalação de biombos de madeira e *slings* (rede de couro, que fica pendurado como um balanço e é usado em intercursos sexuais) para incentivar tais práticas.

<sup>14</sup> Mais adiante, realizo um esforço de compreensão sobre a participação de homossexuais masculinos num bar temático que elege realiza a “festa dos atletas” como uma ocasião regular em seu calendário [Rituais Festivos].

adulta”, onde a *première* do *coming out* é feita na participação nos Gay Games [Atletas, Saída do Armário].

Portanto, para tais eventos, minha hipótese é a de que a relação *esporte-festa-sexo*, mais do que qualquer outro evento esportivo, constitui-se como componente estimulante nas intencionalidades dos sujeitos que delas participam, apesar de não figurar como oficial nas práticas discursivas dos grupos que as organizam.

Os sujeitos-atletas *queer* vão para os eventos esportivos imbuídos de expectativas de um amplo espectro, ou seja, há desde os que tomam tais ocasiões como “etapas de treinamento”, passando por aqueles que vêem neles múltiplas chances de encontros sexuais, até os que encaram as atividades esportivas como uma “obrigação” para provarem o “quanto gays podem ser melhores do que héteros também nos esportes”, afirmação essencialista de Anderson (2005), da qual discordo.

Nesse sentido, talvez coubesse perguntar: diferentes expectativas em relação a um evento esportivo se traduziriam em novas formas de entendimento sobre o mesmo e, conseqüentemente, em modos distintos de praticar o esporte? Parte da resposta já temos, porém mediante tal questão, valeria a pena emprestar o conceito de *formas-representações* de Toledo (2000) para pensar tais práticas esportivas LGBT, à semelhança do que fez Costa (2009) com os torneios universitários.

Estudando o futebol, Toledo chama atenção para a coexistência de três ‘naturezas’ justapostas que podem definir aquela atividade (e o esporte, por extensão): as regras, as formas e as representações. De modo simplificado, enquanto as primeiras são as que ditam como o esporte deve acontecer, as *formas* determinam modos de jogar e regulam performances, e as *representações* seriam esquemas simbólicos de percepção da realidade no campo esportivo, atrelada às inter-relações entre atores desse espaço (como os torcedores, os especialistas e os profissionais). Como diz,

*Formas* dizem respeito às configurações que alocam os jogadores espacialmente no gramado em função de determinadas tarefas a eles delegadas pelos técnicos ou comissões técnicas. *Representações* consistem nos ajustamentos num plano simbólico de tais *formas* ou *padrões*

codificados, empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva dos conjuntos dos torcedores (TOLEDO, 2000, p. 164, grifo do autor).

Disso emerge o conceito *formas-representações*, que expressa aquilo que se concebe nos discursos nativos dos sujeitos vinculado aos padrões (de conduta, treinamento, modos de jogar) determinados pelos profissionais (especialistas), ou dito de outra forma, diz respeito

à sobreposição ou indistinção entre as *formas* ou *padrões* codificados e fixados pelos *profissionais* nos treinos e as representações simbólicas mais genéricas [...], nomeadas muitas vezes como sendo o ‘estilo’ [...] (TOLEDO, 2000, p. 164-5, grifo do autor).

Nesse sentido, a *forma-representação* mais comum citada por ele é o “jogar à brasileira”, que diria respeito ao jogar “inato” e “habilidoso” do jogador brasileiro de futebol, um “estilo único” e “inconfundível”, que tende a ter uma configuração consensual, quando em realidade, deveria supor inúmeras outras injunções simbólicas.

Com isso o autor chega a afirmar que não se trata de ler o Brasil pelo futebol à moda damattiana, mas sim de tentar ler o futebol pela sociedade brasileira, em suas múltiplas dimensões (que perpassam os diversos agentes em cena, torcedores, especialistas e profissionais), desconstruindo essa forte tendência de autorrepresentação englobante intitulada “Futebol Brasileiro”.

Apesar de o antropólogo ter teorizado sobre o futebol, podem-se pensar outras modalidades e outras expressões esportivas, como as *práticas esportivas queer*, que defendo. Contudo, duas ressalvas seriam fundamentais:

a) não há propriamente fronteira que divida praticantes, torcedores e especialistas (particularmente técnicos) no meio LGBT, uma vez que funções e papéis se misturam o tempo todo. Posso tomar a natação para exemplificar de modo simples: logo após um atleta competir sua prova, ele sai da piscina, enxuga-se e poderia ir dar diretrizes táticas/técnicas

para um amigo sobre a bateria/série em que o outro está alocado. Em seguida, poderia ficar torcendo na arquibancada até nadar de novo, ainda no mesmo dia. Isso pode ocorrer, igualmente, no atletismo, no softbol, no vôlei, no judô, no wrestling (luta greco-romana). Eventos como hóquei no gelo e na grama, basquete, futebol de campo e floorball são realizados com apenas um jogo por dia. Essa “mistura” poderia performatizar uma “utopia esportiva”, sem distinções categóricas entre sujeitos, onde as funções de atleta, torcedor e profissional se misturam o tempo todo em um mesmo sujeito [Novos Modelos de Prática Esportiva];

b) o esporte-competição de sujeitos LGBTs, segundo Brian Pronger (2000), é assimilacionista e reproduz o entendimento, bem como o *know how* (gestos, estilos e jeitos de jogar/competir) do esporte convencional.

Feitas tais observâncias, resta indagar: as *formas-representações* no cotidiano esportivo LGBT poderiam atualizar níveis simbólicos no que se refere aos sentidos atribuídos a tal expressão esportiva pelos atores em relação? Apesar de concordar com os argumentos de Toledo, temo ser negativa a resposta para essa questão. Pois as *formas* das “práticas esportivas *queer*” são tomadas emprestadas do esporte convencional e as *representações* para os “outsiders” são nulas – visto que o esporte LGBT é invisível – e para os “insiders” são múltiplas, não sendo possível aqui discuti-las.

Dessa maneira o *ethos* festivo identificado por Costa (2009) entre os alunos dos torneios universitários, que é produto da participação das torcidas, do clima festivo, das bebidas alcoólicas consumidas, das relações sexuais, e que pode, efetivamente, transformar as *formas-representações* em voga no esporte universitário, pode não fazer o mesmo pelo “esporte LGBT”, primeiro porque há uma negação da festa enquanto elemento essencial e, segundo, porque há justamente uma insistência na afirmação de um *ethos* esportivo convencional.

### **Verbetes relacionados:**

Atletas, Circulação e Desejos, Novos Modelos de Prática Esportiva?, Ocupação e Subversão, Rituais Festivos, Saída do Armário, World Outgames

## Rituais Festivos

Imagine-se em num local desconhecido, em meio a um aglomerado de homens, dos mais diversos tipos e estilos, que estão seminus ou tiram apressadamente a roupa para ficarem nus, num cenário gélido e sombrio, parecido com uma masmorra retratada em cenas de filmes da Idade Média. Agregue-se a isso uma agitação frenética em meter os apetrechos em sacos plásticos para logo iniciarem a “árdua” tarefa masculina (e masculinizante) da cópula carnal entre “machos”. Complete sua percepção sensorial imaginando-se num local com cheiros de suor, urina, fezes e sexo, ouvindo uma sinfonia de gemidos ao longe, e, por fim, coloque-se em meu lugar.<sup>1</sup> Eu havia adentrado ao Lab.Oratory, um dos clubes de prática de sexo e consumo de drogas mais populares da Alemanha e da Europa.

Foi a primeira vez que estive no LAB.ORATORY e fui acompanhado de um amigo, que me disse querer mostrar algo “diferente”. Estamos numa quinta-feira de julho de 2009. Na agenda do dia está marcada uma *naked party*. Apesar de um pouco noturna, a entrada poderia ser de qualquer outro bar em Berlim, pois a cidade confere essa característica a seus sítios. Na porta de acesso, apenas um homenzinho baixo, careca e mal encarado. Disse-me, secamente, “6 euros” e, ao pagamento, deixa em minha frente, sobre o balcão em que me atendia, um saco azul, de plástico, de uns 100 litros. Adepto do local e sem se preocupar em me dar informações detalhadas, meu amigo se despe na antessala ao lado. Ouvia ao fundo uma música forte, de batidas que simulavam as do coração. E os cheiros me invadiam as narinas. Não sei distingui-los, mas identifico odores de suor e sexo. Fico tenso, com a boca seca e uma sensação de medo. Ao depositar as roupas no saco, sou marcado no braço. Um número na casa dos três dígitos. A partir daí inicia-se uma

---

<sup>1</sup> Busquei criar uma referência imagética aqui semelhante à notável descrição de Bronislaw Malinowski (1977).

experiência que mudou minha vida por completo.  
(Registro de campo, 09 jul. 2009).

Depósito de uma fábrica desativada, de ambientes rústicos, sujos, úmidos e lúgubres, ainda com resquícios de maquinaria e tubulações, engradados e correntes enferrudadas, o espaço foi parcialmente restaurado para dar lugar a um bar temático, composto por variados ambientes, os quais funcionam como propulsores da imaginação dos clientes. Nas palavras de Regina Lins (2007), poderia ser chamado de “playground para adultos”.

Em razão da discriminação histórica sofrida por gays nas sociedades ocidentais, de matriz heteronormativa, após a revolução sexual dos 1960 ficaram populares locais de encontro para compartilhamento de suas experiências e preferências “identitárias”, tanto políticas quanto sexuais (BUTLER; RUBIN, 2003; LEVINE 1998), que nem sempre estiveram ao alcance (e à compreensão) dos olhares e percepções heterossexuais. O Lab.Oratory é um lugar assim e, apesar de estar territorializado em Berlim, faz parte de um circuito maior de eventos esportivos, políticos e festivos, que promovem a circulação de sujeitos *queer*<sup>2</sup>, em escala global [Circulação e Desejos].

Como é intimamente conhecido pelos frequentadores mais assíduos, o LAB é um dos 141 bares/boates LGBT existentes na capital alemã<sup>3</sup>. Segundo consta em sua história, uma desavença entre o dono

---

<sup>2</sup> Aqui faço referência a toda sorte de sujeitos que não estão enquadrados pela heterossexualidade (enquanto prática) hegemônica.

<sup>3</sup> Do total de estabelecimentos comerciais voltados à diversidade do público LGBT na capital alemã, mapeei 91 bares e 50 clubes noturnos, totalizando 141 locais em funcionamento, dependendo do dia da semana. Ambos os tipos podem ser divididos em lugares de “socialização convencional” e/ou de “socialização sexual”, sendo nesses últimos a prática de sexo o principal objetivo. Na verdade, o total de bares registrados é maior (119 atualmente). Porém, 28 deles encontram-se fechados ou em reforma e dois foram plenamente desativados (Akzept 21 e Ficken3000). Dos 91 em atividade, nove podem ser considerados de altíssima frequência (Greifbar, Cocks Berlin, CDL-Club, LAB, New Action, Prinzknecht, Stahlrohr, Tom’s Bar, Triebwerk), em distintos bairros da cidade. Das 50 casas noturnas gays, igualmente nove delas se alternam com grande público (Connection, Die Busche, Kit Kat Club, Geburtstagsklub, Goya, Kantine am Berghain, NBI, SchwuZ, Tape Club). O roteiro dos estabelecimentos e esses dados foram obtidos por mim de janeiro/2010 a janeiro/2011, tanto através das edições da revista da comunidade queer de Berlim *Siegessäule* (01, 2010; 02, 2010; 03, 2010; 04, 2010; 05, 2010; 06, 2010; 07, 2010; 08, 2010; 09, 2010; 10, 2010; 11, 2010; 12, 2010; 01, 2011), quanto via presença física, principalmente por ocasião de minha etnografia em bares gays antes e durante a Copa do Mundo de Futebol da África do Sul (CAMARGO; RIAL;

atual e um amigo, proprietário do clube vizinho chamado *Berghain*<sup>4</sup>, foi o marco fundador de sua existência. O local tem um grande espaço próprio, apesar de que há uma ligação de fundos com o prédio maior, que é aberta em ocasiões consideradas especiais<sup>5</sup>. Minha observação etnográfica nesse clube faz parte da investigação maior sobre “masculinidades esportivas” de atletas gays, realizada em eventos esportivos específicos. Tal clube é um dos pontos por onde circulam parte de meus interlocutores.

A casa é “[...] um clube de socialização gay, aonde os frequentadores vão para fazer sexo”, afirmou-me Dirk, um dos funcionários locais<sup>6</sup>. Lá “homens transam com homens”, para usar uma expressão cunhada por Braz (2010; 2007a), que realizou etnografia em locais desse gênero, na cidade de São Paulo, Brasil. É interessante destacar que só entram sujeitos do gênero masculino, não sendo permitido travestismos de quaisquer naturezas. Tudo é planejado, pensado e organizado de acordo com a “vontade e os desejos dos clientes”.

Segundo Silverstein e Picano (1992, p. 105-107), em se tratando de “clubes de sexo entre homens”, seria possível dividir os frequentadores destes locais em dois tipos: a) os que não têm escolha, e b) aqueles que querem aumentar seu repertório sexual. Pelo menos, a partir de minhas incursões etnográficas, permito-me discordar de reducionista classificação. Percebi que há, também, sujeitos que estão lá por: 1) curiosidade (bissexuais, em menor proporção, ou gays neófitos); 2) acompanhantes de amigos (sujeitos tímidos ou com dificuldades de socialização); 3) “fetichistas natos” (que assim se designam) e que escolhem o lugar devido às propostas temáticas, e toda uma sorte de pessoas que, creio, fogem a qualquer rígida taxonomia.

---

VAZ, 2010). Ainda obtive dados sobre os locais nas prefeituras distritais berlinenses (cada bairro na cidade tem um setor responsável por “estabelecimentos comerciais registrados”).

<sup>4</sup> Segundo publicações sobre os roteiros LGBT e mesmo frequentadores conhecidos (amigos de amigos), o *Berghain* é uma das referências em música eletrônica em toda a Europa. Como dizem os frequentadores: “se você vem para a Europa, visita Berlim e não vai ao *Berghain*, então você não conheceu Berlim e nem o seu circuito eletrônico” (Registro de campo, 17 jul. 2009).

<sup>5</sup> Por exemplo, como aconteceu no verão de 2010, com a visita da Lady Gaga, que pediu para conhecer os famosos espaços “selvagens das entranhas do *Berghain*”. A referência era clara ao Lab.Oratory. (ROSENDAHL; SCHLACHT, 2010)

<sup>6</sup> Essa conversa que tive com Dirk – cujo nome não sei se é verdadeiro – foi num final de noite, no balcão do bar. Ele é *barman*, veste costumeiramente apenas uma cueca de couro sem fundos e possui *piercings* em ambos os mamilos. (Registro de campo, 23 abr. 2010).

Vale a pena destacar que são registrados na literatura diferentes tipos de territórios para a “socialização sexual” de homossexuais masculinos: as ruas dos então “guetos gays” das metrópoles do hemisfério norte desenvolvido, as saunas, os cinemas, os *sex shops*, os bares e, mais recentemente, os *sex clubs*, voltados, especificamente, à prática de sexo (de distintas modalidades a orgias sexuais ou sexo grupal).<sup>7</sup> Há ainda os *dark rooms* (ou *back rooms*) — espaços escuros ou com baixa luminosidade, autônomos ou apêndices de fundo de bares, reservados também para encontros sexuais — e os J.O. clubs (*jerk-off clubs* ou “clubes da punheta”, tradução minha).

Tais espaços participam do que é designado, atual e sofisticadamente, por “mercado dos clubes de sexo” (SIMÕES; FRANÇA, 2005; BRAZ, 2010, 2007a), lugares que tem origens histórica nos clubes *leathers* (de adeptos do fetiche do couro), norte-americanos, populares nas décadas de 70 e 80 do século XX e descritos por Levine (1998) e por Butler e Rubin (2003).

De acordo novamente com Silverstein & Picano (1992), os J.O. *clubs* tinham uma aura pueril e eram muito populares entre homens jovens, homo ou heterossexuais. As práticas eram restritas à masturbação, individual, coletiva e *vouyer*. Penetração, felação ou qualquer derivação das listadas anteriormente eram terminantemente proibidas. De acordo com os autores, apesar de terem se transformado nos *sex clubs* de hoje — principalmente nos últimos vinte anos — a diferença básica é que J.O. *clubs* ofereciam “práticas seguras” em detrimento do “sexo inseguro” fomentado pelos clubes de sexo atuais.

No LAB, assim como em outros locais de socialização sexual de gays, é muito comum a cultura do *cruising*, isto é, o deslocamento num dado espaço em que se busca (via visão e gestos corporais) um parceiro para sexo. Lee (1978) traz uma taxonomia do *cruising gay*,

---

<sup>7</sup> Sobre a clássica formulação do “gueto gay”, ver Martin Levine (1989/1998) e acerca da problematização do mesmo, ao importante contribuição de Perlongher (2008); acerca do processo de *cruising gay* nestes territórios, ver John Alan Lee (1978); conjecturas a respeito da guetificação homossexual em São Paulo de metade do século XX, ver José Fábio Barsbosa da Silva (1958/2005), Eduardo MacRae (1983/2005) e Néstor Perlongher (2005); sobre o resgate da discussão temática para discutir “mercado GLS” (gay-lésbico-simpatizante) de saunas, cinemas pornô e bares/clubes voltados à prática de sexo (*sex clubs*), ver Júlio Simões e Isadora França (2005), Camilo Albuquerque de Braz (2007a e 2007b); especificamente sobre *sex shops*, ver Maria Filomena Gregori (2004).



realocando-o dentro do que designa “gay ecosystem”<sup>8</sup>. Para o autor há vários modos de fazer o *cruising*, como caminhando ou dirigindo (*car cruising*) nas principais ruas de bairros gays em grandes cidades (fala, especificamente, sobre as norte-americanas), passeando por bosques e praças, perscrutando potenciais parceiros sexuais em banheiros públicos ou em estabelecimentos privados específicos (como bares e clubes noturnos), à semelhança dos anteriormente citados. Há, ainda, o *cruising* por meio de anúncios em jornais e revistas, convencionais ou voltados à “comunidade” LGBT<sup>9</sup>. Todos esses meios têm certa referência às práticas heterossexuais em busca da prostituição feminina, com a diferença que o *cruising gay* — exceto quando há procura por garotos de programa (michês) ou a ida a estabelecimentos comerciais específicos — não envolve dinheiro, mas permuta de serviços sexuais. Entretanto, ressalta que entre heterossexuais, “[...] there is no equivalent sexual ecosystem of non-gay cruising, so individuals who practice it are not as likely to be successful in *getting sex*” (LEE, 1978, p. 53, grifo do autor).

Apesar das diferenças na “obtenção do sexo”, gays e não-gays seriam duas espécies potencialmente competitivas, mas coexistentes dentro da “natureza”. Exceto pela visão sociobiologicista (e de certa forma, determinista), sua argumentação de que os bares e clubes gays performatizam “territórios de caça” (*sexhunting territories*) é bastante avançada para àquela época. Tais espaços marginais emergiram, segundo ele, dentro do ecossistema gay por meio da institucionalização do *cruising*, que ocorria livremente na “natureza” da sociedade (como em parques e banheiros públicos) [Territórios Marginais].

Tomando pelo viés analítico de Beatriz Preciado (2008), tal local seria mais um entre tantos outros dos circuitos de sexo e drogas da sociedade farmacopornográfica atual, que oscilaria pendularmente entre os pólos farmacológico e pornográfico. Segundo ela,

---

<sup>8</sup> A noção é trazida de sistema ecológico encontrado na “natureza”, onde tal prática seria eminentemente “masculina”, e sua interpretação é que os gays conseguem, em seu ecossistema societal, serem eficientes sexualmente no sentido de conseguirem parceiros sexuais através dela (Cf. p. 3 e ss).

<sup>9</sup> Interessante análise sobre os classificados em papel que Lee (1978) faz no capítulo 10, *Cruising the classifieds*. Apesar de tê-lo escrito em fins dos anos 1970, num momento em que a *internet* não havia virado a vedete que é e nem tinha apresentado a possibilidade de virtualização do *cruising*, as práticas são muito similares com as do tempo atual, no qual são encontrados também anúncios virtuais em classificados, como os populares Disponível.com (no Brasil), Dudesnude e Manhunt (nos EUA) e GayRomeo (na Europa), dentre outros. Sobre pesquisas acerca do *cruising* virtual (BRAZ, 2007b, MISKOLCI, 2009, 2011a, 2011b).

a história da normalização do gênero no Ocidente está marcada pela invenção, a combinação sintética e a comercialização de novas moléculas de gestão do corpo (fármaco), assim como de novas técnicas de representação (pornô) do gênero e da sexualidade. A gestão farmacopornográfica (hormonal, cirúrgica e audiovisual) do gênero que começa a partir da 2ª Guerra Mundial forma parte de um conjunto mais amplo de tecnologias de produção da espécie [tradução minha] (PRECIADO, 2008, p. 93, tradução nossa).

Tais polos funcionariam mais em oposição do que em convergência, configurando e cooptando as subjetividades dos sujeitos da contemporaneidade, tornando-os adictos.

O Lab.Oratory é um lugar que potencializa o *crusing gay*, oferecendo não apenas o próprio espaço labiríntico interno como possibilidade de *crusing*, como também ambientes específicos de fetiches. Seu espaço é uma ampla área de aproximadamente 500 m<sup>2</sup> e tem inúmeras repartições, inclusive temáticas, como o cenário de tubulações, onde se situa o bar, ou a sala da “borracharia”, aberta apenas em dadas ocasiões. Além disso, agrega duas pequenas salas com prateleiras (onde os sacos das roupas são guardados), dois espaços de trocas de roupas, um cubículo de ducha coletiva, dois recintos com quatro cabines individuais cada, dois locais com camas de casal para sexo grupal, um departamento com banheiros (em dois deles há duchas para higiene genital), armações semelhantes a “ilhas de sexo” (cavaletes espalhados por todo o recinto — representados em vermelho nas Figuras 8 e 9), duas salas com banheiras vazias antigas, quatro espaços com *slings* de couro, um paredão com “glory holes”<sup>10</sup>, um canto reservado para os adeptos de “esportes com água”<sup>11</sup>, um corredor principal onde o

---

<sup>10</sup> Muito comuns em saunas e clubes de sexo, os *glory holes* (tradução literal “buracos sagrados”) são orifícios feitos em uma parede, nas quais não se tem acesso ao outro lado a não ser através deles. Mais do que ato sexual, tais buracos incitam a imaginação e os adeptos do tal prática (tantos os que colocam seus pênis à disposição, quanto os que os recebem de alguma forma, com a mão ou com a boca), empolgam-se imaginando quem seria o Outro, do outro lado, dentro de um jogo de fetiches.

<sup>11</sup> Na literatura encontra-se o termo *water sports*, uma alusão às práticas sexuais que utilizam líquidos, corporais ou não. Há, basicamente, duas modalidades: a “chuva dourada” (o urinar no parceiro) e a “aspersão via enema”, que é quando se injeta água no ânus, via um pequeno tubo,

*cruising* sexual acontece, uma masmorra com correntes e sling para penetrações extremas (*fist fucking*) e um pátio externo. A “festa dos atletas” é a única que, no verão, provoca a abertura dos espaços que estão fechados no restante do ano. O *croquis* do bar a seguir deve ser entendido na horizontal, um esquema ao lado do outro (FIGURAS 8, 9):

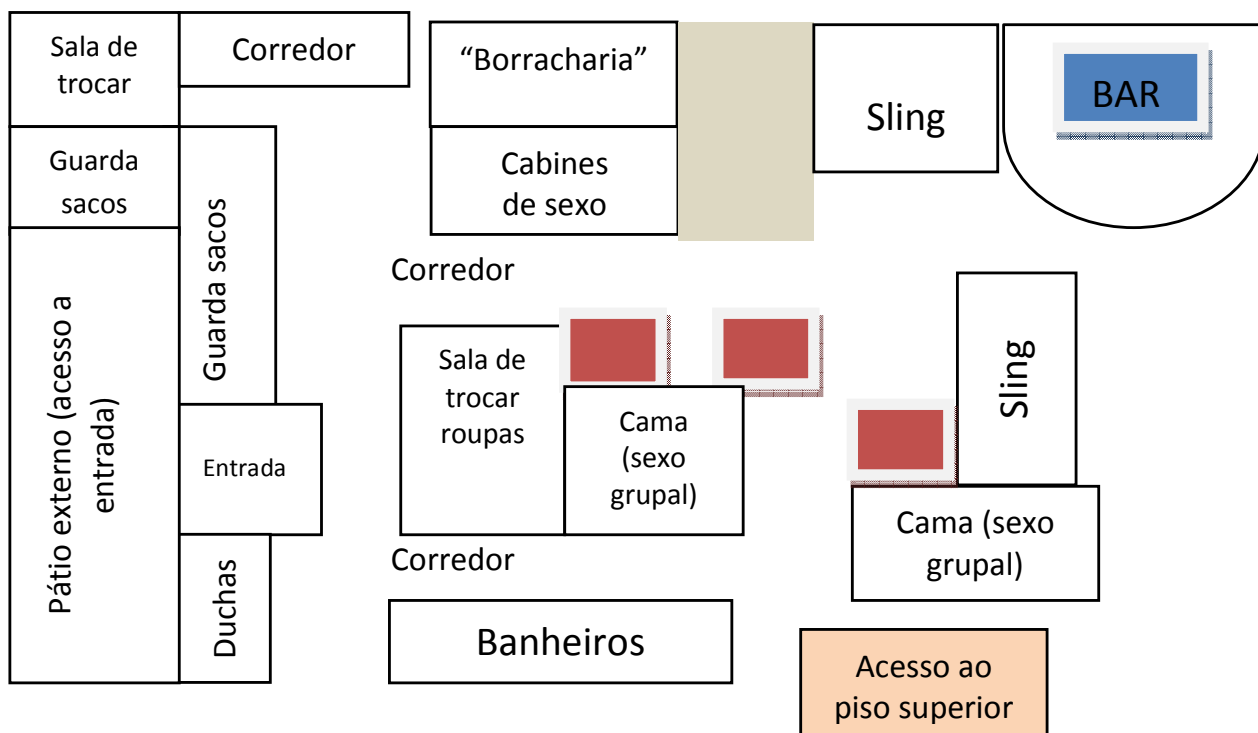


Figura 8: Planta de entrada e adjacências

e logo em seguida o outro recebe esse líquido na face, na boca ou mesmo no corpo. Segundo Silverstein e Picano (1992, p. 210) “to some the idea of having a sex partner administer an enema is exciting. The sensation of a liquid being repeatedly and forcefully squirted inside the ass could feel like being fucked over and over and then literally flooded with come”.

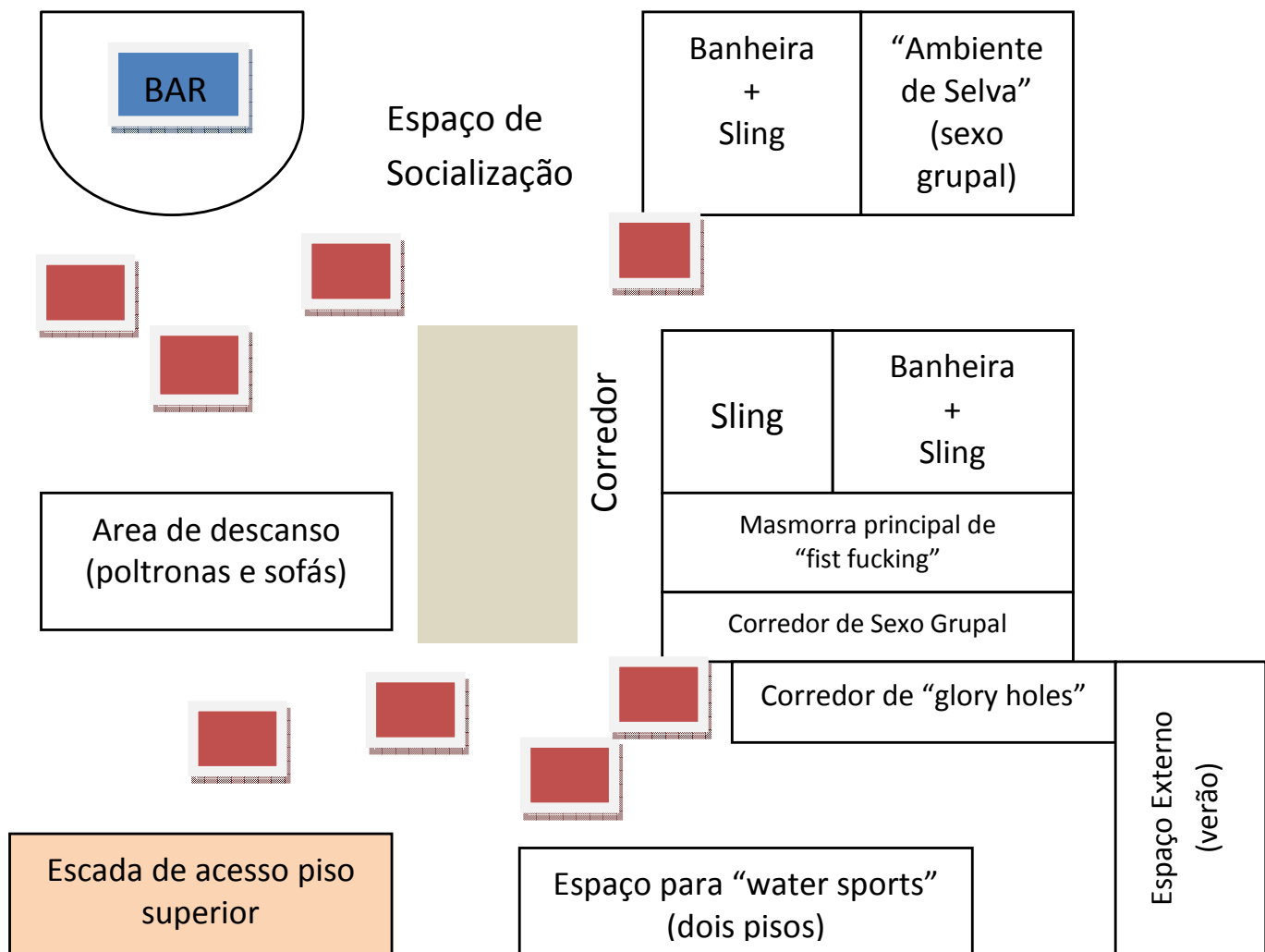


Figura 9: Planta de entrada e adjacências

Há, ainda, um piso superior onde se encontra uma gaiola gigante e um *sling* em seu centro. Lá é chamado de "arena" por alguns, pois os sujeitos se aglomeram em círculo e do lado de fora das grades da gaiola, a fim de assistirem a performances sexuais dos que estão no centro, do lado de dentro. Ao mesmo tempo em que assistem a cena ao vivo, também praticam entre si, isto é, o "público" transa ao mesmo tempo em que os "protagonistas" transam dentro do palco da gaiola. O momento de clímax é de celebração do gozo coletivo e da "viagem" máxima, pois a maioria consumiu (ou está consumindo), *poppers* e

cheirando cocaína — de longe, e perceptivelmente, as mais utilizadas pelos frequentadores<sup>12</sup>.

No LAB é perceptível e visível a utilização de drogas ilícitas (além do álcool, claro) em larga escala, em busca de maximizar a “experiência” e senti-la ao extremo. Nos termos de Elias e Dunning (1992) seria o que marca a “busca da excitação” na sociedade contemporânea, com um dado diferencial: se nas atividades ordinárias da vida a emoção e a excitação sofrem restrições “civilizadoras”, por meio das atividades de “lazer erótico” do LAB elas podem extravazar, *porém* sem controle, como veremos adiante.

Nos ambientes das festas, principalmente àquelas cujo traje é “sem traje” ou sem roupa, os vidrinhos de *poppers* aparecem visivelmente camuflados nas meias dos usuários. Ao passo que o consumo dessa substância é mais individual (cada um tem seu “vidrinho”), a cocaína e o *ecstasy* são costumeiramente consumidos em grupos, geralmente entre “amigos e conhecidos”, tanto nos corredores do banheiro, como nos locais “públicos” de transas (grupais).

O calendário de eventos do clube é bastante variado e se levar em conta a denominação “playground de adultos”, há uma palheta bastante diversa de opções. Eles confeccionam dois organogramas de atividades, que se dividem entre as **rotineiras** e as **sazonais** (ou seja, principalmente com foco no verão). Durante aproximadamente um ano acompanhei tal calendário, tanto em sua configuração convencional, quanto nas ocasiões especiais, por fazer parte das relações sócio-sexuais dos sujeitos entrevistados na pesquisa maior de doutorado sobre as competições esportivas LGBTs. A casa funciona de quinta a domingo e tem horários bastante rígidos para o ingresso, principalmente em dias de festas temáticas. O que denominam *Einlass* (permissão de entrada) vale por apenas duas horas<sup>13</sup>. O “leão-de-chácara” da portaria abre exceção além-horária em duas situações peculiares: geralmente no verão (devido à grande quantidade de turistas) e em dias que o local está vazio, mas isso acontece raramente. No entanto, o protocolo de fechamento das portas em horários designados é uma política de controle bastante conhecida.

---

<sup>12</sup> *Poppers* é uma substância vasodilatadora, utilizada como afrodisíaco e estimulante sexual. Seu efeito é rápido e provoca alteração nos batimentos cardíacos e na pressão arterial.

<sup>13</sup> Quintas, sextas e sábados a entrada é das 22 às 24 horas. De domingo, das 16 às 18 horas.

No feriado de Corpus Christi, fomos para o LAB em um grande grupo de brasileiros e alemães, a fim de celebrar a amizade “interétnica” e antecipar, segundo disseram, as comemorações da Copa [do mundo de futebol]. Acho engraçado o povo sempre encontrar motivos para celebrar. A noite estava convidativa a caminhadas a pé, pois nem estava muito frio e o céu se abria, curiosamente, estrelado. Apesar de nossa antecedência ao horário estabelecido do LAB, não conseguimos adentrar ao local. Os ânimos ficaram bastante abalados. Fiquei calado e assustado com o que vi, apenas observando as reações. No caminho de volta de U-Bahn [metrô berlinense], o assunto foi um só: ‘como puderam não *nos* ter deixado entrar(?)’. Costumeiramente a decepção é grande porque os sujeitos ‘se planejam’ para ir ao LAB em seus melhores dias de funcionamento (dias de festas temáticas e em feriados, principalmente). A sensação de frustração dos sujeitos é tanta que não exagero em compará-la com o que suponho ser uma ‘crise de abstinência’ de drogas. (Registro de campo, 07 abr. 2010).

Os dias de roteiros convencionais (e fixos) são quinta e sextas-feiras. Quintas são dias de *naked party*, mencionadas anteriormente, nas quais todos ficam nus e apenas com calçados e, nas sextas, o *fucking Friday 2-4-1*, na qual se pode escolher ficar com trajés específicos, de cueca, sem roupa ou com peças esportivas (como sungas, maiôs de luta-livre, ou os mais comuns, bermudas e *shorts*). Às quintas há uma população que, grosso modo, se divide em dois grandes grupos: os que fazem sexo *hardcore* (isso observado pelas vestimentas de couro e pelas atitudes nos labirintos) e os mais tímidos que usam as *sex naked parties* para se soltarem, literalmente:

Hoje conheci A. no LAB, que me disse ser sua primeira vez no local. Falou pouco, olhou muito para os pés e contou-me que morava com os pais. Tímido ao extremo, percebia sua taquicardia e suor à certa distância. Como não tínhamos onde

olhar, pois ambos estavam pelados, olhávamos para o chão. Conversamos muito e ele já tinha tido um “caso” com um brasileiro, anos antes. No final da noite já éramos quase amigos próximos, algo raro em se tratando de um alemão, mas perfeitamente inteligível se tomado em conta que tivera contato com outras culturas anteriormente. Disse-me querer um dia ‘falar português’ perfeitamente, ao que sorri como forma de agradecimento. Trocamos telefones e olhares, além de ‘opiniões’ sobre sua e minha ‘culturas’. Meu amigo disse-me que é desperdício pagar para conversar nesse local [LAB]. Na saída, ao final, nos despedimos [para nunca mais nos encontrarmos]. (Registro de campo, 20 maio 2010).

As sextas são, de longe, as mais procuradas. Quem ainda não foi, sempre tem um amigo que apresenta o bar. O local virou uma “mania”, não apenas entre os nativos berlinenses, mas também entre os estrangeiros. Encontrei um cem-número de franceses, italianos, brasileiros, americanos, ingleses, etc, andando nos espaços do LAB. O esquema de sexta (2-4-1) significa “paga-se uma bebida, ganha-se duas”. Isso funciona durante toda a noite. Cheguei a me perguntar o que atraía mais os sujeitos (fiéis) frequentadores: as bebidas ou o sexo? Não tenho resposta, mas algumas suposições. Agregados ao gênero, talvez ambos atinjam uma combinação perfeita da “santa trindade”, segundo destacaram Wenner e Jackson (2009). A bebida mais consumida, segundo notei, é a cerveja. Apesar de amarga, a alemã BECKS é a mais consumida. Assim como ocorre nos meios heterossexuais masculinos, nos ambientes homos o consumo de cerveja é também grande.<sup>14</sup>

As festas sazonais, por sua vez, são divididas em diferenciadas temáticas e o bar avisa em seu *site* que se reserva o direito de modificar seu calendário, conforme o fluxo de frequentadores. Assim, alternam-se de semana a semana (ou mês a mês) a “Yellow facts: piss without dresscode”, onde vão os interessados em sexo misturado a escatologias; a “Fausthouse: anal deep throat”, que promove o encontro dos “mais

---

<sup>14</sup> Aqui talvez fosse possível pensar em uma relação mutuamente parasitária entre esporte e cerveja, uma vez que ambos são globalizados e orientados por compreensões normativas de gênero, as quais organizam o mundo.

radicais” e adeptos do *fist fucking*<sup>15</sup>, segundo um de meus entrevistados “especialistas”<sup>16</sup>; a “Official Slut: suit & tie”, reservada aos mais clássicos e de “bom gosto”, que chegam com ternos e gravatas impecáveis; a “Gummi/Rubber fit only!”, para a grande população adepta da borracha, do couro e do sadomasoquismo<sup>17</sup>; a “Mug’s Party: do it in pig-stile”, para os que são adeptos de todos os tipos de secreções e cheiros e, por fim, a “Athletes’ Party: fit for fuck”, tradicional festa dos “atletas” e considerada por vários frequentadores, como “o mais conservador” dos encontros, motivo mais do que suficiente para minha curiosidade científica.

Há, ainda, duas festas especiais, realizadas esporadicamente. São espécies de “surpresas” da casa para a clientela. Elas denominam-se: “Scat: smear it, smell it, break a rule”, que também tem como temática os cheiros, mas não exige *dresscode* (traje obrigatório) para a entrada, e a “Naked Sunday”, repetição da festa que ocorre nas quintas regulares, mas feitas aos domingos, principalmente em alta temporada (verão e feriados nacionais).

Com exceção da *Yellow facts* e da *Mug’s Party*, onde são encontradas muitas escatologias, e das festas que requerem trajes especiais (como a *Suit & Tie* e a *Gummi/Rubber*), frequentei todas as outras, além de me fazer presente, pelo menos a cada quinze ou vinte e

---

<sup>15</sup> *Fist Fucking* é uma técnica de inserção (penetração) da mão (inteira ou parte dela) no canal retal (ânus) (SILVERSTEIN; PICANO, 1992). Há derivações, como penetração braço-ânus ou ainda perna-ânus, mas essas são classificadas como mais radicais. Em comunidades virtuais como o Gay Romeo (site europeu de busca por aventuras e relacionamentos entre homossexuais masculinos) é comum ser exposto, nas preferências sobre o outro (potencial parceiro), esclarecimentos se permite-se ou não/deseja-se ou não envolver-se em práticas como o *fisting*.

<sup>16</sup> Conheci o alemão nadador HL (35 anos, branco) ainda nos World OutGames/2009. No entanto, com o nosso contato mais próximo em Berlim pude ter várias e longas conversas com ele, que se denominava “sexy Metzger” (açougueiro sexy). Ele não apenas era um fascinado frequentador do LAB e das festas *Fausthouse* e *Fucking friday*, como um adepto das práticas de sexo *hardcore*, segundo me disse. As negociações com HL, inclusive as relativas às poucas entrevistas/conversas que tivemos, foram permeadas por chantagens sexuais implícitas. O que no início era tomado por mim como uma espécie de jogo da sedução, acabou se tornando uma tormenta, resultando em corte abrupto do contato [Atletas].

<sup>17</sup> Em algumas ocasiões especiais (geralmente também no verão), esta festa se divide em “Gummi/Rubber” e “Leather: second skin”. Isso porque, conforme também me informou Dirk, a demanda do público para tais encontros é bem grande e a casa não comporta tantas pessoas juntas. Além disso, como se referiu: “[...] os equipamentos não são muitos, apesar de que temos muitos *slings* [cintas de couro penduradas, para prática sexual em suspensão]. O problema é a aglomeração, e o sistema de ventilação, principalmente no verão, é ineficiente”. (Registro de campo, 25 jun. 2010).



um dia, em um dos encontros rotineiros. O *dresscode* é terminantemente respeitado, pois de acordo com Dirk,

[...] a casa põe, em primeiro lugar, o desejo dos clientes. Se o sr. não vem com a roupa apropriada, não tem como entrar. É obrigatório o uso da roupa específica. Assim o sr. encontra outras pessoas como o sr. e, então, tudo fica certo. (Registro de campo, 09 jul. 2010).

Códigos de vestimenta (ou *dresscodes*) são essenciais e não há tolerância com descumprimento desta determinação. Tomando emprestado os termos de Soares (2011), que estudou as transformações no vestuário esportivo de corpos masculinos e femininos entre 1920-40, as roupas usadas pelos sujeitos, em tais ocasiões festivas, poderiam ser tomados como verdadeiros “indicadores sexuais”, simbolicamente retratando dados signos codificados, dependendo das situações sociais tomadas. Em “festas dos atletas”, por sua vez, há um desfile de trajes esportivos, de marcas famosas (e, notadamente, caras), os quais, muitas vezes, são comprados especialmente para esta data. Há de se lembrar que o fetiche com a indumentária, ao menos entre os gays, intensificou-se nos anos 1970 com a emergência nos meios urbanos estadunidenses do “clone”, um homossexual hipermasculinizado, de barba (ou bigodes), que vestia roupas de couro ou jeans (calças justas de lenhador ou uniformes de policiais), acompanhando camisetas brancas (LEVINE, 1998). Tal “padrão estético”, segundo destacou Braz (2010, p. 231), “realinhou os significantes da masculinidade e força física ao contexto da homossexualidade”.

Outro de destaque na arquitetura da aderência dos “atletas” às suas “festinhas” é relacionado aos *dresscodes* específicos para o “povo do esporte”. Na materialização dos encontros narrados anteriormente, as roupas que são mote para a estetização fetichista da “festa dos atletas”, perdem-se nos espaços infinitos do LAB, mas me provocam a pensá-las. As vestimentas esportivas funcionam como peças-chave nas constituições dos desejos (reais e imaginários) para a motivação e a preparação dos sujeitos com vistas à participação naquelas ocasiões:

A festa de hoje pela tarde foi algo atípica. Parecia que estava num baile de fantasias, algo até colegial. Lembrei-me das festas temáticas da

faculdade. Ao entrar, vejo um tenista com sua raquete. Logo em seguida, uns quantos jogadores de futebol uniformizados com camisas do Barça [Barcelona], meias e até chuteiras. Daí, para minha surpresa, encontro HS vestido de ciclista, com um macaquinho inteiriço, de alguma equipe famosa, que eu não sabia qual era, e óculos especiais. Mas sucesso fez o rapaz com o quimono azul, com bandeirinha da Eslováquia, que estava sem cueca por baixo. (Registro de campo, 10 dez. 2010).

Não são raras as roupas novas, como calções de futebol, sungas *Speedo* ou *Aussiebum*, meias, chuteiras, cuecas ES, *Calvin Klein*, óculos de sol *Oakley*, quimonos e um arsenal de acessórios esportivos que se encontram desfilando junto a corpos naquele ambiente. O que se torna questionável é exatamente a compra desses objetos — muitas vezes com preços razoavelmente altos — para serem tirados quando os “encontros sexuais” se anunciam e ocorrem. A transitoriedade do uso deles é tal que se torna paradoxal: os sujeitos chegam vestidos de roupas comuns (e capotados com gorros, luvas e casacos, como no caso do rígido inverno alemão), trocam-nas pelas “fantasias esportivas” e, logo após o primeiro drink ingerido para criar uma atmosfera mais propícia à socialização, roupas e acessórios vão ao chão, a um canto sujo da taverna, ou, na melhor das hipóteses, para uma banqueta ou cabide<sup>18</sup>.

Numa das festas em que fomos eu e o australiano atleta de *snowboard* BS (“branco”, 28 anos), ao nos encontrarmos na estação central de Berlim (*Alexanderplatz*) para seguirmos ao LAB, indaguei:

**Eu:** o que você está fazendo com esses meias até os joelhos, esse calção e essas chuteiras de futebol, se você pratica *snowboard*?

**BS:** arhg! Você é mesmo louco, cara (*man*). Vc acha que eu vou de viseira de neve ou usando

---

<sup>18</sup> Não é o caso da “festa dos atletas”, mas quando o *dresscode* é **cueca** ou **sunga** (as famosas *underwear parties*), os sujeitos permanecem “mais tempo” vestidos do que desnudos. A cueca ou a sunga, principalmente a de dada marca referenciada pelos gay consumista, é um marcador de diferença, inclusive, socioeconômico, pois são poucos os que conseguem adquirir cuecas originais *Calvin Klein*, *Armani*, *Aussiebum*, dentre outras. Tê-las e usá-las, como ouvi várias vezes comentarem, “não é para qualquer um”.

aquela roupa pesada para uma festa? Tá louco?,  
*replicou sem paciência*. Eu comprei isso para  
festa [dos atletas], por que, tem algum problema?  
**Eu:** não, nenhum. O dinheiro é seu mesmo!.  
(Registro de campo, 13 fev. 2011).

O que me chamava a atenção era o fato de que BS também era skatista e jogava tênis de mesa; mas escolheu uma “fantasia” de jogador de futebol para ir ao encontro. Pode-se perceber aí o quanto sua subjetividade está capturada pelo senso comum de que esporte é “mais masculino” dentre todos os demais esportes. Como mencionei de outra forma em outro momento, Eric Anderson (2005) traz uma explicação para essa atribuição dada pelo senso comum (e mesmo pelos especialistas da área) nos EUA em direção aos esportes “mais” ou “menos” masculinos e faz uma comparação entre futebol americano e *cross country* para postular que quanto maior é o torneamento muscular adquirido, maior é a dimensão de “masculinidade” que um esporte pressupõe.

É claro que a dimensão pragmática se faz presente e um bom número de sujeitos está, basicamente, vestido com uma bermuda ou *shorts* esportivo (geralmente da marca Adidas)<sup>19</sup> e, de preferência, sem cueca. Isso porque, de acordo com o que me explicou HS (“branco”, alemão, 48 anos, corredor) é “mais fácil na hora da transa”<sup>20</sup>. Porém, uma grande parte dos frequentadores realmente investe e se empenha em cumprir o “roteiro” de seu desejo, preparando-se desde a compra da roupa, passando pela seleção do dia para chegar à ocasião em si.

Tecnicamente, o que poderia ser um ponto de tensão (e de possível problema) a qualquer frequentador de tais ocasiões seria o cumprimento dos *protocolos de conduta* dentro do LAB. Lembro-me que tratando de sua etnografia em casas de *swing*, Weid (2010, p. 807)

---

<sup>19</sup> Principalmente porque Adidas é alemã e as três listras (*die drei Streifen*) são populares entre todos/as e, indubitavelmente, também acessíveis ao consumo. Nas festas com temática esportiva e nas academias de musculação (pelo menos em ambas as que conheci, *McFit* e *Fitness First*), roupas adidas conferem *status* e elevam aquele/a que as vestes a uma categoria de (minimamente) “bem vestido/a”, sendo desejado/a e cobiçado/a. Fomos certa vez, eu e DS a uma loja de departamentos. Enquanto não encontramos um agasalho adidas que procurava, ele não sussegou. Segundo disse, adidas “é a marca que melhor se adapta no meu corpo”.

<sup>20</sup> HS me disse “curtir cueca” e no dia em que estava com o macaquinho de ciclista, o fetiche era ficar excitado com o membro ereto, a fim de que por onde passasse, todos “metessem a mão”. (Entrevista com HS, 16 dez. 2010). Suspeitei que ele havia feito uso de Viagra, mas não perguntei.

relata que havia regras a serem seguidas dentro de uma casa de sexo entre casais: “Mesmo que represente uma forma alternativa de se vivenciar uma relação afetivo-sexual, aparentemente mais livre, a prática do *swing* também envolve controle e regras rígidas”. O mesmo foi salientado por Braz (2007b) acerca das convenções estabelecidas dentro das casas de sexo ou das saunas, como não encarar determinado sujeito se não tem interesse, nem se masturbar em frente a todos, pois isso afasta potenciais parceiros, dentre outras.

No LAB, por sua vez, quase tudo é permitido e nada é controlado rigidamente, ao contrário do que se poderia pensar. Os códigos são “criados” pela convivência social entre os usuários e quase não existem regras definidas *a priori*<sup>21</sup>. Presenciei momentos diversos, em que dados sujeitos não queriam sexo ou qualquer contato com outra(s) pessoa(s) e, horas mais tarde, pela contingência imposta do movimento fluído de corpos e substâncias, o mesmo sujeito se entregava ao sexo e/ou à orgia em dados grupos. É interessante perceber como a contingência exerce um poder “quase mágico” — biomidiático, diria Preciado (2008) — sobre as subjetividades dos sujeitos, que não conseguem sair de lá do mesmo modo como entraram. Conforme Ds (30 anos, alemão, “branco”, trabalhador assalariado), que é um dos maiores frequentadores e com o qual tive contatos frequentes,

**Ds:** [...] o espaço do LAB provoca em mim uma alucinação, um desejo de ir mais, [...], não sei explicar. É muito bom. Chego tímido e demoro a me soltar, mas depois é bom. [...] Não penso em nada e a melhor sensação do mundo é quando estou sendo penetrado.

**Eu:** ah, sim – *exclamei*. Te vi naquele dia (pausa). No dia daquela sua performance sexual, *referi-me ‘normalmente’*.

**Ds:** *em sobressalto, interrogou:* como assim, você me viu? Quer dizer, você me viu em ação?.

---

<sup>21</sup> As únicas proibições que estão afixadas na entrada: é proibido tirar fotos ou filmar o local e é proibido usar perfumes. Além disso, sob o balcão onde se entregam os sacos com as roupas está escrito que “o requerimento do saco durante a estada custa, a cada vez, cinquenta centavos de euro”. Quanto à questão do perfume, justifica-se pelo fato de que lá é um “ambiente de homens que gostam de homens”. E, portanto, entenda-se que o “cheiro de homem” (principalmente de suor) é exaltado e desejado – tal gosto é chamado por Silverstein e Picano (1992) de *sleazy sex*.

*E emendou desapontado:* Ah, você está brincando?

**Eu:** Não. Mas não estressa, *disse-lhe*. Qualquer um poderia ter visto. Lá [no LAB] é tudo muito exposto. E, além disso, também achei legal, na verdade!”. (Registro de campo, 20 jun. 2010).

A situação presenciada por mim, na qual Ds esteve certa vez envolvido merece ser comentada. No piso superior da casa, no cenário da “gaiola” com grades e bancos de ferro descrito anteriormente, vendo um alvoroço frenético, fui conferir o que acontecia. Ds era penetrado via oral e anal por três sujeitos (essa última era dupla penetração), os quais o viravam de todos os lados e a cena se completava com uma turba de homens, que se masturbavam alucinadamente ao redor. Ao mesmo tempo surpreso e atônito, pois reconheci Ds no centro das atenções, distancio-me e me chama atenção o processo ritualístico de liminaridade entre prazer e dor, de irracionalidade e racionalidade (TURNER, 1974) que tal evento encampava. Excetuando-se o efeito das drogas que exerciam seus poderes alucinógenos sobre os sujeitos (principalmente cocaína, *ecstasy* e *poppers*), vi ali um ritual onde cada personagem tinha, ao mesmo tempo, papéis fixos e móveis na dramatização em cena; e o êxtase foi atingido praticamente em conjunto, com um “dilúvio” de esperma para todos os lados, inclusive sobre o epicentro de toda a estimulação (Ds e seus três penetradores).

Ds tem um perfil depressivo fortemente marcado. O consumo de drogas e mesmo o abandono de si, constatado por todos os que estão à volta em situações sociais festivas, marca uma personalidade “adicta”, que parece viver uma busca frenética sem direção ou objetivo. Para ele, assim como para tantos outros com quem tive contato, as festas no LAB são a fuga da rotina; ou melhor, de uma rotina que esmaga, aprisiona o desejo, suprime a *potência orgásmica* do corpo, em termos de Preciado (2008).

Nesse sentido, recobro-me de Roberto DaMatta quando por ocasião de sua análise do significados das festas e de suas ritualizações na sociedade brasileira como acontecimentos extraordinários, onde “a passagem de um domínio a outro é marcada por modificações no comportamento, e tais mudanças criam as condições para que eles sejam percebidos como especiais. Este é o subuniverso das *festas* e das *solenidades*” (DAMATTA, 1990, p. 40). As festas são momentos de

exceção (ou *extraordinários*, como destaca o autor), geralmente fundados em valores positivos e alegres. Além disso, tais momentos festivos constituem-se como um tempo de “licença” e de “abuso”, fora da esfera ordinária da vida do dia-a-dia, que seria, por sua vez, concebida como negativa ou dura (por isso, a “vida dura” é o cotidiano).

Apesar de ganhar bem e de ter um “padrão de vida confortável”, como certo dia me disse, Ds não se farta de “reclamar”. De meu ponto de vista, sua beleza é a do modelo padrão, altamente valorizada pela sociedade de consumo (e pelo segmento homossexual masculino). Como nos lembra Perlongher acerca do “racismo” imperante no meio homossexual paulista nas décadas de 1970-80 — mas que é atualizado constantemente, ainda hoje, no universo homossexual —, “de fato, os michês loiros (gaúchos, argentinos, paulistas, etc.) são altamente valorizados na praça, especialmente pelos clientes de classe média alta” (PERLONGHER, 2008, p. 153). O fato é que Ds, que tem o perfil semelhante ao descrito pelo autor, se acha “feio” e diz se atrair por “mulatos”, principalmente brasileiros, segundo me contou. Dada vez me narrou que, na sauna For Friends, em São Paulo, foi confundido com michê e o rapaz, com que tinha transado, quis lhe “pagar”.

Desse universo das festas do LAB, interessei-me, particularmente pela versão da “festa de atletas” (*Athletes’ party*), que é extremamente popular e suas edições estão sempre cheias. De regularidade constante, ao menos uma a cada mês encontra-se na programação do bar. Por solicitação dos frequentadores, no segundo semestre de 2010, ela passou a ter uma versão a mais por mês aos sábados pela noite.

Tecnicamente, na “festa dos atletas” só tem permissão de entrada quem estiver vestido de atleta ou portar consigo roupa esportiva a ser vestida dentro do bar. Como nas outras ocasiões de *dresscode*, nesta deve ser usado algum traje que faça referência ao esporte. Tal festa tem uma ligação com a porção gay do circuito político-festivo LGBT. Certamente nem todos os frequentadores delas participam de competições LGBT, e nem todos os gays que praticam algum esporte em tais torneios, necessariamente, vão ao ou conhecem o LAB e a sua festa temática. Porém, há os que fazem parte destas competições e vão ao LAB, particularmente na referida festa. Outra consideração que posso fazer é que nem todos os que frequentam o LAB são atletas (a maioria não é), mas há uma parcela de atletas ou ex-atletas que são “entusiastas” dos encontros. Assim, tendo como premissa tais constatações, é possível

traçar duas inferências básicas: a) o esporte é, notadamente, um fator de fetiche entre os sujeitos, que se excitam com suor, roupas atléticas, tênis, meias sujas e diversos acessórios esportivos<sup>22</sup>; e b) há uma circulação entre espaços *queer* relacionados à sociabilidade e ao sexo, na qual as festas de temáticas esportivas, que reúnem “atletas” — seja nas competições LGBT ou no LAB — são etapas “obrigatórias” a serem conferidas (e presenciadas)<sup>23</sup>.

Nesse sentido, e considerando mais estritamente tal ocasião, é possível resgatar o que Mike Featherstone (1995) trouxe sobre pós-modernismo e consumo, no que diz respeito aos parques temáticos e demais entretenimentos disponíveis na contemporaneidade, os quais podem ser tomados como exemplos paradigmáticos para se pensar a referida festa do LAB. Para o autor, haveria uma situação de “descontrole controlado”, devido à presença de seguranças, câmeras, sistemas de vigilância, etc, e na qual se pode permitir carnavalizar o momento, evocar prazeres e “viver a desordem”, mas com parcimônia, pois a presença de sistemas e câmeras de segurança e guardas-vigilantes fariam o papel do controle de irresponsáveis inconsequentes. Segundo ele,

atualmente, feiras de diversões e parques temáticos, como a Disneylândia, ainda conservam esse aspecto, embora de forma mais controlada e segura, oferecendo ambientes protegidos para o descontrole controlado das emoções, nos quais se permite aos adultos comportarem-se novamente como crianças (FEATHERSTONE, 1995, p. 114).

Em se tratando do que posso designar como “cultura de consumo de sexo” posta em prática pelo “mercado GLS” (SIMÕES; FRANÇA, 2005), o antropólogo Camilo Braz (2010) já fez referência ao “descontrole controlado” no caso de clubes de sexo entre homens, por

---

<sup>22</sup> O que quero dizer aqui é que há uma aderência à festa dos atletas (assim como há para outras temáticas) e, para meus interlocutores, ela é, certamente, a escolhida dentre as estéticas festivas oferecidas pelo local.

<sup>23</sup> Uma observação importante é que o LAB se localiza na cidade de Berlim, Alemanha, mas é famoso mundialmente, sendo um lugar que “**deve ser visitado**” [grifo do autor], segundo quase a unanimidade de seus frequentadores e de meus entrevistados. Turistas gays estrangeiros na Alemanha muitas vezes visitam o LAB, mas não conhecem o *Brandenburger Tor* (portão da cidade), importante marco histórico.

meio de sua etnografia em locais como bares e cinemas pornô, na cidade de São Paulo. Para Braz (2010, p. 213-214),

o *controle* das práticas potencialmente *descontroladas* nos clubes de sexo para homens de São Paulo pode ser interpretado como uma maneira de esses estabelecimentos adquirirem inteligibilidade e legitimidade – tornarem-se *possíveis*. Isso não significa que não se possa pensar na ideia de —transgressão como ampliação de normatividades eróticas a partir desses estabelecimentos. Mas, essa transgressão é *controlada*. Assim, como os —excessos dos e nos corpos. (grifo do autor).

O contexto paulistano (e, no limite, brasileiro, uma vez que a cidade de São Paulo é alçada à referência nacional) pesquisado por Braz, estabelece, de certo modo, um *modus operandi* que é parte de um mercado maior, global. O próprio autor destaca que houve uma “importação” do modelo norteamericano para o Brasil no que diz respeito às práticas de sexo *gay leather*, a partir da década de 1990. Se os sítios paulistanos estudados por Braz “flertam” com a pornografia gay vigente e recriam “fetiches” em respeito à masculinidade/virilidade, “numa relação ambivalente entre o normativo e o transgressivo”, minhas incursões etnográficas no LAB, particularmente por ocasião das “festas de atletas”, sugerem, além dessas, também algumas outras considerações.

Ao contrário do que se possa acreditar, as orientações sexuais não estão determinadas pelo binômio ativo versus passivo nos cenários instituídos. A estrutura hierárquica da binaridade registrada por Fry e MacRae (1985) entre ativo (portanto, dominante, “macho”) versus passivo (por sua vez, dominado, “bicha”) diante do intercurso sexual mostra-se pretenciosa e ultrapassada. Lembremos que:

Neste esquema, então, as relações sexuais esperadas também são todas ‘heterossexuais’, em termos de papéis sexuais. As pessoas socialmente ‘femininas’ se relacionam com as socialmente ‘masculinas’. As mulheres e bichas se relacionam com os homens e os homens e mulheres-machos



se relacionam com as mulheres. O que é considerado realmente ‘desviante’, de acordo com as regras, são relações ‘homossexuais’ não em termos fisiológicos, mas em termos dos papéis sexuais. *Assim, um homem pode se relacionar sexualmente com uma bicha, enquanto o primeiro é ‘ativo’ e o segundo é ‘passivo’* (FRY; MACRAE, 1985, p. 45, grifo do autor).

No LAB há uma profusão de distintos “roteiros sexuais interpessoais” — resgatando Gagnon (2006)<sup>24</sup> — mas não pré-estabelecidos, e sim abertos, criados sob demanda, que exploram o “desejo desejando o desejo” (FERREIRA, 2008, p. 135). Corpos de homens em contato, em contágio, mesclando-se, imiscuindo-se. Corpos que estariam além de uma tentativa de categorização e institucionalização do desejo. Como ressalta Ferreira (2008), quando trata do corpo fugidio do camponês assexualizado pelo “texto brasileiro sobre o rural” (e também do “texto brasileiro sobre o gênero”),

Trata-se, portanto, da invenção de uma *subjetividade antropofágica*<sup>25</sup> como profunda experimentação, acontecimento, esterritorializações de corpos, máquinas de guerra do desejo desejando o desejo, do entre-dois constitutivo dos afectos mal-ditos, pois ressalto desde já que *o gênero não nos pega mais* (FERREIRA, 2008, p. 151, grifo do autor).

Em minha primeira vez por entre os corredores tortuosos do labirinto, ainda sem fôlego e com o coração pulsando nas amígdalas, uma referência me caiu de súbito: senti-me dentro de *De olhos bem*

---

<sup>24</sup> Por *roteiro* o autor entende “aquilo que liga os sentimentos de desejo e prazer ou de repulsa e desintegração às atividades corporais associadas ao contato físico e aos sinais físicos de excitação” (GAGNON, 2006, p. 219-220). “Interpessoais” (produtos da interação social) seriam um dos três tipos de “roteiros” destacados por ele.

<sup>25</sup> Subjetividade antropofágica é uma elaboração de Suely Rolnik (2005) e define-se “[...] por jamais aderir absolutamente a qualquer sistema de referência, por uma plasticidade para misturar à vontade toda espécie de repertório e por uma liberdade de improvisação de linguagem a partir de tais misturas”. Além disso, ela “atualiza-se segundo diferentes estratégias do desejo, movidas por diferentes vetores de força, que vão de uma maior ou menor afirmação da vida até sua quase total negação” (ROLNIK, 2005, p. 99)

*fechados* (KUBRICK, 1999), acompanhando Tom Cruise adentrando ao baile de máscaras, entre sonho e realidade, entre delírios e êxtases de uma sociedade secreta, e vendo aglomerados de pessoas transando e sendo transadas<sup>26</sup>. A única diferença é que não havia “mulheres” no recinto, mas os movimentos dos corpos eram similares. A qualquer momento pressentia que seria indagado, interrogado sobre minha presença ali e tal sensação funcionava como força castradora do que pudesse sentir. Para continuar a pesquisa nas outras ocasiões precisei, passar por um “autoexorcismo” e me livrar de tal sensação persecutória e moralista.

Vagando por entre as “almôndegas” de pessoas que transam há de se estar preparado para participar, caso seja, literalmente, envolvido no “esquema”. O *start* pode ser dado por dois sujeitos que se beijam e atraem a atenção de outros que, a partir disso, estabelecem uma espontânea “divisão de tarefas” ao redor daqueles. Daí se proliferam conexões. A masturbação *vouyerista* é uma das práticas comuns de “aquecimento” ou *warm up*, como se diz no mundo esportivo. Ela é código, *performance*, enunciação às duplas, triplas ou infundáveis roteirizações sexuais que ocorrem de nos “caminhos de sexo”. Surgem os protagonistas das ações — que são “eleitos” pela ocasião — e alguns começam a chupá-los (felação)<sup>27</sup>. Logo se aglutinam outros, que os beijam e são beijados. Abraços por trás são comuns e os “roteiros” espontaneamente se multiplicam rapidamente, com trocas incessantes de papéis. Grandes grupos se formam, de sujeitos que estão ali e não estabelecem limites para suas práticas sexuais. Podem ser identificadas práticas excêntricas, como a *frottage* (simulação de relação sexual pela esfregação mútua do pênis contra o abdômen do parceiro) e a cópula

---

<sup>26</sup> O filme é do diretor Stanley Kubrick (notabilizado por *Laranja Mecânica*), que se baseou no “Breve Romance de Sonho” (tradução para o português de “Traumnovelle”, de Arthur Schintzler). O enredo conta a história de Fridolin, um médico jovem e sua esposa, Albertine. Tudo se passa de modo tranquilo na relação de ambos até que, em dada noite após um jantar regado a champagne, Albertine narra uma antiga fantasia erótica, que envolvia o marido. Atormentado pela confissão e saindo para atender um cliente doente, o doutor Fridolin vê-se envolvido numa estranha aventura sexual, em que sexo e morte se retroalimentam. Segundo Márcia Pereira (2007, p. 1), “o tema próprio dessa obra magnificamente lúcido, sugere o quanto percebemos e o quanto deixamos de perceber a arte enquanto vida e a vida enquanto uma obra de arte inacabada, a estética da e na vida, enquanto arte do reconhecimento da essência do viver, sendo assim ela está repleta de sonhos, vontades, desejos, alguns destes viáveis e vividos, outros alimentados, acalentados, mas nem sempre realizáveis”.

<sup>27</sup> Segundo Paul Veyne (1987), a felação e a cunilíngua eram dois comportamentos sexuais infames na Antiguidade Clássica e que sobrevivem ao tempo.

interfemoral (esfregação do pênis entre as coxas do outro) (SILVERSTEIN; PICANO, 1992), as duplas penetrações, as transas grupais, o rodízio de penetradores em um mesmo ânus, o rodízio de ânus para um mesmo pênis, as práticas sadomasoquistas em duplas e grupais. Essas últimas são bem raras nos dias de “festas de atletas”, reservadas predominantemente para as de Gummi/Rubber, descritas anteriormente.

São novos *scripts* a todo momento, inventados e reinventados segundo os desejos e seus infindáveis vetores. Os espaços são fugidios, as fronteiras movediças e sempre deslocadas. As práticas sexuais não são aprisionadas em formatos ou normatizadas por posições, funções e modos estabelecidos. Tudo se mistura, transgride, transborda, e os agentes, bem como os espaços e as substâncias, estão em deslocamento permanente e autônomo lá dentro. Tais elementos (e suas intencionalidades) estariam numa terceira dimensão, nem normativa, nem tão transgressiva; mas na dimensão da experimentação e adicção.

A alternância de estados, posições e mesmo a multiplicidade de funções e atos sexuais, obviamente, não é algo característico dos homossexuais masculinos, mas no labirinto de desejos, eles a utilizam em demasia. Pênis-ânus-tênis-fezes-esperma-pênis-meias-urina-boca-pênis-ânus-*slings*-máscaras desmantelam a forma fixa da penetração unidirecional pênis-ânus e abrem precedente para uma nova configuração sexual entre espaços, substâncias (fluídos), sujeitos, porosidades e apetrechos.

Ds me interpela, dizendo:

**Ds:** Gozei 4 vezes e você?

**Eu:** Eu?, *perguntei*, ainda nenhuma, *disse*.

**Ds:** Haha, você está louco ou o quê? (*Bist du verrückt oder was?*). Sabe muito bem que depois de um tempo, ninguém mais tá disponível. Vai ficar com o resto do resto? Ou vai ficar, de novo, só nos *drinks?*. (Conversa com Ds, 22 out. 2010).

De acordo com Preciado (2008), vivemos uma nova fase da economia política mundial, que se acenta sobre um capitalismo “psicotrópico e punk”, definido por ela como farmacopornográfico. Esclarece que não é a quantidade que define a produção farmacopornográfica contemporânea, mas sim a lógica produtiva que

atinge a escala (bio)molecular, atendendo aos desejos corporais à semelhança de um narcoticosexual, fazendo-se presente desde a biotecnologia agrária aos componentes *high tech* da comunicação, causando, assim, adicção [**Sociedade Farmacopornográfica**].

**Brasileiro:** Já gozei [*pausa introspectiva*] Foi com aquele ali, ó... [*mostra-me um sujeito “branco”, cabelos negros, mal-encarado, vestido com roupa de futebol americano e ombreiras*]

**Eu:** E foi legal?, *pergunto*.

**Brasileiro:** Bem, ele foi meio violento, tinha um *piercing* na cabeça do pau e me comeu com força. Eu dei, né? Não curto *spankers*, mas não descarto pausão<sup>28</sup>.

A sujeição a dadas situações como a descrita anteriormente apareceu em alguns discursos de sujeitos com as quais convivi neste ambiente e os quais acompanhava com certa frequência. O *cruising* compulsivo — *compulsive cruising*, segundo Lee (1978) — funcionava como motor propulsor de práticas cada vez mais intensas e adictas, peformatizando, de outra parte, uma espécie de “ditadura do gozo”.

Sair do LAB “sem gozar”, para usar as categorias nativas, é um “absurdo” digno de não ser pronunciado — algo indizível, “daquilo que não falamos” —, como alguns interlocutores me colocaram. Lembrei-me de Michael Pollak (1987, p. 57) quando diz que as práticas sexuais se tornaram mensuráveis em dado momento histórico da sociedade ocidental e que, portanto, no caso da homossexualidade, resulta

o isolamento do ato sexual no tempo e no espaço, a restrição a um mínimo de ritos de preparação ao ato sexual, a dissolução da relação imediatamente após o ato, o desenvolvimento de um sistema de comunicação que permita essa minimização dos investimentos ao mesmo tempo em que eleve a um nível máximo os rendimentos orgásmicos.

---

<sup>28</sup> Conversa com brasileiro que sempre encontrava no referido bar. Nunca trocamos telefones ou qualquer outra informação sobre nossas vidas privadas. O bar se constituiu em nosso local de socialização “identitária” (brasileira) e “(homos)sexual”. (Registro de campo, out. 2010).

Além disso, e resgatando Michel Foucault (1985) e os dispositivos de saber-poder acerca da sexualidade ocidental, esta incitação do discurso sobre o “gozo” (e sobre o sexo, no limite), não só é uma forma de controle dos comportamentos, como faz parte de um dispositivo de poder, disfarçado de discurso liberal (e “incentivador”) das práticas sexuais.

Há um tempo que regula os corpos e suas produções orgâsmicas, ou o volume de *potência gaudendi* parcial ou total de um corpo, dado pelo mecanismo de “excitação-frustração”. Na profusão de corpos, substâncias, materiais, desejos tudo se mistura e se perde, uma vez que o capital ejaculante se verte em “fixo” (e capitalizável). Uma das chaves do circuito *excitação-frustração-excitação* levado ao extremo dentro do farmacopornismo “[...] é o caráter toxicológico do prazer sexual: [...] o prazer é satisfação frustrante. Essa é a divisa da economia pós-fordista farmacopornográfica. Sua fonte última de produção e riqueza.” (PRECIADO, 2008, p. 213, tradução do autor).

Na época da Copa do Mundo de Futebol de 2006, na Alemanha, a municipalidade de Berlim providenciou um local “adequado” para que os turistas (principalmente estrangeiros) tivessem acesso ao “serviços sexuais pagos” (leia-se prostituição feminina), através do bordel Artemis, reformado e equipado para atender a então “demanda” excepcional durante os Jogos. O lugar fica localizado na porção oeste da cidade, na ex-Berlim Ocidental, próximo de uma área turística de alta circulação e se designa como um “clube-sauna” de *Freikörperkultur*, ou seja, de “cultura de liberdade corporal”.

Preciado (2008) também se refere a tal “empreendimento” alemão e sugere que, ao invés de pensarmos a prostituição e as práticas sexuais como marginais e tangentes ao esporte (ou mais propriamente “ao futebol”), poderíamos pensar o esporte e mesmo o futebol como partes de uma indústria farmacopornográfica de ordem planetária, que

controla redes de Internet, clubes, discotecas, cadenas de producción, distribución y difusión pornográfica, industrias farmacéuticas de producción y tráfico de drogas anabolizantes y de otras moléculas que suplementen el cuerpo deportivo y sexual, al mismo tiempo que cadenas de producción y distribución de música, de ropa, accesorios y mercancías derivadas (desde camisetas con el nombre de Zidane, a

desodorantes o preservativos, pasando por colorantes del cabello) (PRECIADO, 2008, p. 193, grifo do autor).

A pornografia, para autora, está encarregada da “verdade” sobre a sexualidade (lembramos Foucault novamente) e reuniria características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural contemporânea, com exceção de seu submundo. Como argumenta:

De modo particularmente inteligível, a pornografia oferece, com seu circuito fechado excitação-capital-frustração-excitação-capital, a chave para entender qualquer outro tipo de produção cultural pós-fordista (PRECIADO, 2008, p. 183, tradução do autor).

Obviamente, as práticas sexuais de gays “esportistas” estão desterritorializadas pelo mundo nas tramas do circuito de turismo LGBT internacional, uma importante produção cultural contemporânea do capitalismo farmacopornográfico. Elas se materializam quando por ocasião de um evento como uma competição esportiva, que em sua lógica estrutural prevê a relação *esporte-festa-sexo*, mencionada anteriormente [Práticas Esportivas Queer]. No entanto, em um clube de sexo cosmopolita na Alemanha, elas se encontram, de igual modo, territorializadas, ligadas não apenas à ocasião festiva, mas também à aclamação do esporte enquanto elemento fetichista farmacopornográfico. Tais práticas mesmo territorializadas ali “ligam-se” (no sentido de *lincarem-se, conectarem-se*) ao circuito maior de circulação *queer*, composto por paradas gay, Jogos e torneios LGBT, cruzeiros gays e lésbicos, e festas raves, fazendo parte de um processo contínuo e ambíguo de territorialização/desterritorialização/reterritorialização dos desejos. A pesquisa tem, assim, como pano de fundo a discussão sobre como elementos pretensamente transnacionais ganham contornos locais específicos (no caso, na Alemanha) e reinserem-se nas práticas globais.

Resta-nos, portanto, saber em que medida as subjetividades contingentes nas esferas esportivas LGBT podem operar transformações no sentido de ocupações subversivas dos espaços e das práticas relacionadas aos esportes [Ocupação e Subversão]

**Verbetes relacionados:**

Atletas, Circulação e Desejos, Ocupação e Subversão, Práticas Esportiva Queer, Sociedade Farmacopornográfica, Territórios Marginais

## Saída do Armário<sup>1</sup>

Na manhã de sexta, já acabado da semana, decidi sair cedo para não me atrapalhar novamente com os meios de transporte. Fico irritado só de pensar que tenho que pegar trêm, metrô e ônibus. Poxa, porque colocaram o local da natação tão longe? De repente salto na parada principal do complexo aquático *Copenhagen Aqua Arena*, lugar que ainda não havia sido observado por mim e onde ocorriam todas as modalidades esportivas ligadas à  gua. Não acredito que estou quase no fim da semana de competições dos [World] OutGames/2009 e ainda falta tanto para fazer. Mas hoje é a vez dos nadadores. Com esse longo caminho até aqui, não volto até ter entrevistado, ao menos, algum deles. Depois de pagar uma pequena taxa de entrada no complexo, havia livre acesso a todas as instalações. [...] Permaneci na arquibancada alguns minutos como estratégia para me decidir por onde e com quem começaria. Como não tive ajuda do comitê organizador para me facilitar o acesso aos participantes, teria que fazer o trabalho corpo-a-corpo em cada esporte que resolvesse investigar. Esse é o trabalho “sujo” do pesquisador, ir lá, ter “cara-de-pau”, pôr a “mão na massa”. Mas acho que aprendi bem a fazer isso. Bem, pelo menos consigo contatos e falo de minha pesquisa! A natação era a modalidade com maior número de inscritos — 629 no total — o que deixava meu trabalho um tanto quanto complexo, pois no meio daquela multidão, queria encontrar atletas. Algum tempo de observação e notei um rapaz branquelo reluzente, de cabelo ruivo e curto, porte ostentoso, quase dois metros de altura, braç s e pernas longilíneas, com músculos delineados, que fazia movimentos de aquecimento com os braç s, ao lado da piscina, e ouvia atentamente os resultados das provas anunciados no alto falante. Tomei

---

<sup>1</sup> Também tratado como *coming out process* (saída do armário) ou *closet* (da sexualidade)



fôlego e fui me apresentar. Já sabia por onde começar [...]. (Registro de campo, 31 jul. 2009).

Entre um anúncio e outro, KT fazia anotações em uma prancheta e tinha, ao seu lado, uma imensa mochila com vários apetrechos esportivos. Dinamarquês, “branco”, 26 anos, atleta do triatlon nos Jogos, fazia checagem dos tempos que os melhores nadadores marcavam na piscina. Apresentei-me, conversamos frivolidades iniciais e o mote introdutório para nossa conversa foi o preenchimento de um *survey*, o qual estava aplicando sistematicamente em cada esporte [World OutGames].

Com seu consentimento desconfiado (pois me disse “Eu não respondo nada que seja relativo a gays!”), KT parou no preenchimento da segunda questão, que enfocava a orientação sexual dos sujeitos (ANEXO). Dentre todas as categorias disponíveis, não assinalou nenhuma, pois se denominava MSM (*male sex with male* ou homens que fazem sexo com homens) e isso, segundo ele, “[...] nada tinha a ver com as questões relacionadas ao *mundo gay e lésbico*” [grifo meu]. A partir disso, interrompo o fluxo dos acontecimentos, a fim de propor algumas considerações. Apesar de participar de uma competição LGBT e estar/viver num dos países europeus mais democráticos quanto à sexualidade<sup>2</sup>, a ambivalência das explicações de KT suscita certa ponderação.

A questão que envolve os MSM é bastante particular. Não necessariamente reivindicam para si uma “identidade” que os enquadre e talvez pudessem ser situados numa zona de intersecção entre as pluralidades das heterossexualidades e as das homossexualidades. Denominados sob expressões *male-male sex* e *male-to-male sex* na

---

<sup>2</sup> Axel Axcil, falecido em 2011, e Eigil Axcil (na época de sua morte, com 67 anos), formaram o primeiro casal a ter sua relação afetivo-sexual reconhecida pelas leis de uma sociedade civil, na Dinamarca, em 01 de out. 1989. No primeiro dia da II Conferência Internacional de Direitos Humanos LGBT, realizada em Copenhague (jul. 2009), ele foi convidado pela prefeita da cidade a deixar uma mensagem de comemoração aos 20 anos de luta pelos direitos das pessoas do mesmo sexo. Em seu pronunciamento, Axel lembrou de toda a luta pelo direitos humanos e contra a discriminação em que participou. Disse que havia uma “efervescência” do movimento *gay* desde os anos 60 e que ele foi um fiel entusiasta. No entanto, lembrou que a partir a Declaração da ONU sobre Direitos Humanos, de 1948, sempre foi um ativista e defensor de tais direitos, principalmente em relação às minorias raciais, religiosas e sexuais. E completou: “*meu sim, no dia de meu casamento, foi uma espécie de incentivo para outras nações abrirem um debate sobre as pessoas LGBT. E hoje é isso o que estão fazendo!*”. (Registro de campo, 26 jul. 2009).

literatura internacional, são atualmente considerados sob viés epidemiológico como “grupo de risco”, por parte de Organizações Não-Governamentais (ONGs) e Secretarias de Saúde de Governos Nacionais. O mesmo ocorre no Brasil, onde são conhecidos como HSH (homens que fazem sexo com homens).

Difícies de serem acessados, principalmente em regiões pobres do globo (África, Ásia e América Latina), tais sujeitos estão envolvidos em práticas sexuais, em geral, com o mesmo sexo e, paralelamente, com mulheres. Quanto àqueles que mantêm comportamento bissexual regular, não há muitos dados disponíveis, segundo o *Monitoring AIDS Pandemic* (MAP, 2005), uma vez que os sujeitos se “invisibilizam” na cena do comportamento sexual adulto. Na Indonésia, segundo tal relatório, “all males who buy sex from transgender sex workers consider themselves heterosexual. Most are active clients of female sex workers, and have sex with transgender sex workers for an occasional ‘change of scene’” (MAP, 2005, p. 9).

Assim como afirma o relatório supracitado, acessar a população de “homens que fazem sexo com homens” é um problema global, sendo tal dificuldade parcialmente contornada através de pesquisas que identificam nível de infecção por HIV/AIDS, problemática frequentemente atrelada a eles. Esse documento estima, por exemplo, que entre 3 e 5% da população adulta masculina asiática mantém alguma conduta sexual com parceiros de mesmo sexo. Dentre as práticas, o sexo anal desprotegido é o mais reportado (e o que mais expõe a risco os/as parceiros/as).

Voltando ao triatleta KT, em uma longa conversa, ele me expôs suas opiniões sobre o “mundo gay e lésbico” que, naquele momento, o envolvia. E para demarcar sua posição, explica:

**Eu:** mas você não transa mais com mulheres, então?

**KT:** agora não mais. Mas eu transo com mulheres, se precisar. Eu não tenho problemas com isso. Mas eu transo com homens e, como já disse, não sou gay por causa disso. Repito, eu gosto de macheza [maleness]. E, como te falei, não gosto de quando conheço alguém, não quero que tenha jeitos ‘estranhos’ [weird]. Não sou ‘estranho’ [queer] como esse povo aqui. (Registro de campo, 31 jul. 2009).

Ora, o motivo que levou KT a participar de uma das etapas mundiais dos jogos LGBT nunca será, efetivamente, conhecido. Sua versão é a de que “participava de mais uma das etapas de treinamento”<sup>3</sup>, o que é bastante plausível — tendo em vista que identifiquei vários atletas do meio *mainstream* participando daquela competição, principalmente em modalidades como o handebol<sup>4</sup> — mas não inteligível, uma vez que, dadas as condições estruturais, muitas vezes não oficiais, dos torneios LGBT (como falta de aferição de vento, não existência de piscinas olímpicas, ausência de cronometragem mecânica, quadras de pisos irregulares, etc.), ele jamais poderá carregar uma marca (tampouco um recorde) recolhido nestas competições.

Voltando aos MSM, como chamou atenção Cáceres (2002), sem atentar para a diversidade e a complexa interrelação entre desejos, comportamentos, papéis de gênero e políticas de “identidades sexuais”, não há como simplesmente utilizar a categoria comportamental MSM sob implicações epidemiológicas generalizantes, classificadoras de toda e qualquer interação sexual entre dois homens. Por isso,

it is essential to recognize that preventive interventions and community organizing should consider culture, identity and politics [...], and, therefore, must **distinguish** between MSM with different identities, contexts and experiences (CÁCERES, 2002, p. 25, grifo do autor).

Este autor tece críticas fundamentais dentro de um relatório sobre a condição dos MSM na região da América Latina e Caribe no tocante à epidemiologia relativa ao AIDS/HIV e às práticas sexuais destes sujeitos. Uma de suas conclusões, que se assemelha às encontradas pelo relatório da região asiática, é que devido a alguns fatores (como exclusão social da homossexualidade e a autopunição em

---

<sup>3</sup> Ouvei o mesmo argumento também de L., 30 anos, negro, participante do atletismo em Copenhague, sobre o qual falarei mais adiante.

<sup>4</sup> Por meio de um brasileiro voleibolista, em Copenhague/2009, tive acesso ao time dinamarquês que jogava no evento. Dos sete atletas, quatro eram “convictamente heterossexuais”, segundo disseram, e jogavam em na liga Nacional de Handebol da Dinamarca. Estar nos World Outgames era uma etapa competitiva entre outras.

relação à mesma), é muito difícil caracterizar previsivelmente a população dos MSM<sup>5</sup>.

Para o antropólogo Gabriel Guajardo (2002), que busca compreender o contexto sócio-cultural que envolve os MSM, há que se estabelecer a distinção entre práticas homoeróticas e “identidades” de gênero. Segundo salienta, é possível que não haja conflitos entre elas para muitos MSM, os quais defendem que suas “identidades heterossexuais” não são ameaçadas pelas “práticas homoeróticas”, desenvolvidas por eles ou que possam, simplesmente, “acontecer”.

Este seria o “grande paradoxo” identificado por Néstor Perlongher, em seu estudo sobre os “prostitutos masculinos” (michês) em São Paulo, nos anos 1980. Segundo cita: “Num apreciável número de casos, os rapazes que se prostituem não são ou não se consideram homossexuais; e esta recusa da homossexualidade vai ao encontro da demanda dos clientes [...]” (PERLONGHER, 2008, p. 48). Outro estudo que corrobora com a mesma percepção acerca de tais práticas apartadas é o de Hernández (1997) — que por meio de observação participante e entrevistas com também trabalhadores sexuais, em saunas gays na capital mexicana — constatou que não havia incoerência ou problemática para tais sujeitos em torno de suas “autoidentificações” heterossexuais [Masculinidade-S]

Certamente não é o caso de KT, mas eu gostaria de propor a problemática aqui endereçada sob a perspectiva dos processos de *coming out*, ou, em outros termos, de “saída do armário”. Este tópico é extremamente relevante para a consideração de minha investigação, pois faz parte dos discursos e das elocubrações dos atletas, com os quais travei contato. Poderia dizer, sem dúvida, que todos eles passaram pelo dilema do assumir-se, de deixar o *closet* da sexualidade heterossexual, em algum momento anterior de suas vidas, e que esta “passagem”, para muitos, não foi fácil (e nem está sendo para aqueles que não a completaram ainda).

Segundo Charles Silverstein e Felice Picano (1992) o *coming out* pode ser entendido tanto como a primeira vez que um/uma suposto/a “heterossexual” faz sexo com outro homem/outra mulher, quanto como o processo que se estende desde a percepção do desejo homo-orientado

---

<sup>5</sup> No entanto, para Fernando Pocahy e Henrique Nardi (2007) o problema seja, talvez, de ordem mais abrangente, localizado no campo das sexualidades e em suas interfaces no tocante à cidadania e à faixa etária.

até a concretização de uma relação de natureza homossexual. Apesar de identificarem “estágios” deste processo — de fantasias às primeiras experiências homossexuais, dessas à concretização da primeira relação sexual propriamente dita e, finalmente, a “identificação” com uma dada comunidade — os autores reconhecem que não há uma linearidade estável e nem tal processo está “fechado” completamente:

To ever greater numbers of men entering gay life this statement comes naturally and easily. Others find self-acceptance harder to achieve, and the coming-out process takes longer. They may have sporadic sexual contacts, but they shrink from admitting their homosexuality even to themselves. Other think of themselves as gay, but do not let anyone else in on the secret. (SILVERSTEIN; PICANO, 1992, p. 35)

Nesse sentido, cabe destacar que Almeida (2009) coloca nos seguintes termos: há o “armário”, de um lado e, simetricamente, o “sistema homofóbico”, que se caracterizaria por ser

um sistema de garantia da heterossexualidade normativa e da dicotomia e assimetria de gênero, que funciona através das estruturas do parentesco e das representações do corpo sexuado e suas actividades (ALMEIDA, 2009, p. 14).

A manutenção da dicotomização dos “sistemas” se dá por meio de um processo de subjetivação, que sujeita o homossexual às categorias da heteronorma, só sendo “superada” quando o ritual performativo do sujeito tiver sido cumprido e a sociedade reconhecer mais um/uma homossexual em seu meio.

Uma vez tendo adentrado à “vida gay”, por assim dizer, o sujeito passa a participar do “mercado dos intercâmbios sexuais”, nos termos de Michel Pollak, isto é, “[...] um mercado no qual – quando muito – há apenas ‘trocas de orgasmo por orgasmo’” (POLLAK, 1987, p. 59). No entanto, até o desabrochar deste estágio, tal sujeito pode viver durante muitos anos no “segredo” de sua sexualidade, como destacaram os autores citados anteriormente.

Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 26), por sua vez, pode nos ajudar a pensar a questão da existência e a manutenção do “segredo do armário” de outra forma. Para essa autora, o armário é um regime de controle de nossa sexualidade e uma “estrutura definidora da opressão gay no século XX”. Muito mais do que um fenômeno isolado, o armário tem feito parte da história da sexualidade no Ocidente e, além disso, de acordo com ela, há uma verdadeira “epistemologia do armário” que “tem sido produtora incansável da cultura e da história do Ocidente como um todo” (SEDGWICK, 2007, p. 23), sendo que não somente esteve ligada à homossexualidade na Europa e na América do Norte, desde fins do século XIX. Apesar de a autora ter argumentado sobre o racismo, as opressões étnicas/culturas ou religiosas, a imagem carregada de significado do armário “[...] é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões” (SEDGWICK, 2007, p. 32), segundo aponta.

Pode-se dizer que a própria existência do “armário” (enquanto segredo) carrega a questão da ambivalência em si. Sedgwick demarca essa importante percepção:

A imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário (SEDGWICK, 2007, p. 27).

Sob as lentes analíticas da autora supracitada, KT poderia ainda estar no “armário” ou *closet* de sua sexualidade. Mas poderia também não estar, uma vez que a posição a que ele se outorga é coerente com seus discursos e posicionamentos. Entretanto, ele é o caso mais extremo de uma gama de outros atletas que ainda vivem dilemas relativos à “aceitação” de uma condição de sujeitos homoeróticos, se é que se pode encaminhar tal questão nestes termos.

Com a indignação dele em relação ao questionário, fico atônito. Minha pressão arterial ameaçou baixar e minhas pernas amoleceram. No início não entendo o “protesto”. Lembro-me de Charlie Brown, do desenho infantil do Snoopy, e dos momentos em que levava uma bronca da

professora: ela falava, falava, ele não entendia nada. Assim estava eu naquele momento. Ouvia ao fundo, por incrível que pareça, o barulho de braçadas na piscina, de alguma prova que também não havia identificado. Ele me olha nos olhos e diz, insistentemente, que não é gay. Estou surdo. Vejo apenas o movimento de abertura de sua boca: “aiminótGAY”, “aiminótGAY”. Já entendi, mas não entendi. Ora, em estando em uma competição esportiva onde só encontro gays por todas as partes, como iria imaginar achar um MSM no meio da multidão. Enquanto tento entender, penso: será que fiz algo errado? (Registro de campo, 31 jul. 2009).

O “mundo gay e lésbico”, nas palavras de KT, parece ser sujo, poluído, pernicioso, contaminante. Por isso, ele tem seus meios de conseguir sexo e prefere ficar “isento”, pois confia em sua “masculinidade” e “condição masculina”:

**KT:** Você me perguntou como eu encontro outros homens? Você não acha que isso não é da sua conta?

**Eu:** Desculpe-me! Eu só queria saber mais a respeito disso...

(...)

**KT:** Eu estou fora do meio gay. [Eu] encontro na *internet* ou conheço já alguns atletas, que treinam juntos comigo [...] Tem um rapaz com jeito de menino [a boy with a boyish style], que sempre encontro no chuveiro do ginásio. [Nós] ficamos às vezes [we date sometimes]. Mas ele é muito masculino; realmente ‘garanhão’ [truly hot]. Prefiro assim...

**Eu:** mas vocês fazem sexo?

**KT:** [...] sexo oral. Ele faz (*he does...*)

**Eu:** Então você sempre tem sexo qualquer hora que você queira?

**KT:** Para quem é homem nunca falta oportunidade! [*For a real man is easier to have it!*]<sup>6</sup>. (Registro de campo, 31 jul.2009).

O trecho anterior do diálogo traz alguns elementos fundamentais a serem considerados. Em primeiro lugar, apesar do ser “fora” (*out*) do meio gay caracterizar-se como algo comum explicitado em perfis pessoais, revistas pornográficas, anúncios de classificados (*online/offline*), isso é algo que remonta a uma era pré-movimentos de liberação sexual. Conforme Richard Miskolci, pesquisador que tem se dedicado a investigar socialidades homoeróticas na era da *internet*,

Estas apresentações parecem resquícios do tempo pré-internet, em que os pontos de encontro de culturas sexuais não hegemônicas eram vistos como marginais, perigosos e denunciadores de uma identidade socialmente perseguida (MISKOLCI, 2009, p. 176).

Supõe-se, pelo discurso de KT, que a vida em sociedade é heterossexual e que ser um “homem real” (*real man*) é um pré-requisito suficiente para se ter o que se quer ou deseja, dentro do sistema patriarcal. Com tal postura e discurso ele acaba sedimentando as posições binárias de gênero existentes (e fortemente reconhecidas) no social. A própria questão de “apenas fazer sexo oral” da posição de quem “recebe” é um indício desta argumentação. Minha intervenção pode ter sido entendida por ele como castradora, pois os MSM tendem a ser reservados sobre suas vidas privadas no tocante seus comportamentos sexuais. Como nos lembra o relatório de práticas sexuais entre tais sujeitos na Ásia,

The stigma often attached to male-male sexual behaviour can encourage MSM to be secretive about this aspect of their lives. In most Asian countries, there is an unfavourable social and political climate for discussing issues related to MSM, and it is even more unfavourable for

---

<sup>6</sup> Decidi manter alguns termos originais em inglês devido à dubiedade de gírias e outras expressões/intencionalidades.



organizing communities to respond to the HIV/AIDS epidemic (MAP, 2005, p. 12).

Muito similar aos discursos dos internautas “machos” e “brothers” entrevistados de Miskolci (2009), é provável que o desejo homoerótico de KT dissossia-se de identidades fixas, o que vai de encontro com a realidade *online/offline* analisada por este autor, “na qual muitos não se consideram, tampouco aspiram ser reconhecidos como homossexuais, *gays* ou bissexuais” (MISKOLCI, 2009, p. 175).

Contudo, estas inquietantes questões sobre o “armário” também apareceram em outros entrevistados da pesquisa. O australiano de 28 anos, “branco”, atleta federado de *snowboard*, mesatenista e praticante de *skate*, e com o qual mantive maior proximidade durante alguns meses, ainda não conseguiu assumir uma postura única entra a vida pessoal e profissional. Se foi relativamente fácil me aproximar de BS devido à minha *masculine attitude* (em suas palavras), os contatos posteriores apenas recrudesceram nossas visões opostas de mundo sobre homossexualidade e relações homoeróticas e homoafetivas. Partindo da matriz de intelegibilidade proposta por Sedgwick (2007), ele ainda se encontraria “enclausurado no armário” tanto para a família, como para seus amigos de equipe esportiva, e vive uma clandestina sexualidade gay nas viagens de treinamento, que faz ao continente europeu [Atletas]. Se não bastassem as distâncias de tempo, espaço e ideiais que nos separavam, um desfecho trágico, no início de 2011, afastou-nos por completo<sup>7</sup>.

Vivendo uma dupla vida, o nadador AJ, “cinquentão” (conforme se autodenominou), desloca-se costumeiramente do Paraná a São Paulo, nos finais de semana, a fim de participar do circuito da vida noturna gay. Segundo ele, “[...] ninguém sabe de nada e quando quero, pego um avião e vou para São Paulo. Lá posso sair em locais gays que ninguém me reconhece”. (Registro de campo, 04 ago. 2010). Incorporando um médico heterossexual em sua cidade natal durante a semana e um “gay descolado e moderno” em alguns finais de semana, AJ se aproxima de um caso estudado por Richard Parker (1999), no qual

---

<sup>7</sup> Uma tentativa de suicídio do irmão caçula, paralisado cerebral, fez com que BS voltasse para a Austrália e abandonasse, temporariamente, os treinos de *Snowboard* pré-temporada 2011, na Europa.

este deslocamento sazonal é uma forma de driblar o controle da realidade social, dando vazão ao desejo homossexual:

Migration and remigration on a seasonal basis has become a way of managing or administering the vicissitudes of desire and the reality of social control in the same way that many behaviorally bisexual men separate their sexual selves within the physical space of a single city (PARKER, 1999, p. 191).

Cirurgião plástico, rico, bonito e bem apessoado, “branco” e de olhos azuis, AJ reúne todas as características que podem enquadrá-lo no grupo de gays dos países ricos do hemisfério norte, os quais viajam e participam do circuito internacional de festas e entretenimentos para tal segmento. Além do mais, se insere neste grupo pelo fato de viajar muito, fazendo cruzeiros gays e participando de pacotes numa infinidade de destinos turísticos [Circulação e Desejos].

No entanto, por questões não resolvidas consigo e com o meio social que o cerca mantém-se no *closet*: a família não sabe sobre sua orientação sexual, os colegas de trabalho tampouco e os atletas *master* (com os quais treina natação), nem sequer sonham com tal possibilidade. AJ ainda prefere, por enquanto, ficar no “armário” e vê sua vida pessoal, no Brasil, como um “cárcere privado”. Disse-me em desabafo,

[Eu] já não aguento mais viver essa vida de personagens. Vivo quatro personagens que não têm relação entre si. Sou um para minha família, outro para os amigos de natação, outro no hospital em que trabalho, e outro na balada gay. Nem sei mais quem eu sou! Às vezes tenho vontade de contar tudo e ser quem eu sou **aqui** [...]. (Registro de campo, 04 ago. 2010).

Tendo encontrado AJ em muitas ocasiões — esportivas ou não — conheço-o apenas por sua “vida gay”. Em todas elas vejo-o com bastante desinibição, andando abraçados com rapazes, beijando-os em público, bebendo em festas e flertando em inúmeras situações sociais. Em nossas conversas normalmente ele enfatiza que o “aqui”

(competições gays) é importante e deve ser intensamente aproveitado. Não há futuro, como para o sujeito pós-moderno (LYOTARD, 1986); não há família, nem pátria. Os eventos internacionais, para ele, configuram-se como “situações de exceção” na sua sexualidade, onde se permite usufruir plenamente daquele “tempo de exceção”.

Por ter sido (e ainda ser) atleta de natação, a imagem por ele criada é (e sempre foi) importante para mantê-lo longe de especulações sobre sua vida privada. O tanto que tal decisão surtiu efeito a favor (ou contra) sua vida não se pode avaliar; contudo Sedgwick (2007) outrora nos mostrou o quão desestabilizador é a opção pelo armário e a decisão de sair dele ou habitá-lo não é uma questão hermética.

Mais difícil do que sair do armário é permanecer nele, uma vez que a incerteza do permanecer é consumida pelo desconhecimento do que há adiante, por isso,

[a saída do armário] [...] pode trazer a revelação de um desconhecimento poderoso como um ato de desconhecer, não **como** o vácuo ou o vazio que ele finge ser, mas como um espaço epistemológico pesado, ocupado e consequente (SEDGWICK, 2007, p. 35).

O fato é que a escolha pelo armário — não surpreendentemente — é pragmática. Imaginem-se na vida de um cirurgião plástico bastante reconhecido, com dotes que vão além da beleza e “do berço”, aparentemente reconhecido e competente, com clientes provenientes de classes altas (principalmente mulheres), totalmente “livre e desemperedo”, habitando uma cidade de médio porte da Região Sul do Brasil. Fechar-se no armário torna-se a escolha mais “inteligente” e a que poupa mais energia para alguém que se sabe “gay”.

Sobre o pragmatismo na opção pelo armário e os gastos de energia que podem ser poupados, há o interessante capítulo de Pat Griffin (1998), *The culture of the closet*. Nele a autora discute as estratégias “identitárias” assumidas por técnicas (de basquetebol, softbol e hóquei no piso), jogadoras e administradoras esportivas lésbicas, no sentido de driblarem os entornos sociais acerca de suas orientações sexuais. Guardadas as devidas proporções, isso também pode ser válido para outros gêneros e orientações:

Many women in sport cover their lesbian identity, not because they are ashamed about who they are, but because they either fear discrimination or believe that the prejudice against lesbians is so deep that being out would damage their ability to do their jobs effectively. Their choice to cover their identity is pragmatic (GRIFFIN, 1998, p. 141)

O que AJ não sabe é que o “assumir-se” não acaba com o armário, mas pode criar outros, senão para si, para outras pessoas que vivem ao redor (SEDGWICK, 2007). Ou, em outros termos, fechar-se no *closet* pode provocar um movimento contrário de criação de um “armário para dois”, onde dois sujeitos podem viver vidas paralelas às suas heterossexuais<sup>8</sup>.

Totalmente “engavetado” no armário da sexualidade estava um dos atletas, participantes do *Outreach Program*, que encontrei nos primeiros dias do evento em Copenhague/2009. L. era do atletismo, cubano exilado na Espanha, 30 anos, “negro” e corredor das provas de velocidade (100, 200, 400 metros, 110 com barreira e revezamentos 4x100 e 4x400 metros). Assim como tantos outros sujeitos de países em desenvolvimento, havia pedido ajuda financeira do programa *Outreach* para poder competir no evento. Utilizou-se, para tanto, de sua nacionalidade cubana e da região em que seu país faz parte<sup>9</sup>.

Interpelado por mim no alojamento em que estávamos, concedeu-me uma pequena entrevista após o jantar. Contou-me que

---

<sup>8</sup> Aqui lembro-me da controversa e polêmica história de amor entre dois peões, do meio rural norte-americano, nos anos 1960/70, que foi tópico temático do filme *O segredo de Broakback Mountain* (2005). Eles não apenas tinham seus relacionamentos heterossexuais, como se mantinham nos armários de suas sexualidades, seja por imposição da sociedade em que viviam, seja por autopunições (pelo menos por parte de um dos protagonistas). Richard Miskolci (2006) e Roy Grundmann (2011) desenvolveram análises críticas, que poderiam incrementar este assunto.

<sup>9</sup> O programa *Outreach* foi uma iniciativa dos World Outgames para financiar **sujeitos políticos** LGBT por porcentagem regional (Américas, Áfricas, regiões pobres da Ásia e da Europa) e por gênero, a fim de trazê-los para a discussão do evento entre culturas, políticas e esportes (WORLD OUTGAMES OFFICIAL PROGRAM, 2009). No entanto, mesmo estando em um local em que se congregavam sujeitos políticos LGBT com vistas à participação numa conferência de direitos humanos, L. desapareceu de cena e foi participar, apenas, das competições de atletismo, nos dias seguintes ao encontro. Toda vez que eu o procurava para conversar sobre minha pesquisa, ele contava uma estória, protelando para uma “próxima vez”, o que não veio mais a acontecer, com exceção de nosso primeiro encontro (que foi acidental).

morava na Espanha há quase sete anos, ainda competia como atleta federado em torneios oficiais da Associação Internacional de Atletismo Amador (IAAF) e levava uma “vida normal”. Revelou-me, também, que “[...] a competição do [World] Outgames é apenas um treino”, ao que rebati perguntando “por que, então, treinar entre gays?”, L. apenas sorriu, sem responder nada, dando indicativos de que minha indagação tinha sido irônica e despropositada. Nos dias seguintes às provas do atletismo, o que ele mais gostava de fazer era andar pelo refeitório em que comíamos, portando no pescoço as medalhas ganhas e as exibindo para todos/as. Sua (hiper)masculinidade transbordava os contornos corporais, expandindo-se para gestos, falas, atitudes, roupas e acessórios. Agregava-se a tal figura o famoso “charme latino”, que L. não descartava: era elogioso com as “mulheres”, despistava os “homens” e parecia invisibilizar os/as transgêneros/as. Quanto às medalhas, ele não apenas as portava, mas encenava publicamente o que Richard Majors (1990) designou como “cool pose”, ou seja, comportamentos expressivos de um estilo de vida negro (que passa pelo vestuário e pelos gestos), o qual objetiva driblar o peso institucional da discriminação branca. No entanto, ao mesmo tempo em que o *cool pose* permite empoderamento, autovalorização, dignidade para atletas negros (ou uma “agência criativa”), reforça a dominação masculina como um veículo dado.

Evidente que L., como bem destacado por Griffin (1998), utilizava uma estratégia de negar sua potencial “identidade” gay, desenvolvendo encenações “antigays” (e, aos olhos de alguns, mesmo homofóbicos) em seus discursos e posturas<sup>10</sup>.

Um ponto interessante destacado por Eric Anderson (2005) é que, em geral, atletas negros profissionais tendem a ser mais homofóbicos do que atletas brancos, talvez numa resposta à mesma violência que sofrem sendo discriminados. E, quando a isso se soma a questão da sexualidade,

[...] fewer athletes of color are likely to come out of the closet not only because of the threat of intersecting marginalized identities in a racist and

---

<sup>10</sup> O armário, como bem fundamentado, delineia-se como um aglomerado de regras rigidamente instituídas (embora não necessariamente explícitas) no espaço público, as quais legitimam a heterossexualidade e relegam a homossexualidade a um espaço privativo (GRIFFIN, 1998; SEDGWICK, 2007; SEIDMAN, 2004; MISKOLCI, 2009, 2011).

homophobic society, but **gay athletes of color might also have a deal with elevated levels of homophobia** within their own racial category as well (ANDERSON, 2005, p. 130, grifo do autor).

Portanto, se a “saída do armário” é difícil para atletas “brancos”, para os considerados “de cor” (negros, mulatos, indígenas, amarelos)<sup>11</sup> talvez seja pior devido à dupla discriminação que sofreriam. Talvez isso possa ser uma potencial explicação do comportamento de L.. Além disso, há outros elementos associados à cor (e os quais a realidade social brasileira conhece bem), que são a renda ou a pobreza. Atletas pobres vão continuar no *closet* se dependerem de bolsas esportivas para sobreviverem, pensando, por exemplo, no contexto esportivo universitário norte-americano. E mais: só deixarão o armário se estiverem vinculados a uma comunidade branca, não dependerem de financiamento para os estudos e nem de “comunidade de cor” para sobreviverem, mantiverem algum capital masculino junto às suas equipes e tiverem suporte institucional de seu técnico<sup>12</sup>.

O caso emblemático de Justin Fashanu, no entanto, tornou-se uma exceção: negro, de origem nigeriana, além de ter sido considerado o jogador de futebol mais caro da Inglaterra nos anos 1980<sup>13</sup>, anunciou sua saída do armário em plena atividade. Em 1990 foi capa do tablóide *The Sun*, assumindo-se homossexual. Segundo Kate Watson-Smyth (1998), após tal anúncio “[...] the macho world of football did not take kindly to his revelation of homosexuality [...]”, e os anos subsequentes não foram muito profícuos em termos profissionais para ele. Logo depois de ter sido acusado por abuso sexual de um garoto de 17 anos no tempo em que esteve nos EUA, Justin simplesmente não suportou a crise desencadeada por tal fato e, aos 37 anos, suicidou-se por enforcamento<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> A literatura em inglês trata a diversidade “racial” por “people of colour” ou “men/women of colour”, querendo dizer “não brancos”, faz menção, sobretudo, a um recorte de classe social.

<sup>12</sup> Apesar do grande número de atletas negros no esporte norteamericano, segundo Majors (1990), menos de 6% das bolsas de estudos universitários vão para eles. Conferir também esta discussão endereçada em Anderson (2005, p. 130 ss).

<sup>13</sup> Pois foi o primeiro atleta negro a ser transferido de clube por 1 milhão de libras esterlinas (WATSON-SMYTH, 1998).

<sup>14</sup> Desde dezembro de 2009 tem havido uma campanha no Reino Unido contra a homofobia no futebol. Ian MacDonald, um sociólogo do esporte da universidade de Brighton, propôs o projeto de filmagem de um documentário sobre a vida de Justin Fashanu, no sentido de tratar

Vicent (2009), em sua *História do segredo*, constata que o processuoso *coming out* é tanto mais traumático, quanto mais tarde é efetivado, resultando em sequelas irreversíveis, como o suicídio. Fashanu passou grande parte de sua existência vivendo no “segredo da sexualidade”, guardado e devidamente enclausurado em seu “armário”. Quando o abriu, porém, talvez não tenha suportado viver fora do ambiente do segredo. Apesar de se saber o modo como se matou, até hoje não se sabe, exatamente por quê. Talvez, nesse sentido, do segredo do armário Fashanu tenha passado a habitar o “segredo do suicídio” (VICENT, 2009).

Desde que iniciei oficialmente minha pesquisa de doutorado nos idos de 2008, vários casos de *coming out* no esporte vieram a público através da imprensa. O mais famoso deles é o do saltador olímpico Matthew Mitcham, que revelou sua orientação para a imprensa australiana aos quatorze anos e participou como “gay” das Olimpíadas de Beijing, em 2008<sup>15</sup>. Nós conversamos brevemente momentos antes de uma corrida em homenagem às vítimas da AIDS, realizada no dia da abertura dos Gay Games VIII, em Colônia, julho de 2010. Ele não competiu nestes Jogos por ter compromissos com agendas de *marketing* e de representação. “Matt”, como estava sendo chamado por acessores e membros da organização da competição, era embaixador dos Gay Games na Alemanha e tinha que, além de estar presente nas celebrações de início das atividades esportivas, conceder entrevistas, gravar programas de rádio, participar de programas beneficentes (como a corrida de 5 km a que me refiro), e cumprir o que me explicou ser seu “contrato”. Nossa conversa foi superficial e se restringiu aos momentos de preparação para a largada da “Run for Life”. Ao final ele leu um texto em homenagem às vítimas de AIDS e ao “pai dos Jogos” Tom Waddell [Gay Games], fez a largada “simbólica” dos 5 km e depois deixou o grupo, partindo em um carro oficial.

Talvez Mitcham faça parte do que a psicanalista e sexóloga Regina Navarro Lins (2007) chama de “nova geração de sujeitos sexualizados”, em que ser bissexual, fazer sexo virtual, grupal, ou participar de orgias não é mais novidade atualmente. Por isso que a “saída” do armário nem se configurou como um problema, pois ela foi

---

tal problemática. A proposta está encampada no site: [www.thejustincampaigning.com](http://www.thejustincampaigning.com). Agradeço a Stephen Wagg pela gentileza da informação.

<sup>15</sup> “Mathew Mitcham, nadador olímpico, sai do armário” (A CAPA, 2008).

mais uma “passagem” para a sexualidade adulta, de forma consciente, por meio de uma orientação sexual não-heterossexual.

Se Mitcham chocou globalmente o mundo esportivo por ser atleta olímpico, outros casos tinham já abalado as estruturas desse mesmo universo, em anos recentes. Em 2007, após sua aposentadoria, John Amaechi tornou-se o primeiro jogador profissional da NBA a se declarar “gay” (SHERIDAN, 2007). Em julho de 2009, na abertura da II Conferência de Direitos Humanos LGBT, em Copenhague, Amaechi discursou sobre sua vida de esportista e seu *coming out* e observou que, apesar de o esporte ter sido um fator de inclusão social para ele enquanto profissional, em termos pessoais, o mesmo não foi tão “nobre” como ele esperava, pois “ainda [o esporte] é uma instituição perpetradora do preconceito racial e segregadora de gênero”. (Registro de campo, 26 jul. 2009).

Outro “escândalo” nos meios de comunicação esportivos deu-se no início de 2009, quando a imprensa britânica recebeu o comunicado de que Gareth Thomas, um dos jogadores galeses “mais masculinizados” do rugby, estava fora do *closet*. Thomas se tornou o primeiro jogador profissional de deste esporte abertamente homossexual, ainda na ativa (CLUTTON, 2009).

Essas influências surtiram efeitos sobre outros atletas e, em fevereiro de 2011, o melhor jogador de críquete da Inglaterra, Steven Davies, de 24 anos, anuncia-se homossexual publicamente. Na entrevista de imprensa, a menção a Thomas Gareth é explícita, bem como o incentivo a outros *coming outs* no meio esportivo<sup>16</sup>.

Um caso polêmico aconteceu no ciclismo recentemente. Após cinco anos de tormentas mentais, duas tentativas de suicídio, problemas com *doping* e aposentadoria precoce, também no início de 2011 o ciclista Graeme Obree decidiu sair do armário não apenas para si — como já havia feito em terapia — mas também para o público em geral (MOORE, 2011).

De acordo com Anderson (2005), atletas profissionais retardam o anúncio da saída do armário justamente devido às suas carreiras. Enquanto isso, submetem-se a situações extremas e desagradáveis (como o autocontrole, tentativas de suicídio, ingestão excessiva de

---

<sup>16</sup> Segundo reportou Steve Skerry (2011, p. 1), “Gareth Thomas' story helped me. It showed me it can be done. He was brave enough to stand up and say who he was. If I can help anyone else like he helped me, that would be great.”



remédios ou de álcool, e mesmo a autoexclusão social). Um de meus entrevistados, ex-atleta e atualmente fora do *closet* passou por um processo semelhante com o de muitos outros. DJ (58 anos, americano, “branco”, solteiro, ex-atleta de *powerlifting* e atual técnico de *bodybuilding*) teve seu *coming out* com 25 anos, o que considerou “tardio” em relação aos jovens que conhece hoje. Contudo, quando tomou a decisão, reuniu todos os profissionais que trabalhavam com ele e contou sobre sua sexualidade. Gareth Owen (2006, p. 130) sugere que vergonha/orgulho “são importantes emoções do processo de *coming out* no esporte”, à semelhança do que significam para a própria prática esportiva.

Como invariavelmente pude constatar em outros depoimentos, há um ressentimento em respeito à entrada tardia na sexualidade homossexual adulta. A maioria coloca que, se pudesse, teria iniciado mais cedo. As razões variam e não é possível dizer que todos tiveram as mesmas histórias e trajetórias de descoberta de tal sexualidade. Para DJ, contudo, aconteceu “tarde demais”, segundo me relatou desapontado. Disse-me que quando se decidiu, reuniu a família e comunicou a todos ao mesmo tempo. Na literatura, em várias estudos com sujeitos norte-americanos, é comum a saída do armário para as pessoas que os envolvem, como as famílias e os amigos. Anderson (2005) havia identificado tal fenômeno em sua investigação com os atletas profissionais de esportes coletivos e, no caso destes, os times e o(s) técnico(s) eram os primeiros a saberem, seguidos, então, dos parentes e amigos próximos<sup>17</sup>.

Como as tendências globais afetam, invariavelmente o local, no Brasil vive-se, atualmente, em meio a polêmicas relacionada à homossexualidade e seus contextos, inclusive o esportivo. Em meados de abril de 2011, num jogo entre as equipes Volei Futuro e Sada Cruzeiro, em Contagem (MG), a torcida se manifestou agressivamente contra um dos jogadores da equipe visitante, Michael dos Santos, que seria homossexual. Os chamamentos de “bicha”, claramente homofóbicos, provocaram muita polêmica e o caso teve grande repercussão nacional e também internacional (ALGREN, 2011). Devido

---

<sup>17</sup> Isso aconteceu com Gareth Thomas, que se “abriu” primeiro para o seu time de rugby (CLUTTON, 2009) e também com Steven Davies, que fez o mesmo para os companheiros de críquete, em 2010, antes do início do importante campeonato australiano “Ashes Series” (SKERRY, 2011).

ao incidente, Michael precisou se manifestar a respeito e confirmou seu *coming out* público (SPINA, 2011).

Michael não foi o primeiro voleibolista na história da modalidade a declarar-se gay. Cito alguns casos próximos a nossa realidade. Em 1999, Luís Cláudio Alves da Silva (conhecido como Lilico), concedeu uma entrevista à revista G-Magazine, revelando os detalhes de sua orientação sexual e de sua vida privada (BRANDÃO, 1999). O jogador foi um dos destaques de um conjunto de atletas dos anos noventa e congregou vários títulos nacionais e internacionais. No início de 2007, dias após ter sofrido um AVC (acidente vascular cerebral), Lilico falece com então 29 anos.

Um caso polêmico que se desenrola há anos no país é que envolve Richarlyson Barbosa Felisbino, jogador do time do São Paulo. Em realidade, ele foi “vítima” do armário, por assim dizer. Nos idos de 2005, tendo comemorado um gol contra o Palmeiras com uma dança considerada (preconceituosamente) “esquisita” por parte da torcida, o jogador passa a ser tachado de homossexual, tanto nos meios de comunicação (virou até assunto da coluna *Zapping*, na Folha de São Paulo), quanto nas redes sociais, com destaque para a rede social *Orkut*. As especulações em torno de sua orientação continuam até no programa “Debate Bola”, da TV Record, o vice-presidente do Palmeiras (à época), José Cyrillo Jr., revela suas suspeitas em rede nacional. Tal fato desencadeou o processo por parte do São Paulo, que foi encaminhado a julgamento ao juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal da capital paulista. Segundo comunicado do site JusBrasil (2010),

O TJ de São Paulo aplicou ontem a pena de censura ao juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal Central de São Paulo. Em uma sentença, o juiz fez alusão à possível homossexualidade do jogador Richarlyson Barbosa Felisbino, volante do São Paulo. A posição defendida na sentença judicial causou polêmica, [pois o juiz afirmou] que “*futebol é coisa de macho, esporte viril, varonil, não homossexual*”

Outro exemplo de saída armário no esporte brasileiro é o de Jamerson “Messi”, o goleiro do Palmeira de Goianinha, equipe do Rio

Grande do Norte, que veio a público em outubro de 2010 assumir-se “gay”. A declaração agitou seu cotidiano, pois inúmeros meios de comunicação o requisitaram para entrevistas e afins, mas “Messi” diz que o “sucesso” não lhe subirá à cabeça (KNEIPP, 2010). À exceção da decepção causada à mãe pela declaração proferida, e do gandula do time (que não se conforma com tal “opção”), a vida de “Messi” segue na mesma rotina de treinos e coletivos. O que interessante é que, apesar do ocorrido, ele continua sendo o ídolo da cidade de 18 mil habitantes.

Há autores que defendem que os casos de *coming out* no esporte tendem a aumentar consideravelmente nos próximos anos. Anderson (2005), por exemplo, ressalta que três fatores estariam associados a tais fatos: 1. declínio generalizado da homofobia cultural e institucional (seja de modo gradual ou por campanhas de conscientização via meios de comunicação); 2. conexões virtuais (*internet*) como facilitadoras e potencializadoras de encontros reais entre jovens gays, no armário ou não; e 3. legislação que protege gays e lésbicas. O exemplo recém-implantado no Brasil — e que ainda é base de polêmicas por todas as partes — seria a decisão do STF, de maio de 2011, acerca do reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo.

**Verbetes relacionados:**

Atletas, Circulação e Desejos, Gay Games, Masculinidade-S, World OutGames

## Territórios Marginais<sup>1</sup>

Havia, em princípio, acho que quase todas as noites, e em algum lugar, uma festa diferente. E porque não se conhecia muita gente, estava-se obviamente sempre com alguém, com amigos e com conhecidos, novos amigos e novos conhecidos, sempre indo para as tais festas; cada noite em uma nova festa, em alguma parte da cidade ou em algum clube. Era um *sentimento de pertencimento* *grupal* [Zusammengehörigkeitsgefühl] bem intenso. (Entrevista com HS, 27 maio 2010, grifo do autor).

O depoimento anterior de HS (48 anos, alemão, “branco”, corredor) e meu acompanhamento da rotina esportiva de atletas homossexuais em torneios internacionais LGBT, pude esboçar uma hipótese de que talvez tais espaços circunscritos, territorializados temporalmente, sejam narcisisticamente autoconstruídos para o regozijo grupal e que a relação *esporte-festa* não é tão descabida como se poderia pensar. Por trás desta há fetiches, práticas de sexo e consumo de drogas (lícitas ou não) [**Rituais Festivos**]. Portanto, entender mais sobre a estruturação do gueto como espaço abjeto<sup>2</sup> e as territorialidades marginais *queer*<sup>3</sup> e suas paradoxalidades tornou-se fundamental para a empreitada proposta.

Para tanto, tratar de territórios sociais marginais nas sociedades complexo-moderno contemporâneas é preciso revisitar a origem da marginalidade relacionada ao espaço. Assim, há que se fazer uma digressão na direção dos guetos e de suas bases fundadoras.

---

<sup>1</sup> O termo é de Néstor Perlongher (1988, 2005). Parte do texto aqui alocado já foi publicado em Camargo e Rial (2011).

<sup>2</sup> Ou seja, espaço estranho, limítrofe, “de banimento”, segundo formulação de Julia Kristeva (1982). Judith Butler (2003, p. 191) utiliza-se, também, da noção de abjeção quando fala do sujeito: “o ‘abjeto’ designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’. [...] A construção do ‘não eu’ como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito”.

<sup>3</sup> Como lembra Butler (2008, p. 318) “el término ‘queer’ operó como una práctica lingüística cuyo propósito fue avergonzar el sujeto que nombra, o antes bien, producir un sujeto a través de esa interpelación humillante”.

Essas formas de equacionamento espacial são antigas e se tornaram famosas no século XX, a partir do confinamento de grupos pelo Holocausto, protagonizado principalmente pelos nazistas, durante a 2ª Guerra Mundial. Guetos são espaços marginalizados, territórios circunscritos e demarcados, geralmente periféricos e marginais, onde foram encapsuladas e segregadas determinadas minorias (étnico-raciais, sexuais, religiosas e/ou sociais)<sup>4</sup>.

O gueto enquanto problema sociológico provém dos estudos ligados, tradicionalmente, à chamada “Escola de Chicago”, vertente da sociologia americana que teve como auge o período compreendido entre 1930-1950 e que deixou um legado até hoje referenciado (BRAGA; GASTALDO, 2009). Apesar da crítica pertinente sobre o uso do termo “escola de pensamento” (BECKER, 1996) — pois tal termo ocultaria as distinções teóricas e metodológicas existentes, além de conflitos pessoais entre teóricos da época, sendo, portanto, a melhor intitulação “escola de atividade” — é inegável as contribuições teóricas para o estudo dos fenômenos urbanos, para a efetivação de uma microssociologia das situações sociais e mesmo para um espectro mais amplo de considerações sobre o fazer pesquisa empírica (ou etnográfica). Tendo como pano de fundo a preocupação com o “futuro da nação”, os intelectuais da “Escola de Chicago” vão se preocupar exatamente com a(s) cidade(s) e o seu espaço de maneira mais crítica e reflexiva do que outrora<sup>5</sup>.

Na esteira das tendências a revisitar antigos conceitos e teorias, a temática sobre o gueto tem inspirado cientistas sociais em anos recentes. Quem faz uma (re)leitura atual e interessante é Löic Wacquant (2004), para quem a utilização do termo “gueto” nas Ciências Humanas — tanto nos Estados Unidos quanto no mundo — teria adquirido variadas acepções desde seu nascimento. Inclusive uma crítica que tece o autor é a que, como passar do tempo, tal categoria tem se dissolvido em múltiplos empregos, que são, muitas vezes, mais *descritivos* do que *analíticos*.

---

<sup>4</sup> Como conceito, o “gueto” aparece no escopo de discussões teóricas de uma nascente (e efervescente) sociologia urbana, nos idos de 1920 e 30, principalmente em Chicago, Estados Unidos.

<sup>5</sup> Uma revisão interessante do desenvolvimento da “Escola de Chicago” pode ser encontrado em Yves Winkin (1998). E uma crítica contundente ao seu termo e conteúdo acha-se em Howard S. Becker (1996), citado anteriormente.

Para ele, então, são três momentos de metamorfoses e redobramentos do termo — tanto históricos, quanto semânticos — nos Estados Unidos. O primeiro se materializa com o fluxo migratório europeu e a rápida urbanização impulsionada por uma migração interna de dissidentes do sul americano segregacionista, que provocam problemas relativos à etnicidade e à pobreza nas grandes cidades, com a formação de bolsões de miséria — os *slums* ou favelas — segundo Wacquant (2008) esta é uma associação possível, mas uma tradução problemática, na medida em que não traduz de modo adequado a dimensão essencialmente política e moral do vocábulo norte-americano. Em segundo, e como consequências das guerras mundiais, viria à dispersão dos brancos pelo território americano e suas subseqüentes “desracializações”, concomitantemente à reclusão dos descendentes de escravos em “cinturões negros”; o gueto passa a denotar “quase exclusivamente a segregação forçada de negros norte-americanos em distritos compactos e degradados dos centros das cidades” (WACQUANT, 2008, p. 62). Portanto, o “*gueto negro*” passa a ser sinônimo de gueto, e ele se materializa, assim, como um aparelho socioespacial de segmentação e de controle etnoracial. Uma terceira alteração semântica dá-se exatamente quando se começa a associá-lo a perímetros de pobreza e a fenômenos mais amplos de exclusão sócio-econômica. Para o sociólogo, o que poderia parecer uma simples readequação teórica do “conceito” para dar conta das exclusões a que as populações se submetem, na verdade, é uma falácia. Expurga-se a ideia de “raça” da equação causal, cola-se o “gueto” à noção de moradia em condições irregulares (favela), transforma a problemática em índice demográfico sem importância, empurrando a questão sociorracial para o último posto da agenda política.

Na esteira dos acontecimentos históricos do século XX podem-se observar inúmeros grupos encapsulados e marginalizados. No entanto, a realidade norte-americana nos oferece uma interessante versão do gueto, porém às avessas: o “gueto homossexual” ou “gay”. Buscando aglomeração em torno de seus pares, os homossexuais criaram realidades guetificadas para si, no intuito de uma tentativa de autopreservação em relação à sociedade heteronormativa e homofóbica ao redor.

O gueto, na clássica formulação de Robert Wirth (1969), pressupõe minimamente quatro características fundantes: 1) concentração institucional; 2) área cultural; 3) isolamento social e 4)

concentração residencial. Preocupado em analisar como os *gays* se organizavam socialmente no ambiente urbano americano dos anos 1970, Martin Levine<sup>6</sup> explica e exemplifica a cada uma das dimensões categorizantes da “fisiologia” do conceito denominado *gay ghetto* nas cidades de Boston, New York, Chicago e San Francisco.

Ao passo que a **concentração institucional** agregava uma série de locais comerciais institucionalizados ou em vias de institucionalização (livrarias, restaurantes, saunas, etc.), uma **área cultural** ia se formando no entorno, o que significava que a (sub)cultura *gay* se espalharia por dada área geográfica, havendo, segundo ele, também o desenvolvimento de formas de socialização envolvendo linguagens e expressões comuns entre os que na região circulavam. O que caracterizaria a área como “culturalmente *gay*”, para ele, seriam fatores desde a evidente presença física (geralmente homens *gays* por toda partes), passando por comportamentos específicos e padronizados, chegando a existir uma “cena *gay*” ocorrendo constantemente, mesmo durante o dia. Como cita: “Many social conventions within these areas are distinctly homosexual. Gestures of affection, eye contact, and other signals of sexual interest are exchanged openly” (LEVINE, 1998, p. 39). Logo tal situação desembocaria no **isolamento social**, isto é, a criação e manutenção de contatos sociais (relações sociais) com “iguais” (outros homens *gays*), que fomentariam uma atmosfera de exclusividade *gay* (*exclusively gay world*) e um ténue (senão reduzido) contato com o mundo heterossexual/heteronormativo, de uma porção mais ampla da sociedade; e, por fim, a **concentração residencial**, que se estabeleceria em locais de concentração de casas e apartamentos, onde *gays* não apenas residiriam, como também seriam proprietários. Devido ao fundo “fisiológico” da explicação de tais características, elas são apresentadas com interdependência e aparecem em sequência, uma após a outra. Vale destacar o percurso argumentativo resumido por Levine (1998, p. 43)

At first, gay institutions and cruising places spring up in urban districts known to accept variant behavior. A concentration of such places in specific sections of the city, as shown on the spot map, results. This concentration attracts large

---

<sup>6</sup> Importante intelectual orgânico e militante, Martin P. Levine (1950-1993) foi um sociólogo americano, pioneiro nas discussões sobre homossexualidade nos EUA, ainda na década de 70 do século passado (KIMMEL, 1998).

number of homosexual men, causing a centralization of gay culture traits. Tolerance, coupled with institutional concentration, makes the areas desirable residential districts for gay men. At this stage, the areas have become partially developed gay ghettos.

Depois do *boom* urbano do meio do século XX, pode-se associar o gueto a um termo correlato, qual seja, *communities* (comunidades). Isso, pois, ao mesmo tempo em que no espaço guetificado os agrupamentos de “iguais” estabelecem redes de apoio e solidariedade, também reproduzem comportamentos e valores com regularidade. Desse modo,

esse seria, portanto, o estratagema básico utilizado pelos habitantes da cidade para superar a fragmentação das relações sociais existentes na cidade moderna, o agrupamento de ‘iguais’, formando comunidades (grupos de relações simbióticas, isto é, de ajuda mútua), que estariam em competição entre si (TRINDADE, 2005, p. 255).

Ou seja, na cidade moderna, com as transformações inerentes ao seu espaço territorial e mesmo nas relações entre indivíduos — particularmente nas cidades que passam a almejar o *status* de cidade grande — o agrupamento referente ao gueto traz uma coesão simbiótica entre membros e, portanto, de (auto)reconhecimento, proteção e ajuda mútuas<sup>7</sup>. Nos anos 1980, tal reconhecimento vai ganhar adesões e desencadear o associativismo político identitário de inúmeros agentes sociais (BELARMINO, 1997).

Variante dessas abordagens são as contribuições teóricas brasileiras acerca dos “guetos homossexuais”, que fundam o que ficou conhecido no país como o campo dos estudos homoeróticos e

---

<sup>7</sup> Apesar dessa afirmação ser generalista em falar do espaço das “cidades modernas”, tal argumentação é tecida no sentido de se resgatar como o gueto é/foi tratado e analisado no (moderno) contexto urbano. Por um lado, não caberia uma análise pormenorizada da “cidade”, partindo da sociologia ou antropologia urbanas, pois ampliaria demais os propósitos do trabalho e, por outro, se argumenta aqui até que ponto se pode considerar a existência anacrônica de espaços marginais (como os guetos) na era da globalização.



homoafetivos. Em realidade, os “guetos à brasileira” estão associados a minorias sexuais excluídas ou, como em discursos médicos dos anos 70 e 80 do século XX, aos grupos que apresentavam “normas de comportamento sexuais desviantes”. Do ponto de vista de estudos recentes (GREEN; TRINDADE, 2005), o espaço urbano da cidade de São Paulo foi o que ofereceu profícua matéria-prima para as pesquisas, cujos enfoques teóricos foram influenciados pelas gerações de pesquisadores incentivadas e formadas por Donald Pierson, americano discípulo da “Escola de Chicago” e radicado no Brasil durante alguns anos (MENDOZA, 2005).

Há algumas contribuições teóricas que se pode colocar em tela de apreciação sobre a realidade brasileira do gueto. Isso é interessante para perceber como que o global opera no local (caso brasileiro).

José Fábio Barbosa da Silva, sociólogo pioneiro nos estudos sobre homossexualidade masculina no país (GREEN; TRINDADE, 2005) foi quem inaugurou, nos anos 1950, um debate acerca da formação de um “gueto homossexual” na cidade de São Paulo. Claramente o fenômeno era tratado como uma extensão do que ocorrera nos EUA.

A partir do espaço urbano da metrópole paulistana e das mudanças de comportamento e discursos do público homossexual, em fins dos anos 1970 e início dos 1980, a circunscrição territorial do “gueto homossexual” também foi alvo de preocupação de Edward MacRae (2005, p. 229), que o defendeu como local de segurança e de criação da identidade social. Numa clássica defesa do espaço marginal,

O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é da maior importância a existência do gueto.

Para ele, o “espaço guetificado” promove uma auto-imagem positiva, conduzindo à formação de uma identidade social (homossexual). Ao mesmo tempo, em existindo mais pessoas assumidas

e autoconscientes, diminuiriam os sentimentos individuais e coletivos de culpa (devido à formação religiosa) e aumentariam os contatos e interações pessoais “entre iguais” e, por extensão, com a sociedade. Com isso, haveria um processo de mudanças de comportamento e hábitos em relação à cultura hegemônica e os atuais movimentos sociais e de direitos humanos contribuiriam para transportar o comportamento “homossexual” de ambientes restritos e fechados, para locais mais amplos e públicos<sup>8</sup>. Sua leitura analítica é datada, sem dúvida, mas contribui com a posituação do gueto enquanto espaço (público) de fortalecimento para a transgressão/subversão. Romântico e idealista, mas produto da época em que vivia, a da abertura política brasileira dos anos 1980 e a da efervescência cultural (pós-1960 e movimentos contraculturais posteriores), cujos reflexos eram resultados de um mundo em crise de metanarrativas e em transformação (LYOTARD, 1986).

Ainda naqueles anos, uma contribuição importante nessa temática é a de *territórios marginais* (PERLONGHER, 2005, p. 276), que propôs repensar sofisticadamente o espaço cartografável do gueto das grandes cidades, a partir de “códigos-territórios”, por meio de uma cartografia dinâmica das territorialidades marginais, não lineares e não apreensíveis:

A expressão ‘código território’ se refere à relação entre o código e o território definido por seu funcionamento. ‘Inscription territorialisée’ na qual se distinguem [...] dois elementos: uma ‘sobrecodificação’ – *sucordage*, código de códigos – e uma ‘axiomática’, que regula as relações, passagens e transduções entre e através das redes de códigos que, por sua vez, ‘capturariam’ os corpos que se deslocam, classificando-os segundo uma retórica, cuja sintaxe corresponderia à axiomatização dos fluxos.

---

<sup>8</sup> É o que acontece, por exemplo, com a Parada Gay, de São Paulo, hoje maior evento do mundo na categoria. Historicamente, segundo MacRae (2005), artistas e intelectuais engajados foram responsáveis por mudanças culturais nas mentalidades brasileiras, e veículos de imprensa escrita (como o *Jornão Lampião* que volta à vida em 2010), tiveram importância singular na expressão da cultura gay.

Por essa via de análise estava colocada uma crítica à aplicação mecânica da noção de “gueto *gay*”, como teorizada anteriormente. A dimensão não se sustentava por si sem um recurso necessário a outra territorialidade, no nível dos códigos. Para o autor argentino, que estudou a prostituição masculina e as territorialidades paulistanas flutuantes (PERLONGHER, 2008), tais aspectos não podiam ser comparados aos guetos *gays* americanos, teorizados por Levine. Primeiro porque não havia uma “fixitude residencial” específica e, segundo, exatamente pelo caráter itinerante da territorialidade, que “não se fixava aos trajetos por onde circulava” (PERLONGHER, 2005, p. 274). A inspiração de tais assertivas analíticas vem do tratado de nomadologia e do nômade, que não tem pontos, trajetórias definidas *a priori*, apenas circula e, em se desterritorializando, se reterritorializa.<sup>9</sup>

Nos idos dos anos 2000, por conseguinte, as discussões sobre o gueto são retomadas no contexto brasileiro, a partir das considerações anteriores e mediante profundas transformações (culturais e políticas) por que os movimentos homossexuais passaram ao longo dos últimos anos. Júlio Simões e Isadora França (2005, p. 309-311) destacam que “gueto homossexual”,

refere-se a espaços urbanos públicos ou comerciais – parques praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas –, onde as pessoas que compartilham uma vivência homossexual podem se encontrar. [...]. O que chamamos de ‘gueto’ é algo que só pode ser delimitado ao acompanharmos os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática homossexual.

A discussão endereçada critica os esforços anteriores na positivação do gueto como espaço exclusivo e de visibilidade identitária, além de “[...] seu segregacionismo, sua vulgaridade, seu comercialismo e sua abjeção [...]” (SIMÕES; FRANÇA, 2005, p. 333)

---

<sup>9</sup> Essa discussão é oriunda de Deleuze e Guattari (1997, p. 53). Segundo eles, “para o nômade [...] é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso que ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território”.

São reatualizados os potenciais analíticos das categorias *manchas* e *circuitos*<sup>10</sup> a fim de explicar a lógica de implantação e utilização de conjuntos de estabelecimento e serviços (voltados ao público LGBT) na paisagem da cidade, em interconexões com territorialidades flexíveis e itinerantes. Há uma nova dimensão do gueto a ser analisada – o mercado GLS (*gays*, lésbicas e simpatizantes). A criação da sigla no *site* MixBrasil — no ambiente virtual nos idos de 1993 — promoveu uma flexibilização e diluição das fronteiras do que se conhecia, então, como “gueto homo”. Alavancado pela bandeira GLS, o gueto seguiria sendo bastante pluralista e composto de tensões internas, conflitos e dissonâncias.

Simões e França (2005) não somente contribuem com novos ângulos sobre a problemática, como tecem algo inédito, até então: a dimensão mercadológica do gueto. Eles destacam desde saunas, bares, casas noturnas, agências de turismo e mesmo a *internet* (os “guetos virtuais”), que são espaços de criação de sociabilidades homoeróticas, trocas, discussões políticas e afins e irrompem em múltiplas manifestações endereçadas pelas homossexualidades. O gueto não está apenas territorializado, porém mais identificável e estabelecendo códigos, conexões, “circuitos” entre seus componentes, internos e externos.

Tendo resgatado dadas transformações na conceituação socioantropológica de gueto, o próximo passo é desenvolver um esforço analítico de interrelação entre o exposto sobre o conceito e as competições esportivas LGBT. Assim, minha intenção é analisar em que medida as competições esportivas LGBT são significadas subjetivamente pelos sujeitos-atletas do mesmo modo como quaisquer outros “espaços globais de circulação *queer*”<sup>11</sup> e, portanto, seriam – com suas dinâmicas de territorialização/desterritorialização no tempo e no espaço, e itinerância de corpos e desejos – tornadas “guetos sexualizados” em escala global [**Circulação e Desejos**].

---

<sup>10</sup> Narrados por Levine (1998), e reeditados por Magnani (2002).

<sup>11</sup> Por “espaços globais de circulação *queer*” entendemos os espaços não convencionais por onde circula mundialmente a população LGBT, tanto aqueles *on-line* quanto os *off-line*, como as paradas *gays*, os circuitos *gays* e lésbicos de festas internacionais (em Miami, no Rio de Janeiro, em Ibiza, na Costa do Sauípe, em Berlim etc.), os pacotes turísticos específicos LGBTs, os cruzeiros *gays* e lésbicos, os roteiros LGBT de estabelecimentos comerciais em inúmeras cidades, bem como (talvez) as próprias competições esportivas LGBT.

**Verbetes relacionados:**

Circulação e Desejos, Rituais Festivos

## Vestiários

*Parou estático com o pinto na mão. A urina não saía. O olhar fixo caía lívido sobre o pentelho. Um pentelho deixado ali, na latrina, colado à porcelana, pouco acima da água com mijo que fica no fundo reservada. Era um banheiro masculino; logo, aquele era um pelo de homem. Olhava com surpresa e admiração o pelo frisado por natureza. Um pentelho... ficaria próximo ao sexo. Lambuzar-se-ia de esperma e secreções durante o coito. Podia até sentir o calor do pênis espremido contra os pelos, apertado na cueca. O cheiro, o gosto... o perfume, o sabor, gravados ali naquele perdido resto de homem. Olhou caridoso e perplexo. Não importava o homem a quem pertencera. Ele era de todos e de ninguém. Seus donos eram negros, brancos, mulatos e louros. Era um pentelho mítico. Soltou o pinto, que ficou caído para fora. Inclinou-se e no gesto de apanhar o pelo, molhou as pontas dos dedos na urina que já estava ali. Endireitou-se, tomando o fio por uma das extremidades, observando-o atentamente. Dos dedos gotejava a urina. Os olhos vidrados não brilhavam. Lambeu os dedos um a um, sentindo inenarrável prazer. O mijo era “dele”. Tinha que ser! Tocava a própria essência do outro no gosto salgado d’onde deduziu o suor, o cheiro do corpo, o volume do esperma. O gosto da porra a escorrer sobre os lábios. Chupou o dedo médio com sofreguidão. Em seguida, lambeu com volúpia o ápice dos dedos polegar e indicador, que se juntavam num altar para a sua idolatria. O pênis vibrava de rijo. Segurou-o firmemente com a outra mão e iniciou o movimento de vai e vem característico. O corpo fremia, a pele arrepiava. Aproximou o pelo da boca e o sugou, quase morrendo de prazer. Puxou-o para fora e o recolocou numa interação com uma essência desconhecida e a sua própria. Aumentou o ritmo. Num momento sentiu o esperma vibrando, saindo quente dos testículos, caindo no canal seminal. O corpo inteiro se*

*extasia, a pele adormece, jorra num jato o gozo, líquido e pressuroso. Escorrendo morno pelos azulejos. A respiração arfante é abafada num gemido agoniado e feliz. Encostou-se à parede. Relaxou e escorregou por ela até sentar-se de cócoras. O pênis semiereto lambuzado de porra. A borda da mão também umedecida. Ainda segurava o pentelho. Mirava-o. Sentiu as lágrimas escorrerem. O pranto prorrompeu morno como o gozo. Aquele pelo era “dele”. Era o fragmento de um homem. Mas sabia — e por isso chorava — que se todos os fragmentos daquele homem fossem reunidos, este ainda não seria quem estava por trás daquele pelo. E se esse era um pedaço de seu homem, ele só poderia sê-lo por não ser de nenhum. (“Devoção”, de Luiz Vadico, Verão 1993).*

Uma cena de banheiro; um homem e seus desejos, delírios. Um banheiro, o urinol, um pentelho, seu sêmen, fantasias. Este texto me foi mostrado por um amigo, nos idos de 1993. Vadico, meu primeiro monitor acadêmico no curso de Ciências Sociais, ensinou-me muito, mesmo sem saber. Seu escrito, que dormiu dezenove anos, introduz este tópico temático.

Apesar de banheiros e vestiários serem espaços edificadas com caráter e finalidades distintas, são locais com traços comuns, isto é, são discriminatórios de gênero, envolvem uma atmosfera de segredo (por também se relacionarem com a sexualidade humana) e evocam sentimentos contraditórios de necessidade/repulsa.

O vestiário de trocas de roupa, no ambiente esportivo, é um local-chave nos encontros corpo-a-corpo entre os “atletas” *queers* participantes de competições. Lá eles ficam nus, se expõem a outros, e partilham, mesmo sem querer, intimidades corporais. No caso dos sujeitos *queer*, alvos de minhas incursões etnográficas, tal temática apareceu imiscuída a outras, ora mais às claras, ora completamente velada pelos discursos heteronormativos que, em funcionando como “oficiais”, delegam os desejos homoeróticos à esfera da “anormalidade”. O local provocou comentários de “asco”, “nojo” ou desagrado em relação ao que traz (roupas sujas, suor, esbarrões não desejados, malcheiros, contato pele-a-pele) e ao que invoca (necessidade de limpeza),

mas também trouxe relatos em que o vestiário figurou como lugar de fetiche, fantasia, imaginação, potencialidade de encontro.

**NB:** Ontem, por exemplo, me senti estranho [*komisch*] no vestiário aqui da Faculdade de Esportes [de Colônia]. Já tinha notado no início da semana, mas não levei a sério. Achei o ambiente um pouco suspeito. Os rapazes me olharam de um modo diferente, não sei [...]

**Eu:** como assim?

**NB:** Ah, não sei bem ao certo. Eu entrei para tomar banho; havia alguns caras lá [no vestiário]. Daí peguei minhas coisas e fui tomar banho. Eles me olharam como se eu não devesse estar ali. Então fiquei incomodado, mas nem comentei com ninguém. Deixei para lá.

**Eu:** Eles estavam queerizando [*queering*] o vestiário? *Ri, tentando desconstrair a conversa.* Quero dizer, estavam te olhando com desejos ou algo assim?

**NB:** não, eles não eram gays! Acho que eram todos atletas de alguma equipe da universidade daqui. Daí me lembrei de ter ouvido que os vestiários aqui da faculdade de esporte são bastante [...] (*pausa*), como você disse?

**Eu:** queerizados...

**NB:** sim, deve ser isso. Ouvi dizer que os caras que fazem esporte nos programas de treinamento daqui são atacados por gays nos chuveiros. Parece que os gays daqui são “agressivos”, *risos*. Penso que eles acharam que eu era um gay que os atacaria, porque estamos na semana do Gay Games. Eu acredito nisso. Mas quando tomo banho nem penso em nada, apenas tomo o banho e saio. Acho que eles têm uma ideia errada dos gays. (Entrevista com NB, 04 ago. 2010).

A conversa que tive com o mesatenista alemão NB (30 anos, “branco”, psicólogo) trouxe à baila a temática da subcultura do



vestiário<sup>1</sup> em meio a outros assuntos relacionados ao ambiente esportivo e às sexualidades *queer*. Lugar geralmente ordinário entre esportistas desdobra-se em múltiplas dimensões quando relacionado ao mundo homossexual masculino.

Quando NB reproduz a da história das masculinidades heterossexuais sendo potencialmente “atacadas” no vestiário por uma sexualidade “perversa” (notadamente “gay”), no limite, fomenta todo o imbroglío acerca da ameaça ao poder público da “masculinidade ortodoxa”, segundo conceito de Eric Anderson (2005). Mais do que a “masculinidade hegemônica”, era a “masculinidade ortodoxa” que estava, supostamente, em “perigo”, uma vez que, no limite, era o “elevado grau de capital masculino” que havia sido posto em dúvida com a presença de um suposto homossexual “perverso” na área dos chuveiros. Para Brian Pronger (1990), então, coloca-se aí um “paradoxo homoerótico”, qual seja, ao mesmo tempo em que a cultura atlética fomenta a existência e a concentração de uma desejável masculinidade na atmosfera do vestiário, não consegue controlar o potencial imaginativo e o *quantum* de desejo que tal situação pode evocar [Masculinidade-S]. Por isso, a homofobia, isto é, o afloramento das reações violentas ao “igual”.

No tocante à situação narrada por NB, caso os atletas fossem homófobos, duas reflexões decorrem de tais considerações: a) a existência de gays no vestiário não significa que haverá algum tipo de assédio sexual ou “ataque”, e b) nem todo homossexual masculino tem os mesmos gostos que outros “iguais” a ele — pois os desejos se materializam de formas distintas — e, portanto, os sujeitos do vestiário podiam não ser objetos de desejo. Portanto, se tomássemos por “real” a existência de uma (homo)fobia explicitada nos olhares e nas expressões dos atletas, ela seria despropositada e sem sentido.

Na verdade, no próprio depoimento de NB está incorporada e incrustada uma forma de preconceito relativo à existência da homossexualidade em ambientes esportivos, costumeiramente heterossexuais e heteronormativos. Além disso, tal “reação” do grupo pode estar relacionada com uma espécie de “pânico moral” (MISKOLCI, 2007) acerca do homossexualismo (e, em particular, o

---

<sup>1</sup> Tal termo é, em geral, tratado conceitualmente como “locker room (sub)culture” (PRONGER, 1990; ANDERSON, 2005; ENG, 2006, 2008).

esportivo), advindo dos “boatos” espalhados pela pequena cidade de Colônia de que “gays atacavam nas duchas da faculdade de esportes”.

Lauren Berlant e Michael Warner (1998) descortinaram as formas de privatização da cidadania e do sexo na sociedade americana, por meio dos valores nostálgicos (e conservadores) da “família” contemporânea e chamaram atenção como isso tem relação estrita com os modos pelos quais a vida nacional pública é organizada em torno do sexo. Portanto, a heteronormatividade torna a heterossexualidade coerente dentro da “Cultura”. Para eles,

national heterosexuality is the mechanism by which a core national culture can be imagined as a sanitized space of sentimental feeling and immaculate behavior, a space of pure citizenship (BERLANT; WARNER, 1998, p. 549).

Apesar de tratarem de um contexto sociocultural distinto, há que se reconhecer que é via construção discursiva desse “sexo público” como modelo heteronormativo, edificador da “heterossexualidade compulsória” (SEDGWICK, 2007) e “espaço santificado” de um “comportamento imaculado” que as demais formas de sexo passam a ser condenadas e consideradas “abomináveis”, não apenas nos EUA, como em outras partes do mundo ocidental. Porém, como os autores abrem a consideração de que heteronormatividade e heterossexualidade não se equivalem, emerge a possibilidade de que nem todas as práticas heterossexuais estejam dentro de um marco heteronormativo.

**HS:** quando eu era bem jovem, as coisas eram diferentes entre os homens. Já te contei que quando era atleta [de atletismo] não me envolvia em sexo no vestiário, nem em pensamento. Mas muitas vezes havia uma [pausa] como vou dizer [*ficou sem jeito e riu*] [...] você vai dizer ‘que maluco, esse alemão!’ (*dieser Deutscher, der Verrückt!*)

**Eu:** pode dizer, HS, estou ouvindo – *exclamei*.

**HS:** [...] uma masturbação coletiva. Nós ficávamos nos masturbando no chuveiro, principalmente depois do treino. Eu gostava desse momento e ríamos muito. Isso aconteceu comigo

muito nos treinos ainda do colégio (*Hochschule*) e também algumas vezes depois.

**Eu:** mas creio que isso é bastante comum entre adolescentes, não?

**HS:** sim, sim, porque estamos descobrindo o mundo do sexo. O que quero dizer é que aquilo me causava angústia, ansiedade, e muitos outros sentimentos. Quando tinha 14 anos, era apaixonado por um garoto. E veja que coisa: depois fomos atletas juntos, durante muito tempo, e nunca nada se passou. (Entrevista com HS, 24 out. 2010).

O depoimento de HS (corredor, alemão, “branco”, de 48 anos) sobre sua sexualidade juvenil no contexto do colégio, e em anos posteriores em que ele continuava sua trajetória de atleta (no atletismo), não é muito distinto de outros casos já relatados pela literatura. Anderson (2005) atesta tais práticas como comuns nas culturas homosociais no esporte. Heidi Eng (2006; 2008), por exemplo, citou um atleta homossexual no *closet* (armário da sexualidade), que participava de atividades heterossexuais disruptivas (ou não convencionais, semelhantes às citadas por HS), também no vestiário, contudo sem expressar seus sentimentos “românticos” e seus desejos de tocar e ser tocado pelos colegas. Para ela,

sexual activity outside discourses of romantic love is acceptable in male heterosexual sport contexts. This is an example of how mainstream sport culture can exist alongside gay, cruising culture (ENG, 2006, p. 59).

Por isso que a masturbação coletiva de que participava HS era socialmente aceita.

Esta autora norueguesa tem se preocupado, nos últimos tempos, com o que chama de “doing sex/sexuality in sport” (fazendo sexo/performatizando sexualidade no contexto esportivo) e dedica-se a entrevistar atletas gays, lésbicas ou bissexuais, no esporte convencional de competição de seu país, que atuam dentro do espaço constituído pela heteronorma esportiva. Sua principal preocupação é até que ponto a existência *queer* contribui ou não para a “queerização” (subversão) dos

contextos esportivos em questão, algo que discuto em outra parte [Ocupação e Subversão]. Mostra também que tais atletas submetidos às normas heterossexuais do esporte vêem o território do vestiário como um local homosocial, porém não sexualizado, visto que nele as práticas sexuais são silenciadas ou ocorrem sob discursos de “normalidade”.

Aqui caberia uma crítica a Eng a partir da leitura de Judith Butler (2006), que ressalta que a heteronormatividade não apenas é imposta do exterior. Destacando duas observações importantes de Foucault, ela argumenta:

1) el poder regulador no sólo actúa sobre un sujeto preexistente, sino también lava y forma al sujeto; además, cada forma jurídica de poder tiene su efecto productivo; y 2) estar sujeto a un reglamento es también estar subjetivado por él, es decir, devenir como sujeto precisamente a través de la reglamentación (BUTLER, 2006, p. 68).

Ou seja, a heteronormatividade funciona como “poder regulador” que participa dos processos de subjetivação dos próprios sujeitos e se constitui, de outra parte, em relações de poder que materializam corpos como “sexuados” e “generificados”. É no campo concreto das práticas de poder que a divisão binária — masculino e feminino — se naturaliza e isso acontece devido à atualização dos dispositivos de saber-poder, tanto nas práticas sociais, quanto na materialização dos corpos e das subjetividades.

Na verdade não precisamos estar nas instituições de que tratou Michel Foucault (escola, hospital, prisão) para depreender que o vestiário funciona como um espaço de “regulação” de corpos e produtor de subjetividades “obedientes”, consonantes com o mundo heterossexual (masculino). Por isso NB sentiu-se vigiado em suas condutas e HS angustiava-se ao fazer algo que, mesmo pertinente aos seus desejos, socialmente “não devia”. Os espaços esportivos relativos aos vestiários e banheiros<sup>2</sup>, mesmo no formato de competições LGBT,

---

<sup>2</sup> Não diz respeito ao tópico em desenvolvimento, mas há na literatura análises acerca da prática sexual no espaço dos banheiros públicos. Designada como *tearoom trade* ou “acordo da sala de chá” (SIMON & BROOKS, 2009) ou, ainda, “banheirão” (JONES, 2011), ela é bastante comum no “ecossistema gay” (LEE, 1978), em banheiros de estações rodoviárias ou ferroviárias, envolvendo um “protocolo complexo” de ações e favores sexuais a ser desenvolvidas apenas entre dois sujeitos (SILVERSTEIN; PICANO, 1992). Penetração (ou

também são segregados em masculinos e femininos, não havendo lugares específicos para sujeitos transgêneros, por exemplo.

Nos World OutGames/2009, quando mapeava o Complexo Aquático *Copenhagen Aqua Arena* em busca de entender como os espaços estavam estruturados pela organização da natação e mesmo como/onde poderia encontrar potenciais interlocutores, acabei entrando, sem muita dificuldade, no vestiário masculino, localizado debaixo da área das piscinas:

Entro por uma porta grande e vejo a primeira parte do vestiário da piscina. Provavelmente, o complexo aquático   recém-construído (ou reformado), visto que a pintura   nova e as pias, tubula es e mesmo os bancos para apoiar objetos são bem novos. As cores branco, bege e marrom compõem a paisagem, dando um ar de moderno ao local. Nessa peça do local encontrei alguns atletas se penteando, já totalmente trocados, sozinhos ou em grupos. Identifico os rapazes de Manchester; digo um “ol ” cort s. Na verdade, ouvi dizer que havia dois brasileiros nadadores, mas que não tinham competido pelo Brasil. Então queria ach -los. Uma porta no meio da parede é a liga o entre o primeiro e um segundo espaço, esse composto por armários sobrepostos, para que ali sejam deixadas roupas e documentos. Ali tinha um grupo rindo muito e alto. Por sorte, encontro Pierre e os rapazes de Paris [*Fédération Sportive Gaie et Lesbienne – FSGL*]. Logo perguntei o que acontecia. Eles me contaram, em meio a gargalhadas, que havia uma “almôndega” no chuveiro. Não entendi e quando procuro saber o que  , de fato, vejo um grupo de três caras transando na área das duchas. [...]. (Registro de campo, 31 jul. 2009).

A cena do sexo grupal em si não me causou espanto, mesmo porque havia um componente erótico misturado com um toque de

---

intercurso sexual)   uma prática rara no contexto do “banheirão” e, dependendo do local (cidade, estado e mesmo país), pode envolver prisão por atentado ao pudor.

sarcasmo e comédia. Provavelmente tudo tenha começado com certo erotismo despretenso, mas acabou se tornando uma espécie de *show*, pois os “protagonistas” da cena pornográfica sabiam que estavam sendo vistos (e pareciam se divertir também com aquilo). Ao contrário dos espaços esportivos heteronormativos convencionais, onde tal conduta seria pública e severamente condenada, lá acontecia e, percebi que, aqueles que não se sentiam à vontade ou que a reprovavam, simplesmente deixavam o local. Mais do que vestiários, no entanto, notadamente os banheiros nos arredores da pista de atletismo, junto aos vestiários da natação, nas quadras de tênis, nos ginásios poliesportivos (onde ocorrem, em geral, modalidades coletivas) são locais privilegiados de encontros sexuais.

De volta a Foucault, é interessante destacar que as práticas disciplinares são práticas de regulação, através das quais cada sujeito figura como uma célula dentro de uma “microfísica do poder”, um ponto onde se cruzam efeitos das próprias relações de poder. Descrevendo o panóptico de Bentham e seus estratagemas, diz:

Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram os indivíduos (FOUCAULT, 2004, p. 167).

Parte das questões que envolvem o *locker room* e à sexualidade homossexual está bastante balizada pelo segredo/secreto e pelo desejo. Há quem defenda que a atmosfera do vestiário esportivo funciona muito mais como fomentadora das fantasias do olhar/imaginar, do que propriamente do realizar/fazer (PRONGER, 1990; ANDERSON, 2005; ENG, 2006). Em minha época de “atleta por ocasião” até pressentia movimentos estranhos no vestiário da faculdade de Educação Física onde treinava, principalmente quando chegava para a ducha diariamente depois das 21 horas ou às sextas-feiras à noite. Contudo, a estrutura policialesca heteronormativa da sociedade disciplinar introjetada em mim (e em mim elaborada) não me “deixava” fazer outra coisa que apenas ignorar [Às Margens].

Outra cena presenciada aconteceu no vestiário da pista de atletismo do Estádio *Rheinenergie*, nos Gay Games/2010, após a prova de 5 km em que havia competido. Tendo chegado da prova bastante cansado, deitei-me em um banco de madeira do vestiário por alguns minutos. Logo resolvi tomar banho e, quando adentro a área das duchas, avisto, num primeiro plano e escondido atrás de uma mureta, a figura de um rapaz, vestido de jeans e jaqueta — roupas inapropriadas para aquele local — masturbando-se para uma cena de sexo que acontecia a uns cinco ou sete metros de distância. Ao me identificar ficou incomodado, e eu acabei desistindo do banho, porque não queria “atrapalhar” o que acontecia.

O que chama atenção, segundo destacou John Alan Lee (1978) é que a prática sexual no recinto do vestiário — principalmente nas duchas — é rara, senão inexistente:

Sexual attraction is rarely consummated in the shower room. The partners, having indicated mutual interest by the usual signs, such as reaching out to touch, or self-lathering to the point of erection, will move into a nearby toilet cubicle or return to a room (LEE, 1978, p. 140).

Minhas observações nas competições LGBT, no entanto, apontam noutra direção.

Judith Halberstam (2008), em sua importante pesquisa sobre masculinidades femininas, ocupa-se com a segregação de gêneros no que diz respeito aos espaços dos banheiros (e posso estender aos vestiários) e às restrições imputadas a eles. Para a autora, os banheiros separados por sexo enfatizam um conceito de separação público-privado entre “mulheres” e “homens”. Assim, ao passo que os banheiros femininos funcionariam como um santuário privado de feminilidade, os masculinos seriam uma extensão da natureza pública da masculinidade. O mais notório em sua argumentação é que ao passo que nos banheiros femininos predominam códigos de gênero, nos masculinos vigorariam códigos sexuais. Salienta, assim:

en otras palabras, el servicio de caballeros constituye tanto una arquitectura de vigilancia como una incitación al deseo, un espacio de

interacción homosocial y de interacción homoerótica (HALBERSTAM, 2008, p. 47).

Posso levar em conta, por esta via explicativa, os vestiários masculinos também como extensão da “natureza pública de uma masculinidade hegemônica”, que legitimaria os códigos sexuais e, portanto, incitaria práticas de sexo casual neste contexto homosocial?

Comportamentos comparativos em relação a características corporais de gêneros são comuns desde a infância. Quando crescemos, nossos olhares para corpos definidos, esguios, obesos, musculosos, senis, ou para genitais “estranhos”, pequenos ou avantajados, além de outros detalhes corporais (como quantidade/falta de pelos, formatos de mãos, tamanhos de pés ou de narizes, comprimento de cabelos e afins), são — e sempre foram — orientados culturalmente. O ambiente esportivo fomenta esses tipos de atitude comparativa, desde a mais tenra idade até a fase adulta. Basta lembrarmos-nos das práticas narcisistas de autoapreciação dos corpos em frente a espelhos, que são bastante notórias em academias de ginástica e de musculação, ou ainda da comparação do tamanho dos pênis, em mictórios coletivos. Nos vestiários, sejam eles de academias, clubes ou mesmo no ambiente de uma competição esportiva, os corpos ficam muito mais expostos ao olhar do outro.

Portanto, penso que talvez a questão relacionada à sexualidade (e às práticas sexuais) que circunda(m) o vestiário e provoca(m) polêmicas tenha(m) mais relação com um erotismo fantasioso e com um olhar pornográfico sobre o que se vê (ou se espera ver), do que propriamente sobre uma possível ação (ou algo que é feito deliberadamente) no espaço do *locker room* [Fetiches e Prazeres]

### **Verbetes relacionados:**

Às Margens, Fetiches e Prazeres, Masculinidade-S, Ocupação e Subversão



## World OutGames<sup>1</sup>

Voltávamos para o alojamento debaixo de uma chuva torrencial, incomum para um lugar como Copenhagen. Pelo menos é o que imaginava! Estávamos em um pequeno grupo de brasileiros, reunidos em torno da figura do então presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Tony Reis<sup>2</sup>. Apesar de molhados e aguardando o ônibus fretado ficar completo para o motorista iniciar nossa viagem de retorno, ríamos com as piadas e brincadeiras de Tony, que sempre ostenta um bom humor por onde passa. A abertura dos jogos foi mais um *show* do que propriamente uma cerimônia oficial. Estávamos na praça central onde a cidade foi fundada. O desfile das delegações foi bem improvisado e creio que a ideia era passar um clima de descontração. Apesar disso, voluntários e parte da organização passavam por mim com expressões apreensivas [...]. (Registo de campo, 25 jul. 2009)

Minha participação nos Jogos Mundiais de Copenhagen-2009 tinha sido gestada três anos antes. Estava em Chicago, em 2006, e participava dos Gay Games VII, quando ouvi borburinhos de que alguns corredores que, ao final destes Jogos, viajariam a Montreal (Canadá), para participarem de outro evento similar. Num misto de catarse e regozijo coletivo, os atletas de atletismo diziam que o prolongamento da viagem não seria sacrifício, pois tudo valia a pena para encontrar quem lá os esperava — obviamente uma referência clara a outros atletas gays — “potenciais parceiros de cama e de vida”, em suas expressões [Projetos de Vida]. Sem visto de entrada e sem planejamento, não pude prolongar minha viagem e, assim, comecei a gestar meus planos de investigar a estrutura esportiva organizacional “alternativa” denominada *OutGames*, elaborada e proposta pela Associação Esportiva

---

<sup>1</sup> Parte do texto aqui alocado já foi publicado em Camargo e Rial (2011).

<sup>2</sup> Por ser uma figura pública e não ter sido eleito informante desta pesquisa, mantenho, aqui, o nome real do presidente da associação mencionada.

Internacional de Gays e Lésbicas (*Gay and Lesbian International Sports Association – GLISA*).

Com a meta de agregar militantes descontentes com a, então, política da FGG (que privilegia o esporte de competição na esfera LGBT internacional), e de tentar mudar o direcionamento das práticas esportivas de modo a realizar um evento que envolvesse também outras demandas do cotidiano *queer* — como direitos humanos, culturas minoritárias e grupos raciais excluídos — surge nos idos de 2003 e 2004 a ideia que culminou na realização de outro evento mundial, o qual agregaria gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis e simpatizantes. Assim, foram criados os World OutGames (WOG)<sup>3</sup>. A rigor, caracteriza-se por estrutura organizativa que não existe enquanto entidade com sede fixa; tem nome jurídico, endereço virtual e se desloca conforme a cidade-sede onde o evento será realizado. Tudo é organizado por profissionais que são contratados terceirizados (para oferecer serviços de planejamento, organização, execução e prestações finais de contas)<sup>4</sup>.

Evocando palavras de ordem mais engajadas e urgentes para as temáticas contemporâneas de ‘minorias sexuais’ (expressões como “opressão de raça”, “redes internacionais de mulheres”, “culturas marginais”, “direitos e valores humanos”), tal grupo “dissidente” propaga suas concepções via meio eletrônico (site e redes sociais), além de cooptar o público “cativo” deste tipo de competições.

Mediante tal diretriz, a versão-estréia do evento congregou uma Conferência de Direitos Humanos LGBT e um programa de competições esportivas. Tal evento nasceu para agregar interesses contrários aos do grupo encabeçado pela FGG, e composto por maioria norte-americana. Como não é possível entender um deles sem o outro complementar e opositor, resolvi trazer algumas imagens de propagandas dos dois eventos esportivos WOG (FIGURA 10) e Gay Games (FIGURA 11). Inclusive duas propagandas oficiais das últimas versões de ambos esforçam-se por mostrarem eventos distinto um em relação ao outro:

---

<sup>3</sup> Registros na literatura são escassos, senão raríssimos, dado o pouco tempo de vida do evento. Em sua divulgação pela América, houve em São Paulo uma conferência, que fez “propaganda” do formato alternativo para o que foi chamado de “novas competições” (LAJOLO, 2005).

<sup>4</sup> Informação coletada com informante que era um dos coordenadores da organização dos II WOG, em Copenhague/2009. Nem sempre tais profissionais são ligados ao “movimento LGBT”, como se refere JT, em 28 jul. 2009.



Figura 10: Propaganda oficial dos II WOG (2009)

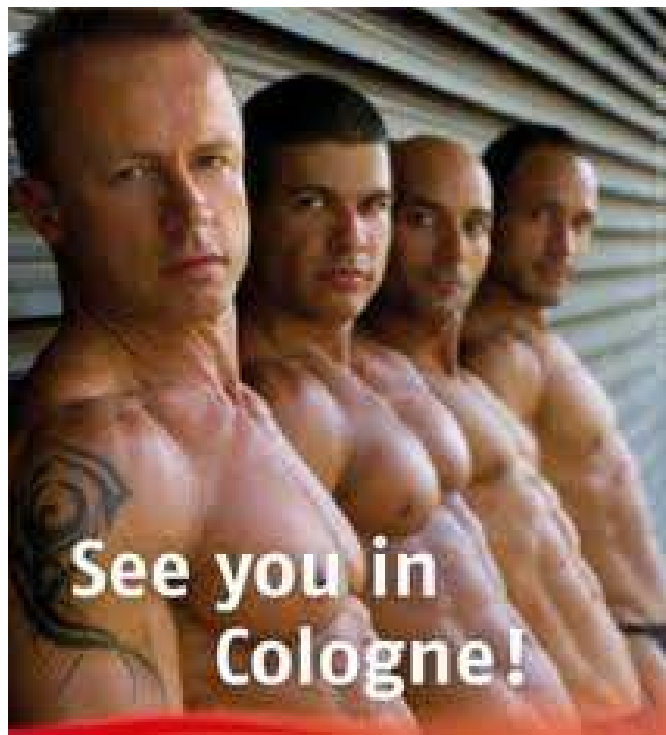


Figura 11: Propaganda oficial dos GG (2010)

É claro que ambas trazem uma caricatura exagerada, tanto do extremo de que há “todos os tipos” (FIGURA 10) — passando por drags, lésbicas e gays — quanto de que os Jogos congregam sujeitos *six packs*, ou seja, com abdominais delimitados, físicos esculturais, verdadeiros *Mr. Right's* para serem apreciados e, potencialmente, encontrados. Tendo sido insistentemente criticada no fórum sobre o “futuro do esporte LGBT”, em Copenhagen, a FGG e o comitê organizador dos Jogos Gays de Colônia, soltaram propagandas mais “democráticas” em revistas para o público específico, meses antes do evento:



Figura 12: Propaganda GG-2010. (BLU, 2010)

**Mach mit!**  
Melde dich jetzt als HelferIn an.

**VIII. Gay Games Cologne 2010**  
Das große Sport- und Kulturfestival in Köln  
31. Juli - 7. August 2010

Melde dich jetzt an unter  
[www.games-cologne.de](http://www.games-cologne.de)

**Be part of it!**

gay-PARSHIP.com  
Stadt Köln  
HRS.com  
Köln KölnTourismus  
Medienpartner  
**DU ICH**

Figura 13: Propaganda CG-2010. (DU&ICH, 2010)

Na Figura 12, nota-se a presença de um homossexual mais velho, no meio de dois jovens atletas. Apesar da cara de espanto de um deles, o outro deixa a impressão de “por que não?”. Há subentendido, em meu ponto de vista, uma referência de interface geracional na propaganda. Já na Figura 13, todos mantêm-se abraçados e sorridentes,

felizes e com expressões de satisfação. *Mach mit* (verbo “mitmachen”, ou fazer em conjunto), no texto central em alemão, é um imperativo que convoca a estar junto, participar. Não por acaso, nesta foto encontram-se representantes de três grandes grupos do “bolo LGBT”: os jovens homossexuais masculinos, as lésbicas e os homossexuais idosos, numa indireta menção aos últimos (*vocês também podem...*).

No Brasil, a grande maioria dos/as homossexuais, bissexuais e transgêneros sequer imagina que haja competições específicas para esse público. Em 2005 tivemos notícias do empreendimento relativo ao WOG quando o canadense Mark Tewksbury — então primeiro presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Montreal/2006 — esteve em São Paulo, arregimentando apoio institucional (LAJOLO, 2005). Sua busca por aliados no mundo logo despertou a ira da FGG, e um fogo cruzado foi estabelecido sobre quem detinha a ‘verdade’ e o ‘monopólio’ de realização de competições específicas para o movimento LGBT em escala planetária: de um lado, os americanos e sua política de orgulho dos ‘Jogos olímpicos gays’ (DAVIDSON, 2006), de outro, os canadenses, parte dos europeus e a esmagadora maioria dos países “fora do circuito” (como alguns poucos da Ásia, da África e da América), que defendiam “algo a mais”, além do que era enfatizado.

Além das questões políticas particulares, Tewksbury destacou pontos importantes do projeto — como a visibilidade e a dimensão econômica —, na coletiva de imprensa em São Paulo, quando disse:

Tivemos basicamente uma divergência filosófica. Eles [a FGG] queriam fechar os Jogos e nós achamos que eles devem ser algo maior, com eventos culturais, diversão e que rendam dividendos, como os Jogos Olímpicos (LAJOLO, 2005, p. D2).

O “fechar” referia-se, implicitamente, ao ato de tornar os jogos “exclusivos” só para *gays*, além de servirem de arena unicamente esportiva a tais sujeitos, quando em realidade, tal pretensão nem havia em seu nascimento [Gay Games]. Além disso, junto à visibilidade teoricamente alcançada em ser “algo maior”, haveria também a dimensão econômica atrelada ao processo e a possibilidade de lucros com as competições. O WOG se classificaria, portanto, como “a alternativa”.

Além disso, em alguns esportes (como futebol de campo, voleibol, handebol, softbol, boliche e basquetebol) é comum a presença de ex-atletas heterossexuais (geralmente “aposentados”) e atletas ainda em atividade em ligas, clubes, times convencionais, que compõem as equipes participantes dos Outgames, como comentei em outro lugar a respeito do handebol dinamarquês.

Em números, o I WOG em 2006 foi bem sucedido, “com mais de 16.000 participantes (entre atletas, artistas e voluntários), de cerca de 120 países e assistência de 250 mil visitantes”<sup>5</sup>, mas deixou prejuízos nas contas dos organizadores de Montreal<sup>6</sup>. Sua segunda versão, em 2009, ocorreu de forma mais modesta, com 5.518 participantes (4590 atletas), de 92 países<sup>7</sup> e, se não fosse pela ação do suporte financeiro da prefeitura de Copenhagen, o balanço geral das contas do Comitê Organizador teria sido também deficitário<sup>8</sup>.

Minha inserção em campo nos II WOG não foi simples, tampouco fácil. Havia planejado uma interação com o comitê organizador, porém, a pessoa com a qual me correspondia via email deixou de se comunicar às vésperas de minha viagem para Copenhagen e isso me causou um redimensionar o planejamento.<sup>9</sup> Quando se acompanha a peregrinação de eventos esportivos em escala planetária, cada cidade-sede é um terreno a ser mapeado e estudado. E foi exatamente isso que fiz nos dois meses prévios à segunda edição dos WOG.

Mesmo com uma eficiente rede de transportes, que ligava todos os locais de competição, as modalidades ficaram em pontos bem

---

<sup>5</sup> “The games in short” (ver referências).

<sup>6</sup> Segundo o site Uncle Donald’s, “The 1<sup>st</sup> World Outgames reports a half million spectators [...], finished with a \$5.7 million (\$4.3 million US) deficit and have filed for bankruptcy protection. Their budget was \$14-million” (UNCLE DONALD’S, 2011, p. 8).

<sup>7</sup> “Country Statistics”, na homepage oficial dos II WOG ([www.copenhagen2009.org](http://www.copenhagen2009.org)).

<sup>8</sup> Esse evento custou aproximadamente 1 milhão e meio de Euros, dos quais grande parte foi paga pelo poder público. A Scandinavian Airlines-SAS foi o maior parceiro privado (SCANORAMA, 2009). Segundo minha informante JT, “só não houve prejuízos devido à doação, de última hora, de cerca de 1 milhão de coroas dinamarquesas por parte da prefeitura, vindo do apoio de Ritt Bjerregaard [prefeita]”. (Registro de Campo de 30 jul. 2009).

<sup>9</sup> Constatado o equívoco em uma reunião com JT — e frente ao fato de que eu não poderia ser absorvido naquele momento nos trabalhos, uma vez que todos estavam acumulando funções e o tempo se esgotava — fui obrigado a ir para Berlim para poupar recursos da pesquisa com o compromisso de voltar às vésperas da competição, pois daí a organização me ofereceria hospedagem e alimentação no grupo do programa *Outreach*, de ajuda a *queers* perseguidos em seus países.

afastados. Elas estavam, basicamente, bem distantes umas das outras e não era raro ouvir reclamações por parte dos atletas sobre o deslocamento até suas instalações esportivas. Isso contribuiu para não haver um público distinto daquele que praticava o esporte, deixando o cenário das arquibancadas vazio, na maioria das vezes. Apesar disso, pensou-se na multifuncionalidade do espaço esportivo (por exemplo, onde foram instaladas as quadras de vôlei de praia junto a *Amager Beach* havia também locais para a realização de churrascos ao ar livre e festas) e na otimização da estrutura (no complexo aquático *Copenhagen Aqua Arena* eram realizados a natação, o nado sincronizado, o mergulho e o polo aquático). Esse segundo aspecto também fora bem aproveitado na oitava edição das Olimpíadas Gays, em Colônia/2010 [**Gay Games**].

As exposições de arte e eventos culturais oficiais foram os privilegiados no que diz respeito à proximidade do centro comercial e cultural de Copenhagen.<sup>10</sup> Talvez isso possa ser um indício do quanto de valor era atribuído ao aspecto cultural enquanto uma “alternativa” à realização pura e simples de uma competição esportiva.

Especificamente durante o II WOG fui convidado pela organização a compor um grupo de indivíduos bastante heterogêneo, os quais foram aceitos pelo programa *Outreach* e trazidos para Copenhagen a fim de participarem da Conferência dos Direitos Humanos [**Novos Modelos de Prática Esportiva**]. Tal grupo era composto por ativistas LGBTs de todo o mundo e, segundo JT, houve “um balanço regional e por gênero” para escolhê-los. O programa *Outreach* era mais do que uma hospedagem solidária. Era o “coração da organização [...] e um programa de apoio à vida e ajuda ao outro” (JT, conversa em 30 jul. 2009).

Além de hospedagem gratuita em alojamentos escolares de excelente qualidade (em quartos duplos com banheiro acoplado), eles ofereceram alimentação (café, almoço e janta), “*tickets* transporte” para todos os participantes, durante toda a semana do evento. Agregou-se a

---

<sup>10</sup> No caso das festas oficiais de abertura e a de encerramento não aconteceu o mesmo, pois elas foram deslocadas para as docas portuárias. Muito parecidas entre si, diferem-se apenas na temática. As de Copenhagen realizaram-se em megaarenas de lonas e ferros (à semelhança de tendas circenses), onde havia vários espaços distintos. Nesses, em geral, não apenas a música e a decoração são diferentes das dos outros, como também há DJs discografando músicas de tendências opostas. No caso considerado, a de abertura foi a “White Party”, e a de encerramento, “Rocco versus GMF”, onde tocariam dois DJs de clubes gays “rivais”, um de Copenhagen (Rocco) e outro de Berlim (GMF).



isso uma quantidade de dinheiro para que cada “delegado” pudesse ter recursos para “comprar sua própria comida” (fala de JT) e/ou ter liberdade de fazer outras coisas. A quantidade era de 1200 coroas dinamarquesas (aproximadamente R\$ 450,00 à época)<sup>11</sup>.

De “dentro” do grupo obtive algumas vantagens e outras desvantagens. Se por um lado não tinha que me preocupar com alimentação e hospedagem durante os dias em que estava em campo, tal “pertencimento” me impossibilitou de ter maiores contatos com os atletas. Como mencionei anteriormente, os participantes do *outreach* não são esportistas, são militantes/ativistas. Casos de participação nos esportes, em geral, são raros. Consegui conversar com L. (velocista “negro”, cubano, de 28 anos), que por coincidência era “corredor disfarçado de militante”, em meus termos. Mas isso aconteceu apenas uma única vez, pois ele se esquivava de conversar comigo [**Saída do Armário**]. Era um verdadeiro paradoxo o que se apresentava a meu entorno, ou seja, a quase totalidade dos indivíduos negros, indígenas, asiáticos, africanos se encontrava ali no alojamento, porém não se caracterizavam como sujeitos de pesquisa, pois o esporte passava longe de seus interesses. Tinham histórias de perseguição política, tortura e violação de direitos em seus países de origem, mas como eu me determinara pesquisar sujeitos esportistas (em atividade), aquela interessante diversidade de experiências não me servia como dado principal de investigação.

A maior vantagem que obtive foi ter acompanhado o dia-a-dia da antropóloga JT (32 anos, “branca”, dinamarquesa, solteira), uma das coordenadoras remuneradas do Programa Cultural da Conferência e responsável direta pelo *outreach*.

JT me possibilitou compreender o evento também do ponto de vista institucional e talvez de “dentro” o bastante para perceber suas fissuras. Certa noite, em conversa com os delegados das Filipinas e o da Indonésia fiquei sabendo que o *outreach* é um programa bastante comum para os eventos políticos e de direitos humanos, arquitetado por governos e ONGs de nações desenvolvidas e voltado para países pobres.

---

<sup>11</sup> Por razões éticas recusei o dinheiro. Minha pesquisa estava financiada, à época, pela Coordenação de Apoio ao Ensino Superior (CAPES) e, quando me propus ir para a Europa a fim de fazer pesquisa de campo, tinha consciência que os gastos seriam feitos a partir da bolsa de estudos nacional. No momento de minha recusa formal, JT considerou-me “generoso”. Apesar de saber que não faria diferença para o comitê organizador, considerei que aquele dinheiro não me pertencia.

Contudo, de acordo com o que me disseram, há vários delegados ali que vivem “de evento em evento”, pessoas que sempre “repetem os mesmos discursos e que nunca mostram mudanças em suas realidades”, mas costumeiramente estão viajando para algum lugar.

Seguindo a linha dos “incômodos” percebidos, quando tive oportunidade, externei minha preocupação a JT sobre que papel jogava o esporte no cômputo geral do evento e qual era a ligação entre *outreach program*, conferência de direitos humanos e esporte. Nós, então, protagonizamos o seguinte diálogo:

**JT:** A princípio não há relação alguma. Nós trazemos as pessoas para discutirem sobre suas realidades, pensar nos direitos humanos e refletirem sobre uma vida melhor. Esse é o objetivo da secretaria que coordeno [de cultura e conferência]. O [programa] outreach tem uma dimensão política muito importante. Talvez seja o mais importante de tudo o que está acontecendo aqui.

**Eu:** E o esporte, que papel tem? O programa outreach não deveria prescrever que os sujeitos fossem apoiar o que está acontecendo nos esportes, a partir do final da conferência, no sentido de um reforço mútuo entre direitos humanos e esportes?

**JT:** Ora, nenhum papel. Nosso objetivo aqui foi totalmente cumprido. E foi excelente. Acredito que vamos ter multiplicação de maior justiça social e conscientização sobre as pessoas LGBT através desses delegados, que serão nossos agentes em seus países. [...] Creio que talvez possa haver um certo link, quando se discute homofobia. Quando as pessoas discutem a homofobia, há inevitavelmente uma conexão com direitos humanos. Ou seja, estão conectados, mas não declaradamente conectados. [...] Agora, relação direta não há. O esporte, muitas vezes, frente àquelas realidades [de violência dos sujeitos], não é necessário. E para juntar os dois seria o caso de um ativismo político. Há que trabalhar para juntar as esferas que estão separadas. E só estão separadas, pois há algo que

não funciona bem na sociedade convencional. Mas isso é utópico. (Registro de campo, 30 jul. 2009).

É claro que JT tinha razão em relação ao esporte. Ele foi recurso civilizatório e um passatempo de classes dominantes, durante praticamente toda a sua história (ELIAS, 1994). Para a realidade daqueles sujeitos, oprimidos por ditaduras, perseguidos por serem homossexuais, bissexuais, transgêneros ou intersexuais em seus países pouco ou nada importava a prática esportiva. Todavia, e sem tomar o discurso hegemônico da “civilidade e do bem-estar” individuais mediante a realização do esporte, não seria o caso de — se o WOG quisesse efetivar uma real “alternativa” em relação aos GG — propor um modelo substituto de conferência de direitos humanos, políticas e afins que estimula, também, atividades esportivas como meio para a consciência social?

Pelo que pude observar na chegada à escola-alojamento, a quase totalidade dos participantes vinham de economias pobres, em desenvolvimento ou totalmente excluídas da divisão internacional do trabalho. Muitos eram negros ou mulatos e tinham origens socioeducacionais bastante humildes. Em conversas informais e esporádicas durante nossas convivências cotidianas, introduzia meu tema de apreensão e lhes perguntava sobre práticas esportivas em suas realidades. Respostas sem sentido ou mesmo desidentificatórias me eram conferidas e o que tinham ido fazer ali era apenas e tão somente “falar de minha vida desgraçada e de quanto odeio os que me perseguem”, segundo me disse uma etíope lésbica. Ou seja, os participantes do programa *Outreach* pouco ou nada tinham a ver com as práticas esportivas dos gays ricos e bem-educados que pagaram suas passagens, alimentação, hospedagens e que participassem da conferência humanista.

Conforme iam(íamos) chegando, JT colocava o nome do delegado em uma plaquinha e afixava em um grande e imponente mapa-múndi, numa das paredes de entrada do refeitório. Notei, assim, que muitos países de origem dos participantes (assinalados no mapa), tinham perseguição, prisão e/ou pena de morte em relação às práticas homossexuais e homoeróticas de gays, lésbicas e transgêneros (SIMON;

BROOKS, 2009)<sup>12</sup>. Então, indaguei-me se o esporte não tem papel algum junto à conferência de direitos humanos LGBT e vice-versa (pois não se inseriu àqueles que sofrem de homofobia nas discussões sobre ela, por exemplo), que “modelo alternativo” de práticas esportivas *queer* é o WOG?

A partir de agora gostaria de apresentar o campeonato de Copenhagen/2009 em números, propondo uma leitura analítica dos dados quantitativos, tanto dos que me foram fornecidos pelo comitê organizador dos Jogos, quanto os que coletei junto aos participantes do evento esportivo.

Ainda que a grande maioria dos atletas representem suas cidades, é de costume a organização, à semelhança dos campeonatos mundiais, faça a contagem dos mesmos nominalmente por países, a fim traçar um perfil de suas origens. Dessa forma, em termos de distribuição por países e regiões, temos:

TABELA 5 – OS DEZ PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE INSCRITOS  
(II WOG/2009)

PAÍS	CONTINENTE	INSCRITOS
<b>Dinamarca</b>	Europa	959
<b>Alemanha</b>	Europa	632
<b>Estados Unidos</b>	América do Norte	631
<b>Canadá</b>	América do Norte	499
<b>Países Baixos</b>	Europa	495
<b>Reino Unido</b>	Europa	413
<b>Noruega</b>	Europa	213
<b>Austrália</b>	Oceania	212
<b>França</b>	Europa	180
<b>Suiça</b>	Europa	171

Fonte: “Country Statistics” (World OutGames – Copenhagen/2009).

<sup>12</sup> A maior parte dos participantes vinham de países da África e do Oriente Médio.

Pela Tabela 5 se pode observar que não apenas nessa competição específica, mas em outras de mesma natureza, a grande massa dos sujeitos provém das mesmas regiões do globo: Europa (geralmente Ocidental), América do Norte (basicamente EUA e Canadá) e Oceania (representada notadamente pela Austrália) [Gay Games, North American OutGames]. Um fenômeno novo e recente, no entanto, é a presença de países sem tradição em competições LGBT, o que pode ser verificado na tabela daqueles com menor número de inscritos (mas presentes):

TABELA 6 – PAÍSES NAS DEZ ÚLTIMAS POSIÇÕES DO RANKING DE INSCRITOS (II WOG/2009)

PAÍS	CONTINENTE	INSCRITOS
Letônia	Leste Europeu	10
Libano	Orienta Médio	10
Nigéria	África Ocidental	10
Bulgária	Leste Europeu	09
Eslovênia	Leste Europeu	09
Israel	Oriente Médio	09
Japão	Ásia Oriental	08
Jordânia	Oriente Médio	08
Estônia	Leste Europeu	06
Jamaica	América Central	06
Palestina	Oriente Médio	06
Tailândia	Sudeste Asiático	06
Colômbia	América do Sul	05
Porto Rico	América Central	05
Indonésia	Sudeste Asiático	05
Nepal	Ásia Meridional	05
Luxemburgo	Europa Ocidental	05
Bolívia	América do Sul	04
Peru	América do Sul	04
Cuba	América Central	04
Egito	África Setentrional	04
Kênia	África Oriental	04
Uganda	África Central	04
Ucrânia	Leste Europeu	04
Taiwan	Ásia Oriental	04

Lituânia	Leste Europeu	03
Panamá	Ásia Central	03
Filipinas	Sudeste Asiático	03
Turquia	Europa/Oriente Médio	03
Argentina	América do Sul	02
Uruguai	América do Sul	02
Chile	América do Sul	02
Guatemala	América Central	02
Armênia	Leste Europeu	02
Grécia	Europa Meridional	02
Groelândia	Europa Setentrional	02
Quirquistão	Ásia Setentrional	02
Singapura	Ásia Oriental	02
Sri Lanka	Ásia Meridional	02
Síria	Oriente Médio	02
Argélia	África Setentrional	01
Tunísia	África Setentrional	01
Marrocos	África Setentrional	01
Botswana	África Meridional	01
Moçambique	África Meridional	01
Zâmbia	África Meridional	01
Zimbábue	África Meridional	01
Bósnia-Hezergovina	Leste Europeu	01
Costa Rica	América Central	01
Nicarágua	América Central	01
República Dominicana	América Central	01
Venezuela	América do Sul	01
Polinésia Francesa	Oceania	01
Geórgia	Europa Meridional	01
Malawi	África Meridional	01
Coréia do Sul	Ásia Oriental	01
Malásia	Sudeste Asiático	01
Vietnã	Sudeste Asiático	01
Mongólia	Ásia Central	01
Montserrat	América Central	01
Omã	Oriente Médio	01
Qatar	Oriente Médio	01

Fonte: “Country Statistics” (World OutGames – Copenhagen/2009).

A presença de sujeitos oriundos de regiões africanas, do Sudeste Asiático, do Oriente Médio e da América Central, mesmo que em número bem reduzido, reflete uma expansão política do institucionalizado “esporte LGBT”, mas que ainda é bem modesta se compararmos com os números de participantes da Tabela 5.

Embora não figure, mas o Brasil aparece na Tabela 6 em 18º lugar, com 28 participantes inscritos. De todas as competições internacionais, certamente os WOG são as que apresentam maior número de brasileiros oficialmente identificados: em 2006, Montreal, foram 56 atletas, e em 2009, 28. É interessante notar algo que ocorre também dentro do país, ou seja, gays e lésbicas brasileiros participam dos poucos eventos esportivos LGBT não expõem suas sexualidades, preferindo aqueles que têm nomes fantasiosos, como “Jogos da diversidade” (*diversity games*) e “aberto de voleibol” (*open*), por exemplo [Práticas Esportivas Queer]. A designação política “gay”, em geral, afasta os LGBT tupiniquins: nos GG de Chicago, 2006, participaram quatro sob a bandeira nacional e, em Colônia/ 2010, 25<sup>13</sup>.

Com poucos inscritos, a presença de alguns países causa certa surpresa e, em geral, seus representantes estão ligados a ONGs que lutam por direitos humanos LGBT<sup>14</sup>. É o caso dos africanos Zimbábue, Zâmbia e Nigéria, por exemplo, que não só proíbem a homossexualidade, como as práticas de sexo entre *gays* são punidas com pena de morte, disseminando, com isso, intolerância e discriminação (SIMON; BROOKS, 2009). Exceção neste continente são Egito e África do Sul — essa última que não está na tabela anterior, mas que ocupa a 21ª posição na listagem geral, com 18 participantes<sup>15</sup> —, os quais, mesmo diante de uma proliferação galopante do HIV, têm medidas de combate diversificadas e eficazes à mesma<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Uma exceção a este meu comentário é o grupo de voleibolistas do Rio de Janeiro, que participou pela primeira vez nos WOG/2009, representando uniformizado o Brasil e pagando do bolso para lá estarem. Novamente em 2010 os encontrei em Colônia, inclusive com novos integrantes, e continuavam empolgados com as competições. Para eles, me parece, ter a palavra gay no título (ou não) é indiferente.

<sup>14</sup> Os poucos (e raros) casos de sportistas-militantes podem ser encontrados, mas com certa dificuldade, conforme reconheceu DV, canadense, ativista e sportista, que fora meu entrevistado do voleibol. Ele me sugeriu procurá-los, caso quisesse, nos esportes coletivos, particularmente em equipes incompletas, as quais geralmente integram membros avulsos (Registro de Campo, 27 jul. 2009).

<sup>15</sup> “Country Statistics” (World OutGames – Copenhagen/2009).

<sup>16</sup> Segundo os autores, o Egito luta contra a falta de informação através de um serviço chamado “HIV hotline” e a África do Sul, além de ter sido o primeiro a autorizar o “casamento gay” no

O aparecimento do Japão na tabela é também digno de nota, visto que apesar de uma economia desenvolvida — à semelhança dos países ricos listados na Tabela 5 — o montante de inscritos é bem reduzido. Certamente, não é uma questão legal (pois a homossexualidade é oficialmente legalizada<sup>17</sup>), mas talvez cultural.

A Tabela 7 apresenta o número de atletas por modalidade esportiva. Interessante notar que natação, maratona e voleibol atingiram, no referido evento, um terço do total de participantes. Em geral, atletas da maratona correm algumas provas de pista do atletismo, como forma de se prepararem para os 42 quilômetros, realizados no penúltimo ou último dia do evento [Atletas]:

TABELA 7 – INSCRIÇÃO DE ATLETAS POR ESPORTE  
(II WOG/2009)

COLOCAÇÃO	MODALIDADE ESPORTIVA	NÚMERO DE INSCRITOS
1º	Natação	629
2º	Maratona	537
3º	Voleibol	478
4º	Danç�a	322
5º	Futebol e Football	271
6º	Badminton	252
7º	Tênis	249
8º	Atletismo	228
9º	Triatlon	171
10º	Remo	157
11º	Handebol	135
12º	Softbol	114

---

continente, participa com o Brasil do combate às patentes internacionais da fórmula que compõe o “coquetel da AIDS” (SIMON; BROOKS, 2009).

<sup>17</sup> E a prática sexual consensual entre indivíduos de mesmos sexos reconhecida desde 1982, segundo dados de Simon e Brooks (2009).



<b>13°</b>	Voleibol de praia	106
<b>14°</b>	Pólo Aquático	101
<b>15°</b>	Hóquei sobre piso	73
<b>16°</b>	Basquetebol	72
<b>17°</b>	Golf	70
<b>18°</b>	Boliche	61
<b>19°</b>	Ciclismo	60
<b>20°</b>	Squash	57
<b>21°</b>	Nado sincronizado	55
<b>22°</b>	Floorball*	52
<b>23°</b>	Bridge	49
<b>24°</b>	Hockey no gelo	42
	Dança country	42
<b>26°</b>	Tênis de mesa	40
<b>27°</b>	Aeróbica	32
<b>28°</b>	Inline Skate (Roller Racing)	30
<b>29°</b>	Curling	23
<b>30°</b>	Artes Marciais	22
<b>31°</b>	Escalada	19
	Patinação artística	19
<b>33°</b>	Mergulho	13
<b>34°</b>	Luta greco-romana	09

\* Semelhante ao hóquei de piso, surgido nos idos de 1970, na Europa Escandinava (ver IFF, nas referências).

Fonte: “Country Statistics” (World OutGames–Copenhagen/2009).

Algo que surpreende é observar a dança com mais inscritos do que o futebol (soccer) e o football juntos. Além disso, pelas observações em campo, o badminton era a modalidade com presença maciça de

asiático, de variados países (com destaque para Filipinas). O *wrestling* (luta grego-romana) faz um esforço, atualmente, para continuar entre as opções, uma vez que, segundo alguns atletas desta modalidade, tem diminuído continuamente o número de praticantes (ao menos, entre os homossexuais masculinos).

Como não tinha qualquer dado relativo ao perfil demográfico dos/as participantes, resolvi aplicar um *survey* (ANEXO) estruturado por mim, como projeto piloto para coletar informações que pudessem me dar mais subsídios daquele universo.

Inviabilizado pelo comitê organizador que acusou sigilo sobre os dados pessoais, não me repassando dado estatístico algum, decidi ir para o corpo-a-corpo e, através de uma coleta assistemática de sujeitos e aleatória de modalidades, requisitar ajuda.

Foram sete dias de competições acordava por volta das 7 horas da manhã e retornava ao alojamento às 23 horas. Nesse intervalo de tempo me deslocava aos locais de competição (espalhados por toda a cidade de Copenhagen) e interpelava atletas, apresentando a pesquisa e pedindo colaboração para a coleta de dados. Foram 110 formulários<sup>18</sup>, autopreenchíveis, divididos aleatoriamente entre os (aparente) sexos e sistematicamente entre as modalidades competitivas<sup>19</sup>.

Como pesquisador das Ciências Humanas, acredito pouco em estatísticas e em números “crus”, pois sei que mascaram a realidade e a tornam plana demais, homogeneizando-a. Porém, ainda assim, e curioso para ter uma “radiografia” numérica do evento, elaborei quinze questões que se transformaram em dados quantitativos. Vou trazê-las e comentá-las aqui.

---

<sup>18</sup> n = 110 (tamanho amostral) de uma população de N = 4.505 (total apenas de atletas), o que significa uma amostragem de aproximadamente 2,5% da população atleta participante no evento esportivo. Talvez mediante o universo amostral, 2,5% seja algo não significativo. No entanto, tomando-se em conta que N = 4.505 já é um recorte dentro do universo populacional mais geral, minha amostra acaba se tornando bastante valorativa.

<sup>19</sup> As modalidades pesquisadas foram: atletismo, natação, voleibol convencional e de praia, tênis, *wrestling* (luta grego-romana), softbol, floorbol, boliche, hockey no gelo, triathlon, futebol convencional e futebol americano. Por critérios eletivos, algumas modalidades foram deixadas de lado, como aeróbica, dança country, patinação artística, *curling*, pólo aquático, nado sincronizado, *bridge*, escalada, remo e maratona. Ciclismo, mergulho, golf, artes marciais e *squash* foram realizados em locais bem distantes e, portanto, devido ao tempo de deslocamento foram excluídas de minha observação. Já o tiro esportivo, o rugby e o billard foram cancelados pelo comitê organizador às vésperas do início da competição por falta de inscritos/as.

O questionário aplicado era de múltiplas escolhas e dividido em 3 blocos<sup>20</sup>, todos resumidos em uma única página. Simulações anteriores foram feitas com voluntários e o preenchimento levava entre 3 e 5 minutos. Era autoexecutável e aos sujeitos era exigida duas condições: a) ser atleta de alguma modalidade e b) estar competindo nos II WOG<sup>21</sup>.

Praticamente todos se dispuseram a contribuir, voluntariamente, comigo e com a pesquisa<sup>22</sup>. Do total de 110 questionários, foram por mim identificados visualmente 63 atletas do sexo masculino e 47 do feminino. Porém, das respostas relacionadas à identidade social de gênero do primeiro grupo, 98,4% disseram ser “homens/masculinos” e 100% do segundo grupo acusaram-se “mulheres/femininas”<sup>23</sup>.

Em termos de orientação sexual (segunda questão) dos respondentes masculinos 93,6% se consideraram “homossexuais/gays”, 3,2% bissexuais, 1,6% intersex e 1,6% MSM; e 80,8% se classificaram como “lésbicas”, além de 8,5% como bissexuais, 4,3% como heterossexuais, 2,1% como *queer* e 4,3% não se designaram. O caso curioso foi o do atleta de triatlon que se classificou como “MSM” (homens que fazem sexo com homens) e se recusou a se identificar com quaisquer outras categorias desta questão. Como ele frisou, categoricamente, tal designação, decidi insistir e ouvir dele quais eram os argumentos [Saída do Armário].

A Questão 3, por sua vez, referia-se à “cor da pele” e, dos que se autoidentificaram como “homens/masculinos”, 64,5% assinalou-se de

---

<sup>20</sup> Que eram I) sobre você; II) sobre você e o esporte; III) situação do esporte LGBT no seu país.

<sup>21</sup> Por não ter tido ajuda do comitê organizador dos Jogos no sentido de selecionar potenciais respondentes, fui aos locais de competição e, aleatoriamente, convidava as pessoas a participarem da pesquisa. Isso descaracterizou a aplicação do questionário e, na maioria dos casos, acabei fazendo uma entrevista e preenchendo eu mesmo as questões, com as respostas que me eram dadas. Mesmo já tendo realizado um piloto do questionário, na prática, ele apresentou incoerências e mesmo pouca praticidade, limitações que são passíveis de serem esperadas quando da utilização de instrumentos quantitativos.

<sup>22</sup> Em geral, ficava alguns minutos andando para todos os lados, com uma prancheta na mão e um crachá no pescoço, que trazia o registro de meu nome e a universidade, ambos em inglês. Por estar em um ambiente em que todos usavam roupas esportivas e eu me vestira com roupas formais, inevitavelmente, as atenções se voltavam para mim. Minha abordagem era contextualizadora da pesquisa e de meu objetivo naquele lugar. Dos/Das que foram inqueridos/as, poucos/as recusaram.

<sup>23</sup> Aqui há um problema com o substantivo/adjetivo “male” e “female”, do inglês. *Male* pode significar homem, masculino, mas também macho; *female*, por sua vez, pode significar mulher, feminina, e também fêmea.

cor branca, contra 13% morenos, 4,8% amarelos, 1,6% negros, 4,8% outras cores/etnias e 11,3% não sabia dizer porque nunca tinha pensado a respeito. Esse último valor é enigmático, pois é traz à reflexão porque tais sujeitos nunca tinham pensado acerca de suas próprias cores/etnias. Ainda nesta questão, as respostas das autodenominadas “femininas” foram mais concentradas: 85,1% eram de cor branca (contra 4,3% morenas; 2,1% vermelhas ou indígenas; 2,1% não responderam e 6,4% nunca tinham pensado a respeito).

Os resultados até agora listados condizem com a sistematização das primeiras perguntas do questionário e embasam minha observação despreziosa durante as visitas às modalidades esportivas. Por toda parte se veem sujeitos “brancos”, representantes dos “convencionais gêneros” masculino e feminino; uma grande massa de gays e uma minoria de lésbicas. Alguns esportes ofereceram cenários mais diversos à observação: no badminton havia uma alta concentração de asiáticos, no atletismo era facilmente identificável mais morenos, latinos e negros do que em outros lugares e, no voleibol, terceira maior modalidade em número de inscritos (TABELA 7), havia uma aglomeração de transgêneros/as, principalmente da Tailândia.

Quanto ao nível educacional — tema da Questão 5 —, 72,6% do sexo masculino possui (até) formação universitária, contra 8,1% com ensino fundamental, 14,5% ensino médio e/ou técnico e a minoria de 4,8% são possuidores de pós-graduação (seja em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado). Entre o sexo feminino, 66% atestaram ter nível universitário, contra 8,5% com ensino fundamental, 21,3% ensino médio e/ou técnico e 4,2% possuidores de pós-graduação (doutorado e pós-doutorado). A se considerar que a grande maioria dos respondentes proveem de países desenvolvidos é clara a alta escolarização, seja ela representada pelo ensino médio/técnico, seja pelo ensino universitário (graduação ou pós). Os que se designaram do gênero masculino e do feminino diferem quanto ao ensino superior (“eles” estão em maior proporção nesse do que “elas”, reproduzindo, assim, a assimetria histórica identificada na sociedade) e no ensino médio/técnico (“elas” se fazem mais presentes em tal nível, talvez isso também se configure como um “veto de gênero” de ascenso feminino).

Algo interessante foi percebido na média etária por sexo ao iniciar uma atividade esportiva, aferida na questão 6. Enquanto a média dos homens foi de 12,2 anos, nas mulheres era de 6,1 anos. Na distribuição das idades, as “mulheres” iniciaram suas atividades

esportivas bem mais cedo, concentradas dos 5 aos 12 anos. A distribuição das idades dos “homens” era mais aleatória e, assim como houve quem iniciou suas práticas esportivas entre 3 e 5 anos, havia também os que tinham um começo tardio, depois dos 30 anos.

Frente à Questão 7 que inquiria “você pratica esporte com frequência?”, 90% dos/as atletas entrevistados/as responderam afirmativamente que “sim” e apenas 10% que “não”, sem desequilíbrio de gênero. Por tais respostas pode-se depreender que uma das principais motivações **verbalizadas** para a participação no evento seja a prática esportiva. A continuidade da pergunta, estruturada no questionário (“se sim, qual esporte?”) mostrou-se, contudo, totalmente sem sentido, por dois motivos que gostaria de salientar: a) o comitê organizador me forneceu o número de inscritos por esporte (TABELA 7) e, b) o *survey* foi feito baseado em uma amostra aleatória e, portanto, meus resultados não acusariam as modalidades existentes na proporção em que foram registradas pela organização dos II WOG.

Na Questão 8 se perguntava sobre a prática esportiva em clubes ou instituições LGBT e, em caso afirmativo, onde ela acontecia. Dentre “homens”, 74,2% responderam “sim”, ou seja, praticavam esportes em associações específicas LGBT e 25,8%, registraram “não”. Ou seja, a cada 4 sujeitos-atletas, 3 deles engajam-se em atividades esportivas dentro de ambientes **restritos** apenas ao convívio LGBT [**Territórios Marginais**]. No caso das “mulheres”, as porcentagens são um pouco diferentes: 59,6% praticavam esporte em clubes e associações específicas e 40,4% não. Tais resultados referentes ao grupo dos “homens gays” podem mostrar que a homossocialização seja mais importante para “eles” do que para “elas”. A continuação da questão, no entanto, também se mostrou sem sentido, pois o nome do clube ou da instituição requerido (e o país, como em alguns casos apareceu), não eram importantes para agregar informações à análise.

Intencionando registrar se tais sujeitos tinham acompanhamento especializado de um profissional (seja de Educação Física ou da área de Esporte) no treinamento cotidiano/semanal, estruturei a nona pergunta. Das respostas, 59,7% dos atletas responderam “sim”, e 40,3%, “não”. Dentre as que se identificaram com o sexo feminino, 70,2% possuíam acompanhamento profissional e 29,8% não. Se as respostas fossem afirmativas, “eles/elas” eram direcionados para as alternativas que detalhavam o local da prática ou sob supervisão de quem. A maioria das respostas concentraram-se na alternativa “num clube LGBT” (referente

à prática esportiva), e coincidentemente, notei que essa foi a mesma resposta da questão anterior, reforçando, também, a concentração de respostas anteriormente encontrada.

Sobre tais aspectos, pode-se tecer algumas considerações. O clube LGBT é uma realidade para ambos os gêneros e a maioria dos/as praticantes tem certo vínculo com esse tipo de organização. Se “eles” estão mais presentes na realidade da associação (o que foi mostrado na questão 8), “elas” têm mais acompanhamento profissional (seja por parte de academias de esportes ou mesmo por *personal trainers*, por exemplo), revelado pela Questão 9. Além disso, tais números podem trazer que, talvez o “reforço mútuo” entre iguais seja mais importante para “eles” do que para “elas”, numa espécie de espelho dos encontros “entre machos” na sociedade contemporânea de matriz heteronormativa.

Um problema identificado na questão 10 dizia respeito aos inúmeros espaços não preenchidos (em branco) pelas/os entrevistadas/os. É interessante esboçar uma interpretação. A décima pergunta requeria “quem te treina?”, e a falta das respostas pode indicar que poucos sujeitos recebiam treinamentos sistemáticos (e mesmo sistematizados enquanto tais), o que nos conduz à suposição de que a prática esportiva em si é mais livre e desprovida de um compromisso maior com o alto nível<sup>24</sup>.

Acoplada ainda à ideia de prática esportiva sistematizada está a frequência (ou número de vezes) de treino por unidade de análise (dia, semana, mês). A Questão 12 encarregava-se de inquirir sobre tal aspecto. Dentre os atletas, 64,5% responderam que praticam seus respectivos esportes de 2 a 3 vezes por semana, 17,7% o fazem todos os dias, 8,1% uma vez por semana, 3,2% treina às vezes, e 6,5% diz não treinar nunca. Entre “elas”, 66% das respondentes praticam algum esporte de 2 a 3 vezes na semana, 19,1% uma vez por semana, 4,3% o fazem todos os dias, 4,3% treina às vezes, 2% dizem treinar apenas uma vez por mês e 4,3% diz não treinar nunca. Se há um equilíbrio de gênero manifesto nas práticas convencionais de 2 a 3 vezes na semana (64,5%

---

<sup>24</sup> Aqui podemos refletir que a grande massa se encaixa em três grupos, basicamente: 1) os indivíduos com histórico de prática esportiva sistematizada de rendimento (ex-atletas, por exemplo); 2) àqueles/as condicionados à uma prática sistematizada desde a infância (mas não de rendimento); e 3) àqueles/as sem tais práticas sistematizadas, que participam da competição “for fun” (recreação), ou porque está envolvido/a em um grupo, ou porque tem parceiro/parceira (resposta de AV, em 29 jul.2009), ou ainda porque procura “se socializar no mundo gay esportivo” (resposta de HL, em 30 jul. 2009).

contra 66%), o mesmo não ocorre em outras porcentagens: “eles” praticam mais esporte todos os dias (17,7%) e “elas” às vezes ou uma vez por semana (23,4%). Isso pode mostrar que a prática esportiva compulsiva entre “eles” serve para incremento do **capital masculino**, segundo destacou Anderson (2005), o que geraria, inevitavelmente, maior “sucesso” nas conquistas no campo sexual/afetivo.

A Questão 13 envolve uma dimensão além do indivíduo e do clube, qual seja, a prática esportiva no país para o segmento assinalado. Segundo as porcentagens, 82,3% dos atletas disseram que há práticas esportivas ordinárias para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros em seus respectivos países, contra 17,7% que disseram não havê-las. Entre as respondentes do sexo feminino, 100% responderam que em seus países há práticas esportivas para a comunidade LGBT. Na continuidade da questão, a grande maioria dos gêneros respondeu que tais práticas são ações da iniciativa privada e apenas os entrevistados do Reino Unido e de alguns países da Ásia disseram que seus governos davam suporte a estas atividades (ou seja, parte do dinheiro que move a estrutura recreativa/competitiva LGBT é pública)<sup>25</sup>.

Uma das questões mais interessantes do ponto de vista da amplitude das práticas esportivas LGBT no mundo foi a 14<sup>a</sup>. Ela versava sobre a quantidade de eventos esportivos LGBT que o/a respondente participava por ano. Houve um equilíbrio as categorias de sexo nas respostas e, pode-se dizer que, em países como Canadá e EUA acontecem entre quatro e seis torneios ao ano, no Reino Unido (em média, três por ano) e na Europa em geral (de três a quatro ao ano), de diferentes níveis, como locais, nacionais, internacionais. Com exceção dos canadenses e americanos — em que a média de participação em torneios em seus Estados/Províncias e mesmo em seus países é bem alta — a grande maioria de outras nacionalidades respondentes participa, em média, de dois torneios locais no ano, um a dois Jogos nacionais e uma a duas competições internacionais anualmente. Nesse último caso, os europeus se destacam, visto que com mais fronteiras terrestres e maior facilidade de deslocamento, o número médio de competições esportivas LGBT internacionais é de três a quatro por ano.

---

<sup>25</sup> Aqui é importante registrar que, desde a iniciativa do Governo Lula em 2008 relacionada à execução da I Conferência Nacional LGBT, em seu texto-base já figurava (como uma das ações do Estado), o fomento às práticas culturais e esportivas para gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Ou seja, apesar de um aspecto ainda bastante subdesenvolvido em território nacional, o desenrolar destas atividades no Brasil estará atrelado às ações do poder público.

Outro ponto de destaque neste tópico é no que concerne a mesmos esportes, mas diferentes regras para os sexos (como o softbol) e mesmos esportes, mas regras generificadas por papéis sexuais (como a dança de salão e patinação artística) em países como EUA e Canadá, onde são realizadas mais de dez competições locais por ano<sup>26</sup>.

No caso das respostas do sexo feminino, cabe uma observação. Há dois aspectos essenciais que as distanciam deles: a) elas participam mais de torneios locais (média de um a dois por ano) e de competições internacionais (duas por ano), excetuando-se as americanas e as canadenses, que competem mais vezes nos mesmos períodos; e b) elas participam, em geral, em menor número de competições do que eles. Pela contagem realizada, os “homens gays” participam de mais competições, principalmente em nível nacional.

Além disso, no tocante à Europa Nórdica<sup>27</sup>, a média de competições chega a ser praticamente a mesma que da Europa Ocidental (e, obviamente, inferior a dos norte-americanos), mas o destaque é para a *competição endógena regional*, ou seja, por torneios realizados apenas nesta região e entre os escandinavos.

Ocorreram, outrossim, alguns problemas na aplicação do questionário, que são dignos de notas. Nos momentos de preenchimento houve certa confusão de conceitos entre os respondentes europeus e os norte-americanos. Enquanto os primeiros estavam mais familiarizados com o termo LGBT (e as demais siglas que o compõe), os segundos preferiam a denominação *queer*. Muitos/as respondentes paravam-me no momento em que tais termos apareciam e perguntavam porque eram chamados/as de uma forma ou de outra.

Além disso, como o *survey* serviu apenas para uma amostragem simples do universo pesquisado e o questionário fora testado pela primeira vez *in loco*, alguns problemas pontuais foram identificados e não fizeram sentido. Por exemplo, a questão 4 perguntava se o sujeito trabalhava e, se sim, inquiria em que. Portanto, com uma quantidade bem múltipla de ocupações, a segunda parte da questão se mostrou inócua, visto que de pouco ou nada adiantava tabular as profissões encontradas na amostragem.

A décima primeira pergunta era sobre suporte financeiro e a formulação “who supports you?” (quem te dá suporte?) ficou bastante

---

<sup>26</sup> Sobre a “estrutura segregada por gênero” nos EUA (MCDONAGH; PAPANO, 2008).

<sup>27</sup> Região que compreende Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia.



dúbia e causou estranheza. A intenção era tratar sobre o apoio monetário para a participação nas competições, objetivo do *survey*. No entanto, por sempre envolver questões pessoais do assumir-se (gay, lésbica, comumente), os sujeitos entendiam a pergunta como “quem te dá/deu suporte emocional para participar da competição?”. E isso faz muito sentido quando se identifica muitos participantes de primeira vez, ou quando o/a namorado/a compete frequentemente e o/a companheiro/a motivou-se a participar também. O suporte emocional nestes casos é fundamental. Os que me indagaram sobre o propósito da questão, expliquei-lhes que o sentido era suporte “material ou financeiro”. Os demais responderam que pagavam as próprias despesas para participarem de eventos como estes.

Em realidade (e tal aspecto fora identificado em conversas esporádicas), com exceção de alguns grupos do Reino Unido e da Ásia, a grande maioria paga suas despesas pelo prazer de participar de um encontro bastante aguardado<sup>28</sup>.

Em contraposição à questão exposta anteriormente, a 15<sup>a</sup> foi bem formulada quando diz “Who supports your participation in this WORLD OUTGAMES?” e a porcentagem de mais de 95% acusou que o/a próprio/a respondente se encarregava das despesas de participação, algo que confirmara o que já havia notado em observações e concluído a partir de testemunhos espontâneos: há uma economia prévia e um planejamento sistemático, com vistas às participações nestas competições esportivas [Circulação e Desejos].

\*\*\*

A produção dos resultados quantitativos deste *survey* trouxe à pesquisa dois pontos importantes de reflexão. De um lado, ficou evidente há uma necessidade de mapeamento de quem frequenta tais eventos esportivos, de uma caracterização pormenorizada deste grupo. Isso poderia servir tanto para o movimento esportivo LGBT — no intuito de criar outras demandas, organizar melhor as competições, lutar

---

<sup>28</sup> Em conversa com HL, de Berlim, ele me perguntou se “eu iria ou não para Colônia, no próximo ano [2010]?”. Respondi que sim, pois isso já estava planejado em meu cronograma de pesquisa, ao que ele complementou: “eu também vou participar em 2010, mas em 2011 quero fazer um cruzeiro no mediterrâneo” (Registro de campo, 01 ago. 2009), em alusão às suas férias de dois anos mais tarde [Circulação e Desejos].

pela prática esportiva como sinônimo de cidadania, repensar o sistema de categorização (por exemplo, para incluir de fato os transgêneros) e mesmo ampliar a política de atração de atletas de regiões pouco participativas (como a africana) —, quanto para o “mercado”, ampliando sua margem de ação, a fim de “capturar” o tal ‘pink money’ de que tanto se fala.

De outra parte, quantificações numéricas reduzem as próprias pessoas a números e, na maioria das vezes, invisibilizam-nas, homogeneizando-as. Por isso quero tecer uma crítica nesse final, que demonstra que, mesmo tendo empreendido um esforço para a quantificação do público participante de um evento, discordo de metodologias apenas e tão somente quantitativas.

Por isso, quero destacar uma produção acadêmica fundamental, de autoria de Nancy Scheper-Hughes (1993). Radiografando a realidade da mortalidade infantil entre 1960 e 1990 no Nordeste brasileiro, a antropóloga propõe uma epidemiologia do acometimento infantil, vista a partir do que os números não trazem (ou do que eles mascaram). Ela tratou de um “ir além” deles. Uma de suas conclusões mais contundentes foi a de que a mortalidade infantil, naquela região brasileira, no período citado, não refletia a taxa de mortalidade infantil de crianças das classes mais pobres. E, por que não refletia se suas tabelas e estatísticas atestavam, por “a” mais “b” que era exatamente uma diminuição que se constatava nas taxas de mortalidade infantil?

Assim, para ela, já estava em processo, naquele momento histórico no Brasil, uma “modernização da mortalidade infantil”, ou seja, enquanto as crianças mais pobres morriam às pencas, nas classes mais abastadas ocorria uma prodigiosa melhora no número de óbitos de recém-nascidos. As estatísticas, portanto, anuviavam tal situação e, não surpreendentemente, apresentavam média padrão.

Talvez uma metodologia quantitativa isolada de outros elementos tão recorrentes em investigações qualitativas (como análises de discurso, história oral, etnografia, trajetórias de vida) seja tão inócuo quando a própria falta dela. Porém, com uma “epidemiologia sem números” (termos da autora) presente na área de Estudos de Gênero, talvez pudéssemos vislumbrar novos horizontes no tratamento analítico de problemáticas tanto epidemiológicas quanto políticas e socioculturais.

**Verbetes relacionados:**

Atletas, Circulação e Desejos, Gay Games, North American Outgames, Novos Modelos de Práticas Esportivas?, Práticas Esportivas Queer, Projetos de Vida?, Saída do Armário, Terriórios Marginais



# **POLARIDADES**



## Circulação e Desejos<sup>1</sup>

**HL:** Viu meu perfil no Gay Romeo?<sup>2</sup>

**Eu:** Sim, identifiquei teu perfil e uma longa lista de lugares turísticos marcados.

**HL:** *riu matreiramente*. Eu viajo muito, *explicou enfático*. Há viagens curtas e longas, mas prefiro locais onde a cena gay seja realmente boa, pois cidades pequenas me deixam irritado (*Sie ärgern mich*). Uso meus finais de semana para lugares mais próximos (*in der Nähe*) e férias para outros mais distantes.

[...]

**Eu:** E os Gay Games e os Eurogames entram em suas opções de viagem?

**HL:** Sim e não. Se os destinos (*Örte*) me atraem, sim. Se não, não vou não. Não vou para Budapeste em 2012, por exemplo. Não quero ir para lá (*ich will das nicht!*).

**Eu:** Você vai muito a torneios esportivos?

**HL:** Costumo ir a todos, principalmente porque a natação é um esporte que tem um calendário bem amplo de torneios. (Entrevista com HL, 18 ago. 2010).

Que os gays são grandes consumidores mundiais de produtos e serviços por meio de seu *pink Money* — algo que parece ser a “descoberta de ouro” do *business* mundial — não restam dúvidas. Marsiaj (2003) dedicou atenção ao perfil socioeconômico do segmento LGBT mostrando, inclusive, que há grandes disparidades socioeconômicas entre gêneros que compõem a “sopa de letrinhas” (FACCHINI, 2005). Para Marsiaj (2003) há “gays ricos” e “bichas pobres”, denotando que o poder aquisitivo do “grupo”, na verdade, não é tão homogêneo como se pode imaginar. O poder econômico também sofre influência de classe social, cor da pele, nível educacional e origem cultural. Apesar de não problematizar o campo esportivo relacionado no cenário econômico, uma vez que tece considerações sobre o mercado de

---

<sup>1</sup> Parte do texto aqui alocado já foi publicado em Camargo e Rial (2011).

<sup>2</sup> Plataforma mundial de comunicação *online*, de origem holandesa, e usada para encontros entre os homossexuais masculinos, principalmente na Europa (SCHEUß; SCHULZE, 2005).

consumo “gay, lésbico e simpatizante” (GLS) brasileiro, endereça questões bem importantes para refletir a circulação econômica que envolve tal público no cenário global.

Pela longa lista de cidades e países europeus pelos quais o nadador entrevistado circularia/circulou entre 2010 e 2011 — e que estavam já todos pré-agendados em seu perfil *online* — poder-se-ia imaginar que ele vive viajando, e seria um *bon vivant* que fica em função de se organizar para viajar e, no limite, “encontrar potenciais parceiros sexuais”.

Apesar de Hughes (2002, p. 154) considerar a busca por sexo nas férias de gays e lésbicas um dos “grandes mitos do estilo de vida gay moderno”, acompanhando a rotina semanal de HL (35 anos, “branco”, alemão), percebi que o estar *online* é um pré-requisito para angariar encontros *offline*. Além de ficar constantemente plugado no site <www.gayromeo.com> em todos os lugares (através de seu iPhone), sua lista de cidades a serem visitadas fica registrada no tal site e os habitantes das mesmas têm à disponibilidade de checar o perfil do “forasteiro” antes e durante sua estada. Ao sinal de interesse, deixam mensagem ou pequenos códigos que vão desde um “sexy” até “quero um filho seu” (*ich will ein Kind mit Dir*)<sup>3</sup>. Nessa economia das “trocas sexuais”, ele possui ainda em seu iPhone um aplicativo (chamado GrindDR), que atualmente é bastante comum no mundo masculino homossexual europeu de classe média-alta. Tal programa permite identificar algum outro homossexual masculino, potencial parceiro sexual, a tantos metros (ou quilômetros) de distância. A partir disso, o arranjo posterior para o *dating* é uma questão pragmática de local e hora.

“Circular” por distintos destinos turísticos e prolongar viagens além dos eventos esportivos em que participam foram informações que apareceram como dados empíricos em minhas inserções em campo, realizadas em competições esportivas LGBT em Chicago/2006 e em Colônia/2010 [Gay Games]. Em 2009, nos jogos de Copenhagen [World Outgames], surgira também que a viagem para uma competição, em

---

<sup>3</sup> No sistema do site há uma palheta com vários símbolos e seus significados, como os mencionados. Marcar outro perfil com um deles é o primeiro passo para uma conversa. Se o outro não se interessa por quem o marcou, não responde ou manda apenas um “obrigado” (*Danke*, em alemão).



geral, não é feita sozinha pelo sujeito e os momentos de turismo (sexual) são àqueles das férias de verão no hemisfério norte.

Tal viagem ocorre, costumeiramente, entre amigos — como, por exemplo, fazem os corredores do grupo *Front Runners*, de São Francisco — ou em casais, como os que conheci nos jogos em que estive pesquisando [Atletas; Projetos de Vida]. O turismo desenvolvido nessas viagens, invariavelmente, tem componente sexual, seja pela “vontade de conhecer pessoas de outras partes do mundo”, seja pelo fato de também experimentar “algo da vida local” de onde acontecem as competições, como me afirmaram vários interlocutores. De certa forma, dadas localidades também se aproveitam dos eventos e fazem *sex marketing* (marketing sexual), segundo Hughes (2002).

Diante da circulação de corpos e desejos e de uma propensão acentuada e ininterrupta em “circular” pelos espaços *queer online-offline*, gostaria de testar **a hipótese que indaga se as competições esportivas participam da mesma lógica que envolve os espaços de circulação queer<sup>4</sup>, isto é, se elas se constituem como “rotas de desejos” dos agentes e qual é o papel exercido pela prática esportiva nesse contexto.**

Por sua vez, o momento em que tais *espaços esportivos queer* aparecem em cena é no início dos anos 1980, em decorrência das conquistas políticas dos movimentos gays e lésbicos e da institucionalização da proposta dos “Gay Olympic Games”. No entanto, adquirem caráter de circulação global apenas em 1990, no ápice da internacionalização da economia do século XX (HOBSBAWN, 1995). No caso das competições esportivas LGBT, a itinerância global se dá a partir da terceira edição dos GG, também em 1990, na cidade de Vancouver (Canadá), momento em que os jogos deixam o “gueto” norteamericano de onde surgiram e entram na lógica da globalização:

**Eu:** então esse *feeling* começou já em Berlim?

**HS:** Sim, claro! Começou antes. Foi uma grande comoção, na verdade, um sentimento [de pertencimento] grupal [*ein Gruppenfeeling, ein Teamfeeling*]. Naquela época, o grupo de Berlim

---

<sup>4</sup> Designo por “espaço de circulação *queer*” o que já apareceu, em vários momentos, sob distintas classificações na literatura: os “guetos gays”, de Levine (1998) e MacRae (2005); os “guetos GLS” nominados por França e Simões (2005), Tonelli e Perucchi (2006); as “manchas e circuitos” de Magnani (2002) e os “códigos-territórios”, de Perlongher (2005).

tentou, tanto quanto possível, organizar toda nossa ida. Nós voamos em aproximadamente 150 pessoas num único avião. Então, se houvesse acontecido algo, estaria a equipe berlinense totalmente extinta. Mas imagine você, cerca de 150 “irmãs” [*Schwestern*] juntas em um único voo – *gargalhou*. Pobre héteros! Então, essa vibração boa, de grupo. Escala em Seattle e logo pouso em Vancouver [...]. E a maioria hetero [dos passageiros] ficaria em Seattle, acredito eu. E de Seattle para Vancouver, ninguém mais entrou, *riu graciosamente*. Era uma verdadeira bomba rosa! [*Ein richtig Rosa-Bomber*], *gargalhou incessantemente*. (Entrevista com HS, 26 maio 2010).

Num dos primeiros encontros com o corredor alemão HS (48 anos, “branco”, solteiro e ativista LGBT), as menções ao sentimento de satisfação desencadeado pelo agrupamento do “Team Berlin” e a ida aos jogos eram recorrentes. Para ele, não apenas foi um marco histórico a participação da equipe de Berlim nas competições gays de Vancouver em 1990, como fora também a circulação global que então passou a fazer parte de seus processos de subjetivação (dos projetos e dos desejos).

As competições esportivas LGBT fazem parte do *ethnoscape* — circulação de pessoas, na designação de Appadurai (1994) — evocando sentimentos ambíguos nacionais/locais, performatizando uma cartografia dinâmica de territorialidades marginais (PERLONGHER, 2005), como quaisquer outros eventos *queer* de alcance global (como acontece hoje com o fenômeno das paradas gays, que surgiram na mesma época).

A ideia de vínculo espacial/territorial e de marginalidade faz parte da história dos guetos como espaços físicos de segregação sociais, raciais, sexuais e afins [**Territórios Marginais**]. No entanto, para pensar as competições LGBT como espaços guetificados em itinerância, há que se desterritorializar o gueto, reconcebendo-o a partir dos fluxos e das fronteiras globais atuais (HANNERZ, 1997). Por mais paradoxal que pareça falar de “guetos” em plena lógica da globalização, há que se considerar que o que esta imprime de desterritorialidade e movimento,

aqueles materializam formas circunscritas e estigmatizadas de territorialidades.

Muito já se escreveu sobre globalização e se sabe que é um fenômeno que está processo e que envolve dimensões culturais, econômicas, políticas e financeiras de acontecimentos de distintas naturezas, que se interrelacionam no planisfério (KEARNY, 1995). Independente da vertente interpretativa a que se filie em respeito à globalização em tela, o fato é que ela está intimamente relacionada ao modelo econômico capitalista em vigor e afeta, diretamente e indiretamente, as formas de subjetivação no mundo moderno (PRECIADO, 2008; SOARES; VAZ, 2009). As práticas esportivas LGBT, como subproduto desse mundo e do esporte moderno, também são atingidas e acachapadas por tal processo.

Reterritorialização e desterritorialização são fenômenos associados à globalização e se dão de modo ambíguo, transitório de simultaneísmos e descontinuidades, nos espaços e no tempo, compondo uma carta dinâmica e complexa das subjetividades *queer* em tais competições esportivas. Enquanto a reterritorialização é transitória, pois ocorre associada à execução do evento, a desterritorialização é permanente e acompanha o processo (de candidatura e nomeação das cidades-sedes, de planejamento e promoção, de divulgação e inscrição, de expectativas quanto à realização), permanecendo no imaginário dos atletas que participam, participaram ou participarão.

Especificamente acerca dos GG, a territorialização/desterritorialização dos mesmos tem outro componente manifesto, extremamente revelador. O processo de itinerância é tenso e paradoxal, tanto diacrônica quanto sincronicamente: as competições se descentralizam do país-sede (i.e., os EUA) e, de tempos em tempos, tornam a se materializarem por lá, fundamentalmente quando a federação que os coordena assim o “recomenda”, num movimento de tentar repô-lo no caminho da “ideologia” originária (e, portanto, retornando simbólica e espacialmente para onde o gueto foi materializado, ou seja, no espaço norteamericano).<sup>5</sup> Desterritorializa-se num *continuum* ao participar das lógicas subjetivas e objetivas de um

---

<sup>5</sup> Quanto ao WOG, que teve sua origem em 2006, ainda é prematuro afirmar que haveria uma nova tendência de concepções sobre os jogos, uma vez que sua história ainda é recente e a etnografia realizada em sua 2ª edição em 2009 mostrou que, por enquanto (e à exceção da atenção à Cultura e aos Direitos Humanos LGBT), este campeonato reproduz, em grande escala, o que também é desenvolvido nos GG.

calendário global (esportivo), que mescla circulação de sexo, desejos e prática esportiva associados, componentes ideais do “turismo sexual” (HUGHES, 2002).

Durante os jogos em Colônia, início de agosto de 2010, com o calor escaldante do verão europeu à época, a cidade estava abarrotada de corpos seminus de atletas que circulavam entre as zonas esportivas e as áreas de *cruising* da considerada ‘capital gay da Europa’. Na sauna Babilon [um lugar misto de sauna, casa de massagem e banhos turcos], segundo me contou, DJ ‘transou e foi transado’, inclusive no seu objeto de fetiche, um *sling* — suporte de couro, pendurado por correntes, no qual o movimento instável de idas e vindas ajuda no ato da penetração. O americano de 54 anos, branco, solteiro e técnico de *bodybuilding* narrou suas peripécias sobre suas ‘férias de verão’ com um sorriso malicioso e completou: “elas não são apenas um tempo de descanso para a mente, mas de ‘exercício para o corpo’, *got it?*”. (Registro de campo, sobre entrevista com DJ, 31 jul. 2010).

A partir dessa estreita relação entre espaços esportivos LGBT, circulação de corpos e desejos e turismo global de nicho, parece haver um reforço à subcultura *gay* marginalizada, que se autorreferencia positivamente no intuito de criação, manutenção e perpetuação de um ambiente restritivo (exclusivo) de práticas esportivas (e sexuais) LGBT.

A instalação dos espaços de convivência, seja dentro da equipe de atletas, da modalidade esportiva ou ainda do grupo etário, funcionaria por meio de redes de socialização, reforços mútuos e reconhecimento “identitário”:

Em conversa na pista de atletismo com o corredor GM [42 anos, francês, ‘caucasiano’, militante LGBT e um dos fundadores do grupo *Front Runners*], apareceu a dimensão do ‘grupo de iguais’. Ele me disse: “Há *Front Runners* em San Francisco, em New York e em Paris. Nós nos encontramos, frequentemente, em competições e gostamos de correr juntos”. Em Copenhagen-

2009, um tenista inglês entrevistado participava há mais de dez anos de um grupo de praticantes semelhante ao narrado por GM. No *survey* aplicado por mim nesta ocasião, denotou que quase 75% dos entrevistados ‘homens’ praticavam esporte num clube específico LGBT. (Registro de campo, 03 ago. 2010).

Expressões comuns como *darling, hanny, cutie, babie, Schatz* (carinho ou amor, em alemão), *cariño, love*, estão dentre as mais identificadas.<sup>6</sup> Um fato curioso é que com exceção da relação entre namorados/as, quanto maior é o laço afetivo-emocional entre amigos/as, maior é a ironia colocada nas expressões de referência e chamamento. Os homossexuais masculinos, por exemplo, utilizam constantemente substantivos e pronomes declinados no gênero feminino, quando para chamarem a atenção de outrem<sup>7</sup>. Retomando o depoimento anterior de HS, temos o termo autorreferenciativo “irmãs”. Para Pollak (1987, p. 68), “o uso de nomes próprios femininos e de adjetivos e diminutivos ‘pretensiosos’ muitas vezes exprimem, a um só tempo, o jogo de esconde-esconde social e a ironia que muitos homossexuais cultivam em sua autoapresentação”, fomentando uma teatralização de sofrimentos.

Pelo lado da “visão militante”, Ferrari (2006) diz que é mais do que isso. A utilização de tais termos no feminino rompem limites e carregam um sentimento de transgressão:

A ideia de se possuir uma sexualidade e uma afetividade insubmissa e desorganizadora do pacto civilizatório, causam prazer e fascínio. Os papéis sociais de homem e de mulher concedem aos homossexuais esse sentimento de transgressão e prazer, que também estão presentes na organização e no entendimento do grupo quando está reunido, o que faz com que essas trocas

---

<sup>6</sup> Com exceção das expressões em espanhol ou em alemão, as em inglês são amplamente empregadas mesmo pelos sujeitos que não possuem tal língua como materna. Como, em geral, os casais se formam num ambiente transnacional, fronteiriço, uma língua franca é “eleita” para a troca de afeto. Em geral é o inglês. Há casos em que percebi que a língua do europeu prevalecia, como no dos casais esportistas entrevistados [Projetos de Vida].

<sup>7</sup> Os integrantes da equipe masculina de vôlei do Brasil, presente no WOG-2009, tratavam-se por “senhoras”. Um glossário interessante e que registra os chamamentos utilizados entre lésbicas está publicado recentemente na edição espanhola de Halberstam (2008).

linguísticas sejam bem aceitas, ‘naturais’, servindo para confirmar o lugar da homossexualidade (FERRARI, 2006, p. 12).

A linguagem e os códigos de tratamento entre os/as amigos/as e conhecidos/as nos ambientes esportivos investigados lembra o que Levine (1998) destacou como estabelecimento de uma “área cultural” linguística e afetiva. Para ele: “[...] the culture of a particular people dominates the geographic area, a dominance reflected in the spatial centralization of the ghettoized people’s cultural traits” (LEVINE, 1998, p. 32). Desse ponto de vista, portanto, haveria mais uma dimensão de prazer e regozijo por meio daquelas identificações comuns, do que intencionalidades transgressivas e subversivas.

Contudo, o que seria “transgressivo” no chamamento generificado no feminino por parte dos gays masculinos? Poder-se-ia pensar em transgressão de normas e condutas esportivas, determinadas tanto pelo ambiente competitivo, quanto pelas regras dos esportes? Ou a chacota com o feminino reproduz um comportamento sexista e machista que, no limite, aprende-se nos caminhos educacionais da sociedade (ainda) patriarcal?

Tendo acompanhado as formas de socialização entre sujeitos em tais ambientes, arrisco dizer que se pode neles identificar, sobretudo, a formação de um “mundo exclusivamente gay” (*exclusively gay world*) — expressão de Levine (1998) — e em consonância com minha opinião. Ora, se o autor tratou do isolamento social de gays e lésbicas no contexto do gueto norteamericano dos anos 1970, referindo-se à preferência de redes sociais exclusivamente homossexuais (que evitavam o máximo possível o contato com heterossexuais), algo semelhante também se passa no cenário das competições esportivas internacionais. Notadamente, a presença de atletas heterossexuais não é plenamente entendida e pairam nos discursos mistos de questionamento e de sentimento de rejeição em relação a eles:

Estava com AJ à beira da piscina, quando ouvi seu desabafo. “Tudo bem, sou cinquentão e daí?”, *riu, me olhando em seguida*. “Eu não disse nada”, *afirmei, rindo também*. “Pois é, e vou ter que competir com aquele cara ali”, mostrou-me alguém alongando. *Então, disse*: “sim, claro, ele está na tua categoria? Se sim, isso é esporte, ou

não? *Ele replicou*: “mas você sabe que ele é hetero?” [pausa]. “Eu quero o corpo dele, isso sim!”, *afirmou*. (Diário de campo, 02 ago. 2010).

Hoje estava com RB e DF na largada da meia maratona quando vimos se aproximar um alemão, que chamou atenção logo que se aproximou. DF me disse que ele não está inscrito na prova, mas que ele é um atleta hetero “apenas treinando”. RB e DF fizeram um comentário malicioso sobre imaginar os quatro em cena. Desconsidere por não considerar relevante, naquele momento, tal assunto. (Diário de campo, 07 ago. 2010).

Tanto o atleta brasileiro cinquentão de natação (AJ), quanto o casal com os quais estava na meia maratona (RB e DF), manifestaram-se avessos à presença de atletas heterossexuais em ambientes “exclusivos”, como são bastante comuns várias opiniões dos participantes esportivos. Corridas (de 5km, 10 km, maratona e meia) e natação são modalidades com alto índice de competitividade e grande número de participantes e a expectativa é grande em relação a resultados e medalhas.<sup>8</sup>

Entretanto, se por um lado a presença de atletas heterossexuais é incompreendida e mesmo criticada, por outro a simples materialização destes corpos (discursivamente anunciados ‘heterossexuais’) naquele “espaço sagrado”, promove o aparecimento de fantasias sexuais, como muitas vezes pude constatar, tanto no que tange às práticas usuais de trocas de roupas em vestiários, quanto no que diz respeito às práticas esportivas e aos espaços de compartilhamento (quadras, piscinas, tatames e mesmo duchas e toaletes) [Vestiários].

Outro componente fundamental deste *exclusively gay world* é a questão dos resultados obtidos e da comparação dos mesmos com os das modalidades praticadas por heterossexuais [Práticas Esportivas Queer]. Os/As atletas geralmente sabem se posicionar sobre suas marcas e

---

<sup>8</sup> Tendo apresentado parte deste texto numa conferência em Paris, no seminário “Sportifs homosexuels et homosexuels sportifs: l’homophobie en question!” — organizado pelas Universidades de Lyon e Montpellier, nos dias 02 e 03 de dezembro de 2011 — fui duramente criticado por mencionar, no subtexto da fala, que os “atletas homossexuais são preconceituosos e heterofóbicos”. A pesquisadora britânica Lindsay England apresentou “Homosexuals as seen by the world of Sport”, dizendo que “Nós, no esporte LGBT não somos preconceituosos, nem homofóbicos” e foi ovacionada!

índices, se são fortes ou fracas/os, se são expressivas/os ou não, sempre tomando resultados olímpicos (recordes olímpicos) ou de mundiais como comparação (recordes mundiais ou regionais). No entanto, não há um interesse muito grande em tornar visíveis tais resultados, seja pelo fato de nem sempre serem expressivos (o que legitimaria o argumento de que, nesses eventos, o importante é participar), seja por estarem à margem do sistema esportivo mundial<sup>9</sup>. Além disso, como competições esportivas, e apesar de alguns aportes de patrocínio esporádicos, as competições esportivas LGBT estão totalmente à margem do “mercado global do esporte” e também da lógica de “produção de atletas em massa”, de que referenciam Soares e Vaz (2009).

De outra parte, o primeiro argumento que poderia ser considerado contrário à consideração de tais jogos como “guetos esportivos” seria a assistência numerosa e massiva de espectadores em relação aos eventos. Como Judy Davidson (2006, p. 90) postulou:

The Gay Games and Cultural Events have become the best recognized, lesbigay amateur sporting competition and multi-day athletic and cultural festival in the world. It is now a mega amateur sporting and cultural event with a multi-million dollar budget, upwards of 15.000 participants and hundreds of thousands of spectators.

Com o estádio Soldier Field inteiramente lotado, em Chicago/2006, realmente poder-se-ia duvidar que os jogos LGBT não tivessem visibilidade, pois de capacidade para 61.500 assentos, praticamente todos estavam ocupados. No entanto, não foi o que ocorreu nos dias que se seguiram as competições, pois passado a cerimônia de abertura, a semana de disputas seguiu sem grande público externo:

As arquibancadas da pista de atletismo do Estádio em *Oak Park* estão nitidamente vazias, bem como

---

<sup>9</sup> Em analogia ao termo de Levine (1998) de *exclusively gay world*, talvez se possa aludir a um fenômeno semelhante, porém que ocorre no espaço do esporte paraolímpico, isto é, praticado por deficientes físicos e visuais. Haveria, por analogia, a edificação de um *exclusively disabled world*, onde no quesito resultados, expressivos ou não, acabam circunscritos ao universo dos próprios praticantes. Ao contrário da população LGBT, os atletas deficientes anseiam pelo reconhecimento de suas marcas, mesmo estando à margem do sistema esportivo mundial



os coletivos de hockey, de voleibol, de futebol, de handebol e de basquetebol têm assistência apenas por outros jogadores de outros times e seus familiares. Quanto às lutas, os tatâmes conduzem-nas sem público algum e mesmo sem emoção. No complexo da piscina se revezam atletas entre a água e a arquibancada. Eu sou um dos poucos espectadores que roda entre os eventos. (Diário de campo, 20 jul. 2006).

Lembrando Debord (2008), o espetáculo se completa apenas com aquele que o assiste, sendo no caso esportivo, o torcedor/espectador. Porém, sem esse último o espetáculo não está completo e não surte o efeito esperado pelos organizadores e atletas. No caso das competições LGBT, poderiam coroar a “utopia esportiva”, isto é, o fato de não ter divisão entre espectadores e praticantes, algo cada vez mais marcado no sistema esportivo. Não atingir a dimensão de espetáculo, no sentido de Debord, é bastante positivo, pois se torna menos “alienante”, não havendo a separação (ou alienação) entre público e *performers*.

O territorializar-se dos jogos, portanto, acaba circunscrito aos semelhantes, sejam esses os próprios participantes ou seus agregados (amigos/as, namorados/as), aos familiares e aos conhecidos/as “simpatizantes da causa” LGBT, os quais acompanham o evento e dão suporte aos mesmo. À exceção das cerimônias de abertura e encerramento, as competições são eventos invisíveis para os que não estão, de alguma forma, envolvidos por tal universo. À semelhança das políticas de vizinhança “somente gays” (*gay-only door policies*), destacadas por Hughes (2002), que ocorrem em Manchester e em alguns bairros gays pelo mundo, os eventos esportivos não são vetados aos de “fora do meio”, mas, quanto mais circunscrito aos “iguais”, melhor, pelo menos esse foi o *feeling* captado nos campos etnográficos.

Talvez o que se possa dizer quanto a isso é que assim como a concepção teórica sobre o gueto mudou ao longo do século XX, conforme já demonstrado em outro momento [**Territórios Marginais**], o “espaço guetificado” também se alterou. Ele ainda se delimita por fronteiras e cercas, talvez hoje menos visíveis ou identificáveis, mas certamente tão restritivas como outrora. Se de um lado, tais territórios

esportivos são planejados e arquitetados por subjetividades *queer*, de outro, são controlados e deliberados por subjetividades não-*queer*<sup>10</sup>. Os sujeitos colocam em cena desejos de materializarem seu espaço (como um *gay space*) nos moldes de um território seguro e protegido de ações externas, com fins de serem aceitos e reverenciados (narcisisticamente), relacionando-se social e sexualmente com outros “iguais”. O *gay space* é um conceito cunhado por Howard Hughes para falar das lógicas territoriais de bairros homossexuais em Manchester, que segundo ele:

it serves as the expression of sexual and cultural identity and empowerment. It helps create and validate the individual identities of gay men. Gay space is, however, limited and is most frequently found in urban locations (HUGHES, 2002, p. 154).

A demarcação territorial não ganha contornos tão rígidos quanto os históricos exemplos de guetos étnico-raciais e nem características tão estigmatizadas; no entanto, as competições gays simplesmente funcionam em moldes de gueto *strictu sensu*: por uma parte, os participantes se vêem liberados do sentido de perseguição e de sentimentos homofóbicos de agressão, violência e resignação desencadeados no sistema esportivo *mainstream* global, reeditando um espaço de auto-referências e, de outra, o “consentimento” da sociedade complexo-moderno contemporânea atual é dado tacitamente, pois somente nesse espaço auto-construído — e dentro de uma concepção global de respeito aos Direitos Humanos, aceitação da diversidade e tolerância em relação ao outro — a territorialização das práticas esportivas LGBT é veladamente “autorizada”<sup>11</sup>. Como a territorialidade marginal das competições é fortemente vinculada à sexualização dos

---

<sup>10</sup> Ficou patente nas observações que fiz junto aos comitês organizadores das competições de Copenhague/2009 e Colônia/2010 que, com a terceirização dos serviços, muitos que trabalhavam na estrutura organizacional não tinham relação direta (e muito menos afetiva ou política) com o movimento LGBT. O que prova que as estruturas organizacionais buscam se “profissionalizar”, independente de se isso ocorre a favor ou contra “àqueles que vestem a camisa”.

<sup>11</sup> Aqui talvez valha a pena comentar que não concordo em considerar tais espaços como “zonas liberadas” (*free zones*), conforme conceito e proposição de Manuel Castels (1984). Apesar de serem áreas de livre acesso e circulação, a característica *endógena* de gueto é apreciada e sumariamente posta em prática.

corpos (seminus nas piscinas, nas pistas, nas quadras e nos tatâmes) e dos espaços (transas em vestiários, beijos em intervalos, alta frequência às saunas) e orientada pontualmente para a execução do desejo sexual homoerótico para que tal prática se viabilize, ela tem de estar num fórum específico e bem distante da cena esportiva da “sociedade heterossexual” global.

O “espaço esportivo *queer* guetificado” (em meus termos) na esteira da globalização, perde sua fixidez territorial e passa a se deslocar itinerantemente pelo planisfério global, com periodicidade quadrienal, ainda que restrito aos países do norte, mais ricos e industrializados.

A ocorrência das competições LGBT e as expectativas em torno dos “capitais ejaculantes” de corpos, sexos, desejos e sexualidades, no sentido preciadiano<sup>12</sup>, atrelados ao esporte abre a perspectiva de que ambos modelos internacionais em vigência (GG e WOG) performatizem “guetos sexualizados”, isto é, espaços territorializados de práticas itinerantes de desejos, na lógica de uma circulação global, de corpos e de capital.

No limite, dão origem a um processo que denominaríamos de “itinerâncias do desejo”, ou seja, tais jogos *queer* — bem como as festas (*raves* e afins) e as proliferantes paradas *gays* em todo o mundo — funcionariam como um motor propulsor a uma economia capitalista político-sexual (PRECIADO, 2008), de modo que se constroem redes de contato e comunicação, fluxos de corpos e desejos voltados ao fomento da indústria pornográfica estabelecida em escala planetária [**Sociedade Farmacopornográfica**]

Analisar o quão imbricado estaria tal estrutura esportiva com as indústrias dos fármacos e da pornografia, em escala global, será temática pertinente para outro momento analítico [**Contaminação e Adicção**].

### **Verbetes relacionados:**

Atletas, Contaminação e Adicção, Gay Games, Novos Modelos de Prática Esportiva?, Práticas Esportivas Queer, Projetos de Vida, Sociedade Farmacopornográfica?, Vestiários, Territórios marginais, World Outgames

---

<sup>12</sup> Segundo Preciado (2008, p. 41) “[...] qualquer corpo, humano ou animal, real ou virtual, feminino ou masculino possui essa potencia masturbatória, potencia de fazer ejacular, *potentia gaudendi*, portanto, potencia produtora de capital fixo [...]”. Além disso, para a autora, “todos esses corpos já funcionam, e de maneira inesgotável, como fontes carnavais e numéricas de capital ejaculante.” (PRECIADO, 2008, p. 43), motor do capitalismo farmacopornográfico.

## Contaminação e Adicção

Enquanto andávamos, HL digitava algo em seu iPhone que eu não conseguia ler. Apenas ouvia curtos sinais de um som engraçado, parecido com uma buzina infantil, avisando que aquele telefone tinha recebido mensagens instantâneas. O tal telefone era, praticamente, seu melhor amigo, pois sempre estavam juntos e, como me disse, dormia com ele ligado. O aplicativo, depois me foi mostrado: era o Grindr, a nova moda em redes sociais portáteis. Só que com uma diferença: é usado em massa pelos gays para identificarem outros gays nos arredores. Todos têm agora um *Smartphone* ou *iPhone* com esse aplicativo instalado. Pelos contatos *online*, HL tem sexo quando quer e a quantos metros pode conseguir; além disso, segue sua “rotina” todas as semanas: de segundas no Tom’s, às terças no Stahlrohr e às sextas no Lab.Oratory, bares de prática de sexo na grande Berlim. Fiquei me perguntando hoje se ele acha que o mundo vai acabar em sexo. (Registro de campo, 10 out. 2010).

Ora, seria meio ridículo eu, cirurgião plástico, não cuidar da aparência, não acha (?). Claro, me preocupo sim!, *disse enfático*. Uso cremes, botox e já fiz plástica. Só não faço mais plásticas porque é difícil conseguir um cirurgião bom, né? Mas uso muitos produtos!, *disse rindo*. Com os “corpões” aí, a gente tem que ficar bonito, senão[...] *me olha diretamente nos olhos*. (Conversa com AJ, 02 ago. 2010).

Não sei ao certo, mas acho que foi numa época de nossa vida que estávamos muito loucos/insanos. Transávamos sempre em grupo e nunca usávamos camisinha. Você sabe, não? *Gummi* [borracha], você entende? Hoje me controlo, [pausa] quer dizer, o RR e o **coquetel** me controlam, *risos*. (Entrevista com FF & RR, 06 ago. 2010, grifos do autor).

O que haveria em comum, nos trechos elencados, entre a vinculação *cyber* e a frequência sexual de HL, a preocupação com a beleza equacionada num extremismo estético de AJ e a ninfomania (propensão a fazer muito sexo) e compulsão pela morte de FF? Aparentemente, nada. Porém, proponho considerações sobre algumas destas experiências.

Os fragmentos anteriores não foram reunidos aleatoriamente. São trechos resgatados de meus registros de campo, que denotam conversas, entrevistas e trajetórias da vida dos principais sujeitos-atletas da pesquisa. Cada um deles traz à tona como tais subjetividades estão (multi)conectadas à realidade e como se (re)elaboram a si mesmas. Os recortes foram feitos para tentar problematizar a argumentação de Preciado (2008), segundo a qual vivemos num mundo de subjetividades capturadas por uma gestão biomidiática de controle planetário, tanto via molecular quanto via produção de conexões audiovisuais; portanto, busco aplicar (e esgarçar) o conceito de “regime farmacopornográfico”, com base nas experiências de campo.<sup>1</sup>

De acordo com a autora espanhola, o capitalismo farmacopornográfico estabelece-se em dois pólos autossustentados: o farmacológico e o pornográfico, que estariam mais em oposição do que em convergência. O primeiro deles é representado pela indústria farmacológica das drogas, lícitas ou ilícitas, do aparato médico e cosmético, que tornam a “vida medicalizada e feliz”, numa expressão de Couto (2009). Por sua vez, a pornografia é produto da indústria pornográfica, que se disseminou em escala planetária através dos cabos de fibra óptica e por sinais de satélite, nos últimos anos. Hoje para se “estar conectado” basta um pequeno computador pessoal com *wireless*, uma *videocam* instalada, uma conta bancária com cartão de crédito e um corpo possuidor de “potência ejaculadora”<sup>2</sup>, a fim de aceder ao mercado global da pornografia.

---

<sup>1</sup> Este não é o primeiro exercício analítico com o arsenal teórico da pós-feminista espanhola. Propus uma “meta-análise”, nos termos de Rafael Rafaelli (2008), sobre o filme “Requiem para um Sonho”, de Darren Aronofsky. Consultar Camargo; Camargo (2010).

<sup>2</sup> Ou também “força orgásmica” ou “potência gaudendi”, que seria a “potência (atual ou virtual) de excitação (total) de um corpo” (PRECIADO, 2008, p. 38). Ela reúne forças somáticas e psíquicas, não pode ser possuída ou conversada, nem mesmo transformada em propriedade privada; existe como evento, relação, prática, devir (Cf. PRECIADO, 2008, p. 37 ss).

Assim, a produção farmacopornográfica se estabeleceria como um novo período da economia política mundial não apenas pelo volume com que se autoproduz (e se prolifera em escala mundial), ou pela presença esmagadora (e instantânea) no cotidiano dos indivíduos, mas pelo seu *teor narcoticossexual*. Meus interlocutores estão invadidos por substâncias deste teor à semelhança de Preciado (2008), que se autoaplica testosterona em gel para testar seu nível de dependência psíquica, corpórea e para estruturar sua “autoteoria”:

Se trata de un protocolo de intoxicación voluntaria a base de testosterona sintética que concierne el cuerpo y los afectos [...]. Durante el tiempo que dura este ensayo suceden dos mutaciones externas en el contexto próximo del cuerpo experimental, cuyo impacto no había sido calculado, ni hubiera podido computarse los dos límites en torno a los cuales se adhiere la escritura [...] (PRECIADO, 2008, p. 15).

Para a autora vivemos na era de um “capitalismo psicotrópico e punk” e a sociedade contemporânea está povoada por “subjetividades toxicopornográficas”, as quais

se definen por la substancia (o substancias) que domina sus metabolismos, por las prótesis cibernéticas a través de las que se vuelven agentes, por los tipos de deseos farmacopornográficos que orientan sus acciones (PRECIADO, 2008, p. 33).

Em termos de David Le Breton (2003), tais subjetividades estariam à mercê da “gestão farmacológica dos problemas existenciais”.

A partir disso, pode-se falar de “sujeitos-desejo farmacopornô” como sujeitos-Viagra, sujeitos-cocaína, sujeitos-silicone e assim sucessivamente. São subjetividades toxicopornográficas, que transbordam em excesso, visto que o regime farmacopornográfico não funciona sem a circulação de uma enorme quantidade de fluxos semióticos-técnicos: fluxos de hormônios, fluxos digitais, fluxos de nanômetros, etc., ou seja, tal período não funcionaria “sem um tráfico constante de biocódigos de gênero” (PRECIADO, 2008, p. 88).

Por isso, de acordo com a autora espanhola,

Mientras la industria pornográfica produce en su mayoría representaciones normativas (sexo = penetración con bio-pene) e idealizadas de la práctica heterosexual y homosexual ofreciendo como justificación de la asimetría entre bio-hombres y bio-mujeres una diferencia anatómicamente fundada (bio-hombre = bio-pene, bio-mujer = bio-vagina), la industria farmacológica, biotecnológica y las nuevas técnicas de reproducción asistida, a pesar de seguir funcionando dentro de un marco legal heteronormativo, no dejan de desdibujar las fronteras entre los géneros y de hacer del dispositivo político económico heterosexual en su conjunto una medida de gestión de la subjetividad obsoleta (PRECIADO, 2008, p. 97).

É neste cruzamento de proposições de um corpo farmacologicamente produzido e esteticamente pornografado via heteronorma, que busco entender mais sobre as “subjetividades em obsolescência” dos sujeitos *queer* investigados. Tomando as trajetórias além-esporte, há similaridades interessantes: HL, 35 anos, alemão, “branco”, nadador, é “ninfomaníaco” e foi um dos informantes que sempre encontrava em festas de sexo [Rituais Festivos]. Sua vida é baseada em trabalho, academia de musculação e bares de prática de “sexo entre homens”, sempre numa rotina marcadamente realizada às segundas, terças e sextas-feiras, e com um “acompanhamento” *online* de outros sujeitos e de outras rotinas semelhantes. Como companheiro inseparável há seu iPhone portátil, personagem (que já apareceu no intróito deste item) e protagonista prioritário de ligação entre os modos de vida *on* e *offline*. Ele é o mediador do encontro; marca e guarda o registro dos interessados; é o meio de explicitação dos desejos virtuais-presenciais e o que possibilita a “junção” dos corpos. Tão imiscuído nessa situação, HL diverte-se com as novas tecnologias de comunicação para se relacionar: os perfis em sites de relacionamento servem para encontrar parceiros sexuais, o iPhone promove o permanente estado de alerta (*online*) e, ao mesmo tempo, o GPS o guia por locais ainda não conhecidos na capital alemã. Segundo me conta, as horas de um dia não

são suficientes para suprirem sua demanda por encontros. Ele diz querer mais!

Dos 27 anos de existência, por sua vez, PM (“branco”, alemão, ciclista e corredor) faz, cotidianamente, sexo virtual há 15. De dentro de seu escritório na empresa, em casa ou em qualquer conexão que tenha disponível e haja oportunidade, segundo ele, acontece “algo”. Mas “não é qualquer sexo”, segundo expressa. Ele gosta de ser mandado e “quanto mais autoritário o parceiro, melhor”, afirmou. Na última vez, PM teclou com um tipo canadense, que além de dildos, pediu para ele derramar substâncias líquidas no corpo, como água e sorvete.

Mas então você não encontra os caras que contata pela net?, *pergunta*. Não. Faço sexo virtual com eles. Não tem graça encontrar ao vivo. [...] O tesão é pela CAM [câmera], entendeu? Eu os procuro, seleciono seus perfis, peço para ser adicionado e depois teclamos. Logo fazemos sexo pela CAM. [...] Adoro ser mandado fazer coisas, *risos*. Na verdade, curto coisas diferentes [...] que me mandem fazer coisas diferentes [...] simples assim. (Conversa com PM, 17 jun. 2010, registrada em notas de campo).

À semelhança de Preciado e de sua experiência filmada de uma vídeopenetração em *Testo Yonqui* (2008), PM também já fez seu “pornô bizarro”, em suas palavras. Narrou-me histórias de “relações” que mantém em ambientes virtuais com homens, de várias idades, em distintos locais do mundo. Divide-os entre os de “contato fixo” (ou permanente) e os de “contatos de uma vez” (ou temporários). Suas experiências não são únicas no cômputo dos depoimentos que coletei. Contudo indago se haveria, de fato, um “padrão” comum de conformação das subjetividades cooptadas por uma produção global de conexões biomidiáticas, que envolveria os sujeitos *queer* de igual maneira? Uma espécie de *sexscape*, para invocar as colocações de Appadurai (1994).

Outro deles é CS, 30 anos, alemão, “branco” e voleibolista, alguém cuja vida psíquica é “esmagada” pelo sofrimento (da distância do namorado dinamarquês, da insatisfação de morar em uma cidade pequena e da frustração de não ter um trabalho à altura de sua capacidade). CS busca na ausência, a presença. Busca em fotos o que



não encontra no “real”. Procura em outro(s) aquilo que acredita não ter em si mesmo, nem em sua vida. É uma subjetividade capturada por um verdadeiro “controle” (ou autocontrole):

**Eu:** De quanto em quanto tempo você encontra teu namorado?

**CS:** Ah, praticamente todo mês. Se eu não vou a Aarhus, ele vem a Leipzig. Mas a gente sempre dá um jeito. [...] É muito difícil para mim ficar sem ele. Eu preciso dele. Eu não posso ficar sem ele. Gosto de fazer sexo com ele. [...]

**Eu:** E como fica o sexo à distância?

**CS:** Não fica. A gente não faz. Eu não gosto de sexo pela *internet* com ele. Esse negócio de CAM com o namorado, não tem nada a ver. [...]

**Eu:** Mas você me disse que faz sexo pela internet ou me equivoquei?

**CS:** Não faço sexo pela internet. Só gosto de ver fotos e assistir outros caras se masturbando na câmera, mas não entro em contato com eles, nem sei seus nomes. É o lance do tesão, entende? Eu não traio meu namorado! (Entrevista com CS, 23 nov. 2010).

Diferentemente dos exemplos anteriores, CS não busca sexo “físico” de modo incessante como HL, nem percorre os ambientes *online* à procura de parceiros virtuais para suas fantasias, mas perscruta a presença do namorado ausente no potencial pornográfico das imagens, tanto de fotografias, quanto de cenas (entrecortadas com outras cenas). Certo dia, em uma conversa mais confidencial — e não gravada a pedido dele — CS mostrou-me uma cena de sexo rápida, de apenas alguns minutos, de alguns destes sites comerciais de armazenamento de vídeos caseiros, onde uma turba de homens desferia gozações de cunho sexual sobre um deles, o qual seria, dentro em pouco, penetrado. Mediante as negociações do “procedimento”, e de intenções subliminares, um deles propôs que fizessem sexo sem camisinha e que todos deveriam “gozar dentro” do então protagonista da cena, numa mescla de homenagem e realização do júbilo coletivo. Assim procederam até o gozo final do quarto homem da roda de amigos. A

cada ejaculada, a câmera mostrava a devolução do líquido seminal pelo ânus do que tinha recebido. Corta!

CS assiste a mesma cena frequentemente, e muitas vezes mais de uma vez ao dia, conforme me relatou. Ao me mostrar o vídeo, ficou patente que se via ou se imaginava nele, numa mescla de observação sobre o “absurdo” daquilo que ocorria, mas de “identificação” com o prazer fluído que rolava, principalmente por parte das suas observações sobre os *closes* das (avantajadas) genitálias masculinas em movimento, marcados pelos *takes* de cena quase simultâneos no rosto do personagem principal, que era penetrado pelos demais e esvaia-se em intenso prazer<sup>3</sup>. Sentia-se no lugar desse protagonista, mas aparentava não quer a todos aqueles homens; desejaria apenas a quem, de fato, não possui: seu namorado. A repetição das ejaculações parece significar, para ele, o desejo de internalizar ou de receber a “essência” do namorado, materializada no sêmen. Numa comparação com o universo heterossexual, CS almejava “engravidar” do dinamarquês para “prendê-lo” ao seu lado, se assim fosse possível.

A falta de controle do esfíncter (ou o controle efetivo e proposital), por parte do protagonista da cena, mediante as penetrações ininterruptas e a quantidade de sêmen nele ejaculadas — na cena em *close up* enfocada e repetida inúmeras vezes — poderia estar associada, para CS, à imaginada falta de controle do sêmen do namorado (ou o intenso desejo de controle de), seja pela distância ou pela omissão de um “termo de compromisso” mais objetivo. Daí as oscilações opinativas sobre traição/fidelidade presentes em seus discursos. E, portanto, assenta-se aí a fascinação pela cena na trama interpretativa: ela seria para CS, ao mesmo tempo, potencializadora de dois sentimentos antagônicos, quais sejam, o desejo de identificação em ser objeto de atenção (do namorado) e a repulsão/angústia pelo “desperdício final” de algo tão precioso como o sêmen, que é produto do “amor” do/pelo companheiro. E a dúvida que, constantemente, gira 360° em sua mente é: “tem futuro esta relação à distância?”.

---

<sup>3</sup> Abreu (1996) destaca que na iconografia pornográfica (ou *hard core*, como denomina) dois componentes são paradigmáticos das imagens e sons do prazer, quais sejam, a exibição em *close* das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício (anal/vaginal) “para a câmera” – um recurso chamado *money shot* ou *come shot*. Tal recurso representa também o foco do pornô comercial, pois é a cena (ou tomada) que gera capitalização para a produção (Money = dinheiro).

Agrupei tais sujeitos para problematizar, exatamente, como que o sexo (presencial ou virtual) — e, mais do que ele, a expectativa sobre a situação de envolvimento sexual (presencial ou virtual) — provoca o convulsionar de estados de excitação-frustração, tanto perante situações concretas, quanto às imaginadas, colocando os corpos dotados de “capital ejaculante” num ritmo frenético de produção toxicopornográfica adictas.

Preciado (2008) ampliaria, a partir disso, o espectro de abrangência de sua argumentação. Para ela,

El verdadero motor del capitalismo actual es el control farmacopornográfico de la subjetividad, cuyos productos son la serotonina, la testosterona, los antiácidos, la cortisona, los antibióticos, el estradiol, el alcohol y el tabaco, la morfina, la insulina, la cocaína, el citrato de sildenafil (Viagra) y todo aquel complejo material-virtual que puede ayudar a la producción de estados mentales y psicosomáticos de excitación, relajación y descarga, de omnipotencia y de total control (PRECIADO, 2008, p. 36-37).

Importante esclarecer que não é pela quantidade que a produção farmacopornográfica caracteriza esse novo período da economia política mundial, e sim pela “lógica produtiva” (força orgásmica), a qual atinge a escala (bio)molecular, atendendo aos desejos corporais à semelhança de um narcoticosexual, fazendo-se presente desde a biotecnologia agrária aos dispositivos *high tech* da comunicação, desde os componentes mais ínfimos como chips e nanômetros, às substâncias fluídas que já fazem parte de nossos corpos e de nossas “necessidades diárias”, ou sem as quais não mais sobrevivemos: os remédios de dores de cabeça, os gels para cabelo, o regulador intestinal, os colírios para as lentes de contato, etc.

Esta produção farmacopornográfica, assim, atinge um corpo que, para Preciado (2008) não é “dócil”, à semelhança do corpo dócil, destacado por Michel Foucault (2004). Ele não é efeito dos “sistemas” de controle, mas é potência, transformação. Para a autora espanhola,

El cuerpo en la era farmacopornográfica no es una materia pasiva, sino un interfaz tecno-orgánico, un

sistema tecno-vivo segmentado y territorializado por diferentes modelos políticos (textuales, informáticos, bioquímicos) (PRECIADO, 2008, p. 94).

Nesse sentido, tal corpo poderia ser tratado como um “pós-corpo” humano, isto é, algo que estaria além das considerações de um corpo humano reconhecido pela sua “condição biológica natural”, num estágio de transumanização, tratando-se, portanto, de um concorrente ao universal estabelecido. Parafraseando as concepções de Donna Haraway (1991), Preciado diz que “este cuerpo es una entidad tecnoviva multiconectada que incorpora tecnología. Ni organismo, ni máquina: tecnocuerpo” (PRECIADO, 2008, p. 39)<sup>4</sup>.

Das linhas de compreensão sobre este suposto “pós-humano”, a via de entendimento do que aqui é colocado seria a designada — segundo Laymert Garcia Santos (CONHECIMENTO, 2005) — como “transumana”, a ser alcançada pelas transformações tecnocientíficas e econômicas em curso. Haveria mais nas relações entre humanos e não-humanos (animais e máquinas) do que pressupõe nossa preliminar compreensão, tratando-se, assim, de virtualidades. Para Santos, “a virtualidade de transformação do humano é muito grande e supor a possibilidade que o humano está obsoleto é fechar uma possibilidade que está aberta para construir a via que a tecnociência e o capital querem colocar para nós” (CONHECIMENTO, 2005, p. 4)<sup>5</sup>.

Médico, bem sucedido, “branco”, louro, olhos azuis e estereótipo de modelo masculino de qualquer revista homo ou heterossexual, o nadador brasileiro AJ, 50 anos, transita entre as cirurgias de estética (que faz e nas que é alvo), as substâncias que consome (das ingeríveis às injetáveis), passando pelos músculos que deseja e esculpe. Isso traz ao debate que as representações em voga na era farmacopornográfica compartilham uma mesma relação entre corpo e poder: “No es el poder el que infiltra desde fuera, es el cuerpo el que

---

<sup>4</sup> Uma discussão antropofilosófica sobre tal tema foi feita por mim e por Alexandre Fernandez Vaz, em capítulo de livro ainda no prelo, intitulado “De humano e pós-humanos: ponderações sobre o corpo *queer* na arena esportiva”.

<sup>5</sup> Interessante destacar que há três vias de compreensão sobre o “pós-humano”: a singularista, a biotecnológica e a ‘transumana’, segundo Santos (CTeMe, 2005). Importante observar que as três vias de interpretação aparecem ora misturadas, ora tomadas como continuidade de mesmas interpretações acerca do “pós-humano” (GOELLNER, 2003; COUTO, 2009; VIRILIO, 1996; HARAWAY, 1991), mas raras vezes encaixadas em boxes singulares de definição.

desea poder, el que busca tragárselo, comérselo, administrárselo, metérselo, más cada vez más, por cada orificio, por cada vía posible de aplicación” (PRECIADO, 2008, p. 136).

Olha, fiz mesmo algumas correções, aqui, aqui e aqui, ó — *mostra-me, nesse momento, partes da face e pescoço*. Não sei porque há tanto *frisson* quanto ao embelezamento masculino, sabe?, *questiona*. Não é que tu tá aqui para seguir o que todo mundo faz ou diz, mas hoje em dia, pelo amor de Deus, tem que se cuidar, né? [...]. Eu treino, viajo, me cuido e olha só, só namoro com garotões, *exclama orgulhoso*. (Conversa em jantar com AJ, 05 ago. 2010).

AJ regozija-se pelo embelezamento e pela estética de um corpo “adequado” ao desejo de consumo dos gays da atualidade. Defende o seu amplo “direito” ao “ajustamento” social e o “dever” de todos “do meio” (referindo-se, principalmente, aos gays) em cuidarem esteticamente de seus corpos. Olhando para as transmutações realizadas por AJ em si (corpo e face), percebo a captura de si pelo “controle pop”, um controle executado pelo próprio sujeito, numa manobra de introjeção: do remédio como necessidade fisiológica, às drogas recreativas no entretenimento “gay” de finais de semana, chegando às aplicações de botox para apagar os vestígios da idade. E AJ não é o único na esteira do consumo de substâncias farmacológicas.

FF e RR conheceram-se por meio de um composto químico chamado *isopropil nitrato*, uma das substâncias dos alquílicos inaláveis. Seu nome popular e amplamente conhecido é *poppers*. Descoberto no início do século XX tornou-se muito recorrente no meio gay norte-americano, nos idos dos anos 1970 (LEVINE, 1998). Atualmente a droga é de uso bastante recorrente em bares de sexo entre homens, pelo menos no contexto alemão:

Compartilhamos o mesmo vidrinho de *poppers* e transamos a noite toda. Vi em RR o que nunca tinha visto em nenhum outro. Vi cumplicidade, apoio, segurança e loucura. Naquela época eu queria viver o mais intensamente possível. Era um jovem muito bonito. Não me faltavam homens.

Fazia o que queria [...]. *risos*. Nunca ninguém me disse “não”. RR sempre foi franzino, do tipo fácil de dominar e nos completamos bem, muito bem por sinal, *ênfatiza*. (Entrevista com FF, 06 ago. 2010).

Numa noite de outono de 2010, enquanto aguardávamos RR para pedirmos uma pizza, FF narrava-me suas peripécias sexuais e parte de sua vida com o companheiro. Juntos há quase 18 anos, o que começou como uma aventura no LAB (bar de sexo entre homens na grande Berlim), ainda continua vivo. Não demorou muito, depois de terem se conhecido, para FF anunciar ao namorado que havia se contaminado com o vírus da AIDS. O comunicado em si não abalou a certeza do companheiro em ficar junto com FF. Meses depois, imbuído de coragem extra, RR fez o teste e também constatou ser positivo.

FF tem 48 anos, é alemão, magro e esguio, “branco”, tem olhos azuis e é comissário de bordo pela Lufthansa, empresa aérea alemã. De roteiros locais europeus às rotas internacionais, FF não perde a oportunidade de transar com outros homens. O “esforço” em se manter na “linha”, segundo ele, é pelos pedidos de RR, que não se cansa de pedir ao namorado que se controle sexualmente. FF diz que o ouve “às vezes”, mas que, em geral, prefere a “vida louca” de fazer o que quer, no momento em que decidir. Intempestivo e colérico, mantém-se no “controle” da relação. Refere-se ao coquetel da AIDS que ingere como a única coisa que o controla e, ainda assim, não todo o tempo. Quanto ao RR, a passividade e a “vontade de servir” o colocam numa postura de obediência, num pacto tácito entre ambos.

FF e RR é um casal caracterizado por uma relação passional e ligado por um “vínculo excitante”, inconcebível sem o componente sadomasoquista. Eles se relacionam e se vinculam pela violência, tanto física quanto psicológica. Segundo Domingo Caratozzolo (2007),

este vínculo consiste no produto da relação entre dois sujeitos, no qual um estimula, incita, provoca o outro, injetando-lhe o que denomino um ‘estímulo excitante’. Fica assim constituída uma relação entre o sujeito que injeta o ‘estímulo excitante’ e o sujeito injetado, que designo como ‘vínculo excitante’ (CARATOZZOLO, 2007, p. 16)

Na rotina deles não havia, no entanto, manifestações públicas de violência, o que, obviamente, é algo inteligível. Contudo, o que vi no LAB foram performances sadomasoquistas, onde FF andava com RR acoplado em uma coleira, engatinhando no chão. Ao mando de seu “mestre”, RR lambia os coturnos de couro de FF ou o local que pisava. Caratozzolo (2007) frisou que o próprio Sigmund Freud houvera reconhecido o caráter recíproco das perversões entre o sádico e o masoquista, e completa: “o masoquista se identifica com quem ocasiona sofrimento, situando-se fantasticamente no lugar do sádico. Igualmente o sádico, ao proporcionar dor a outro, goza masoquisticamente mediante a identificação com o sujeito que sofre” (CARATOZZOLO, 2007, p. 51).

Em se tratando dos casais encontrados em arenas esportivas LGBT, há também o interessante caso de RB e DF:

RB e DF decidiram propor um local para conversarmos. Ambiente preferido deles, pelas cidades em que circulam, disseram-me passar, às vezes, mais tempo lá entre estranhos do que consigo mesmos. Desci do TRAM [trem de superfície] no ponto da Richard Wagner Straße, numa noite úmida, que mais parecia a São Paulo da garoa de tantas letras de músicas populares brasileiras que conheço. Meio apressado, meio preocupado pelo ligeiro atraso, andando a passos marcados, encontrei os dois no número 12 daquela rua, bem defronte à Sauna Phoenix. (Registro de campo, 05 ago. 2010).

Acatei a sugestão de encontrá-los em uma sauna gay por entender que seria um dos ambientes de corpos em movimento e materialização de desejos, além de flagra de corpos adictos da pornografia. Naquela semana de olimpíadas LGBT, os locais específicos para essa população na cidade de Colônia estavam abarrotados e se configuravam como ideais para as situações de campo. Como Pocahy (2011) destacou em sua etnografia numa sauna e vídeo-locadora pornô, deixei-me levar por uma “experimentação política do corpo”, num ambiente nada convencional para pesquisas acadêmicas.

Apesar de ter ido acompanhando um jovem casal, não seriam necessárias estatísticas para afirmar que a maioria dos frequentadores das saunas, em geral, é composta de homens solteiros<sup>6</sup>. No entanto, há também boa quantidade amigos (que andam geralmente em duplas) e grupos fechados de amigos, que vão para fazerem sexo grupal. Infelizmente não estive em muitas saunas e nem esse ambiente se caracterizou como rota de meus entrevistados. Pude acompanhar, sim, a dinâmica de casais em bares onde “homens fazem sexo com homens” (BRAZ, 2007a), como foi o caso do Lab.Oratory [**Rituais Festivos**].

Para os casais, as razões para uma ida a tais sítios são inúmeras e a busca pelo terceiro elemento é algo que sobressalta, nos discursos e nas práticas. Não acredito que tal procura funcione apenas no sentido de materialização da separação entre amor e sexo dentro da relação, como explica Olívia von der Weid (2010) acerca da troca de casais heterossexuais em locais de *swing*. Há outros dados em tela de considerações, no caso dos homossexuais masculinos. Como o que me relatou o casal RB e DF:

**Eu:** e por que vocês procuram um terceiro para transarem?

**RB:** ah [pausa], não sei dizer assim, facilmente. Eu digo para o DF que me apaixono todo dia por uma pessoa. As pessoas são belas e se nos fechamos, perdemos a chance de conhecer alguém que vale a pena, que pode trazer alegria para a nossa vida. Eu já disse isso no segundo dia, depois que nós nos conhecemos. E ele aceitou, né? *Perguntando ao outro, ao meu lado.*

**DF:** sim, eu reconheci tua necessidade de se sentir mais livre, *risos irônicos.*

**Eu:** mas você então não concorda com as posturas dele relacionadas a fazer algo fora do relacionamento?, *perguntei a DF.*

**DF:** concordo sim. Só que eu não estava preparado. Fiquei pensando bastante no início que nosso relacionamento não iria durar. Mas ele é fantástico. [...] Nós sempre fizemos tudo juntos e

---

<sup>6</sup> Reconheço que tal percepção é apenas visual, pois os sujeitos podem ter relacionamentos (hetero ou homo) e não irem a tais locais com os parceiros, muito menos com os símbolos sociais que caracterizam tais enlaces (como portando alianças, por exemplo).



ele não me esconde nada. Não precisa, entende? Nós conversamos sobre nós e nossas necessidades, nossos desejos, nossas carências e isso é legal. A gente busca o que nos completa. Muitas vezes nem transamos com o terceiro [elemento]. A gente faz amizade, fica junto, beija os três juntos, e isso já basta. [...] O RB mesmo fica feliz com isso e eu também. (Conversa com RB e DF, 05 ago. 2010).

RB e DF formam um casal que há seis anos (à época) vem construindo uma relação a “várias mãos”. A procura por sexo casual, geralmente em ambientes onde homens transam entre si — no caso, as saunas gays — os estimula a procurar sempre o novo, o desconhecido, numa busca incessante de sentido para seu próprio vínculo relacional. A relação de ambos tem um diálogo aberto onde cada um pode se manifestar como prefere que o curso sexual do relacionamento siga. Casais como RB e DF são exceções e a maioria deles se utilizava da “estratégia” do terceiro elemento para criar “novas conjugalidades” e redimensionar o próprio entendimento do que é uma relação conjugal [Atletas].

De qualquer forma, uma espécie de “regra” nas práticas de *swing* ou de troca de casais heterossexuais, por exemplo, dita que “é importante que o/a parceiro/a participe e seja cúmplice também da escolha da outra pessoa com quem irão se relacionar sexualmente” (WEID, 2010, p. 794). Isso também se aplicaria ao caso do terceiro elemento, quando o casal homossexual decide fazer “tudo junto”, essa uma, outra percepção que tive a partir dos casos acompanhados.

Algo interessante aqui é que, em geral, tais casais homossexuais aderem ao discurso de senso comum de que mantêm uma sexualidade alternativa, despadronizada e, portanto, buscar sexo com terceiros passaria por uma justificativa legitimada socialmente. Tal argumento confere uma aura de transgressão à relação e acaba elevando a uma categoria hierarquicamente “superior” os que dele se utilizam. Como se dados casais fossem bem “mais resolvidos” do que outros, separando numa lógica maniqueísta àqueles que “dão certo” dos que “dão errado”. No fundo, mesmo estes casais “mais resolvidos” acabam se digladiando com problemas como possessividade e ciúme, por exemplo, em algum momento de suas vidas conjugais.

Em suma, graças à “gestão biomidiática”, de acordo com Preciado (2008), nossas subjetividades estão capturadas por novas técnicas de produção de prazer (excitação-frustração), em corpos tecnovivos multiconectados em escala global. Os (tecno)corpos são produtores de benefício ejaculante, respondem por essa produção de prazer, que alimenta (e retroalimenta) o sistema (capitalista) farmacopornográfico, seja através de

[...] su forma farmacológica (molécula digestible que se activará en el cuerpo del consumidor), en forma de representación pornográfica (como signo semiótico-técnico convertible en dato numérico y transferible a soportes informáticos, televisuales o telefónicos) o en su forma de servicio sexual (como entidad farmacopornográfica viva cuya fuerza orgásmica y cuyo volumen afectivo son puestos al servicio de un consumidor por un determinado tiempo bajo un contrato más o menos formal de venta de servicios sexuales) (PRECIADO, 2008, p. 38-39).

É por meio das práticas sexuais abjetas performatizadas pelos sujeitos (se tomadas em consideração dentro da matriz heteronormativa instituída) e pelo consumo adicto de substâncias lícitas (álcool e tabaco) e ilícitas (*poppers*, cocaína, heroína, *ecstasy*) que tais tecnocorpos<sup>7</sup> emergem — parafraseando a autora espanhola — “como uma nova força da economia mundial” e, portanto, talvez sendo os antecessores de um corpo “universal” estabelecido.

Para ela, o negócio do novo milênio é “a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade”, ou dito de outro modo, “resulta hoy filosóficamente pertinente llevar a cabo un análisis sexopolítico de la economía mundial” (PRECIADO, 2008, p. 26). Dessa forma, a autora vai tentar responder a indagação: como o sexo e a

---

<sup>7</sup> Segundo Preciado (2008, p. 39), “este cuerpo no se reduce a un cuerpo pre-discursivo, ni tiene sus límites en la envoltura carnal que la piel bordea. Esta vida no puede entenderse como un sustrato biológico fuera de los entramados de producción y cultivo propios de la tecnociencia. Este cuerpo es una entidad tecnoviva multiconectada que incorpora tecnología. Ni organismo, ni máquina: tecnocuerpo”. Destaco, no entanto, que não cabe aqui um aprofundamento filosófico sobre que corpo é o *queer*. Enderecei pertinente debate em Camargo; Vaz (2012).

sexualidade vão se converter no centro da atividade política e econômica?

Até aqui percebi que os argumentos da pós-feminista têm sentido e as trajetórias de vida de meus sujeitos corroboraram com sua teoria. Entretanto, postulo uma questão: até que ponto a “gestão biomidiática da subjetividade” é um sistema complexo de forças e manobras que envolvem e aprisionam esses corpos? Não há resistências ou válvulas de escape para este que seria, resumido em poucas palavras, quase um “pêndulo farmacopornográfico” (termos meus), no qual a gestão da vida (e da morte) estaria, necessariamente, oscilando entre um pólo e outro? [**Sociedade Farmacopornográfica**].

### **Verbetes relacionados:**

Atletas, Rituais Festivos, Sociedade Farmacopornográfica?

## Fetiches e Prazeres

“Por que fui recusado por aquele que tanto amei?”  
*HS, corredor gay de longas distâncias (fundista)*

A frase anterior é de HS (48 anos, alemão, “branco”, corredor de provas de longas distâncias em pista e rua, no atletismo), que me confidenciou detalhadamente aspectos de sua vida de atleta, suas agruras em ambientes homossociais hipermasculinizados e seu amor platônico por um colega de equipe.

Na verdade, como a maioria dos atletas homossexuais no esporte (para os quais a orientação sexual geralmente é uma ou “a” questão), o *coming out* deste corredor veio depois de finda sua carreira no mundo esportivo competitivo. Após os tempos universitários, com a liberdade econômica de um trabalho remunerado, também veio a “liberdade sexual”, porém, mediante um duplo ônus: o “pendurar das sapatilhas” e o desligamento do universo do atletismo. Hoje HS pratica corridas por saúde e prazer pessoal.

Eu era atleta de atletismo e corri muito quando ainda era um garoto. Depois fiquei um tempo ainda correndo nos campeonatos nacionais e logo parei, porque estava mais empolgado com o trabalho do que com outras coisas de minha vida. Tenha terminado a TU [Technische Universität] e queria trabalhar. Queria meu dinheiro. Meu pai me dava dinheiro, mas todo mês era contado. Eu gostaria de ter mais. Então não fazia mais esporte. Queria trabalhar. [...] Claro que era gay. Eu sabia que era gay já quando era atleta de atletismo. Mas nas competições nós dormíamos todos juntos, tomávamos banho juntos e não passava pela minha cabeça fazer nada. Eu nem pensava nisso. Fui bobo, sei lá! Fui atleta e não era gay. Depois conheci o Gay Games e era gay, mas não era mais atleta, *risos*. Como hoje. Mas depois que conheci os Gay Games, não deixo mais de participar [...]. (Entrevista com HS, 24 out. 2010).

Como se pode perceber, muitas vezes os espaços homossociais no esporte (vestiários, salas de musculação e ginástica, de massagens e

outros) não são tomados como espaços sexualizados e, portanto, encobrem (e podem massacrar) desejos homoeróticos intersubjetivos.

A absorção do atleta pelo trabalho a ser desenvolvido no treinamento esportivo é tão grande (e, muitas vezes, abusiva) que ele se “esquece” de si. HS foi um dos poucos entrevistados, em toda a pesquisa, que viveu o esporte-competição propriamente dito antes da “fase gay” de experimentações na vida e nas competições esportivas LGBT. Durante os anos em que competia, como não tinha “capital masculino” suficientemente alto para impor-se perante as situações sociais de dúvidas sobre sua orientação sexual, HS preferiu — talvez de modo inconsciente, como se percebe no trecho acima — manter em segredo sua (homos)sexualidade.

Segundo Anderson (2005) é muito comum os atletas em dado nível esportivo semi ou profissional utilizarem os seus “capitais masculinos” (compostos por impostura de voz, agressividade de gestos, independência em respeito aos colegas, liderança, *performance* atlética, etc.) para mitigarem o estigma de serem gays. O modo mais convencional de acesso a este capital é ser “bom” técnica, tática e fisicamente, o que significa se destacar no coletivo para ser visto e percebido como um dos “homens do grupo”.

Quanto maior o nível de excelência haverá maior tolerância na arena hipermasculinizada do esporte profissional — tanto por parte de donos de equipes e técnicos, quanto de parte dos companheiros de grupo — se o atleta gay abdicar do que o caracteriza e representar um “ganho financeiro” para o clube, por exemplo. Caso contrário, restaria ao sujeito ser detentor de rico capital masculino para não ser importunado. Nesse sentido, capital masculino e agência, de acordo com Anderson (2005), são diretamente proporcionais. Os menos habilidosos (ou pouco importantes para suas equipes) — como supostamente seja o caso em pauta de nosso corredor — continuariam no *closet* da sexualidade por um tempo ou abandonariam a arena esportiva.

Apesar de “gay e atleta”, conforme menciona, o segundo aspecto prevalecia, pois HS ainda mantinha-se, por inúmeras razões, no armário de sua sexualidade e não conseguia ter uma vida afetiva “satisfatória” (em outras palavras, não vivenciava plenamente sua sexualidade). Finalmente, quando desvencilhado da carreira de atleta, foi traído pelo desejo: ser gay configurou-se como a “condição” escolhida e essencializada. O que ocorreu com HS já foi bem

documentado na literatura em relação a outros/as tantos/as atletas e/ou profissionais do esporte<sup>1</sup>.

Talvez eu não concorde com ele, tendo em vistas inúmeros casos divulgados na mídia<sup>2</sup>, mas o autor norte-americano anteriormente citado é otimista em considerar que estamos, atualmente, numa época de diminuição da homofobia cultural e institucional, devido, particularmente, à consolidação da revolução sexual e à disseminação de informações acerca das diferenças sexuais. No entanto, para ele ainda permanece uma séria questão: como o esporte consegue manter-se fiel à produção de uma ideologia de gênero homofóbica e conversadora, diante de tal cenário social? Para respondê-la, há que serem analisados, segundo postula, três fatores interrelacionados:

The first is that sports are a near-total institution in which athletes find it difficult to escape a single-minded way of viewing sex and gender. The second is that sports are a segregated institution that prevents heterosexual men from hearing the narratives of women and gay men. The third is that the institution of sport is a closed-loop system in that it lacks critical self-examination (ANDERSON, 2005, p. 66).

Assim, enquanto instituição quase-total, o esporte oferece aos atletas gays, para Anderson, um alibi para não se relacionarem com mulheres e, conseqüentemente, uma oportunidade de vivenciarem um ambiente de homoerotismo. Por outro lado, um segundo fator

---

<sup>1</sup> Anderson (2005) traz um capítulo comentando casos de atletas de alto nível que anunciaram o *coming out* apenas após se aposentarem. O próprio Pronger (1990) relata histórias de entrevistados profissionais que tiveram dificuldades, em suas respectivas épocas, em assumirem-se gays enquanto ainda competindo. Pat Griffin (1998) comenta sobre vários/as atletas e técnicas lésbicas americanas, que saíram do armário tardiamente, devido aos seus cargos ou mesmo às posições que ocupavam em equipes esportivas [Saída do Armário].

<sup>2</sup> Não há dúvidas que, atualmente, a homofobia tem sido mais denunciada. Só para se ater as denúncias “oficiais” do governo de São Paulo (e não “oficiosas” de ONGs de Direitos Humanos LGBT, que são criticadas por não terem métodos “mais científicos” na apuração delas), foi divulgado pela Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania que o número de casos registrados até maio de 2011 (34) foi maior do que o ano todo de 2010 (33) (HELIO FILHO, 2011). Além disso, são constantes os documentos oficiais pulverizados pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) por todas as listas de signatários de pedidos de averiguação acerca de violências homofóbicas.

complicador é que o mundo esportivo ainda é massivamente masculino, não interessando quais narrativas estejam em cena<sup>3</sup>. E, por fim, o esporte ainda estrutura-se como um “sistema fechado em looping”, o que significa que a falta de exame crítico e a afirmação e a reiteração de ações e concepções legitimadas pelos agentes fazem com que se reproduzam valores/papéis historicamente consolidados e imputados aos sujeitos. Por exemplo, no processo de recrutamento, seleção e formação de atletas é comum os que são menos adaptados fisicamente e não tão suficientemente masculinizados serem cortados ou retirados, abertamente desencorajados a continuarem. Além disso, os que permanecem em tal processo possuirão excepcional habilidade técnico-tática e alta adequação à *performance* atlética e à masculinidade hegemônica convencional<sup>4</sup>.

Por outro lado, obviamente nem todos os corpos atléticos “adestrados” pelo sistema rotineiro de treinamento respondem da mesma forma às questões ligadas à sexualidade humana e seus tabus. Os processos de subjetivação dos agentes são únicos e distintos. Assim como HS não “deixou” que sua sexualidade se explicitasse no contexto esportivo em dado momento, pode ser que um atleta como Matthew Mitcham — o saltador australiano gay das Olimpíadas de 2008 — se permitisse envolver em uma situação erótica de vestiário, por exemplo, caso ocorresse com ele. Uma possível explicação para a supressão do homoerotismo das possibilidades da vida do atleta gay (e mesmo de seus potenciais fetiches em respeito ao *locker room*) diz que,

The athleticism of high-performance life can outweigh homoerotic possibilities – one’s life is devoted to athletics. Imersed in the heterosexual athletic environment, the homosexual high-performance athlete will often ignore the homoeroticism of the locker room (PRONGER, 1990, p. 206).

---

<sup>3</sup> Aqui é interessante destacarmos as polêmicas sempre levantadas em debates sobre os esportes femininos, notadamente o futebol.

<sup>4</sup> Tristemente é o que se pode também observar no esporte paraolímpico, isto é, esporte praticado por pessoas com deficiência (CAMARGO, 2000). Conforme a *performance* dessa manifestação aumenta (aferida pela quantidade de medalhas e recordes em jogos paraolímpicos e campeonatos mundiais), maior é o abismo existente entre esporte paraolímpico de competição e outras formas sociais de prática esportiva inclusivas.

Mesmo não haver possuído uma trajetória institucionalizada dentro do esporte competição e não ter sido um “corpo adestrado padrão alto nível” também neutralizei o “potencial erótico” de minha vida sexual e de meus desejos enquanto competia atletismo [**Às Margens**]. O neutralizar ou sublimar (o desejar o mesmo sexo ou ter vontade de relacionar-se afetivamente com outros homens, por exemplo) tem uma maior relação com o que é proibido no campo da sexualidade do que com o “fazer” propriamente dito (FOUCAULT, 1985). Para mim, entretanto, a possibilidade erótica existia nos vestiários e nos esportes, mas era endereçada somente como potência, devir.

De acordo com Pronger (1990), o medo impresso na tensão colocada no questionamento da “masculinidade ortodoxa” — e na potencial violação da mesma por um momento de “fraqueza” à tentação — conduziria alguns heterossexuais, fatalmente, à homofobia: “The combination of an intuitive understanding of the significance of homoeroticism as a violation of masculinity, along with the fragile status of their own mythic masculinity, leads some men to homophobia” (PRONGER, 1990, p. 198).

\*\*\*

Daí eu tava lá, né, e veio um cara assim ó (*mostrou-me com as mãos cerca de 20 a 30 cm*) com um badalo, maluco! Não, vou dizê uma coisa: eu gosto de pau, mas grande? [...] cê tá loko, ou o que?, *riu jocosamente*. Nossa senhora [...] vou fazê o que com aquilo? Dá uma raiva desses cara[s] com uma piroca grande, *risos*. Eu, heim? Nossa senhora [...] Vô dizer, viu [...] Tenho uma teoria: esses cara[s] varudo[s] são tudo bichinha. Tem aquilo tudo, mas num come é ninguém. Tu não acha, não, heim maluco? (Conversa com JP, 04 ago. 2010)

JP tem 26 anos, é brasileiro, “mulato”, jogador de futebol, mora na Dinamarca, diz que não é “oficialmente” prostituto masculino (*michê*), mas faz sexo com outros homens, cobrando “o programa”, conforme me contou. Segundo ele, isso faz parte de sua vida e “ajuda em sua “manutenção da vida na Europa”. JP é mais um entre inúmeros brasileiros emigrantes, que vivem em solo europeu, e desenvolvem estratégias de sobrevivência e permanência [**Projetos de Vida**]. Apesar



de estar nas competições gays em Colônia, JP mantinha uma atitude — pelo menos perante a mim — de manutenção de uma “masculinidade hegemônica”, diria que, inclusive, mais “imaginária” do que real. E essa “masculinidade imaginária”, que se aproxima muito do que Pronger (1990) e Anderson (2005) chamaram de “ortodoxa”, é constantemente ameaçada por duas situações, segundo percebi: a) quando outro sujeito homossexual tem um pênis maior que o dele; e b) quando outro sujeito quer, decididamente, penetrá-lo. Além disso, seu comportamento é extremamente homofóbico, claramente percebido pelos preconceitos dirigidos aos outros, ao redor de si.

Não é novidade que a arena esportiva é um das maiores instituições segregadoras de gênero nas sociedades complexo-moderno contemporâneas e que, em decorrência disso, a homofobia figure como um componente para a manutenção de seu *status* sexista e preconceituoso<sup>5</sup>. Os/As atletas vivenciam momentos de intimidade corporal quanto se vestem ou se despem, tomam saunas ou banhos coletivos em vestiários. As relações de (homos)socialidade que se dão nestes ambientes acontecem em meio à nudez, ao contato próximo e o foco é no corpo (do “eu” e do outro). Portanto, a homossexualidade (masculina ou feminina) declarada é tida como problema, uma vez que tais espaços são homo-arquitetados.<sup>6</sup>

Se atletas gays podem se superar e apresentar uma alta *performance* atlética nos esportes, pode-se dizer que desvelam a falácia sob a qual a “masculinidade” heterossexual é edificada. Seguindo esse raciocínio, Anderson (2005) salienta que a homofobia (seja velada ou explícita no discurso das instituições e dos sujeitos) é uma espécie de “remédio” contra a ameaça homossexual. Ironicamente, segundo ele, o esporte funciona como um meio onde os desejos pelos mesmos-sexos podem ser endereçados, acolhidos e aprofundados em ambientes homossociais<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Não é meu objetivo aqui esgarçar o conceito de homofobia, mas colocá-la como elemento contrapósitor aos prazeres instituídos e vividos pelos agentes. Para Pronger (1990, p. 198), homofobia “is the fear of the allure of the homoerotic paradox and its concomitant destruction of the orthodox myth of gender and the knowledge about oneself that would bring”. Por sua vez, Anderson (2005, p. 46) destaca: “Homophobia in all these forms presents itself as resistance against the intrusion of a gay subculture within sports and serves as a way of maintaining the rigidity of orthodox masculinity and patriarchy.”

<sup>6</sup> Rial (1998) mostra como os espaços coletivos (por exemplo, o “terceiro tempo”, no rugby) são importantes para o regozijo do grupo e das referências construídas coletivamente.

<sup>7</sup> Conferir discussão do autor a partir da p. 89 ss.

\*\*\*

Sempre tomei banho com aquele guri. Às vezes nem tinha tempo direito para sair da natação e ir atender uma paciente, mas eu ia tomar banho. Precisava ver àquele corpo, sabe? Foram anos que fiquei no armário e durante todos eles, nadava e treinava bem pesado. O meu maior prazer era depois do treino. Ver o Ricardo tomar banho não tinha preço, *suspira maliciosamente*. Eu treinava por ele. Me matava na piscina para vê-lo, depois, durante poucos minutos, debaixo da ducha. E ele nem percebia. Às noites sonhava com ele, até[...] mas nunca rolou nada. Acho que se [ele] suspeitasse, quebrava minha cara. (Conversa com AJ, 02 ago. 2010).

O que ocorreu com AJ (50 anos, brasileiro, nadador, “branco”), nos vestiários da piscina do clube em que sempre treinou natação, foi um sentimento que se desenvolveu no ambiente homosocial *par excellence*. A (homo)fobia do colega nadador só não foi disparada contra a explicitação de um desejo (homo)erótico, pois AJ não foi identificado “gay”. Para a realidade brasileira, esta é a *camouflage* que muitos homens gays desenvolvem para poderem sobreviver na selva de pedra das “masculinidades brutas” brasileiras sendo, portanto e ao mesmo tempo, partícipes de apoiadores destas<sup>8</sup>.

Pronger (2000), nos desdobramentos de seus escritos, salienta que a homofobia no ambiente esportivo emerge para anular o homoerotismo propriamente dito (ou sua suspeita) e, quando ela se torna extremada, previne o “ataque heterossexual” sobre seus prazeres auto-estigmatizados. Conforme suas palavras,

Men’s Sport is particularly homophobic because of the omnipresence of implicit homoeroticism in a cultural practice that is supposed to build

---

<sup>8</sup> Não é o caso aqui e nem minha pesquisa se focou em “atletas brasileiros”— e, certamente, não atingiria apenas gays e lésbicas “brasileiros” — mas valeria à pena investigar o “conformismo” e a “resignação” aos valores atléticos convencionais dos sujeitos “normalizados”, termo proferido por Richard Miskolci (2011) em palestra na UFG, ou seja, gays/lésbicas que defendem abertamente valores heteronormativos no esporte, mesmo para si.

heterosexuality – homophobia helps to prevent what is implicit from becoming explicit (PRONGER, 2000, p. 236).

São bastante comuns, e inúmeras de vezes presenciei, pronunciamento verbais homofóbicos — algumas vezes sutis, outras nem tanto — nos bastidores das competições LGBT e, geralmente, em lugares como os vestiários masculinos. O que é, no mínimo enigmático, é o explicitar de comentários homofóbicos justamente em um ambiente de discriminações generalizadas<sup>9</sup>.

No Brasil, por ser o momento tenso devido à “batalha” que se trava contra a homofobia, em amplos espectros sociais, opiniões preconceituosas e homofóbicas (mesmo as típicas piadas sobre macheza e virilidade brasileiras) tendem a ser mais brandas e entremeadas por discursos moralizantes e politicamente corretos<sup>10</sup>.

Em Berlim (Alemanha), cidade onde vivi de 2009 a início de 2011, frequentei o meio esportivo universitário e uma academia de musculação, nos arredores de minha moradia. Chamada de *McFit*, próxima da concorrente *Fitness First* — ambas localizadas no coração da capital alemã — era conhecida por ser um “ântron de heteros migrantes”, segundo um “colega gay”, que nela também se exercitava. A identidade social que tal academia possuía no imaginário dos frequentadores era de ser um “reduto heterossexual livre da ameaça gay” (frase do corredor alemão HS). Isso porque tal identidade fora construída na comparação com a outra academia vizinha, que é conhecida por ser a “academia gay” da cidade, devido ao alto número de homossexuais masculinos que a frequentam.

Por isso, qualquer manifestação “estranha” no que diz respeito à sexualidade na *McFit* pode ser interpretada de modo homofóbico. Um sem-número de vezes observei, principalmente entre turcos (e demais minorias religiosas não tão liberais) lá presentes, “brincadeiras” homofóbicas jocosas proferidas indiretamente no ambiente do vestiário,

---

<sup>9</sup> Nesse sentido, percebi algo semelhante quando vivi, durante anos, em ambientes competitivos de pessoas com deficiência. Os cegos discriminavam os cadeirantes, que eram alvo de piadas dos amputados e todos eram extremamente preconceituosos com os deficientes mentais. Diria que a discriminação acontece, neste meio, “em cascata” e é recorrente no ambiente das práticas sociais (e também nas esportivas) dos atletas com deficiências.

<sup>10</sup> O caso do Michael, da equipe Vôlei Futuro, pode ser ilustrativo desta argumentação [Saída do Armário].

em especial, contra seus históricos “algozes” — os alemães — particularmente os mais efeminados:

Nesta academia em Berlim, por ser a mais barata da cidade (16,90 euros mensais) e a que fora planejada para ser ‘uma rede de atendimento esportivo ao grande público’, segundo o editor da Revista McFit<sup>11</sup>, há uma grande quantidade identificável de migrantes. Dentre esses, os turcos se destacam como esmagadora maioria (assim como acontece em todo o país). Como se obrigam a falar alemão para se inserirem no meio social, não é raro eu observar jocosidades homofóbicas entre eles no ambiente do vestiário, especialmente quando identificavam algum “potencial” homossexual alemão [...]. (Registro de campo, 04 abr. 2010).

De outra parte, o vestiário (*locker room*) apresenta, igualmente, um “potencial erótico”, que funciona como “armadilha”, independente das orientações sexuais, de acordo com Pronger (1990). Em sua vasta pesquisa com estudantes colegiais, esportistas universitários e atletas profissionais, o autor encontrou dados para afirmar que tal “potencial” gera respostas genitais-sexuais no ambiente comum do vestiário, como ereções penianas. O que pode ser “reações normais” (leiam-se fisiológicas) para alguns, conforme ressalta, para ele esse “efeito” desencadeado é produto de uma “imaginação homoerótica” latente, e que, os homens “heteros” conscientes dela podem executar violentos comportamentos homofóbicos de negação da mesma, a fim de afastar qualquer suspeita de homossexualidade sobre si mesmos. Portanto, um “ataque” (físico e/ou verbal) a quem identificou tal “reação” seria bastante plausível.

No entanto, se práticas veladas ou silenciosas — conforme designou Michel Foucault (1985) — prevalecem e atos sexuais acontecem, isso se caracteriza como um “paradoxo homoerótico” (PRONGER, 1990, p. 205), e tal aspecto participa do que se pode chamar de “rotina paradoxal do vestiário”, que criaria um espaço seguro, permissivo — no qual coabitariam graus distintos de ortodoxia de ações

---

<sup>11</sup> Revista mensal, publicada pela própria academia.

heteronormativas masculinistas — coadunadas a práticas desejan-tes dos sujeitos, no caso, homossexuais. Reinam, assim, aqueles “múltiplos silêncios” que permitem a existência de gays (e outros sujeitos não-heterossexuais) no ambiente esportivo convencional. De outra forma, se deflagrada outra condição que não esta, tais figuras dissonantes apareceriam como caricatas, “desviantes”, “monstruosas”, “anormais” aos olhos heterocentrados (FOUCAULT, 2001).

O que me parece enigmático nas práticas sexuais na área dos vestiários e das duchas, particularmente em competições e torneios LGBT [Vestiários], é a mistura entre pornografia e erotismo, bem como a “tolerância” ou “aceitação” daquelas situações como se fizessem parte do que, costumeiramente, aconteceria no meio esportivo. Além disso, há ainda dado voyeurismo erótico estabelecido nos *locker rooms* destes torneios, desencadeado pelas fantasias dos sujeitos e (retro)alimentado por eles próprios e pelos espaços, em constantes reiterações.

Tais situações, inevitavelmente, evocam o erótico e o pornográfico, componentes de uma relação provocadora, que incita a “vontade de saber” sobre algo proibido, não acessível, como a “sexualidade em marcha” do *outro*. Deve-se lembrar que tais situações de sexo e de voyeurismo estão envoltas pelo segredo, por algo que é secreto, não permitido, interdito — ao menos naqueles espaços, em competições convencionais. Por isso, suscitam fascínio e despertam transgressão.

De acordo com Nuno Abreu (1996), que estudou a produção e o consumo da pornografia em imagens em movimento (cinema e vídeo), há que se considerar a pornografia e o erotismo como conceitos simultaneamente distintos, mas interligados, que

[...] transitam sempre em terreno marcado pelas contradições, um território não-determinado, uma fronteira entre situações opostas, a tensão entre polaridades. [...] Essa impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico é, a meu ver, sinal de sensatez e um bom ponto de partida, tendo em vista às contradições, o jogo semântico que cerca o uso social dessas palavras, a forma dialética como a história tem tratado do assunto (ABREU, 1996, p. 11).

Mais do que definir tais conceitos ou ater-se a abrangência de atuação de cada um, interessante talvez seja permanecer num jogo pendular das imprecisões. Gerbase (2006) chama de “falsas”, as fronteiras arbitrariamente imputadas entre erótico e pornográfico, destacando que, no campo do cinema, a separação entre tais termos é mais instrumental do que conceitual<sup>12</sup>.

De fronteiras indiscerníveis e imprecisas, retornando aos argumentos de Abreu (1996), os conceitos não dependem das mensagens enviadas, mas da recepção dessas, do que é aceitável ou inadmissível pelo(s) receptor(es) delas.

Portanto, para os atletas desta pesquisa que participaram de/observaram situações eróticas e/ou pornográficas, explícitas ou insinuativas, em ambientes esportivos (bem como eu, pesquisador, em dados momentos, também tive acesso a elas), o “estar dentro” (participante) ou o “estar fora” (observador) de tais cenas desvela a pornografia como um elemento veiculador do obsceno — ou como registra Abreu (1996, p. 19), ela “[...] exhibe o que deveria estar oculto. Espaço do proibido, do interdito, daquilo que não deveria ser exposto. A sexualidade fora do lugar”. Ao erotismo, tais situações dentro/fora trariam os desafios da ultrapassagem dos limites, dos excessos, dos transbordamentos do/de prazer e da própria condição humana. A articulação entre erótico e transgressão estaria no que Georges Bataille (1987) define como erotismo: “A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua” (BATAILLE, 1987, p. 16-17)<sup>13</sup>.

O interessante é que, nas situações narradas, mesmo os atos sexuais tendo sido identificados por terceiros, não causaram constrangimento em quem deles participava, ou muito menos, deixaram de acontecer por causa de um *olhar voyeur* estabelecido. As práticas sexuais no ambiente do vestiário, mesmo nos bastidores das competições LGBT, são consumidas como produto interdito, “fruto

---

<sup>12</sup> Para esse autor a separação entre uma produção cinematográfica erótica e uma pornográfica é apenas um recurso de mercado, que “deveria ajudar o espectador a escolher o filme mais adequado ao seu gosto e evitar enganos ou constrangimentos” (GERBASE, 2006, p. 39). Portanto, ele a abomina, propondo uma aproximação com a estética artística, re-humanizando o sexo e re-filmando o erotismo.

<sup>13</sup> Como se sabe, Georges Bataille propõe uma ligação entre violência e êxtase erótico. No intróito de seu livro anuncia o que parece ser a hipótese a ser testada: “Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 1987, p. 11). Sobre a vinculação entre *ars erótica*, sexualidade e morte, retomo em outro local.

proibido”, que quando ‘comido’, ‘digerido’ dispara uma sensação de transgressão, de prazer, estabelecendo, assim, uma relação simbólica com aqueles que o consomem. Daí, portanto, as fantasias dos sujeitos e seus imaginários acerca do esporte como fomentador dos encontros sexuais (mas também possivelmente amorosos, por que não?) elevam-se a enésima potência, multiplicando as chances do consumo do “esporte LGBT” ser dado via uma “mercadoria sexual”, amplamente desejada e consumida.

Para aqueles que observam tais situações do ponto de vista *voyeur* o ato sexual nos espaços dos vestiários oferece ao olhar espectador algo que, por definição, está ausente do próprio olhar. Este “espectador-*voyeur*” — em termo proferido por Abreu (1996) — está vendo o que não está presente e nem está interessado apenas em observar. De acordo com Pierre LeVenly *apud* Abreu (1996, p. 183), “o objeto de desejo do *voyeur* não é o que ele observa, mas o seu próprio prazer”. Isto quer dizer que o real objeto de desejo seria o próprio prazer do sujeito, ou seja, sua própria excitação.

Partindo do que foi trazido sobre a sexualidade em meios esportivo como vestiários e banheiros, em que medida poderia afirmar que há um regozijo coletivo no fomento e na manutenção de tais espaços esportivos, baseando-me no que chamo de “guetificação esportiva sexual”? [Territórios Marginais, Circulação e Desejos].

Se, historicamente, a sexualidade fora construída em segredo e a história do segredo permanece no armário da sexualidade [Saída do Armário], como nos trouxe Eve Kosofsky Sedgwick (2007), o que ocorre no vestiário esportivo LGBT também participa de um segredo único, peculiar, que é partilhado apenas quando há um pacto entre àqueles envolvidos nele e os que dele são “autorizados” a participar, no caso, os “espectadores-*voyeur*”. E, por acontecerem em um ambiente de práticas esportivas exclusivas (ou sectárias), seriam tais atos legitimados e, conseqüentemente, silenciados — mas, desta vez, ao reverso: são (atletas) heterossexuais que não fazem a mínima ideia do que ocorre naqueles ambientes.

Para melhor depurar tais práticas erótico-pornográficas seria imprescindível sugerir uma “etnografia dos/nos vestiários”, no sentido de tentar compreender as práticas homosociais comuns relacionadas ao corpo nu e às expectativas (ou ausência delas) dentro destes locais (e também dentro de banheiros, por extensão).

**Verbetes relacionados:**

Às Margens, Atletas, Circulação e Desejos, Projetos de Vida?,  
Territórios Marginais, Saída do Armário, Vestiários



## Ocupação e Subversão

Questionar limites tem sido o recurso de muitos dos movimentos de liberação, ativos politicamente – as feministas questionam os limites do gênero, os antirracistas os limites do racismo, os pós-modernistas os limites da modernidade, os deficientes os limites da habilidade, os gays os limites da homofobia, os *queers* os limites da cultura gay e os pós-*queers* os limites do próprio *queer*. [tradução livre] (PRONGER, 2000, p. 228).

O excerto anterior foi, propositalmente, aqui alocado no intuito de refletir o que Drucilla Cornell (1992) denominou a “filosofia do limite” e foi problematizado por Brian Pronger (2000) em uma discussão sobre o esporte contemporâneo e o universo cultural homossexual. Cornell (1992) é uma filósofa feminista, que está preocupada em questionar as múltiplas restrições dos distintos sistemas (econômico, político, jurídico, cultural) às possibilidades humanas e, portanto, sua proposta encaminha-se no sentido de identificação e de questionamento destes limites imputados. Pronger (2000), por sua vez, utiliza-se de tal argumentação para pensar o esporte feito por “gays e lésbicas”, em seus termos, a fim de saber “quem está ganhando?”, se o esporte ou a questão identificatória (homossexualidade).

Importante lembrar que Pronger (1990; 2000) foi pioneiro no endereçamento de questões mais críticas acerca do movimento esportivo de gays e lésbicas, ainda num momento de júbilo e orgulho por parte da maioria deles no “advento” de um campo de “ações” distinto e inédito: o das com competições esportivas específicas — no caso, os anos oitenta do século XX, as “Olimpíadas Gays” ou Gay Games<sup>1</sup>.

Esta discussão traz à tona uma reflexão fundamental para pensar o esporte convencional, a denominada “subcultura gay” (ou tudo aquilo que se refere ao universo homossexual, desde o mercado de consumo, passando pelas “tendências” na moda e desembocando nas

---

<sup>1</sup> Lembre-se, aqui, a publicação de **Gay Olympian: the life and death of Dr. Tom Waddell**, publicado *post-mortem* em 1996, e que traz a cruzada pessoal, política e institucional do próprio Waddell, em meados dos anos 1980, para erigir o que se denominou “Gay Games”.

políticas de direitos) e os “espaços” (concretos e virtuais) de ocupação e de disputa.

Devido à dada “popularização” e veiculação midiática (internet e televisão), atualmente é notória a maior presença de homossexuais masculinos/femininos em produtos da indústria cultural, como filmes, telenovelas, peças publicitárias e de teatro, campanhas humanitárias, e uma circulação mais bem desenhada (e direcionada) no planisfério terrestre, seja através de pacotes de turismo específicos para gays, lésbicas e simpatizantes, seja em cruzeiros marítimos ou mesmo em destinos turísticos direcionados, denominados “de nicho de mercado”.

Quanto ao esporte, nunca outrora se noticiou tantas “saídas do armário” como recentemente houve no esporte convencional amador, semi e profissional em todo o mundo [Saída do Armário]. Do *survey* aplicado por mim no campeonato mundial LGBT em Copenhagen-2009, 74,2% dos que se declararam pertencentes ao sexo masculino e 59,6% do sexo feminino responderam afirmativamente que praticavam esportes em clubes LGBT [World Outgames]. Isso mostra que, mesmo dentro de um universo restrito de participantes de um evento, a maioria se engaja em exercícios físicos em associações esportivas específicas; números que, indubitavelmente, desvelam mais locais como estes e mais sujeitos *queer* envolvidos com o esporte, do que se pensarmos nos revolucionários tempos de Stonewall. No tocante aos eventos esportivos específicos, não precisamos retroceder tanto no tempo histórico: os Gay Games foram criados em 1982 e permaneceram como a maior referência internacional até 2006, quando parte do movimento esportivo LGBT se dividiu, dando origem aos Outgames. Hoje há uma pluralidade de competições com estas características, ocorrendo em tempos distintos, em vários lugares do globo.

Para além de todos estes dados, em que medida mundo do esporte aparece “colonizado” por gays, lésbicas, travestis, transgêneros? Em que proporção o esporte convencional incorpora a diversidade (sexual) e a diferenças individuais relacionadas a esse tópico? Wolf (2011, p. 29) postula de outra forma tais questões: “in what sense, the sports world is becoming friendlier to LGBT athletes?” Algumas respostas não são muito alentadoras.

Dos 60 atletas gays profissionais entrevistados ao longo de cinco anos em que Eric Anderson (2005) realizou sua pesquisa, a maioria deles permanece no *closet* da sexualidade por considerarem, por razões variadas, que o universo esportivo é homofóbico e tem

dificuldades em aceitar manifestações comportamentais que não as da masculinidade heteronormativa. Heidi Eng (2006, 2008), por seu turno, também constatou tendências similares em atletas (gays e lésbicas) noruegueses — que participavam de ligas nacionais convencionais — tentando buscar em que medida a presença deles funcionava como transgressora de valores convencionais da cultura esportiva.

Pronger (2000) é bastante pessimista quando executa uma relação entre atletas que se declararam gays ou lésbicas e suas presenças/ausências no esporte convencional na América do Norte, com especial destaque para Canadá e EUA:

But considering that across North America in the last 20 years, fewer than two dozen high-performance athletes have declared their homosexuality publicly, and only a few of them have had significant public profiles (e.g., Martina Navratilova and Greg Louganis), and that very few of that already small number have continued in their athletic careers once they have come out, it is clear that the effect that out gay athletes have had in making mainstream sport a sexuality liberated environment is negligible (PRONGER, 2000, p. 224).

Portanto, esse autor estadunidense conclui que se há progresso em outras áreas da vida social para esta população — a questão de direitos civis, de saúde, visibilidade, etc. — não se pode dizer o mesmo do meio esportivo. Como bem endereçado por Wolf (2011, p. 30) na edição especial da Revista *Nation*,

Advertisers and team owners are basically conservative, both socially and politically. They are about the money. That means unless they can figure out a way to make supporting an openly LGBT athlete make money, they aren't going to risk threatening their brand.

Segundo uma percepção bastante acurada, Pronger (2000) destacou que o esporte é entendido de quatro modos distintos por parte da “comunidade gay” norte-americana: 1) como sendo uma forma

basicamente cooperativa de interrelação social entre sujeitos; 2) como expressão altamente competitiva dentro do esporte convencional; 3) como possibilidade a ser corrigida e reconfigurada em seus aspectos sexistas tradicionais para fins educativos; e 4) como opção inclusiva, independente de habilidade, gênero, classe social, “raça” e idade<sup>2</sup>.

Longe de qualquer uniformização ou homogeneização sobre adesões políticas de grupo de atletas da etnografia realizada, percebi com os quais travei contato (e que pude estabelecer relações de pesquisa) que se encontram reproduzindo os valores convencionais do esporte-competição, “conformados” e “assimilados” dentro do espaço esportivo “ocupado”, isto é, dentro da “fatia” LGBT participante do “sistema esportivo global” (RIAL, 2008). A exceção a tal afirmação é o caso de DJ (58 anos, norte-americano, “branco”, ex-atleta de *powerlifting* e árbitro de *bodybuilding*), que toma o espaço esportivo dos eventos LGBT como palco para suas “loucuras” sexuais e defende um “esporte sem barreiras”, para corpos, desejos e sexualidades, sem o reprodutivismo técnico e formatos convencionais [Atletas].

Num debate estabelecido entre mim e o co-presidente da Federação dos Gay Games (FGG), no Colóquio Internacional de Paris<sup>3</sup>, o dirigente encerrou seus apontamentos críticos em relação a minhas ideias de propor repensar o modelo de competições LGBT da atualidade, com a seguinte frase: “Gay sports prove our normality. We cannot deal with the IOC politics being ourselves aberrant!”.

A partir de seu posicionamento, reflito: de que “normalidade” se trataria? Ser “normal” é não ser uma “aberração” e estar encaixado dentro dos padrões estéticos e corpóreos de gays e lésbicas “brancos”, de países desenvolvidos, bem educados, saudáveis (pois nos jogos de Chicago/2006, a FGG acatou a decisão do governo norte-americano de

---

<sup>2</sup> Apesar de ter identificado tais modos distintos, o autor expressa sua preocupação com a ausência de pesquisa empírica relativa ao universo esportivo da “comunidade gay” (leia-se comunidade LGBT). De acordo com seus argumentos: “To date, there has been little scholarly empirical research on the social and political organization of lesbian and gay community sports. I attempt to analyze trajectories that are being followed but whose prevalence still needs to be documented empirically” (PRONGER, 2000, p. 231).

<sup>3</sup> Colóquio Internacional “Sportifs homosexuels et homosexuels sportifs: l’homophobie en question!”, organizado pela Federação Esportiva de Gays e Lésbicas – FSGL (Fédération Sportive Gaie et Lesbienne) e realizado pelas universidades de Lyon 1 e Montpellier, de 02 a 03 de dezembro de 2011. Minha conferência se intitulou: “Moins gay, plus queer: une approche critique des compétitions sportives LGBT” (Menos gay, mais *queer*: uma aproximação crítica sobre as competições esportivas LGBT).

proibir a entrada no país de portadores do vírus da AIDS para competirem), além de assujeitados a praticarem os esportes que aprenderam com seus pais e mentores, os quais lhes ensinaram a também permanecerem calados perante a lógica meritocrática do mundo esportivo? E se ele está tão preocupado com as políticas institucionais entre FGG e IOC (*International Olympic Committee*), porque há tanta polêmica no reconhecimento de recordes e marcas durante os eventos LGBT? Se o IOC se importasse em cancelar o evento para homologação destes resultados, não executaria uma ação institucional mais precisa junto a entidades como a FINA (*Federation Internationale de Natacion*), a IAAF (*International Association of Athletics Federations*) e demais federações do “circuito convencional” do esporte amador?<sup>4</sup>

E por que o “modelo” de esporte LGBT é acatado pela imensa maioria, inclusive dos movimentos chamados “dissonantes” em relação à FGG e aos Gay Games? Dentre algumas possibilidades de respostas há a “normalidade desejada”, ou conforme bem expressou Peter Tatchell em seu irônico *paper*: “Few homos aspire to anything more than assimilating into the hetero status quo. They happily conform to the straight system. The battle cry is gay rights, not queer emancipation” (TATCHELL, 1996, p. 47).

Segundo alguns autores, o momento seria crucial; há que procurar alternativas para o impasse reinante na “anêmica agenda política que domina as políticas contemporâneas LGBT atualmente, ao menos na América do Norte” (ESTEBAN MUNÓZ, 2009, p. 19) e isso incluiria repensar o papel do esporte. Dentro do escopo teórico de autores que se dedicam ao assunto, há o conceito de *queering the context*, isto é, “subvertendo a situação” e diria respeito práticas sociais feitas no intuito de mudar, transformar o entorno onde se dão. Tendo por base os discursos mais radicais ligados à política e à sexualidade, tal conceito foi encampado por teóricos que consideram o ativismo *queer* como disruptivo, antiassimilacionista e pós-identitário. Alguns deles

---

<sup>4</sup> Pude acompanhar duas olimpíadas gays, um campeonato mundial e um campeonato regional norte-americano e em todos eles houve problemas com a arbitragem do atletismo e da natação, que ou não era oficial, ou não tinha recursos adequados para aferição de tempos, velocidade do vento, *photo finish* para desempate de chegada, cronômetros de precisão, dentre outros aspectos fundamentais para legitimação de resultados. Os comentários “nos bastidores” giravam em torno da “falta de seriedade” com que a(s) organização(ões) tratavam o esporte LGBT.

tratam do esporte em suas pesquisas.<sup>5</sup> Gostaria de resgatar algumas destas.

Desta forma, Heidi Eng (2006) traz uma pesquisa com atletas gays, lésbicas e bissexuais e suas experiências com sexo/gênero e com suas sexualidades no âmbito do esporte. Seu objetivo é discutir “the effects of queer visibility in sport, and in particular look at how the concepts of *queer* and *queering* can highlight the potential for change (into the less homophobic environment)” (ENG, 2006, p. 49). Os dezoito atletas investigados de treze modalidades faziam parte do esporte *mainstream* e a pergunta central da autora era em que medida as práticas *queer* provocavam algum efeito desestabilizador deste universo.

Eng, então, esclarece que entende a perspectiva *queer* como um ponto de vista crítico diferenciado e muito influenciado pelo pós-estruturalismo; não acreditando, por conseguinte, em uma “teoria” *queer*, uma vez que o próprio termo ‘teoria’ traria um papel “ordenador” para um campo que é interdisciplinar e politicamente subversivo desde sua origem.<sup>6</sup> O *queer* é prática, ato, discurso, representação, desvinculado do normativo, do requerido. E *queering*, para ela, é processo. Como esclarece:

Queering is used as a noun to describe a process where queer existence in a certain context challenges and effects heteronormative structures and/or acts, speech and identities, so that the heteronormative context, the culture, the discourses change over time (ENG, 2006, p. 52)

---

<sup>5</sup> Uma obra de referência sobre a teoria queer e o esporte é, relativamente, recente. **Sport, Sexualities and Queer/Theory** é uma coletânea, organizada por Jayne Caudwell, uma pesquisadora sênior em Sociologia do Esporte e Culturas do Lazer, da Universidade de Brighton, Inglaterra. É a primeira antologia publicada sobre gênero, sexualidade, *queer* e Teoria *Queer* e sua interrelação com o esporte, lançando-se à compreensão de como a sexualidade é experimentada, representada e negociada em diferentes contextos esportivos. Uma resenha da obra foi publicada por mim na Revista Estudos Feministas (CAMARGO, 2008).

<sup>6</sup> A teoria queer nasce em meados dos anos 1990, a partir das contribuições dos Estudos Gays e Lésbicos, tendo como proposta repensar as políticas identitárias para além de compartimentos. Segundo Heather Sykes, o termo “Queer Theory” foi cunhado por Teresa de Lauretis em 1991, nos comentários introdutórios em uma conferência sobre sexualidade gay e lésbica (SYKES, 2006). Para José Gatti, seu caráter interdisciplinar vem da articulação com os Estudos Culturais e Pós-Coloniais, onde “tem encontrado frentes comuns de luta com estudiosos de história, etnicidade, raça, nacionalidade, literatura e mídia, mas tem também penetrado em áreas das chamadas ‘ciências duras’, como a genética e a neurobiologia” (GATTI, 2011, p. 17).

Os atletas circulavam por espaços sexualmente segregados, nos quais práticas sexuais e de gênero, em geral, eram silenciadas. Nesse sentido, toma emprestado de Foucault (1985) a análise dos múltiplos silêncios, que são parte integral das estratégias que subjazem e permitem os discursos normativos, veiculadores da heterossexualidade como norma. Apesar de ter identificado dentre eles/elas casais homossexuais (gays e lésbicas), rotas de desejo homo-orientado e mesmo “espaços heterotópicos” *queer*<sup>7</sup>, ela argumenta que:

[...] this queer space **does not effectuate** queering of the heteronormative context in general. On the contrary, it can run the danger of strengthening heteronormative existence as the ‘normal’ by constituting a queer refuge as an alternative for the ‘deviants’ and hence articulating what is not normal in the context (ENG, 2006, p. 54, grifo do autor).

De modo semelhante aos meus achados de pesquisa, há uma prevalência dos discursos da heteronorma, os quais exercem grande influência sobre os sujeitos, o que, dito de outro modo, resulta que há presença *queer* no esporte convencional, mas ela é algo desviante e sem potencial desestabilizador da dominação heteronormativa.

No interessante artigo “Dez homens ‘out’: masculinidades esportivas *gay* no softbol”, Nigel Jarvis (2006) apresenta sua pesquisa etnográfica sobre “masculinidades subordinadas” de homens *gays* no softbol.<sup>8</sup> O autor quer identificar se as práticas das equipes estudadas

---

<sup>7</sup> Lembre-se que Michel Foucault (1998) disse que há, em todas as culturas e todas as civilizações, espaços que se encadeiam uns nos outros, mas que contradizem todos os outros. Eles são de dois tipos: as “utopias” e as “heterotopias”. Para ele espaços heterotópicos são espaços reais, que “existem e que são formados na própria fundação da sociedade, que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas, nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos” (FOUCAULT, 1998, p. 2). Como há “heterotopias de crise” e “heterotopias de desvio”, creio que é sobre esse segundo tipo de que fala a autora norueguesa.

<sup>8</sup> O título original “Ten men out” diz respeito aos homens que fogem do ‘esquema convencional’, por assim dizer. Isso porque o softbol é mais praticado por mulheres. No jogo de palavras, os atletas canadenses homens praticantes de tal modalidade estariam, então, “fora do esquema tradicional” do esporte.

são atos de resistência *queer* ou apenas atos reprodutivos dentro de uma “masculinidade hegemônica”.

Em comparação às pesquisas de Eng (2006, 2008) sobre os atletas noruegueses no esporte de alto rendimento, na pesquisa de Jarvis a linguagem e o comportamento dos entrevistados aparecem generificados e sexualizados, ou seja, os atletas masculinos articulam coerentemente a sexualidade *gay*, pois seus discursos constantemente desafiam a “generificação” e a “sexização” da heteronormatividade discursiva do esporte competitivo, apontando para a referência a atos sexuais e “desejos *gays*”, identidades sexuais e identidades de gênero. Contudo, o autor mostra que, apesar dessas expressões comportamentais e linguísticas transgressivas, o comportamento de alguns jogadores reproduz as ações convencionais do esporte dominante, notadamente as condutas relacionadas à vitória. Portanto, Jarvis conclui apontando o quanto é difícil para “grupos subordinados” (*queers*) desafiarem as práticas esportivas incrustadas nas normas heterossexuais e, como explica,

All groups in sports, either dominant or subordinate, compete with each other and negotiate and contest their aims, cultural values and norms, social functions, organizational and material framework. These processes are social conflicts in which dominant/subordinate ideologies, that are economically, politically and culturally founded, take on central functions (JARVIS, 2006, p. 72)

Ian Wellard (2006), por seu turno, trata de sua etnografia de três anos junto a dois clubes de tênis, um convencional e heterossexual e outro “alternativo” e *gay*, sediados no sudeste da Inglaterra. O autor resgata a trajetória do “clube *gay*” de tênis para mostrar que houve rituais e processos na formação de ambientes seguros e não discriminatórios. Trouxe, como exemplo, inclusive, a história de um tenista que, devido a sua paixão por Monica Seles, vestia-se como ela quando jogava e, em decorrência disso, era discriminado por outros jogadores.

Em termos esportivos, ambos os clubes tinham níveis competitivos similares. Porém, no “clube *gay*” os atletas podiam competir da mesma forma e explicitar em “atos”, suas sexualidades. Um aspecto interessante é que Wellard utiliza-se do conceito de “atos



*queer*”, de Butler (2008), os quais devem irromper as formulações normativas de gênero a partir de renegociações simbólicas dos sujeitos. A assimilação de padrões convencionais do que a sociedade espera é “menos complicado” e “exige menos” do sujeito. Portanto, o autor constata que talvez grande parte dos próprios esportistas *gays* prefira, como aparece em suas palavras, “atos héteros” de conduta.

Para o autor, assim, quando a presença *queer* no esporte se explicita, há uma tensão entre atos *queer* e performances atléticas requisitadas, o que, invariavelmente, traz prejuízos para os primeiros. Ele acredita no potencial questionador da “teoria *queer*” sobre o entendimento de categorias normativas como sexualidade, gênero e “raça”; entretanto, dentro do contexto esportivo, a proeminência das performances atléticas corporais sobrepuja outras formas de expressão que não estejam sob domínio da heteronormatividade.

Por fim, à questão “Can sport be queered?”, o inglês responde:

From the observations and accounts revealed during the research, “queering” sport was not a priority and it appeared difficult to contest the discriminatory practices evident within mainstream sport (WELLARD, 2006, p. 85).

Ou seja, as práticas do “esporte gay” (termos dele) continuam reforçando discriminações às performances corporais e às configurações de gênero que não se adequam ao convencional.

Outra teórica que tenta pensar o *queer* e o esporte é a canadense Judy Davidson (2006), que desenvolve uma análise interessante sobre os Gay Games e o “orgulho gay” de sua realização. A partir do conceito de “melancolia de gênero”<sup>9</sup>, parte de uma pesquisa sobre a história dos Gay Games e do fundador desses jogos, Tom Waddell. A autora inicia a sua investigação no processo judicial que culminou na recusa à denominação “Olympic” para o nome dos jogos, o que ocasionou, em sua opinião, uma vergonha inicial ao “movimento esportivo homossexual”:

---

<sup>9</sup> Judith Butler traz uma discussão sobre melancolia de gênero já em **Problemas de gênero** (2003), incisivamente a partir do tópico “Freud e a melancolia de gênero”, no capítulo 2. E aprofunda alguns argumentos em **Psychic life of power** (1997).

I think the Gay Games may be read as complicated processes of melancholic incorporation, where shame and pride are important parts of a particular dynamic, which produces the fraught relationship between Olympism and the Gay Games (DAVIDSON, 2006, p. 95).

Como dentro da psicanálise a incorporação melancólica é um dos processos que advém da experiência da perda, a canadense vai buscar explicações a partir de processos psíquicos materializados social e institucionalmente, tanto na coletividade envolvida na realização dos jogos, quanto nos participantes dos eventos, para entender como o prolapado orgulho *gay* encobre, segundo sua análise, a vergonha instituída pela perda da almejada nomeação “Gay Olympic Games”<sup>10</sup>.

Ou seja, os próprios jogos por si são constituídos num processo ambivalente e tenso de legitimação e (auto)exclusão. Seria como afirmar que o “ego” dos *Gay Games* vive uma ambivalência que lhe é inerente, entre a legitimação do orgulho e a exclusão da vergonha. Na visão de Davidson (2006) a “vergonha *queer*” (se é que se pode assim designá-la) deve ser superada, transgredida por uma forma “generificada”. Careceria, então, de romper com a noção comum de esporte empregada nos Gay Games e deixar de lado a vergonha do movimento olímpico convencional — inevitável parâmetro de comparação entre as práticas esportivas — [Práticas Esportivas Queer], transgredindo aquilo que se faz e se espera daqueles jogos, ou ainda, “matando-os”, é o que pode ser a saída para uma transformação social.

Assim defende que o “sport itself must be disrupted, called into question, its disciplinary constraints must be raged against for the *Gay Games*’ psychic survival” (DAVIDSON, 2006, p. 102). O espaço, então, não deve ser apenas ocupado, como a própria manifestação esportiva deve ser questionada criticamente em prol da sobrevivência “psíquica” dos jogos LGBT. Portanto, pergunto: ocupação, sob este prisma, seria sinônimo de subversão?

---

<sup>10</sup> A autora faz menção à contenda entre o movimento “gaylímpico” de meados de 1982 e o Comitê Esportivo Norte-americano (United States Olympic Committee – USOC), que coordena as ações relativas ao olimpismo daquele país. Na batalha que se estendeu por anos, o órgão proibiu, judicialmente, o “pai dos jogos” Tom Waddell de se utilizar da expressão “Olimpíadas” [Gay Games].

A teórica esportiva canadense propõe um epitáfio aos Gay Games: “There will be huge ramifications — the event would cease to exist as it currently does. I do think, however, that if one is to queer the *Gay Games*, such a radical approach might be necessary.” (DAVIDSON, 2006, p. 102).

\*\*\*

Como as práticas esportivas LGBT celebram o esporte embebido numa atmosfera de festas (ou festejam numa situação esportiva fetichizada), gostaria de resgatar uma pesquisa antropológica que talvez apresente algumas reflexões para pensar a ocupação/subversão *queer* dos espaços esportivos em análise.

Tendo como ponto de partida a ideia de investigar os torneios universitários paulistas, Carlos Eduardo Costa (2009) desenvolveu uma etnografia acerca da sociabilidade nas práticas esportivas estudantis em tais eventos. O autor desvela uma relação intrincada entre tais jovens estudantes e as festas realizadas durante competições esportivas do grupo. Para ele, nesse sentido, as festas seriam “um fator estruturante na elaboração daqueles torneios” (COSTA, 2009, p. 23) e, por isso, tais eventos iriam além de simples encontros esportivos.

Partindo de um enfoque wacquaniano, onde o corpo é colocado como instrumento de análise (WACQUANT, 2002), o autor imerge no universo social em questão, participando como atleta e desvenda o que chamou de “práticas esportivas tradicionais” (ou seja, práticas convencionais como futebol, vôlei, basquete e salão) e as nominadas “práticas excêntricas”, que “seriam as atividades criadas pelos estudantes para esses eventos; mais do que isso, são diferentes formas de *jogar* que podem ser vistas com certa frequência” (COSTA, 2009, p. 32). Dentre essas estariam o revezamento 4 x 100 roupa (isto é, pelados), a “maratoma” (maratona de cerveja) ou a luta livre no sabão, por exemplo, que não eram oficiais, mas estavam no *line up* da organização e contavam com a simpatia e participação dos estudantes.

Aqui estabeleço um *link* com o conceito de *queering the context* discutido anteriormente. Mencionando as “práticas excêntricas”, o antropólogo afirma que há uma dimensão nos torneios universitários além da mera reprodutibilidade de esporte-competição que conhecemos, abrindo possibilidades com as “novas formas do jogar” de reelaboração simbólica acerca das *representações* do que o esporte universitário

poderia significar.<sup>11</sup> Dito de outro modo, mesmo não fazendo parte do desenvolvimento do esporte convencional, tais “manobras criativas” promoveriam uma subversão do espaço e não se submeteriam, a todo tempo, à reprodução do gesto atlético perfeito e à performance esportiva de alto nível. Esta seria uma interessante pista para o caso de se pensar no “futuro do esporte LGBT”.

Observando o ambiente das práticas esportivas *queer*, por conseguinte, talvez não se encontrem “práticas excêntricas” como as descritas por Costa (2009). O que acontece em locais esportivizados por tal grupo são gracejos, jocosidades, brincadeiras entre “sisters” (como se designam muitas vezes), *performances* de *drag queens* ou imitações em geral, **em momentos que não comprometem o movimento padrão esportivo**, isto é, nos intervalos e pausas das provas de vários dos esportes praticados ou mesmo antes e depois de um evento oficial ter ocorrido. No entanto, quando a prova esta acontecendo, é “lei” — por assim dizer — a máxima reprodução do gesto de *performance* atlética, que potencialize o movimento técnico no sentido da vitória, mesmo por parte daquele(s) que não apresentam condições de ganhar.

Independentemente se subversivos ou não, comportamentos eróticos e erotizados no esporte LGBT ganham *status* de desviantes, aberrantes e anômalos, mesmo pelo escrutínio de autores que, teoricamente, analisam tal fenômeno com “imparcialidade”. Pronger (2000, p. 241) é enfático em registrar que “*certainly, gay men meet each other in gay sports settings and pursue sexual liaisons, but this is always peripheral to the practice of the Sport itself [...]*” (grifo do autor). A mesma opinião é corroborada por Jarvis (2006). Minhas considerações a esse respeito vão em outra direção! **[Novos Modelos de Prática Esportiva]**.

No contexto das competições esportivas LGBT, em certos momentos, há uma dada apropriação do espaço para brincadeiras de gênero, que desafiam o “interdito”, a “regra social” estabelecida, como quando, nos intervalos das provas de natação ou nos meios-tempos de jogos coletivos de softbol ou floorball alguns atletas se vestem de mulher para — ou mesmo aparecem as *drag queens* — e uma música é dublada. Todos riem e, findo o *show*, focam-se no objetivo do jogo ou da competição.

---

<sup>11</sup> Clara referência ao conceito de *formas-representações* de Toledo (2000).

Além disso, é comum beijocas entre competidores de luta greco-romana, entre atletas que são substituídos no futebol, ou apesar de raras, ocorrem “performances excêntricas”, a exemplo do corredor de atletismo, vestido com um modelito vermelho-sangue de nylon, com sapatilhas amarelo-douradas e cabelos descoloridos, que decidiu gritar a cada ataque às barreiras da prova de 400 metros, nos VII Gay Games, em Chicago/2006.<sup>12</sup>

Portanto, arrisco dizer que as competições LGBT estão longe de se tornarem *queer* de fato, acatando o diferente, dando vazão a práticas corporais e esportivas marginais, transpondo os limites “duros” do rendimento esportivo. Elas reproduzem, de modo assimilacionista, o *status quo* esportivo, enquanto a prática “marginal” universitária destaca por Costa (2009) apresentaria uma veia subversora da ordem estabelecida pelo esporte-competição e seria dona de uma potencial transformação na *forma-representação* desse último.

\*\*\*

Independente das problemáticas mais gerais que circundam os eventos esportivos LGBT em análise, e voltando à afirmação sobre a constituição de um “espaço guetificado”, criado arbitrariamente com fins “identitários” e para regozijo coletivo [**Territórios Marginais, Circulação de Desejos**], quero refletir se o formato Outgames — que organiza uma Conferência de Direitos Humanos agregada ao programa esportivo — funcionaria como meio de criação de novas estratégias de construção da equidade e da visibilidade de gênero por meio do esporte?. Em que medida as nominadas “ações alternativas” são efetivas ou apenas mascaram um discurso e, de fato, a grande maioria dos sujeitos participa dos eventos Gay Games e World OutGames como se fossem indistinguíveis (bem como também seriam indistinguíveis para eles as festas, *pool-parties*, *raves* em que participam)?

A distinção que divide e coloca em campos opostos a Federação dos Gay Games (FGG) e a Associação Esportiva Internacional Gay e Lésbica (GLISA) — organizadores dos dois principais eventos globais — é construída no entorno de uma identificação dos Gay Games com o esporte de alto nível e, de outra parte, o formato Outgames com a consciência política dos direitos humanos LGBT. No desvelar de

---

<sup>12</sup> Esse último caso já foi explorado por mim em outra ocasião. Ver Camargo e Rial (2009).

discursos e práticas sociais profusas, ambos os campeonatos funcionam sob as mesmas lógicas e atraem, basicamente, o mesmo público.<sup>13</sup>

De fora, mais como observador do que como atleta, vejo um campo político de forças postulando duas máximas quase exclusivistas: políticas de direitos humanos e políticas de performances atléticas. No formato OutGames tais variações deveriam caminhar juntas, caso fosse executada a “alternativa” que tal estrutura postula ao “velho esquema” existente. A FGG, de outra parte, apesar de sua pretensa preocupação com os “destinos do esporte LGBT no mundo”<sup>14</sup>, não traz novas proposições e a repetição da forma “performance-desempenho” acontece como se fosse algo “natural”, almejado pelos sujeitos que tomam parte dos Gay Games.

Sem dúvida o esporte é o carro-chefe dos eventos anteriormente mencionados, mesmo porque sem ele, provavelmente não se conseguiria reunir tantas pessoas, de distintos continentes, num só lugar, de uma só vez. Resta indagar se o esporte oferece uma via diferencial de apreensão política da realidade pela “prática guetificada” ou mesmo se convulsiona distintas elaborações ao imiscuir-se em quadras, pistas, piscinas e tatâmes com questões de gênero e direitos humanos, como a prática esportiva das tailandesas transexuais, a difícil vida das lésbicas africanas corredoras, os atletas intersexuais muçulmanos duplamente perseguidos, ou mesmo o caso do genocídio da cultura (esportiva) aborígine na Austrália.

Algo que se pode notar na Tabela 1 (cidades-sedes e participantes) [Gay Games], o retorno das competições aos EUA é interpretado por mim como uma *política de controle* da FGG, seguindo

---

<sup>13</sup> Esta foi minha observação como antropólogo e esportista, enquanto fazia etnografia nos eventos. No caso do público, exceção pode ser feita nos casos políticas institucionais definidas. Por exemplo, os Gay Games VII, em Chicago/2006, atraíram uma esmagadora maioria de estadunidenses (mais de 60% dos 12.000 participantes), que apoiavam este modelo; por sua vez, os I World Outgames, em Montreal-2006, realizado apenas com uma semana de diferença, atraiu a maioria de canadenses e europeus ocidentais (entre os 16.000 participantes), solidários ao novo formato e a não sanção à participação de portadores do vírus da AIDS nos jogos. As razões para o grande número de atletas-participantes tanto numa versão quanto noutra estavam ligadas, igualmente, aos apoios dos americanos à FGG e dos canadenses/europeus à GLISA, entidades respectivamente organizadoras dos dois eventos.

<sup>14</sup> Guardadas as devidas diferenças de título, essa foi a intenção subjacente dos pronunciamentos discursivos dos co-presidentes masculino e feminino da FGG, em três ocasiões em que me fiz presente: na Conferência dos Direitos Humanos em Copenhague, em 2009; na Assembléia Anual da Federação Esportiva Europeia de Gays e Lésbicas (EGLSF), em Frankfurt, em março de 2011; e no Colóquio Internacional de Paris, também em 2011.

importantes considerações sobre o que me disseram informantes em campo etnográfico. Apesar da nova retórica apresentada no site e em eventos em que discursam os representantes da FGG, ela ainda se apóia fortemente no caráter de competição esportiva de alto nível.<sup>15</sup> Ou seja, o “esporte identitário” é o propulsor e motivador da realização dos Gay Games e, além disso, trazer de volta para os EUA significa reafirmar constantemente a “paternidade” sobre eles, sua territorialidade num espaço fragmentado e dividido étnico-racialmente — numa palavra: o espaço do gueto.

De dentro, mais como atleta do que como pesquisador, vejo em ambos os formatos esportivos o estabelecimento de “territórios morais” (PARK, 1979) específicos, nos quais os sujeitos exercem as vivências esportivas, e também no caso, partilham “experiência sexuais”. Não que isso não seja característico de outros eventos esportivos, como nas Olimpíadas e Paraolimpíadas, onde, por exemplo, já estive presente três vezes, exercendo a função de coordenador técnico de atletas. Fazia parte do meu *métier*, cotidianamente, controlar as tensões do grupo e evitar que as mesmas fossem transformadas em encontros de “alívio” de pulsões sexuais. Provavelmente outros especialistas já mencionaram com maior detalhamento, mas para se obter um alto rendimento esportivo há que se ter o máximo de energia concentrada, que estará “autorizada” a ser liberada no devido momento para a obtenção do máximo da performance atlética.

E é nesse tópico que vem à baila uma contradição da estrutura do esporte competitivo LGBT. Ele se alimenta do alto nível, mas não apresenta contrapartida no caso da preparação para tal. As marcas conquistadas estão, exceto em alguns casos [ver Práticas Esportivas Queer], longe do olimpismo e do paraolimpismo de rendimento. De outra parte, como já destaquei, excetuando-se uma minoria que encampa o “discurso institucionalizado” de que “aqui somos todos atletas normais”, os sujeitos querem encontrar seus/suas “iguais”, vivenciando suas sexualidades sem castrações e vigilâncias, no lugar e na hora que bem entenderem [Vestiários].

Refletindo sobre o Outgames em particular, observo que o discurso “ativista, consciente e ético” dos conferencistas nos dias anteriores ao evento esportivo, em nada muda o enfoque das

---

<sup>15</sup> Os resultados e marcas do Atletismo registrados na tabela 4 atestam, numericamente, tal afirmação [Práticas Esportivas Queer].

experiências da “massa”. Discordando de organizadores que me afirmaram que “isso pouco ou nada tem de importância”, faço uma reflexão. Os participantes “circulam” pelos espaços dos eventos esportivos, como circulam por paradas gays, cruzeiros marítimos internacionais ou megaeventos festivos (particularmente as *raves*), em todas as rotas turísticas gays do mundo [Territórios Marginais, Circulação e Desejos].

Entre um potencial “evento esportivo queer” — como se denomina o Outgames — e conferência de direitos humanos LGBT há um *gap* estabelecido. Se a ignorância da grande maioria dos “atletas” é acidental em relação aos direitos humanos que também os afeta, talvez se deva mudar a orientação das diretrizes do “evento alternativo”, para que mais sujeitos participem tanto da dimensão política (conferência política), quanto da esportiva (competição LGBT), no sentido de que haja maior engajamento pela luta dos direitos humanos, em geral, e contra a homofobia nos esportes, em particular.<sup>16</sup> Uma sociedade que se pretende livre de preconceitos, a favor dos direitos humanos e sem homofobia nos esportes (produto direto dos preconceitos) deve ser pela coexistência das discussões políticas e das práticas esportivas *queerizadas* (subvertidas). Caso contrário, continuaremos cultivando e estabelecendo contradições.

Infelizmente algo que aprendi no périplo etnográfico junto às competições LGBT e tendo ciência das instâncias políticas que as cercam é que a ocupação de espaços não garante a subversão dos mesmos, nem com as melhores paródias de gestos, falas e comportamentos hetenormativos.

### **Verbetes relacionados:**

Atletas, Circulação e Desejos, Gay Games, Novos Modelos de Prática Esportiva?, Práticas Esportivas Queer, Territórios Marginais, Saída do Armário, Vestiários, World Outgames

---

<sup>16</sup> Só para destacar este, que é um aspecto em voga. Mas poderia salientar a opressão e a violência de gênero, ou mesmo a pena de morte à homossexualidade, que dizem respeito ao cotidiano de todos/todas, independente das realidades sociais em que se encontram.



# **COLAPSOS**



## **Novos modelos (de prática esportiva?)**

Berlim, 23 de junho de 2018, 20 horas. Estádio Olímpico. Os Gay Olympic Games (GOC) serão abertos, de modo festivo, pelos primeiros políticos homossexuais alemães, o Primeiro Ministro (gay) e a Ministra de Relações Internas (lésbica). Kylie e Madonna cantam suas novas interpretações dos hits do momento: “It’s raining girls”. O beijo entre elas roda o mundo pelas imagens de TV. Uma semana de competições em 30 esportes, incontáveis instalações culturais e uma das maiores Conferência de Direitos Humanos do planeta a respeito de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e intersex. Centenas de delegados, provenientes de países nos quais a homossexualidade é condenada à prisão ou à pena de morte, podem participar livremente dos debates desta histórica reunião nos jogos, uma vez que as quotas geográficas de representação e de financiamento da União Europeia foram eficazes em trazê-los. O governo federal e os governos estaduais alemães promovem os jogos como qualquer outro campeonato mundial. Adidas, Mastercard, Coca-Cola e Lufthansa são os principais patrocinadores dos Jogos Olímpicos Gays e Lésbicos, os quais cobram uma taxa de inscrição de cerca de 90 euros para garantir ampla participação social. O Comitê Olímpico Internacional finalmente votou em 2012 o uso do nome “Jogos Olímpicos Gays” para 2018 e foi amplamente aceito por todos!<sup>1</sup> ((KEMPE, 2010, p. 11).

---

<sup>1</sup> Mantenho o texto original: “Berlin, 23 jun. 2018, 20 Uhr, Olympiastadion. Die Gay Olympic Games (GOC) werden vom ersten schwulen deutschen Bundeskanzler und der deutschen Innenministerin feierlich eröffnet. Kylie und Madonna singen ihre neue Interpretation des Weather-Girl-Hits: ‚It’s raining girls‘. Der anschließende Zungenkuss der beiden geht im Fernsehen um die Welt. Eine Woche mit Wettbewerben in 30 Sportarten, zahlreichen Kulturveranstaltungen, der weltweit größtem Menschenrechtskonferenz zu SchwulLesBiTransInter Themen steht an. Hundertte Delegierte aus Ländern, in denen für ihre

Quando em 2009, em meio à crise econômica que assolava o mundo, representantes de associações e federações esportivas se reuniam no grupo de trabalho sobre o futuro dos jogos LGBT — um dos encontros da Conferência de Direitos Humanos, que ocorria em Copenhague — o grupo de Berlim (*Team Berlin*) lançava uma iniciativa que se transformaria, anos depois, numa proposta encampada por grande parte dos segmentos políticos LGBT na área esportiva, em espectro global. A ideia era simples: mediante a crise econômico-financeira mundial, por que ter dois grandes megaeventos esportivos LGBT globais, nomeadamente, Gay Games e World Outgames? Os alemães propunham, assim, “a unificação de todos, para a otimização em tempos de crise”. Na época, uma boa sugestão.

Passada a crise, no entanto, os grupos reascenderam os debates e firmaram suas posições políticas. Em fins de 2010, percebendo o arrefecimento dos ânimos, os alemães sugeriram que ambas as entidades (FGG e GLISA) endossassem a campanha e criassem um grupo e trabalho para 2018. As candidaturas estavam abertas a todos/as que tivessem algum tipo de participação com o esporte LGBT, de ativistas a meros espectadores.<sup>2</sup>

---

Homosexualität Gefängnis oder der Tod droht, können auf diesem Weg als ‚unverdächtige‘ Konferenzteilnehmende bei diesen historischen Vereinigungsspielen mitmachen, die geografischen Quoten und die finanzielle Unterstützung von politischen Stiftungen und der EU zeigen Wirkung. Land und Bund fördern die Spiele ebenso wie andere Weltmeisterschaften. Adidas, Mastercard, Coca-Cola und die Lufthansa sind die Hauptsponsoren der schwulesbischen Olympischen Spiele, die Teilnahmegebühren mit gerade einmal 90 Euro sichern eine sozial gerechte Teilnahme. Das Internationale Olympische Komitee stimmte 2012 endlich der Verwendung des Namens, Gay Olympic Games‘ zu. 2018 sind sich alle einig“.

<sup>2</sup> Foram abertas, então, as inscrições para o *Working Group 2018* e eu me candidatei para participar dele. Porém, para preservar minha posição crítica de pesquisador decidi, em conjunto com um amigo croata também pesquisador, que só nos candidataríamos se fôssemos juntos para o grupo de trabalho. Assim, caso aceitos, garantiríamos duas vozes dissonantes na organização e, portanto, tentaríamos “de dentro” traçar diretrizes para repensar o esporte LGBT. No entanto, não passamos na primeira rodada. Ver referências: “Double, Coupled and Public Candidacy”.



Figura 14: Folder campanha Berlim.

O fragmento citado anteriormente foi publicado na revista oficial da Parada Gay de Berlim (chamada *Christophe Street Day* ou, resumidamente, CDS), amplamente divulgada durante o evento, o maior do gênero no continente europeu. O movimento político esportivo na capital alemã é bastante forte e tem peso na maior parte das decisões relativas à política europeia no tocante ao esporte e ao lazer LGBTs<sup>3</sup>.

O texto toca em pontos importantes na atual agenda política (esportiva ou não) LGBT. Relacionado aos esportes estão a polêmica sobre o nome dos jogos e a proibição do uso pelo Comitê Olímpico Americano do termo “Olimpíadas” [**Gay Games**], a problemática acerca da inclusão dos atletas transgêneros e intersex, as cotas de patrocínio de empresas mundialmente reconhecidas e a taxa de inscrição, considerada “famigerada” por parte de muitos participantes e críticos do movimento —Davidson (2002) chamou os jogos de “Pay Games”, num trocadilho que exatamente quis denunciar a cobrança abusiva de inscrição com o argumento subjacente justificando de que se trata ‘pink money’, uma oportunidade “única” para o *business* global [**Circulação e Desejos**].

Do lado mais geral dos assuntos que envolvem este segmento político estão a (ainda) polêmica acerca de “beijos gays e lésbicos” em imagens via televisão, a perseguição política relativa à homossexualidade e os casos de pena de morte — elencados por Simon e Brooks (2009) —, e a questão subliminar das quotas de recepção e aceitação da União Europeia (UE) de gays, lésbicas, bissexuais, travestis

---

<sup>3</sup> Basta citar que um dos nomes alemães fortes, atualmente trabalhando com a Federação dos Gay Games e com a GLISA é Martin Pickup, que não se pronunciou duas vezes mediante meu convite para participar como interlocutor da pesquisa de doutorado.

e transgêneros que querem imigrar e não são aceitos (quando não são, efetivamente, “rejeitados” e deportados)<sup>4</sup>.

O “sonho” de uma competição LGBT unificada, designada como “Jogos Olímpicos Gays”, internacionalmente reconhecida e televisionada, patrocinada por empresas de renome global, numa atmosfera de aceitação indiscriminada, de igualdade de gênero e de chances, parece levantar, em meu ver, a questão (“utópica” até) de refletir se há, em gestação, de novos modelos de prática esportiva?

Sem a pretensão de esgotar aqui a discussão e também descompromissado com qualquer vestígio de “bandeira” política, proponho algumas reflexões.

\*\*\*

**Eu:** E como é participar das competições queer?

**Xiang:** olha (pausa). Não é. Não são competições queer, são competições gays. Se fosse queer eu e minhas irmãs poderíamos participar. Mas é sempre a mesma coisa. A gente não tem espaço. Lá em Sydney [Gay Games de 2002] a gente teve até uma atenção. Mas depois, nada mais. Então a gente vem para os jogos fazer nosso show. E é isso. O resto é sempre a mesma coisa. [...]

**Eu:** O que você quer dizer? Vocês não participam como grupo no voleibol?

**Xiang:** Sim, participamos. Mas não é isso ao que estou me referindo. É tudo sempre gay e lésbica, gay e lésbica. A gente tem que ser gay ou lésbica. Não dá pra ser outra coisa, certo? Eu não quero ser gay ou lésbica. Sou mulher, mas sou trans

---

<sup>4</sup> Nesse sentido, o relatório de homofobia e discriminação com base na orientação sexual e de gênero dentre os estados membros da União Europeia deflagra uma situação inquietante. Como cita: “Lesbians, gay men, bisexuals, transexual and transgender persons experience discrimination, bullying and harassment across the EU. This often takes the form of demeaning statements, name calling and insults or the use of abusive language, and also, more worryingly, verbal and physical attacks. As the results of the July 2008 Eurobarometer Discrimination Survey showed, on average over half of EU citizens consider that discrimination on grounds of sexual orientation is widespread in their country” (EUROPEAN UNION AGENCY, 2009, p. 8).

[transexual]. Diria que sou mulher, mas especial, não sou gay ou lésbica, entendeu? [...] Agora preciso ir. Vamos jogar agora, *e foi saindo*.

**Eu:** Por favor, posso mais tarde falar com você e com “as jogadoras” [the players] de seu time?

**Xiang:** É pra televisão? *perguntou*.

**Eu:** Não... É para uma pesquisa sobre esporte.

**Xiang:** Ihhhh, sorry, acho que não vai ser possível<sup>♦</sup> (Conversa com Xiang, 27 jul. 2009).

O trecho destacado anteriormente foi uma rápida conversa com Xiang, uma extrovertida transexual tailandesa, a mais antiga jogadora do grupo de voleibol da Tailândia. Não chegou a me dar entrevista ou a conversar mais sistematicamente sobre alguns assuntos referentes à agenda LGBT, pois disse não estar interessada. Afinal, minha “pesquisa não era para a televisão!”<sup>5</sup>. Acompanhando, de modo assistemático, o time delas nas competições de voleibol, intui que a recusa pode ter tido um recorte de classe<sup>6</sup>.

De uma parte, atraem a atenção pelo modo feminino como se vestem e como se mantêm sempre asseadas, com unhas pintadas, cabelos compridos e usando maquiagem. O time tailandês é o que mais cuida do visual entre os times masculinos! E o que é fato: sempre estão acompanhadas de homens muito bonitos. Por outro lado, elas são adversárias duras para

---

<sup>♦</sup> Xiang pode ser seu nome verdadeiro, mas não tenho certeza, pois foi o que entendi no momento. E quando me refiro a “jogadoras”, fez sentido no português, pois no inglês é o mesmo “the players”. O time é composto por transexuais e elas se outorgam o direito de serem chamadas por nomeações femininas.

<sup>5</sup> Suponho que a referência “ao estrelato” aqui seja uma menção indireta ao filme *Damas de ferro* (2000). Como Xiang era a mais antiga do grupo, talvez tivesse participado da produção cinematográfica, visto que se sabe pelo filme que parte do elenco era composto por voleibolistas transgêneras que jogavam à época nestes tipos de competições.

<sup>6</sup> Aqui me refiro ao fato do isolamento social do grupo e da expressividade em inglês bem reduzida e problemática, o que poderia sugerir uma origem humilde. Um jogador mais velho de voleibol me contou — certo dia durante uma das partidas delas a qual assistíamos — que “as tailandesas não costumam se misturar e se divertem muito entre si” (Diário de campo, 28 jul. 2009). Uma hipótese que levantei é que talvez apesar de se exporem em quadra (com as performances mais “badaladas” dos jogos de volei), elas preferem não aparecer fora desse momento, seja por “vergonha” da condição que imaginam ocupar (a de transexuais), seja por desinteresse.

qualquer time de voleibol masculino da série A, considerada o mais alto nível de todos os grupos (ainda há os níveis B e C). “Assistir a um jogo delas é diversão garantida”, garantiu-me o canadense voleibolista Da. (Registro de campo, 29 jul. 2009).

Curioso sobre elas e acerca do “duplo sucesso” que tinham nas quadras e junto aos “gays normalizados”, aproximei-me de algumas jogadoras e acabei conhecendo a protagonista do curto diálogo de alguns minutos, reproduzido acima. Apesar de pouca interação, há elementos no discurso de Xiang que me fizeram refletir acerca dos dados de pesquisa.

Para as jogadoras tailandesas, o voleibol parece ser mais uma mistura de esporte e dança, do que propriamente performance. Os movimentos leves em quadra mostravam um *ballet* esportivo, com saques ornamentais, graciosas subidas à rede, delicados gestos no arrumar os cabelos e mesmo o cuidado com o traje sempre no lugar, independente da ação brusca executada. No entanto, o mais paradoxal é que tal expressividade conseguia revestir-se de rendimento e desempenho atléticos, visto que a campanha do time, naquele campeonato, foi vitoriosa<sup>7</sup>.

Hoje fiquei impressionado e até entendi porque os testosteronados jogadores brasileiros ficaram irritados. Por mais que fizessem, a bola não caía do outro lado. O jogo das tailandesas era plástico, estilístico, e eficiente. Um a um e elas foram ganhando os sets. Os brasileiros reagiram e conseguiram apenas prolongar o sofrimento. A vitória tailandesa era inevitável!. (Registro de campo, 28 jul. 2009).

---

<sup>7</sup> Lembrando uma discussão que postulo com Daniel Voltan (e que está em artigo sendo avaliado pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte) rendimento e desempenho são variáveis interrelacionadas, mas não interdependentes. Uma equipe pode ter desempenho favorável em partidas, mas não obter rendimento satisfatório para vencer um campeonato e ganhar uma medalha. Ou, por outro lado, pode ter rendimento o suficiente que lhe permita obter medalha, porém com desempenho atlético mediano/medíocre durante as etapas classificatórias.



Um dado fundamental trazido por ela é a questão da invisibilidade dos atletas que fogem do estereótipo dominante de gays e lésbicas “normalizados”, no cenário da competição. Há, aqui, dois aspectos importantes a serem trazidos: a) invisibilidade étnica de sujeitos “não-brancos” e b) invisibilidade de “gêneros desviantes”, se posso assim arbitrariamente classificar os corpos que não se adequam aos definidos e atléticos corpos de gays e lésbicas. Apesar de estarmos num lugar em que a diversidade de gênero deveria emergir e se fazer presente, ela é mascarada e encoberta pela hegemonia gay masculina e lésbica feminina. As variações chegam às “sissy girls” (afeminados) do lado masculino, e às “butch” ou “tomboys” (masculinizados) do lado feminino — para utilizar as classificações de Halberstam (2008). Os binarismos de gênero, infelizmente, reproduzem-se à semelhança de quaisquer outros cenários esportivos heterossexuais, ou seja, tudo é dividido em masculino e feminino, porém com certo “borrão” de fronteiras, dependendo do contexto social ou da empolgação.

Depois do campo nas competições de Copenhagen/2009, comecei a ficar mais atento a respeito da condição dos/as transgêneros/as em tais eventos. Percorria as instalações esportivas, sempre numa tentativa curiosa de “checar” se eram/estavam disponíveis, por exemplo, banheiros para transexuais e transgêneros. Nos diversos eventos em que estive e na maioria das modalidades esportivas, locais separados para transgêneros eram raros, senão inexistentes. Exceções acontecem em ginásios multiesportivos, onde pela quantidade de banheiros existentes, há alternativas a serem disponibilizadas. Para Judy Halberstam há um verdadeiro “problema dos banheiros” (e dos espaços) no tocante à temática transgênera [Vestiários]. Por isso, a autora destaca,

Por esta razón es crucial que se reconozca que el problema de los servicios es mucho más que un fallo en la maquinaria de la segregación del género: es mejor describirlo como una aplicación violenta de nuestro actual sistema de género (HALBERSTAM, 2008, p. 48).

A pesquisadora Pat Griffin (2011) disse que a inclusão dos/as atletas transgêneros/as é a próxima pauta na agenda do movimento esportivo LGBT. E destacou que tal processo deve se iniciar com a disponibilização de espaços alternativos aos convencionais,

principalmente no tocante à intimidade e ao privado. Por inúmeras razões (além das de gênero e sexuais), um indivíduo prefere estar em lugar mais reservado, tanto para suas necessidades fisiológicas, quanto para trocar suas roupas. Por isso, diz:

All locker rooms should have some accommodations for athletes who want privacy for any reason. Individual athletes might have many reasons for wanting a private area in the locker room to change clothes or shower that are unrelated to fear of sexual attention. These reasons include religious prohibitions, personal modesty, inferiority about body image, or just plain shyness (GRIFFIN, 2011, p. 23).

Não estou certo se devemos defender, mesmo nestas circunstâncias, espaços exclusivos e circunscritos. Corremos o risco de reproduzir erros do passado, como a separação de locais para brancos e para negros, como ocorreu, por exemplo, nos EUA e em outras partes do mundo ocidental. No entanto, basta andarmos por ginásios e quadras das competições internacionais para perceber o quão invisíveis são as pessoas transgêneras. E isso ocorre não por sua reduzida presença (apenas), mas sim por serem tornadas invisíveis pela massa homogeneizante gay e lésbica.

Se pós-revolução sexual a questão do banheiro apenas para “mulheres” veio à tona como problemática do feminismo, hoje veríamos a demanda de banheiros/vestiários para transgêneros como uma demanda *queer*? Para além desta questão mais pontual — e esta é uma questão que me interessa analiticamente —, seria possível pensar numa categoria “trans” similar as “masculina/feminina”, aplicada aos esportes para efeito competitivo? Como equacionar a igualdade de chances de “trans-men” (que não são homens) ou de “trans-women” (que não são mulheres) numa suposta competição esportiva que tenha a categoria “trans”? Lembrando, uma vez mais, Halberstam (2008, p. 187) destaca que “transgénero expresa una identidad de género que está definida, al menos en parte, por la transitividad [...]” e por isso que é preciso entender essas categorias (e suas derivações) como processuais e transitórias. Portanto, seria “Female-to-Male” (FTM) alguém em “transição” “mulher-para-homem” e Male-to-Female” (MTF), alguém no trânsito entre “homem-para-mulher”.

Tais ponderações aqui realizadas discutem fenômenos além-esporte e por isso mesmo são importantes de serem endereçadas; e para mostrar, efetivamente, que não é mais possível “achatar” sujeitos e subjetividades com rolos compressores homogeneizantes.

Historicamente, o envolvimento dos transgêneros e sua inclusão no programa esportivo dos Gay Games só se tornou possível na quarta edição, que ocorreu na cidade de Nova York, em 1994, EUA. Isso porque, nos anos que se seguiram ao advento destas competições, segundo Caroline Symons e Dennis Hemphill (2006, p. 113), “for early Gay Games organizers [...] sport was seen as an excellent vehicle to mainstream gay men and lesbians, that is, to ‘normalise’ them in the eyes of straight society”. E, portanto, comportamentos desviantes ou mesmo corpos dissonantes/abjetos não ajudariam a desmistificar os estereótipos negativos em relação ao estilo de vida dos homossexuais masculinos e femininos.

Xiang mencionou “Sydney” e foi exatamente nesta edição dos jogos que uma clara política de “necessidades especiais” foi estruturada. Quando, um ano mais tarde, conversava à beira da pista de atletismo com GM, 42 anos, francês, militante e corredor, que preside a Associação Internacional de Atletismo de Gays e Lésbicas (*Gay and Lesbian International Track Association*)<sup>8</sup>, compreendi melhor a questão.

Segundo me disse, em Sydney, Austrália,

[...] foi quando a política da FGG funcionou para integrar os/as transgêneros/as. Lá ouve uma grande discussão sobre eles/elas, pois foram os primeiros jogos em que eles apareceram. E até aquele momento não era discutido nada para eles/elas. Realmente os jogos australianos puseram em prática uma regulamentação que depois ficou incorporada nas ações dos GG. Agora, nós sabemos que nem sempre é assim. Tá no papel, mas [...], *riu irônico*. (Registro de campo, 03 ago. 2010).

---

<sup>8</sup> Na verdade, é uma associação apenas de provas de pista, pois o Atletismo como esporte contém provas de pista e campo. GM apenas coordena ações no mundo que dizem respeito às provas de pista.

Os Gay Games de Colônia/2010 foram sumariamente padronizados e restritivos aos formatos já conhecidos das divisões “masculina” e “feminina”. Nem no QG central do atletismo, nem nas quadras de voleibol, muito menos na mesa de resultados da natação havia qualquer referência documental aos “portadores de necessidades especiais”, fossem eles transgêneros ou deficientes, por exemplo.<sup>9</sup> Por causa disso, um grande debate político foi estabelecido nos bastidores por algumas pessoas e as Políticas de Identidade de Gênero (*Gender identity policies*)<sup>10</sup>, não ativas durante o evento, saíram “do ar” no *website* da FGG.

Em 2010, em termos regulamentares, vigorou o seguinte no tocante a tal “política inclusiva”:

The organizers of the Cologne Gay Games will offer just the right event for your taste:  
For leather guys, bears, fashion victims or just passionate party people  
For ladies, butch and **everyone in between**  
For sporty people and the cultural interested.  
For volunteers  
For people from inside and outside Cologne  
For gays and friends  
For everyone who likes good music, relaxed atmosphere and exciting people (Events, 2010, grifos meus).

No documento endereçado aos participantes, a única menção onde os transgêneros potencialmente se encaixariam era “everyone in between”, mencionado na sessão “festas”. Nada mais foi encontrado.

Consequentemente, portanto, a equipe de transgêneras da Tailândia compete na categoria masculina, apesar de serem magras, esguias, detentoras de unhas e cabelos compridos e, provavelmente, “alimentadas” por hormônios femininos (para desenvolver caracteres femininos, como mamas, supressão de pelos, curvas largas no quadril,

---

<sup>9</sup> Utilizo tal expressão de modo irônico, pois hoje no “movimento social da deficiência” se diz “pessoas com deficiências” (DINIZ, 2007). E, similarmente, no âmbito LGBT, poderia dizer “pessoas transgêneras”.

<sup>10</sup> Conforme anúncio no site da federação: “The current Gender Policy, in effect with minor modifications for Gay Games VIII, and subject to revision for Gay Games IX 2014, can be [found HERE](#)” (Gender identity policies).

etc.). Não seria o caso, então, de pensarmos numa possibilidade em que atletas de quaisquer gêneros possam competir pelos seus níveis hormonais? Ou ainda, pensarmos num sistema regulado por milimetragens de testosterona e estrógenos?

\*\*\*

Uma das constatações a que minha investigação chegou foi a de que o esporte LGBT é um importante elemento socializador e que promove aglutinação “identitária” — as compartimentadas “identidades sexuais”. As competições esportivas servem para “mostrar” ao mundo heterossexual que gays e lésbicas também fazem esporte e, inclusive, conseguem atingir rendimentos “louváveis” nesta atividade. Além disso, e ao contrário de todas as fontes consultadas bibliográficas até aqui, é no meio esportivo que a sexualidade daqueles sujeitos é aflorada e encontros sexuais acontecem — tanto quanto, ou (proporcionalmente ao tempo de duração dos torneios) em maior proporção do que em outros “espaços” sociais.

Assim, o sexo (ou a prática sexual) tomado como elemento constituinte das relações, talvez possa se tomado um componente subversivo, a fim de imaginar outro mundo esportivo possível. Explico melhor: frente ao discurso ordinário (e, de certa forma, “mitológico”) de “economia de energia” para obtenção da máxima *performance* atlética, um novo modelo de competições esportivas *queer* (que fossem desviantes, dissonantes, a-catóricas, não-LGBT) poderiam oferecer uma via alternativa, que poria, lado a lado, duas facetas aparentemente impensáveis de estarem juntas no esporte competitivo em voga, quais sejam, o sexo (enquanto prática sexual) e os desejos (enquanto práticas sociais).<sup>11</sup>

Mas haveria que assumir as práticas sexuais como parte da lógica estruturante (institucional e organizacional) dos eventos. Atualmente, no tocante às competições LGBT e no entendimento dos atletas que entrevistei, a relação *esporte-festa-sexo* é algo patente e,

---

<sup>11</sup> No caso do desejo, penso que uma das vias capitais de discussão seria a de Deleuze e Guattari, que olham para o desejo como prática social, explicitando-se sempre “em conjunto”, enquanto potência criativa, produtiva. No entanto, foge ao escopo teórico da tese tal prolongamento.

veladamente, assumida — por mais que os organizadores afirmem com convicção ilusória tal assertiva. Numa situação de se explicitar e agregar “sexo”/desejos eróticos ao mundo esportivo haveria que reconhecer, tacitamente, tal aspecto *a priori*.

Em termos de práticas sexuais, quando essas ocorrem nas Olimpíadas ou Paraolimpíadas, estão longe dos holofotes do treinamento esportivo e da supervisão e controle dos/as técnicos/as. A explicitação dos prazeres, por sua vez, é totalmente massacrada em prol do rendimento. O próprio treinamento físico se converte em parceiro/parceira afetivo/a. Seria, na atual conjuntura esportiva mundial, impensável a liberalização geral das práticas sexuais em alojamentos, quartos de hotéis, vestiários esportivos, entre atletas (presumivelmente) heterossexuais, antes ou durante o período competitivo.

Para pensar mais detalhadamente esta relação entre sexo e esporte, cito o caso do bordel Artemis, trazido por Beatriz Preciado (2008), que fora construído por ocasião da Copa do Mundo de Futebol de 2006, já comentado por mim em outro momento. Composto por uma megaestrutura com piscina, saunas e salas de cinema, detinha uma capacidade para seiscentos clientes e lugares para o atendimento simultâneo de setenta prostitutas. Incentivado pela primeira ministra Angela Merkel, o local ofereceria, inclusive, permissões de visto e oportunidades temporárias de trabalho para mulheres do Leste Europeu. A autora espanhola espanta-se não com o fato de imaginar a prostituição à margem da indústria do futebol, mas “el deporte en general y el fútbol en particular como parte de una industria farmacopornográfica planetária” (PRECIADO, 2008, p. 193).

Para Preciado, portanto, o esporte faria parte de uma maquinaria global, que colhe frutos de dois pólos interdependentes, que estão a ele ligados: o farmacológico (das indústrias farmacêuticas) e o pornográfico (da indústria do sexo e da pornografia), os quais funcionariam mais em convergência do que em oposição.

Isso tem implicações, pois não estaríamos mais sob o jugo de uma sociedade disciplinar (como destacou Foucault), nem de uma sociedade do controle (à sugestão de Deleuze e Guattari), mas sim totalmente adictos (dependentes, aderidos) em uma sociedade farmacopornográfica, na qual desde as pílulas Viagra até o gel de cabelo seriam responsáveis pela nossa (auto)captura e dependência cotidianas, sem contar os medicamentos e vitaminas, por nós consumidos cotidianamente.

Repensar o esporte LGBT a partir desse prisma de considerações parece um exercício inovador. Nos atuais moldes de uma manifestação compartimentalizada, “identitária” e “clone” do olimpismo convencional, pela argumentação de Preciado, tal esporte já estaria capturado por um controle auto-instituído.

De um lado, a utilização de hormônios (testosterona e G1, ou do crescimento) e esculptores corporais (como proteínas sintéticas, aminoácidos e afins) são amplamente utilizados por praticantes *queer*, tanto em modalidades como natação e atletismo (que engendram *performances* atléticas individuais e são mais passíveis de buscarem resultados), como em outros esportes como no *powerlifting* (levantamento de peso) e no *bodybuilding* (esculturação corporal). De outro, a sexualidade e a “sexualização” dos ambientes competitivos são componentes explícitos [**Práticas Esportivas Queer**].

O que é mais paradoxal e anacrônico de ser observado, é que ao invés de pensar o futuro das práticas esportivas a partir das práticas dos sujeitos consumidores destas substâncias — o que também poderia ser desafiante para uma estrutura maior de controle como a World Anti-Doping Agency (WADA) — cada vez mais as entidades de organização das competições (notadamente a FGG e GLISA) exercem um controle mais rígido, diretivo, implacável no sentido normatizador, implantando políticas antidopagem precisas e punições restritivas<sup>12</sup>. Por exemplo, numa apresentação na Assembléia Anual da EGLSF, em Frankfurt (março/2011), o discurso proferido pelos co-presidentes da FGG acerca de uma cobertura completa dos exames antidoping em todas as modalidades esportivas, a partir de 2012, foi amplamente ovacionado, quando poderia ter sido criticado.

Sabe-se que a arena esportiva é um dos espaços onde a segregação de gênero não apenas acontece, como é também legitimada, principalmente quando características masculinas são exaltadas para afirmar a “inferioridade” feminina<sup>13</sup>. Nesse sentido, para tentar dissolver

---

<sup>12</sup> Num discurso na Assembléia Anual da EGLSF, em Frankfurt (mar. 2011), o discurso proferido pelos co-presidentes da FGG acerca de uma cobertura completa dos exames antidoping em todas as modalidades esportivas, a partir de 2012, foi amplamente ovacionado, quando, poderia ser criticado.

<sup>13</sup> Acerca deste ponto, o debate é amplo e não pretendo resolver aqui. Mas há o discurso feminista “mais clássico” que defende que a igualdade de chances para as mulheres seria o que equipararia os gêneros, ao longo do tempo, e o discurso dos que reconhecem uma constituição biológica diferente entre “homens” e “mulheres” e que, dessa forma, há que se desenvolver “modos” distintos de expressão nos esportes, uma vez que nunca haverá equiparação.

as injustiças sociais delegadas a mulheres esportistas, particularmente futebolistas, Claudio Tamburrini e Torbjön Tännsjö (2005) propuseram a “criação” das “bioamazonas do futebol”, isto é, superatletas modificadas geneticamente para minimizar as diferenças de gênero e compartilhar benefícios no profissionalismo, tanto no futebol, quanto nos esportes em geral<sup>14</sup>. Ou seja, a formação de atletas mulheres, com tais mudanças genéticas em seus corpos, poderia competir em sistema mais equilibrado de gênero (e talvez causar a não separação de provas), no espaço esportivo. Assim,

Esta ventaja distributiva no es el único argumento en favor del proyecto de las bioamazonas. Al llegar a competir con los hombres de igual a igual, las deportivas en particular, y las mujeres en general, difícilmente sigan siendo percibidas como ‘el sexo débil’ al que hay que proteger, ofreciéndole competir en categorías separadas (es decir, segregadas sexualmente) (TAMBURRINI; TÄNNSJÖ, 2005, p. 192).

De acordo com os autores, a proposta de mutação genotípica também poderia se dar em direção oposta, por exemplo, “homens” que quisessem desenvolver rasgos “tipicamente femininos” desenvolveriam, muito provavelmente, uma maior diversidade de opções no mundo dos esportes e também na sociedade em geral.

Um projeto como este poderia nos levar a pensar numa radicalização das posturas relativas ao mundo profissional futebolístico e esportivo em geral, inclusive o “velho” esquema-clone LGBT. Indubitavelmente, isto poderia causar uma verdadeira revolução no *modus operandi* do sistema esportivo global.

Pensando num futuro em que as categorias “sexo/gênero” fossem eliminadas dos sistemas de competição tanto de esportes individuais quanto coletivos, haveria que pensar nos modos de pontuação, controle de resultados, classificação e, no limite, haveria que

---

<sup>14</sup> Vale destacar que tal proposição de experimentos não é inédita e participou das tecnologias implantadas pós-Guerra para manipulação dos corpos dos esportistas (homens e mulheres), nos antigos países da Cortina de Ferro (Leste Europeu e Repúblicas Bálticas, à época, partes do território da ex-URSS).



resignificar a ideia de competição, do modo como a conhecemos atualmente.

\*\*\*

DAEGU, Coreia do Sul, 1 Set 2011- O atleta paraolímpico Oscar Pistorius ajudou nesta quinta-feira a equipe da África do Sul a se classificar para a final do revezamento 4x400 metros do Mundial de Daegu e sonha com uma medalha. A equipe sul-africano completou a série com o tempo de 2 minutos, 59 segundos e 21 centésimos, recorde nacional e o terceiro melhor entre os finalistas, atrás apenas dos Estados Unidos e da Jamaica. (O ATLETA, 2011, p. 1)

A matéria anterior, de um grupo independente de corridas de rua, destaca Oscar Pistorius, um corredor sul-africano de provas de velocidade no atletismo que é bi-amputado de membros inferiores e usa de próteses de fibra de carbono para correr. A façanha trazida pela reportagem diz respeito à boa participação na classificação da equipe de atletas não-deficientes para o revezamento 4x400 metros, num Mundial da IAAF — a Federação de atletismo amador convencional.<sup>15</sup>

Tendo participado dos dois últimos Jogos Paraolímpicos (Atenas/2004 e Beijing/2008), o atleta pode ser considerado um “multicampeão” paraolímpico, uma vez que teve um dos melhores desempenhos nas provas mais cotadas dos 100, 200 e 400 metros rasos no atletismo, principalmente na China, onde garantiu medalhas de ouro.

Contudo, trago tal temática à tona porque, mediante os méritos que o atleta tem alcançado, a meta de Pistorius é participar das Olimpíadas de Londres, em 2012. Sua decisão de tomar parte nos Jogos Olímpicos começou os sucessos alcançados após os Jogos Paraolímpicos de 2004 e, ao experienciar vitórias em competições com atletas não-amputados em seu país, nos anos subsequentes. O sonho em participar de uma olimpíada tomou forma em 2007 e ele o explicitou, publicamente, sua vontade em participar das Olimpíadas chinesas.

---

<sup>15</sup> Apesar disso, no dia seguinte o atleta foi excluído da *line up* (listagem) dos participantes que correriam a final. O resultado foi a medalha de prata para a equipe nos 4x400 m, atrás apenas dos americanos (BBC SPORT, 2011).

Da esfera pessoal à institucional, o atleta colocou em oposição federações de esporte para deficientes e a IAAF, os comitês Olímpico e Paraolímpico Internacionais, atletas com deficiência e sem elas, e, no limite, questionou o modo como eficiência/deficiência são postadas na sociedade e encampadas pelo mundo do esporte. Na guerra de argumentos prós/contras, foi acusado de “tecnodoping” (MOORES, 2008), ou de se beneficiar de *doping* tecnológico. Não participou das Olimpíadas daquele ano, mas o sonho continuou. Após testes de alta precisão bancados pela IAAF e a contestação dos resultados por especialistas americanos, o que resta é que o atleta ainda tem uma situação indefinida quanto à participação em fóruns esportivos convencionais, seja porque uns questionam sua suposta vantagem devido à propulsão das resistentes próteses, seja porque outros clamam pela injustiça de autorizar um “homem sem pernas” a competir com demais “hábeis”.

Para além da polêmica desse caso específico, acredito haver duas questões importantes em tela de considerações: por um lado, há o atleta deficiente e sua prótese (aqui podemos pensar em deficientes em geral e as diversas formas de protetização)<sup>16</sup>, que questionam o modo como o mundo esportivo é estruturado e organizado, fazendo aparecer fissuras de uma manifestação já obsoleta e propondo, no limite, novos modelos de organização da prática esportiva, possivelmente mesclando habilidade e tecnologia. Por outro lado, e neste ponto talvez há se ser algo mais crítico, o aumento de casos como o de Pistorius — ou seja, de atletas com deficiência mais “hábeis” do que o comum — pode agravar o abismo que separa corpos “eficientes” de “deficientes”, ou em outras palavras, de corpos entendidos como “mais normais” sobre os “menos normais”, ou ainda, corpos “desejados” e corpos “desviantes”, “aberrantes”, “estranhos”.

O embate olimpismo/paraolimpismo pode acirrar a discussão no esporte acerca da “falência de modelos”? Ou, dito de outra forma, poderia o esporte paraolímpico nos fornecer uma pista de transformação do mundo esportivo a partir da potencialização de uma real equidade objetiva de chances entre deficientes e eficientes ou, numa releitura,

---

<sup>16</sup> Sem entrar em muitos detalhes, mas podemos ter para a deficiência física cadeiras de roda de corrida, cadeiras de roda de lançamentos, muletas leves e resistentes para futebolistas atrofiados; para o deficiente visual, atleta-guia vidente, os sensores auditivos, dentro outros recursos.

entre “homens”, “mulheres”, “gays”, “lésbicas”, “trans-people”, “cegos”, “cadeirantes”, “idosos”, “indígenas”, “negros”, etc.?

**Verbetes relacionados:**

Circulação e Desejos, Gay Games, Práticas Esportivas Queer, Vestiários

## Projetos de vida?

**Eu:** Mas como é o teu casamento?

**Dn:** Ah, [...], é bastante normal. Estamos juntos há mais de um ano e meio. A gente se conheceu na academia do [Trinity] College. Depois vieram os amigos em comum, os treinos juntos e já viu, né. A gente começou a namorar depois, né. Eu queria muito [...] Mas é muito minha força, entende? Eu faço tudo pelo relacionamento dar certo. Tem horas que [pausa], nem sei se vale a pena, sabe? Eu brigo, falo, nem sei se ele me escuta. Ele bebe muito. Não conhecia esse lado dos irlandeses [...]

**Eu:** e desde o início era assim?

**Dn:** assim, ó. No início tinha o lance que eu falava e ele não me entendia. Falava, falava e ele não dizia nada. Daí que um dia uma amiga disse que meu inglês era ruim. Fiquei desapontado, mas [...]. Por exemplo, eu não conhecia o verbo *make up*. Quando me falaram *make up your mind*, eu quase morri, não sabia o que era – *risos*. Quando eu ouvi isso pela primeira vez, nossa, e daí me explicaram, né. Conhecia alguns desses verbos separáveis [phrasal verbs], mas muitos não. [...] Daí que ele bebe, já me bateu, e é isso. Em fevereiro próximo vai fazer dois anos, né. Daí eu consigo meus papéis. Isso é o que importa.

**Eu:** enquanto isso, você vai aceitar tudo, então?

**Dn:** não, não é aceitar tudo! – *fala um pouco agressivo comigo*. É ter lá na frente um projeto, sabe. Eu não saí do Brasil para não dar certo – *olhou para o chão desapontado*. Eu tenho um projeto de vida e quero fazer ele dar certo. É só isso. [...]. (Entrevista com Dn, 06 nov. 2010).

O diálogo acima, ocorrido meses após ter conhecido Dn<sup>1</sup> nas competições de Colônia-2010, traz à cena uma relação homossexual

---

<sup>1</sup> Utilizo, no texto da tese, siglas distintas para identificar os sujeitos. Elas dizem respeito aos seus verdadeiros nomes. Siglas maiúsculas e duplas representam sujeitos principais da pesquisa. Sigla única, seguida de ponto ou letra minúscula, identifica apenas um interlocutor

interétnica (entre um brasileiro e um irlandês), que se iniciou por meio do esporte e se desenvolve no palco das competições LGBT. Os encontros que se desenrolam em âmbitos esportivos já são instigantes *per si*, uma vez que os sujeitos colocam desejos e fetiches em “circulação” via viagens turísticas, festas e sexo em territórios esportivos guetificados [**Circulação e Desejos, Territórios Marginais**].

Tentar analisar alguns encontros e relações afetivas neste contexto é parte de minha intenção. Dos oito casais de atletas homossexuais encontrados casualmente em campo etnográfico (ou através de rede de informantes e conhecidos de amigos e conhecidos), proponho uma análise sobre trajetórias de vida de **seis deles**, que não são os protagonistas da investigação doutoral realizada, mas se configuraram como casos interessantes a serem estudados, num desdobramento da etnografia multissituada realizada durante quatro anos. Meu interesse maior é no entrelaçamento de temas sócio-antropológicos como “identidades nacionais”, deslocamentos via migrações (legais ou ilegais), “projetos de vida” e cidadania europeia, tendo como pano de fundo as trajetórias de vida no esporte, que se entrecruzaram. Tais casos abriram novas perspectivas analíticas para entender a produção das subjetividades *queer* dentro dos espaços esportivos (pistas, quadras, piscinas e tatames) e na correlação destes com o mundo exterior<sup>2</sup>.

Os **seis casais**, assim, apresentam um elemento em comum: são compostos de homens europeus que mantêm relação com homens brasileiros<sup>3</sup>. São sujeitos que se conheceram em arenas esportivas (competições, torneios ou em clubes de prática esportiva LGBT) e que, atualmente, encontram-se juntos, namorando, casados ou ajuntados. A hipótese que gostaria de especular é em que medida a prática esportiva em tais clubes é um elemento constituinte das uniões e, como tal,

---

secundário, com o qual se travou contato, ou junto ao qual informações foram coletadas. O título deste verbete é uma categoria nativa empregada por Dn sobre seu objetivo na Europa.

<sup>2</sup> Importante salientar que, do ponto de vista analítico, é mais interessante falar em “trajetórias de vida” do que em “histórias de vida”, uma vez que há uma despreensão com a edificação linear de um processo individual relativo à imigração.

<sup>3</sup> Cabe, nesse sentido, uma observação proveniente de Brah (2006, p. 336) sobre a questão da categoria operando como “sinal contingente”. Tomando a afirmação da autora de que “culturas nas diásporas sempre têm sua própria especificidade”, quero frisar que chamo os sujeitos de “brasileiros” apenas por praticidade, pois sei que não só a conjuntura europeia modifica a percepção de si e do “ser brasileiro”, como a própria especificidade de uma “cultura brasileira” é controversa.

“potencializador” da aquisição da cidadania europeia por parte do cônjuge (no caso, brasileiro). Ou seja, os casos encontrados parecem paradigmáticos para tentar analisar que a (homos)socialização via esporte constitui-se como elemento desencadeador de permanência do imigrante em solo europeu e reforçador do “projeto de vida” — englobante da então inacessível (mas possível e desejada) cidadania europeia<sup>4</sup>.

Entre os sujeitos esportistas encontrei enlaces temporários e duradouros. Trajetórias de vida reais que chegaram a mim tanto espontaneamente, quanto por curiosidade investigativa de mapeamento de redes sociais nos bastidores do esporte amador. Casais que têm relacionamentos abertos e/ou fechados, que se permitem juntos performatarem aventuras no mundo homos(sexual) adulto ou que se controlam o tempo todo, reproduzindo a máxima característica de “controle” do casamento heterossexual. Alguns mantêm vínculos oficiais de parcerias civis ou casamentos; outros moram juntos, dividem despesas e “levam a vida”. Os casos encontrados me levaram a outros, tanto na Alemanha quanto em toda a Europa, na arquitetura de uma ampla rede social de contato entre outros casais de europeus com imigrantes (brasileiros). Dentre estes casais apresentados a seguir, meus interlocutores principais são os que vêm em primeiro lugar, tendo seus nomes ou apelidos abreviados por letra maiúscula ou maiúscula seguida de minúscula, citadas em primeiro lugar na relação. Por acesso a eles é que teria, também, aos parceiros, em caso de um aprofundamento da investigação futura.

Apesar de não terem vínculos entre si, os casais a seguir aglutinados são fruto de uniões interétnicas e vivem todos, atualmente, no continente europeu. Um dos cônjuges, em cada caso, provém de um processo migratório “natural” ou de “caráter espontâneo”, como designaria Igor José Machado (2005), isto é, são sujeitos que migraram a partir da “vontade de viver” em outro país ou de consolidar um “projeto de vida” de enriquecer (ou ter “melhores condições de vida”) no novo lugar de destino.

Visto de outro modo, são brasileiros que fizeram um percurso geográfico (e, conseqüentemente, psicológico) de um estado de “solidão” para o de “socialização” (gay ou homossexual) nas terras de destino (o continente europeu), deixando famílias, amigos e parentes

---

<sup>4</sup> Esta executada via casamento ou união civil, dependendo do país europeu em questão.

para trás em prol de ter a possibilidade de reinventar a “identidade” sexual, redefinindo-se subjetivamente.<sup>5</sup>

Apesar de terem emigrado num outro contexto econômico que não o de crise dos anos oitenta, tais sujeitos ainda reportam a “fuga” da situação de instabilidade econômica, identificada na década anterior por Sales (1992), como o motivo repulsor de muitos brasileiros. Nessa direção há o estudo de Vogler (2000) que, analisando o fluxo migratório para a Alemanha no período entre 1981-1995, concluiu que a decisão de imigrar de um país “em desenvolvimento” para uma nação industrializada pode ser interpretada como um “investimento”.

Sejam lá quais forem os motivos que advêm de fatores externos ou decisões subjetivas, eles podem ser divididos em *push* e *pull factors*, segundo Mahmood e Schömann (2009). *Push factors* (ou fatores repulsivos) são aqueles que provocam a saída do imigrante de seu país de origem, “that induce them to migrate or temporarily migrate, such as political or religious persecution, economic crises and international wars” (MAHMOOD; SCHÖMANN, 2009, p. 5). Por outro lado, *pull factors* são causas atrativas do país-destino, como boas oportunidades de emprego, segurança, estabilidade financeira, dentre outros. Entretanto, de acordo com o sociólogo Petrus Han (2000) a migração é um processo complexo, que envolve uma multiplicidade de fatores e causas, tanto repulsivos quanto atrativos, que se interrelacionam.<sup>6</sup>

A partir disso, poderia indagar, problematizando: a) como se poderia tratar tal fluxo no tocante às migrações internacionais? b) o que pode ser comum e o que é específico desses sujeitos em comparação a outros/as migrantes? c) é possível considerar a migração de homossexuais brasileiros/as como um fluxo específico, como fez Richard Parker (1999)? Como não tenho aqui a pretensão de responder tais questões, permito-me continuar com as provocações.

Uma crítica endereçada por Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) é que os clássicos estudos de migração — ao cunharem a categoria ‘migrante’ como aquele que evoca ruptura constante na busca

---

<sup>5</sup> Didier Eribon (2008) frisou que, na “questão gay”, notadamente o percurso geográfico de transferência do interior para a cidade representa para o homossexual uma “evolução” de estado (solidão para socialização) e destacou a “política da amizade” como argamassa que cria e molda redes de contatos. “Li” isso subliminarmente nas trajetórias dos atletas emigrantes.

<sup>6</sup> Encontrei um clássico estudo na literatura alemã sobre migrações internacionais que apontava que cada decisão direcionada ao movimento migratório é uma combinação dos fatores repulsivos do país de origem com os fatores atrativos do país-destino (GATZWEILER, 1975).

de novos padrões — não perceberam que há aí uma complexa relação que envolve tais sujeitos e que liga as sociedades de origem e destino. Portanto, os imigrantes que mantém múltiplas relações (sociais, econômicas, familiares, etc) além-fronteiras, trazendo interrelações entre o local e o global, poderiam ser denominados “transmigrantes”.

Assis (1999) também destacou tal aspecto de modo bastante pronunciado quando fez seu estudo sobre o fluxo dos imigrantes brasileiros de Governador Valadares (MG) para os Estados Unidos. Na lógica da rearticulação entre o global e o local, num campo social entre lugares (portanto, transnacional), ela cita:

A possibilidade de ‘estar aqui [...] estar lá’ permite ao emigrante contemporâneo atravessar fronteiras nacionais em busca de trabalho e, ao mesmo tempo, manter seus laços familiares, afetivos, econômicos e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino (ASSIS, 1999, p. 154).

Algo marcadamente importante destacado pela autora — e que me interessa sobremaneira — é que as redes de sociabilidade dos imigrantes brasileiros nos EUA ocorrem em torno das igrejas (católicas ou evangélicas), por meio das festas típicas brasileiras, mas também através de jogos de futebol, sejam eles de práticas esportivas espontâneas e/ou institucionalizadas em nível amador.

No tocante a estas últimas, ao mesmo tempo em que aparecem como coadjuvantes nos processos de encontros entre os sujeitos migrantes em território estrangeiro, elas também funcionariam como peças-chave na construção de uma relação (homo)afetiva, no exemplo de meus entrevistados brasileiros na Europa. Nesse caso em particular, importante lembrar que é através do clube ou entidade LGBT — extremamente comuns mesmo em países mais conservadores do solo europeu<sup>7</sup> — e da participação em suas práticas sociais e esportivas, que

---

<sup>7</sup> Segundo o relatório da Agência da União Europeia para Direitos Fundamentais - *European Union Agency for Fundamental Rights* (2009), os países com maiores taxas de discriminação em temas como vizinhos homossexuais, uniões/casamentos de pessoas do mesmo sexo e adoção de crianças por estes casais homos são os do Leste Europeu (Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Eslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária) e, em geral, as sociedades mediterrâneas (Portugal, Itália e Grécia, principalmente). Apesar disso, a atividade esportiva clubística



os sujeitos se identificam, se relacionam e, a partir daí, entretecem uma rede de estratégias para manter a união (civil ou jurídica). O ambiente clubístico esportivo LGBT é preferido, pois a homofobia e a discriminação ainda imperam no mundo dos esportes e a tolerância é baixa em relação a atletas abertamente gays e lésbicas, inclusive no esporte amador.

No âmbito político mais geral da União Europeia há políticas comuns em vigor no que respeita o combate a tais problemáticas, relativas à orientação sexual e à identidade de gênero. O Conselho da Assembléia Parlamentar Europeia, nos idos de 2003, encaminhou a questão da seguinte maneira: “The Assembly believes that homophobia in sport, both among participants and in their relations with spectators, should be combated on the same grounds as racism and other forms of discrimination” (COUNCIL, 2003).

Complementarmente esforços têm sido realizados por vários países no intuito de colocar em prática tal recomendação. Exemplos disso são a Alemanha com a campanha *Fußball und Homophobie* (futebol e homofobia), lançada pela *Deutscher Fußball Bund* (Confederação Alemã de Futebol) e amplamente difundida desde 2007; e a Suécia, que em anos recentes possui organizações governamentais, como o *Riksidrottsförbundet* (Federação Esportiva Nacional), e não governamentais, como a *Swedish Federation for Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Rights – RFSL* (Federação Sueca para os Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), trabalhando em cooperação para educar técnicos/as com respeito às questões LGBT.<sup>8</sup>

A apesar disso, situações reais de discriminação e violência (sexual e de gênero) têm deixado atmosferas tensas em vários países, nos mais diversos cenários esportivos, mas com grande concentração no futebol, esporte onde não só a visibilidade LGBT é sempre polêmica, como é bem pouco problematizada. Atletas LGBT, portanto, fazem do clube ou associação local uma “segunda casa” para si e para o regozijo “identitário”.

---

LGBT é presente e intensa: exemplos que podem ser citados são a Volup, na Polônia, que tem conseguido realizar sua Copa de Voleibol todos os anos, e a Sport Q, da Croácia, envolvida em 2012, na organização da Assembléia Geral Anual da Federação Esportiva Europeia de Gays e Lésbicas (EGLSF).

<sup>8</sup> Tais informações foram colhidas por mim em campo, no *workshop* “Sport and Homophobia”, na Conferência dos Direitos Humanos LGBT, de 25/jul a 02/ago de 2009, em Copenhagen, Dinamarca.

Assim, os casos trazidos à luz brotaram do trabalho e das conjecturas de campo e foram, desta forma, agregados intencionalmente por mim. Apesar de não ter a pretensão de esgotar a problemática endereçada dentro do campo teórico dos fluxos internacionais — campo onde o pesquisador que faz etnografia colhe, ainda, a “primeira das verduras”—, gostaria de causar certo questionamento no leitor, resgatando parte das trajetórias de vida e de dados pessoais dos sujeitos, de seus enlances, bem como dos processos migratórios que os envolveram.

\*\*\*

O casal Z. e P. moram em Copenhagen, Dinamarca. Conheci-os no verão de 2009, durante as competições LGBT, que se realizaram na capital dinamarquesa [World Outgames]. Z. tem 44 anos, é brasileiro, “branco”, mineiro, vive em Copenhagen há quase vinte anos. Praticante de *squash*, conheceu P. na capital dinamarquesa há cerca de dez anos. Ambos participam da associação chamada de Pan Idraet, responsável pelo desenvolvimento do esporte gay e lésbico naquela cidade.

Apesar de “ter diploma” (universitário), segundo me relatou, Z. imigrou ilegalmente, no início dos anos 1990, com vistas a conseguir “melhores condições de vida”, devido à crise que vivia a economia brasileira. Proveniente de família do interior mineiro, de classe média, Z. disse que sempre teve em mente morar na Europa. Isso veio após o término dos estudos e de alguns “anos camelando de trabalho e trabalho”, uma vez que o “emprego no Brasil mal dava para se sustentar”.

Certamente não é desprezível um dado da biografia de Z. e que tem de ser salientado: ele é originário de Governador Valadares, uma cidade mineira amplamente conhecida por ser “oficialmente” exportadora de mineiros para o exterior. Assis (1999) estudou amplamente o fenômeno e analisa o que denominou “Conexão Governador Valadares—EUA”, em sua dissertação de mestrado. Para a autora, no decorrer da década de 1980 e início dos 1990 houve um processo “naturalizante” de introjeção psíquica na população

valadarenses acerca da emigração para os Estados Unidos como uma experiência pela qual todos deveriam passar<sup>9</sup>.

P., por sua vez, é corredor de provas de rua. Dinamarquês, tipo “caucasiano”, mais velho (53 anos), pai de uma filha, ex-casado, teve seu *coming out* tardio e quando conheceu Z., logo quis morar junto. Ambos são oficialmente casados e moram em um bairro pacato e arborizado, nos arredores de Copenhague. Quando os visitei, tive não apenas o prazer de conhecer a residência e a área, como de comer uma “tradicional comida brasileira”, que Z. fez a gentileza de cozinhar para mim.

A visita ao casal Z e P foi bem excepcional para um pesquisador que tem emagrecido pelas *fast foods* que anda comendo! Hoje participei de um típico banquete à brasileira: arroz, tutu de feijão, caipirinha e até farofa de mandioca eles me prepararam. Não posso reclamar, não! Depois de vários dias fazendo entrevistas e aplicando questionários sem nem ter horário direito para comer, ter à minha frente aquela mesa era tudo o que queria. (Registro de Campo, 20 ago. 2009).

A relação que o casal tem com a “economia doméstica” é bastante desnivelada: enquanto Z. se preocupa com a comida e seu cozimento (além de sempre ficar atento à dispensa e à quantidade de alimentos nela), P. apenas a consome e se gaba de ter um parceiro que “sabe cozinhar melhor do que qualquer mulher que conheço”. Rial (2008, p. 45) identificara a apreciação da “comida brasileira” em núcleos familiares de jogadores imigrantes de futebol como um hábito corriqueiro para “mantê-los integrados com a comunidade nacional de origem”. O mesmo ocorre no apartamento de Z., onde se encontra espalhado por todas as partes algo que lembra a terra natal, dos sacos de feijão na dispensa, passando pelos potes de guardar comida com nomes em português, chegando aos bibelôs de lugares históricos espalhados por toda a casa, como do Pelourinho, das cidades-históricas de Minas e várias cidades praianas.

---

<sup>9</sup> Apesar de identificar tais expectativas em respeito à cidade, a autora reconhece que se criou um “mito da identidade valadarenses internacionalizada” (ASSIS, 1999, p. 129).

P. me convidou para correremos juntos e jantar mais uma vez, porém com o grupo de *runners* do qual participa. Z. cozinha para eles uma vez por mês. O tempo exíguo de minha passagem por Copenhague e os outros compromissos estabelecidos de pesquisa não me permitiram aceitar o convite. Enquanto o brasileiro pratica *squash* numa academia apropriada para tal modalidade e próxima de sua casa, o dinamarquês adora viajar e correr as provas de rua, o que faz, geralmente, acompanhado por companheiros da associação esportiva. Ambos viajam sempre para tal propósito e Z. se diz “feliz” em poder acompanhar “o marido” (termos seus) em tais ocasiões. Apesar de tais viagens, cada um tem sua vida sexual privada (entenda-se histórias “extra-conjugais”) e assim o relacionamento funciona “perfeitamente”, segundo me informou Z. Algo raro, se comparadas, por exemplo, às histórias que encontrei de enlances entre europeus e brasileiros ou entre europeus e latinos.<sup>10</sup>

Apesar de praticarem esportes diferentes, a vida em “comunidade” junto à associação esportiva dinamarquesa Pan Idraet é bem ativa. Segundo me reportou Z., há sempre eventos sociais que reúnem os membros, como gincanas, jogos de cartas, jantares e eles participam costumeiramente. Ele foi voluntário nos II Jogos Mundiais, ocorridos na cidade, em 2009, e, assim como P., procura se envolver com as demandas do grupo.

Mas nem sempre foi assim. Segundo relata Z.,

**Z:** quando cheguei tava bem perdido, entende? Eu não conhecia ninguém; andava para lá e para cá, descobrindo a cidade. Hoje sei que a cidade [Copenhague] não tem um roteiro gay como outras cidades grandes por aí. Mas na época, eu fui me descobrindo conforme descobria a cidade [...] *hahahaha (risos)*. Isso foi bom, sabe? Se eu chegasse e um circuito gay pesado caísse sobre minha cabeça, não sei o que teria ocorrido. Eu me

---

<sup>10</sup> Não tenho fontes para explorar mais essa assertiva, mas pelas trajetórias de vida conjugal encontradas na etnografia, relações afetivo-sexuais com brasileiros (e também com latinos) sempre são narradas como “complicadas” e o ponto de destaque sempre recai sobre as liberdades e os compromissos de um para com o outro, no que dita as “normas” conjugais. Notadamente os homens brasileiros gays que conheci são (ou foram) tachados como “galinhas”, “promíscuos” e “irresponsáveis” para com os companheiros. Obviamente isso não passa de clichês, porém o que é mais enigmático é porque há uma “retroalimentação do estereótipo” (MACHADO, 2005) no tocante a tal questão.

descobri aqui e tudo foi se ajustando no tempo certo. Logo conheci o povo do esporte e, então, minha vida mudou.

**Eu:** como assim, sua vida “melhorou”?

**Z:** Ah, você me entende, ou não? *Encarou-me nos olhos com um pedido de consentimento.* Eu encontrei num grupo gay aquilo que posso ser, de verdade. Minha família longe e ninguém para me vigiar; então pude ser gay, sabe? Puder ser eu mesmo, de verdade. (Conversa com Z., 25 jul. 2009).

“Poder ser gay” era algo que Z. não conseguiu no Brasil, onde sempre teve que viver no “armário” de sua sexualidade, segundo colocou. Seu *coming out* deu-se de forma “processual”, como prefere dizer, e ter conhecido uma associação esportiva LGBT configurou-se como a situação ideal que o ajudou a se descobrir e a passar a gostar da ideia de ficar no país. Quando me pediu um “consentimento” com o olhar, compreendi que não era a situação que eu deveria entender, mas a condição de solidão em que se encontrava enquanto “gay recém-assumido e solitário”, e que passou a não mais nela habitar. Conversando com outros sujeitos em campo, os torneios e as competições — bem como a vida rotineira de treinos de uma entidade esportiva LGBT — configuram-se como possibilidades para o agenciamento de pares e de estruturação de potenciais relações afetivo-sexuais. Tal aspecto aparecerá nos casos adiante.

\*\*\*

Você é gay e em seu tempo livre não gosta de ficar sozinho? Então venha até nós! Somos um grupo de tempo livre ativo e te acolheremos, caso você seja um cara legal, simpático e com muita disposição para, por exemplo, fazer caminhadas, passeios ciclísticos, ir ao teatro, cinema, etc. Contato para o email: rogras@xxx.de<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> No original, mensagem do grupo gay de atividades lúdicas em tempo livre, de Berlim: “Bist Du Schwul und in Deiner Freizeit nicht gerne alleine? Komm doch zu uns, wir sind eine aktive Freizeitgruppe und nehmen Dich gerne auf, wenn Du ein netter, sympathischer Kerl mit

Escrevendo para tal grupo e me candidatando a participar de suas atividades sócio-esportivas foi como conheci, despretensiosamente, S. e J., o primeiro “moreno” brasileiro e o segundo “branquelo” alemão, a “mistura perfeita”, segundo me explicou S., sarcasticamente. Ambos são jogadores fanáticos de boliche, daqueles que não trocam tal programa por nada. Eles se conheceram há mais de uma década e desde 2004 vivem juntos na capital alemã. Esbarraram-se, pela primeira vez, num campeonato recreativo de boliche e, com o contato aumentando e as reciprocidades latentes, decidiram namorar. O relacionamento é aberto e “à moda brasileira”<sup>12</sup>, segundo me conta S. Por morarem na cidade de Berlim e na qual me fazia presente durante o estágio doutoral de sanduíche (2009-2011), pude acompanhá-los com certa proximidade e frequentar suas casas, desde que os conheci no verão de 2010. Ambos têm mais de cinquenta anos e companhias são bastante bem-vindas, de acordo com o que pude perceber. Semanalmente há encontros para praticar a modalidade ou jogar cartas com os amigos do “grupo do tempo livre”, para beberem vinhos ou mesmo promovem uma pequena excursão a algum lugar pitoresco dos arredores berlinenses, o que invariavelmente envolve caminhada por “trilhas históricas” e passeios de bicicleta.

A “ideologia” do grupo é totalmente *easy going*, ou seja, pessoas entram e saem a todos os instantes e, a cada encontro, novos elementos aparecem. Não chega a ser uma entidade esportiva como a *Vorspiel*, a maior da capital alemã, mas agrega alguns seguidores<sup>13</sup>. Há semelhanças com os grupos de “terceira idade” que se proliferam no Brasil, atualmente. A média etária é bastante avançada, girando, por um cálculo bem superficial, entre 50-60 anos. Tornei-me “mascote” do grupo e passei a ser considerado “baby” — mesmo tendo quase 40 anos — devido a minha aparência juvenil e a ser, incontestavelmente, o de menor idade entre todos (o líder mais velho tem 82 anos). Isso me

---

Unternehmungssinn (z.B. für Wanderungen, Radtouren, Theater, Kino, usw.) bist. Kontakt über rogras@xxx.de” (SIEGESSÄULE, maio 2010).

<sup>12</sup> Ao contrário da definição de AV [Atletas], S. me explicou que “à moda brasileira”, para ele, é “cada um faz o que quer e todos fingem que não veem” (Diário de Campo, 18 set.2010), lembrando a máxima damattiana sobre a cordialidade (e a hipocrisia) do “homem brasileiro” (DAMATTA, 1990).

<sup>13</sup> Criada em 1986, a *Vorspiel* é uma entidade esportiva sem fins lucrativos que atualmente desenvolve 20 diferentes modalidades esportivas, em mais de 50 horários semanais e com cadastro de aproximadamente 1000 membros.

colocava num lugar interessante para perguntar sobre trajetórias de vida e relações afetivas entre os membros, numa espécie de “curiosidade de criança”, consentida e veladamente apreciada por todos.<sup>14</sup>

Aproveitando o convite a mim feito em fins de agosto de 2010, participei de um tour de bicicleta pelos arredores rurais de Berlim, próximos do extinto Campo de Concentração de Sachsenhausen. O passeio foi anunciado publicamente na revista *Siegessäule* (jul.2010), mas de novo só havia eu mesmo. Do grupo de, aproximadamente, 20 indivíduos autodenominados “gays”, S. e J. eram os únicos “casados”, sendo os demais solteiros. Nesse passeio estávamos em 12, mais precisamente.<sup>15</sup>

O relacionamento afetivo-sexual de S. e J. já passou por várias etapas, como destaca o brasileiro,

começou ‘abertasso’, depois ficou borocochô. Daí, resolvemos tentar buscar algo nós dois, entende? Foi um fiasco, pois nossos gostos não batem. Aí, veio a terceira fase [...] *risos*. Ficávamos com ciúmes um do outro e isso provocava tesão na cama [...] *risos*. Logo então chegamos na etapa de tentar fazer a três, a quatro, a cinco ou o número que fosse [...]. Convidamos uns amigos que conhecemos no LAB [bar de sexo berlinense]. Não deu certo de novo, pois nossa casa virou um puteiro [...], *gargalhou*. Hoje eu já nem sei em que fase estamos, *exclamou*. Ah, me lembrei [...] *risos*. Cada um por si e a gente vive feliz. Eu adoro os barbudinhos *bear* [peludos] dos CSD [Christopher Street Day = Parada Gay] e ele os magrelos de cabelão. Não sei o que ele viu em mim, né?. (Registro de campo, 09 jul. 2010).

---

<sup>14</sup> Apesar disso, muito do material coletado nos quase 9 meses em que estive com o “grupo do tempo livre” (entrevistas, histórias de vida, depoimentos, fotos antigas, etc) não será utilizado na tese, por dois motivos básicos: 1) não é minha intenção trabalhar aspectos geracionais – o que demandaria uma bibliografia de referência que pudesse dar conta desta problemática; e 2) as atividades recreativas de lazer e socialização eram as prioritárias para o grupo, aspecto secundário frente o esporte competitivo que se imiscui na problemática do doutorado.

<sup>15</sup> Em retribuição à gentileza do convite e lembrando-me da dádiva maussiana da retribuição (MAUSS, 2003), ao final aglutinei meus registros fotográficos e repassei em CDs para todos, sob o título “Fahrradtour/2010 – ein brasilianischen Blick” (Tour de Bicibleta/2010 – um olhar brasileiro).

Convivendo com o casal percebi que há um acordo tácito entre ambos, tanto no que diz respeito a sexo, quanto aos demais temas cotidianos (como visitas de familiares, pernoites de amigos, envolvimento nas atividades de lazer, etc.). A participação no grupo do “tempo livre” e na prática do boliche é uma atividade mais de socialização do que propriamente de rendimento. A “competição” que se estabelece entre facções do grupo nas pistas de boliche é regada à comida e muita bebida, principalmente cerveja. Nas vezes em que estivemos juntos, todas jogamos boliche, real ou virtual. Eles têm em casa um aparelho do videogame Wii (daqueles que captam os movimentos corporais reais e transferem para o ambiente do videogame) e, quando não estão num local de prática dessa modalidade, ficam horas jogando, bebendo e comendo em casa.

O “contrato velado” entre eles, ao qual me referi anteriormente, é (e foi) também estratégico na possibilidade de permanência de S. na Europa. Sem emprego, casa ou perspectiva de salário para se manter, o único jeito foi o contrato civil que atestava que ambos viviam em situação de estabilidade matrimonial. O alemão “se responsabilizou” por S. em dado momento e, independente do que acontecesse, garantiu a permanência do brasileiro. Por mais que aconteçam brigas e discussões, percebi que S. mantém uma grande consideração pelo que o companheiro lhe fez.

O brasileiro é bem impulsivo e se considera liberto de regras e ditames sociais. Nos discursos diz que ama o alemão, faz tudo por ele, mas acaba arrumando desculpas para não visitar a família alemã do outro ou mesmo dribla compromissos sociais de amizade (quando não se tratam das dele), criando alguma história de dor ou indisposição. Pude ter ciência de algumas das “desculpas”, ao vivo ou por telefone, quando era procurado por ele para “desabafar”.

Em conversa, certa vez, me afirmou que tinha um sonho desde pequeno em morar na Alemanha. E que quando volta para o Brasil e visita sua família no interior do Pará, sente-se orgulhoso de si. Esse “sentimento de orgulho” foi algo que percebi nos discursos e posicionamentos dos brasileiros esportistas (agora europeus), que “deram certo”, em suas palavras. Importante destacar que tal movimento não é específico desses imigrantes homossexuais, mas faz parte de uma “cultura migratória” que, de acordo com Feldman-Bianco (1992), denota mobilidade social no país de destino e proeminência para os conterrâneos.



Eu e S. nos tornamos bastante cúmplices a ponto dele me mostrar parte do “circuito berlinense gay”. S. conhece o que chama de “melhores pontos”. Foi ele quem me introduziu nas festas temáticas do Lab.Oratory, um dos bares gays da cidade, onde acontecem encontros festivos, em que “homens fazem sexo com homens” (BRAZ, 2007a), num ambiente de fantasias fetichistas [Rituais Festivos].

\*\*\*

Dos encontros sociais e esportivos oriundos da oitava edição olímpica dos jogos gays, em Colônia/2010, conheci outro casal: Dn e C. Brasileiro, 33 anos, paulista do interior do Estado, Dn<sup>16</sup> emigrou em 2005 e foi para Dublin estudar inglês. Ele participaria das estatísticas de Axel Dreher e Panu Poutvaara (2005), que identificaram os fluxos migratórios internacionais de estudantes de países “em desenvolvimento” para os “desenvolvidos” e seus principais impactos no mercado de trabalho.

O brasileiro tem título universitário e, ao chegar, encontrou um emprego numa academia de esportes, no Trinity College. Ganhando bem, decidiu ficar no país e “investir na espera de realização de seu ‘projeto de vida’<sup>17</sup>. Em meio aos frequentadores da academia, conheceu C., meio irlandês e meio inglês, 38 anos, praticante de *rugby*, críquete e uma série de “esportes masculinizantes”, segundo Dn. A masculinidade e o capital masculino (ANDERSON, 2005), inclusive, são características que ele admira e vangloria no parceiro.

Ambos participam do Trinity LGBT, um departamento do Trinity College responsável por desenvolver a prática esportiva de gays, lésbicas, transgêneros e outros/as. De acordo com o que me contou C., tal departamento existe desde 1982 e foi por incentivo dele, inclusive,

---

<sup>16</sup> Dn é protagonista da entrevista, que se estabeleceu comigo e cujo trecho está reproduzido no início deste subitem.

<sup>17</sup> O termo utilizado por mim neste subtópico é em referência a sua fala. Resumidamente, segundo me disse, o projeto de vida englobava “ganhar dinheiro o suficiente para dar boas condições de vida aos pais no Brasil, comprar uma casa para quando se aposentasse e virar europeu”. Coincidentemente encontrei Dn em dezembro de 2011, no período em que visitava a família, e pude ouvir dele que o tal “projeto” estava concretizado: recém tinha comprado uma casa para os pais no Brasil, mobiliou-a “adequadamente” (segundo seu gosto estético) e veio para comemorar sua cidadania europeia, conquistada após comprovado o tempo de vida com o companheiro irlandês.

que outros grupos se formaram, como o Dublin Devils Gay Football Club, grupo institucionalizado de prática do futebol na cidade.

Quando nos conhecemos na competição de Colônia, ainda faltavam cerca de oito meses para o reconhecimento do tempo de união estável entre ambos. Dn precisava ter um mínimo de dois anos de namoro e residência com C. para conseguir sua cidadania europeia. Em fevereiro de 2011, assim, recebi a notícia (via Facebook) de que eles haviam registrado, finalmente, a união e que agora Dn estava “plenamente feliz” com a perspectiva de morar na Europa e de não mais “depender de talvez voltar ao Brasil”, em suas palavras.

Nos GG/2010 Dn era apenas um espectador, pois foi acompanhando o parceiro, que jogou futebol americano, uma vez que o evento de *rugby* foi cancelado pela organização por falta de inscrições suficientes. Nosso contato foi bastante profícuo durante a semana, pois eles, assim como eu, ou estávamos nas áreas dos campos de futebol (no entorno do *Rheinenergie Stadium*), ou perambulávamos por entre as modalidades esportivas do complexo esportivo. Então sempre nos encontrávamos e tomávamos algo, conversando sobre eles, sobre os jogos ou, às vezes também, discutindo algum tópico da pesquisa que eu inseria na conversa. Desse vínculo, Dn tornou-se um curioso em potencial sobre minha investigação, mantendo-se sempre em contato para “saber das últimas descobertas” e se prontificando em me ajudar, no que fosse necessário. Inclusive, visitou-me em Berlim em novembro de 2010, quando o companheiro estava na Austrália, jogando *rugby* com sua equipe. Dn é uma daquelas pessoas que se pode ouvir inúmeras vezes sem se cansar. Em todos os nossos encontros, eu mais ouvia do que falava e quando falava, eram curtas intervenções.

Eu não tenho jeito com esportes, já digo já (risos). Eu vou lá [no College], jogo dama, às vezes xadrez, espero eles combinarem as atividades do mês ou algo especial, e logo retornamos. Gosto de ver C. fazendo esportes, jogando *rugby*. Acho violento; tenho medo. Mas me excita também. Ele sabe que viria te visitar aqui em Berlim e ele ficou louco, pois queria ir comigo numa edição da festa dos atletas no Lab.oratory. Queremos ir algum dia. Você conhece esse bar, né? [...] Mas a associação é uma segunda casa pra mim. Foi lá que fiz amigos e é lá que eu busco ajuda, quando

preciso. [...] Sempre quando queremos fazer algo para os ‘meninos’ [outros atletas], chamamos todos lá em casa e eu cozinho. Tenho maior prazer em fazer isso. (Entrevista com Dn, 06 nov. 2010).

Dois aspectos podem ser salientados da fala de Dn de nossa principal entrevista. O primeiro deles é o da naturalização de “papel feminino”, de “matriarca cuidadora”, que ele encampa. Ouvi histórias de apoios e conselhos que ele oferece, quando algum membro do clube esportivo necessita de um conselho, ajuda ou algo parecido. Sua postura “passiva” e “submissa” também é não apenas mostrada em público, como exigida pelo parceiro, em momentos íntimos, segundo me relatou. Numa conversa em triangulação em que estava, C. se manifestou primeiro e impôs que os demais o escutassem, não oferecendo, porém, escuta quando outros falavam e, menos ainda, quando Dn se expressava. O segundo ponto importante é o que diz respeito ao fetiche ligado às vestes e aos acessórios esportivos, algo muito comum encontrado nos praticantes do esporte LGBT. Vi C. desfilando com uniformes e roupas esportivas e com Dn sempre a tiracolo, admirando-o. A questão do fetiche em relação aos vestiários e às roupas esportivas é bastante comum meio às competições LGBT [**Rituais Festivos**].

\*\*\*

Hey, você que é o pesquisador que está aqui vendo os jogos gays? Me falaram de você. Se quiser, posso conversar contigo; eu e meu namorado estamos participando deste evento, mas só eu estou competindo. Se precisar, estamos ali, ó, *disse-me um brasileiro desconhecido, apontando um lugar na arquibancada* [...]. (Registro de campo, 27 jul. 2009).

No mais inusitado dos encontros antropológicos em campo, fui abordado no meio de uma filmagem que fazia, do jogo de voleibol entre Brasil e Tailândia, pela série A, do mundial LGBT de 2009 [**Novos Modelos de Prática Esportiva**]. Eu estava com a câmera na mão, andando pelos arredores da quadra, fascinado pela *show* performático das tailandesas que ganhavam dos brasileiros por placar estendido,

atordoado pelo som ensurdecido da plateia que ia ao delírio a cada saque ou bloqueio tailandês, quando AV chamou minha atenção.

Terminado o jogo, sentei-me espontaneamente na arquibancada para conversar com ele e com o namorado. AV é ginasta e conheceu PL quando imigrou para a Suíça, em meados dos anos 2000. Vindo de uma família de classe média, de Niterói, tem ascendentes originários dos primeiros suíços que chegaram a Petrópolis ainda no século XIX e também misturas com baianos, negros africanos e espanhóis. “Mulato”, na casa dos trinta anos, vive há quase dez em solo europeu.

Ao que parece o relacionamento de ambos é bastante sólido e fechado, e PL é visivelmente ciumento, mesmo em público. Enquanto conversávamos nas arquibancadas do *Valby Sportsanlage*, ginásio onde ocorriam os jogos de vôlei, PL mantinha AV entre seus braços, quase o asfixiando. Só não respondia as perguntas que eu fazia para o namorado, pois ainda engatinhava na língua portuguesa. De tempos em tempos, eu esperava AV traduzir, resumidamente, o que estávamos falando, a fim de que não deixássemos o suíço de “fora do assunto”. (Registro de campo, 28 jul. 2009).

Formado em Educação Física e dono de um corpo “adequado” às demandas de um esporte como a aeróbica (abdome delimitado, pernas fortes e grossas, flexibilidade máxima e estatura mediana), o brasileiro não viu muitas perspectivas ao se formar, nem na profissão, nem na continuidade das competições em que participava. Órfão de mãe e único filho resolveu ir para a Europa e “lá trabalhar”. Mais um caso de mão de obra estudante, qualificada e recém-formada, partícipe dos fluxos migratórios internacionais (DREHER; POUTVAARA, 2005).

Frente à minha pergunta “por que a Suíça?”, disse-me apenas que não sabia. Sempre quis conhecer os Alpes, sabia um pouco de alemão devido ao avô paterno e simplesmente foi. Ambos se conheceram num momento de extrema crise financeira e psicológica de AV, e PL, mais velho e com mais experiência de vida, ajudou-o a se ajeitar, dando-lhe suporte emocional e material. Ambos fazem parte da associação esportiva de gays e lésbicas de Berna (*Gay and Lesbian Sport Berne* – GLSBe). Em termos esportivos, AV leva a aeróbica bem

a sério e sempre se manifesta agressivamente quando há tentativas de “feminizar” seu esporte. Ele participou das categorias individual e em grupo, na Dinamarca. Como resultado, sua equipe obteve a melhor classificação em grupo e ficaram com a medalha de prata<sup>18</sup>.

PL, suíço, “caucasiano”, estatura mediana, 42 anos, nunca esteve no Brasil e conhece pouco da “cultura nacional”. Talvez tenha ciúme do parceiro por não conseguir entendê-lo, ou compreender porque AV consegue ser tão desinibido com estranhos, como o fora comigo. Nas situações em que conversamos, o diálogo ficava truncado e PL não ia além de repetir suas origens, o que fazia de profissão e me explicar o que o atraía nas lutas marciais. Do casal, meu maior contato continuou sendo o brasileiro, que inclusive faz parte de meus “amigos virtuais” na rede Facebook.

\*\*\*

Amassado e molhado entre outros tantos papéis jogados pelas ruas e praças de Colônia, um deles me chamou atenção:

---

<sup>18</sup> Na colocação geral da Aeróbica *Rainbow Crew*, da França, ficou em primeiro, seguido do grupo de AV (*Swiss Gayrobic*) em segundo e H. O. T. Helsinki, da Finlândia, conquistou o bronze. Apesar destes resultados fazerem parte de minhas anotações de campo, as pontuações se encontram no site do [World Outgames/2009](http://WorldOutgames/2009).



Figura 15: Folder festa futebol

O “Praia Colônia” — como era chamado por todos/as — era um local de lazer esportivo com quadras e campos, e foi palco de uma das festas mais populosas da oitava edição dos Gay Games: a do futebol de campo. Não exatamente estava “inscrita” em meu *script* investigativo, porém decidi conferir tal ocasião; afinal nenhuma das outras 32 modalidades fazia sua “festa particular”, e entender porque o futebol lançara-se nesse intuito também podia fazer parte de minhas análises.

Com muita “cerveja e mulheres” — reprodução da máxima heterossexual (WERNNER; JACKSON, 2009) —, a festa ocorreu na parte detrás dos campos oficiais de futebol, num local gramado e com tendas armadas, reservado aos e às praticantes, e, por mais anacrônico que fosse para a realidade europeia, ofertando churrasco de carne bovina (em abundância), fato que não ficou devendo em nada para qualquer celebração do mesmo tipo, no Brasil ou na Argentina, países no mundo em que tal ritual alimentício é apreciado. Assim como em outra ocasião desmistifiquei que gays não gostavam de futebol (CAMARGO; RIAL;

VAZ, 2010), o festejo no “Praia” não reunia apenas lésbicas, mas também mulheres heterossexuais, externas à competição, que “visitavam” o local perscrutando por homens heterossexuais — e de preferência, futebolistas. É o universo do futebol mexendo com a libido coletiva!

Em dado momento, com uma bandeira brasileira nas costas, vagando por entre as pessoas, encontrei Di, que se passava, segundo me contou, pelo mascote do time da Holanda de futebol, o conhecido Pan Fodbold Denmark. Tímido, mas bem humorado, pela metade de seus 20 anos, solteiro e recém-emigrado ao continente europeu, Di participou dos GG/2010 para “dar força ao namorado”, que joga futebol no clube há alguns anos. Eles estavam próximos, quando os abordei. Foi começarmos a conversar em português e o holandês sentiu-se incomodado e visivelmente aborrecido com aquilo. Segundo Di, “ele é ciumento e não suporta me dividir com outras pessoas”.

Com um relacionamento ainda incipiente, acordaram que estaria “fechado” até que os dois conversassem a respeito. Isso implica na “parceria exclusiva” de Di com o holandês, sem possíveis “aventuras” além-relação. R. não assume querer abri-lo, tampouco quer dividir Di sexualmente com outras pessoas. Di se submete e concorda, pois afinal, moram juntos no apartamento do holandês e, atualmente, dividem as despesas domésticas. O brasileiro me disse que no início foi R. quem propôs a união e Di ficou inseguro, pois não achava que não tinha renda suficiente para o padrão de vida do outro.

Di é “mulato”, mineiro, estatura média-alta, esguio e “de bem com a vida”, segundo sempre afirma. Nem nos conhecíamos e já parecíamos amigos próximos, dado a intimidade com que partilhávamos opiniões sobre as “peladas” que aconteciam naquela tarde, e mesmo sobre nossas vidas. Quando chegou à Holanda em 2009, Di quis “interagir”, conhecendo outras pessoas. Foi então que procurou a Pan Fodbold e começou a jogar futebol. Disse que “não é muito lá essas coisas” no esporte e que desde cedo quis praticá-lo para mostrar ao pai que não só o irmão mais velho era “bom jogador”. Contudo, Di “fracassou” — palavras dele — pois o irmão se tornou jogador com o apoio e a apreciação do pai e ele, por sua vez, ficou “correndo atrás” do que chamou “carreira futebolística bem sucedida” do então irmão-jogador.

Lá em casa tudo era assim, né. Era tudo para ele, né. Não sei você, mas eu tinha sempre que dividir a atenção dos meus pais com meus irmãos. Hoje eu dou risada, mas quando era menor não gostava disso, não. Sempre tudo era para ele e a gente se coçava para dar as coisa[s] pra ele. Ninguém pensava em mim, nem minha mãe que se identificava mais comigo, né, por ser gay e tudo, sabe? Mas assim, ó, era tudo ele. Até nos presente[s] de natal. A gente via o que ele precisava. Daí o resto ia ficando pra nós. Isso me encheu e faz pouco, disse: ‘ah, quer sabê, mãe, vou embora. Vou arrumar minha mala e caí[r] na estrada’. Ué, meu pai sempre disse, não tá bom, vai se coçar [...]. (Conversa com Di, 04 ago. 2010).

Pelo que percebi da história de vida de Di, muito se repete do que Rial (2008) identificou na trajetória dos potenciais jogadores mirins de futebol e que se tornam projeto da família: quando essa é pobre e tem dois filhos homens, apenas um deles recebe o que pode para se tornar uma “estrela do futebol”— geralmente o caçula —, com a sobrecarga para o resto dos membros (inclusive para outros filhos), visto que os recursos e esforços não são suficientes para todos sejam bem-sucedidos. Ele não era efetivamente o caçula dos filhos e filhas, mas a explicação se aplica ao meio familiar em que vivia.

Nas competições LGBT, Di não estava jogando, pois me relatou que, por ser novato no time e “terem mais pessoas do que vagas”, ele se excluiu da prática nos GG/2010. Sob protestos de R. e de alguns amigos, que consideram o brasileiro melhor do que muitos holandeses, escalados pelo Pan Fodbold para jogar. Sobre isso, ponderou:

**Di:** olha eu não quis jogar porque tô muito pouco tempo no clube, né. Eu cheguei recente, não tem porque querer já jogar e tals. Tem o lance dos outros, né. Eu não vou roubar vaga deles, pois cheguei agora [...].

**Eu:** mas o R. mencionou que você é melhor do que os outros?

**Di:** ah (*tímido*), ele exagera. Ele gosta muito de mim e fala essas coisas. Eu não jogo melhor que



eles. Eu jogo como os brasileiros, que acho é um pouco diferente dos europeus, né. Eles são duros [para jogar]. *Risos*. (Registro de campo, 03 ago. 2010).

Di alude a um “estilo de jogo”, a uma forma ou padrão de jogar supostamente característica dos brasileiros que, num plano simbólico, atingiria as representações do jogar. Aqui retomo Luiz Henrique de Toledo (2000), quando chama atenção para as dimensões simbólicas do futebol brasileiro envolvendo torcedores, especialistas e profissionais desse esporte. O autor fala em “formas” (configurações que alocam os jogadores no espaço) e suas interrelações com suas “representações” (ajustamentos no plano simbólico de tais formas ou padrões codificados). Portanto, “a expressão *formas-representações* discrimina aquilo que no nível do modelo nativo são concebidos muitas vezes como sinônimos no discurso dos agentes (TOLEDO, 2000, p. 164).

Então, e ao contrário do que se supõe que o “jogar à brasileira” seja um estilo inato e inconfundível, há que se atentar para possíveis fissuras e instabilidades deste modelo, supondo linhas de tensão entre agentes, estilos pessoais, inferências simbólicas e localismos/regionalismos.

Enquanto conversávamos inebriados numa auto-identificação despropositada (e, por isso mesmo inexplicável), R. nos rondava bebendo mais e mais cerveja, ficando, visivelmente, alcoolizado. Típico tipo “caucasiano”, esguio, louro e de olhos azuis da planície dos Países Baixos, também na casa dos vinte anos, ele desenvolvida um misto de ciúme e raiva, o que me fazia, instintivamente, sentir um “cheiro” de problema no ar.

Das rondas ao nosso redor passou a beijar a nuca de Di a cada golada. Falávamos português incessantemente e por R. não se interessar pela conversa, não traduzíamos, portanto. Apenas continuávamos, mudando de assunto em assunto, numa vibração boa, bastante comum com bons informantes. Logo veio a cena de ciúme que premeditava, e na qual o holandês já embriagado, abraçava o brasileiro e simulava gestos de sexo entre eles, ali em meio ao público circulante, num misto de chacota e estímulo entre os amigos e

conhecidos, encenando risos debochados. Com a passividade do brasileiro e meu visível constrangimento, retirei-me de cena. (Registro de campo, 04 ago. 2010).

Claro que pela situação de embriaguez e de diversão, poucas pessoas ou ninguém se apercebia do que acontecia de fato, mas decidi me despedir de Di. e, literalmente, “sair de cena”, pois percebi que minha figura causava um tipo de transtorno no holandês e deixava todos tensos. Quando ofereci meu cartão para um possível contato futuro, R. olhou desconfiado e perguntou para Di. sobre o que se tratava. Ele explicou que era apenas contato e R. franziu a testa, esboçando uma discussão com o companheiro e rasgando bruscamente o cartão. Nesse momento me despedi rapidamente e segui, pois já era insustentável a situação. Pena que, findo os jogos e já de volta à rotina de minhas atividades acadêmicas em Berlim, nunca então recebi qualquer notícia do futebolista brasileiro da Holanda.

\*\*\*

E. é brasileiro e o conheci também por meio da rede de relações sociais estabelecidas nos jogos de Colônia/2010 [**Gay Games**]. Ele emigrou para a França em 2006 com o propósito de fazer um curso de línguas, o qual concluiu em poucos meses. Como já sabia francês, logo arrumou um emprego e decidiu lá permanecer. Conheceu seu parceiro A. junto à federação esportiva de gays e lésbicas (*Fédération Sportive Gaie et Lsbienne* – FSGL), em Paris. A. é nadador e E. estava nos jogos acompanhando o namorado. Apesar de praticar esportes — disse-me que suas modalidades favoritas são boliche e futebol de salão — “não se animou” para competir nessa versão olímpica gay, primeiro pelo fato de não ser disponibilizado o futebol de salão dentre os esportes e, segundo, por não gostar de jogar boliche sem um grupo fechado de outros amigos. Estava mais a fim de “curtir o verão na capital gay da Europa [Colônia] e acompanhar o maridão”, palavras suas. E. é “branco”, filho de pais classe-média, 34 anos e o mais novo dos três irmãos homens, que, segundo me contou, “estão todos casados e são pais de lindas crianças”.

À semelhança de vários casos de brasileiros que encontrei, o *coming out* de E. para a vida gay foi fora do país, pois se os pais ou os irmãos suspeitassem de sua homossexualidade, “seria bastante

complicada a situação”, na pequena cidade de Araxá (MG), onde morava, “ou todos são homens desde criança ou são homens, não há escolha”. Hoje ele não pensa em voltar. À minha pergunta: “mas você não sente saudades do Brasil ou de sua família?”, ele responde prontamente, “sinto, só que o que a França me deu, lá não vou conseguir”, Apesar de o relacionamento de ambos ainda ser prematuro, E. fala com convicção sobre o “ficar lá”. Conheceram-se no início de 2010, numa confraternização interna da FSGL e, desde então, estão juntos.

A. é um tipo “homenzarão”, grande e de costas largas, cabelos e pelos corporais já brancos. Mais velho, mantém-se muito calado. Não consegui transpor a barreira de conversar com ele, visto que não é um tipo muito amigável — pelo menos no contato superficial que estabelecemos.

**Eu:** Você estava me contando sobre a FSGL: como é participar das atividades?

**E.:** Olha, eu gosto muito, viu. Me sinto ‘enturmado’. Se a gente tivesse isso no Brasil, já pensou? – *exclamou via um gesto de sobranceiras*. Jantares, viagens, festivais, karaokês sempre estão lotados. A gente sempre [es]tá junto. O clima é muito bom. É de respeito, de apoio e é divertido. Para mim a associação [francesa] é minha casa. Você acha que quero voltar pro Brasil? Quero não!. (Conversa com E, 27 jul. 2010).

O que E. menciona com regozijo é o ambiente clubístico, onde gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros/travestis se juntam para práticas esportivas direcionadas (tanto recreativas, quanto competitivas), muito comum em clubes locais e mesmo na federação nacional francesa. Isso no Brasil ainda é bastante incipiente e algumas associações isoladas ou mesmo alguns clubes de voleibol independentes desenvolvem tais atividades. Para alcançar o nível de atividades e de comprometimento LGBT com a esfera esportiva similar ao que se passa na França, por exemplo, ainda seria necessário mobilizar mais pessoas e instituições.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Já relatei em outro momento, mas há o Comitê Desportivo Gay (CDG) que busca, desde 2008, desenvolver e agregar ações voltadas à prática esportiva da população gay, lésbica,

Apesar ter conversado mais sistematicamente com eles em julho-agosto de 2010, consegui manter apenas contatos esporádicos com E. A distância territorial impede-me de tratar de alguns assuntos mais particulares e íntimos, como no que concerne à relação e ao andamento do namoro, bem como a situação de sua permanência na França. Ainda estão juntos e mantêm, conforme foi o pacto inicial, um relacionamento “fechado”, que não permite aventuras sexuais para fora do casamento. Meu contato com este casal foi mais superficial do que com os outros casais que conheci em campo. Ao passo que tive grande identificação com alguns, o mesmo não aconteceu com E. & A.

Se pensar em termos de “projeto de vida” — relembrando expressão mencionada anteriormente — E. na França talvez esteja mais distante de concretizá-lo do que outros brasileiros que conheci, uma vez que mesmo tendo o visto de trabalho, não sabe ao certo que direção tomará futuramente. A cidadania europeia dificilmente virá pelo PACS (*Pacte Civil de Solidarité*) francês, mesmo após o tempo regulamentar definido de convívio marital.<sup>20</sup>

\*\*\*

Dos seis casos de brasileiros emigrantes, três deles eram mineiros, o que aponta, coincidentemente, o estado de Minas Gerais como o pioneiro da remessa de brasileiros para fora do território nacional.<sup>21</sup>

De acordo com Igor Machado (2005, p. 191), no “moderno fenômeno de migrações internacionais, as pessoas são tratadas como

---

bissexual e transgênera em território nacional. Além desta iniciativa nacional, há clubes e entidades locais em Curitiba, Juiz de Fora, Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre, pelo menos é o que se veicula extra-oficialmente.

<sup>20</sup> Apesar de a existência do PACS ter contribuído com a luta antidiscriminação e por direitos aos gays e lésbicas, ele sofre inúmeras críticas, por não conferir mesmos reconhecimentos perante processos imigratórios, por não permitir adoção de crianças e por não reconhecer o período de três anos de convivência mútua para a declaração conjunta de impostos. Esta informação foi retirada de Jöelle Godard (2007) e eu já a havia feito em trabalho anteriormente publicado (CAMARGO, 2011b).

<sup>21</sup> Tal aspecto já fora apontado em algumas pesquisas, como MACHADO (2005); PARKER (1999), ASSIS (1999). Além disso, Machado traz, para o caso específico de Portugal, uma constatação retirada de um *survey* feito pela Casa do Brasil em Portugal, que “indicou que a maioria dos brasileiros em Lisboa é composta por mineiros, pois, isoladamente, o Estado de Minas Gerais detém 31% dos ‘novos’ emigrantes brasileiros em Lisboa” (MACHADO, 2005, p. 202)

coisas” e isso possibilita considerá-las objetivamente como cifras, problemas e menos como indivíduos detentores de direitos e, eu diria para o caso dos atletas em questão, aspirantes à cidadania (europeia). É por esse viés de análise que o autor supracitado trata do tráfico internacional de pessoas e do que chama “profissionalização da emigração” brasileira.

Claro que os casos por mim anteriormente elencados não foram alvos do tráfico internacional de pessoas, nem podem ser considerados representativos de uma ou outra tendência migratória que marcou os últimos anos do século XX, ou de qualquer outra que caracterize o momento atual. Por mais que Richard Parker (1999) tenha desenvolvido um esforço reflexivo sobre o que nominou “migração de homossexuais brasileiros”, é difícil caracterizar um fluxo específico como este. Mesmo na migração sexual (de trabalhadoras/es sexuais brasileiras/os para países europeus), o próprio autor destaca que, muitas vezes, em primeiro lugar está a questão econômica. A orientação sexual ou o exercício da sexualidade repousam, indubitavelmente, nos últimos pontos da agenda migratória.

Apesar de tais sujeitos apresentarem mesmas características migratórias de que outros/as brasileiros/as, a partir do momento em que estão na Europa, arrisco dizer que a descoberta de um clube LGBT e o início de uma prática esportiva “identitária” acabam sendo uma estratégia de criação de vínculos e, a partir desses, os relacionamentos constituídos acabam trazendo no bojo a cidadania europeia como horizonte almejado, numa espécie de sinônimo de estabilidade e de transformação de *status* social.

Nos seis casos analisados, em quatro deles os brasileiros já têm a referida cidadania, conquistada via pacto civil e/ou casamento. Nos outros não está claro qual é o “projeto de vida” individual e nem a intenção quanto ao processo migratório — são os casos dos mineiros Di e E. É patente reconhecer que a prática esportiva funcionou como elemento coesivo e facilitador dos encontros e continuidades homoafetivas. Resta analisar mais aprofundadamente as trajetórias de vida relativas ao esporte para entender sua relação com a ascensão sócio-política do imigrante e o projeto político que poderia estar por trás dela.

Até então os contatos estabelecidos entre mim e os casais foram relações bastante simétricas, desde o cumprimento das cordialidades convencionais de pessoas que se encontram por primeiras vezes,

chegando a contatos fraternais (e quase “familiares”), que desenvolvi com alguns deles ao longo do último ano. Todos sabiam de minha condição de pesquisador e de que as informações disponibilizadas poderiam ser utilizadas como análise em meus trabalhos.

No que diz respeito ao contato com o grupo descrito e analisado acima, ele foi irregular e esporádico, mais intenso nas competições mencionadas e diluído nos meses subseqüentes às mesmas, mantendo-se apenas por vínculos *online*, seja por emails ou perfis em redes sociais (como Facebook, Gay Romeo e Messenger). Não os considero informantes prioritários da pesquisa em curso, como já frisei. O que dei ênfase foi algo que apareceu de meu trabalho de campo e que, paralelamente, decidi propor uma reflexão ainda incipiente.

O chamado “mercado de casamentos”<sup>22</sup> não é uma novidade nas relações sociais entre sujeitos, principalmente em situações de vulnerabilidade social de um dos envolvidos, ou necessidade de “papéis” para obtenção de visto de trabalho/residência. Isso ocorre nos Estados Unidos em grande proporção, mas também em outros países em que negociações identitárias perpassam outras dimensões, como as econômica, cultural, política e sexual/de gênero.

No entanto, algo novo e instigante do ponto de vista encontrado é como o esporte, como meio de socialização e de encontros sexuais, resgata a auto-imagem gay imigrante (subjugada pela sociedade heteronormativa) e funciona como aglutinador de encontros e propulsor de interesses desses indivíduos em torno de questões de uniões civis e ascensão à categoria de cidadãos (europeus, no caso).

No bojo das discussões em todo o mundo sobre uniões civis entre pessoas do mesmo sexo e “casamentos gays”, nada mais óbvio que os imigrantes homossexuais — em situação de risco de deportação pela condição ilegal que assumem e mesmo em busca de seus “projetos de vida” —, sintam-se impelidos a assegurarem sua situação social via um

---

<sup>22</sup> Em Berlim identifiquei na Freie Universität (FU) um grupo que estuda, na Sociologia, o que se denomina *Heiratsmarkt* (mercado de casamento) atrelado à migração, que persegue três hipóteses, encampadas por três linhas de investigação: a) Homens, que permanecem no mercado alemão de casamentos, mas procuram por parceiras de países “em desenvolvimento” para se casarem; b) Mulheres de países pobres, que são especialmente populares entre os homens do que as parceiras que desejam um homem que desempenhe papéis tradicionais de gênero; c) Homens alemães, que procuram em mercados de casamentos no estrangeiro, parceiras mais jovens e atraentes do que as que eles poderiam encontrar na Alemanha (FRITZ THYSSEN STIFTUNG, 2008). Como se pode constatar, nenhuma delas trata desse “mercado de casamentos” a respeito das relações homossexuais.

vínculo “identitário” clubístico, que lhes possibilite encontrar alguém e mesmo criar uniões estáveis, entre grupos e com dada pessoa.

Quando não há tempo hábil para tais negociações contratualistas, ocorrem pedidos de asilo político em caso de opressão de gênero durante eventos esportivos (LGBTs ou não), principalmente de sujeitos oriundos de países pobres ou emergentes, lugares em que a homossexualidade é ilegal e proibida e, em dadas realidades, motivo de pena de morte.<sup>23</sup>

Tão visível e aparente é tal situação que, em alguns torneios, há comissões especiais de Direitos Humanos para dela se encarregarem. Nos II Outgames, em julho-agosto de 2011, realizados na cidade de Vancouver (Canadá), havia um comitê especializado neste aspecto. Como reporta Sandra Thomas, o mesmo foi provido pela organização da cidade de Vancouver, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Inverno, ocorridos na cidade um ano antes:

During the 2010 [Winter] Olympic Games held in Vancouver last February, a team of lawyers and immigration specialists was on call for athletes seeking asylum in Canada from countries where homosexuality is illegal. Those same services will be made available to athletes and attendees participating in the Outgames (THOMAS, 2011, p. A06).

Até aqui, o que se evidenciou foi o papel do esporte como aglutinador e facilitador de contatos entre tais sujeitos. A pergunta que permanece é a seguinte: em que medida a atividade esportiva LGBT torna-se um veículo que possibilita (via uniões civis ou enlaces matrimoniais) aos homossexuais masculinos emigrantes, o acesso (e ascensão social) a um *status* diferenciado de cidadania, e nos casos em análise, à cidadania europeia?

### **Verbetes relacionados:**

---

<sup>23</sup> Para um mapeamento dos países em que isso ocorre, consultar Rita Simon e Alison Brooks (2009).

Circulação e Desejos, Gay Games, Novos Modelos de Prática Esportiva?, Práticas Esportivas Queer, Rituais Festivos, Saída do Armário, Territórios Marginais, World Outgames



## “Sociedade Farmacopornográfica”<sup>1</sup>

A morte como desafio torna possível o mais heróico grau de controle subjetivo, que consiste na posse de si mesmo e do outro. Mas, ao mesmo tempo, é também o limite mais radical de autodeterminação. (GUMBRECHT, 1999, p. 214).

Em outro momento trouxe que Beatriz Preciado (2008), pós-feminista espanhola, em um de seus escritos recentes, postulou que vivemos em uma “sociedade farmacopornográfica”, produzida e controlada por subjetividades capturadas — nossas próprias subjetividades — pelos pólos convergentes das indústrias farmacológica e pornográfica [**Contaminação e Adicção**]. Pela argumentação da autora viveríamos o domínio da monitoração completa do indivíduo por uma “gestão biomidiática de sua subjetividade”. Enquanto o Panóptico de Bentham, apresentado por Foucault (2004), engendrara um esquema destinado a difundir-se no corpo social, agora é o próprio corpo do indivíduo que é tomado como campo de batalha. O panoptismo ainda vale, mas o controle torna-se “autocontrole” em intensidade máxima, de forma que o potencial panóptico é atingido nos próprios corpos que se individualizam e se autocontrolam. O panoptismo é o princípio geral de uma reengenharia tecnológica na ‘anatomia política’, cujo objeto e fim não são a relação de soberania tão-somente, porém as de autodisciplina e autocontrole. A gestão farmacopornográfica atual, portanto, que atravessa as esferas hormonal, cirúrgica e audiovisual do gênero, participando de um conjunto mais amplo de tecnologias de produção e reprodução da espécie, teria por paradigmas extremos a pílula anticoncepcional e a *Revista Playboy* (PRECIADO, 2010). Como a pornografia e o universo do erotismo figuraram como elementos importantes na presente pesquisa, resolvi tomar as experiências-limites conectadas às *práticas esportivas queer* [**Práticas Esportivas Queer**] e pensar as transgressões no marco do erotismo, frente a um movimento dinâmico de implosão de normas e proposição de transformações.

---

<sup>1</sup> Termo-conceito criado por Preciado (2008).

O exercício que apenas esboço aqui, nos momentos finais do “segundo tempo” – para usar uma metáfora esportiva –, já foi pensado antes, por Maria Filomena Gregori (2008) que, se imiscuindo no debate sobre violência e gênero, aponta articulações desses com concepções sobre sexualidade e erotismo, procurando exatamente entender os “limites da sexualidade”. Inédito, em meu caso, será pensar as expressões eróticas e sexuais dos sujeitos *queer* (bem como seus fantasmas e fantasias) para averiguar os embates entre as normas de sexualidade e gênero.

\*\*\*

No café que tomamos mais tarde, DJ (estadunidense, 58 anos, praticante de *powerlifting* e *bodybuilding*) me revelou que um grande amigo havia morrido. Apesar de serem amigos há anos, e mesmo acompanhando a “entusiástica participação” do outro no *fist fucking*<sup>2</sup> das festas de fetiches, ele não sabia que o mesmo possuía tantos acessórios e brinquedos relacionados ao sexo e às práticas de *fisting*, no porão de sua casa. Depois da morte do amigo, os mais próximos estavam decidindo quem deveria cuidar daqueles objetos, a fim de não deixarem chegar ao conhecimento da família do falecido. DJ foi o designado pelo grupo para dar cabo da tarefa<sup>3</sup>.

Quando entrou no porão da casa do então amigo, fez uma descoberta surpreendente: o falecido ia muito além do que a imaginação de DJ poderia chegar. Os dildos de vários tamanhos e calibres, os acessórios de couro (de chicotes a trajes), os géis e lubrificantes, alguns instrumentos cortantes, dilatantes e perfuradores faziam parte de um cenário que provocou inquietação em meu informante. Assim, ele me narrou:

**DJ:** Olha eu não sou santo, mas nem imaginava que aquilo tudo podia existir. Não sabia que ele ia tão fundo no que gostava. Eu pedi para várias pessoas me ajudarem, sei lá [...]. Assim (pausa),

---

<sup>2</sup> Literalmente “penetração com punho”, mas há variações como mão-ânus, braço-ânus ou perna-ânus (SILVERSTEIN; PICANO, 1992)

<sup>3</sup> Situação semelhante foi tratada ficcionalmente no primeiro episódio do seriado norteamericano de *Queer as Folk*, no qual Steve entra em coma devido à certa quantidade excessiva de drogas e os amigos têm que “limpar” seu apartamento dos *sex toys* e revistas pornográficas, antes da mãe dele os encontrar.

precisava de algum conselho sobre como limpava tudo aquilo.

**Eu:** O problema era limpar ou jogar fora os instrumentos e limpar tudo?

**DJ:** Não, não só isso. Eu não sabia nem o que fazer. Um amigo me disse para jogar tudo fora; outro me sugeriu: “use a máquina de lavar. Bote tudo dentro, muito sabão em pó e alvejante, e aperte o botão”, [...]. Eu acabei lavando tudo e fiquei com parte dos brinquedos [*toys*] para mim. (Entrevista com DJ, 01 ago. 2010).

Um detalhe interessante é notar como os objetos foram reduzidos a coisas limpáveis e laváveis como outras quaisquer. Tal aspecto lembra o que Donna Haraway (1991) postulou sobre o *cyborg*, fruto de uma tecnologia social, integradora do vivo e do não-vivo, do natural e do artificial, significando, ao mesmo tempo, a implosão de ambos. A questão dos objetos (brinquedos sexuais) problematiza, justamente, um aspecto plástico, artificial, do gênero. A “missão” de DJ com os dildos do amigo me remeteu, diretamente, à autopenetração com dildos de borracha de Preciado (2008) e seus brinquedos sexuais, que ajudavam a convulsionar as (micro)políticas de gênero e propor uma insurreição contra o estabelecido.

O que se torna interessante nesse erotismo agenciado pelos objetos, é a relação entre a “carne” e o “plástico”, um erotismo que redesenha as próprias fronteiras entre o “natural” e o “artificial”, no limite, entre a “vida” e a “morte”. O pênis de borracha é a imagem da ereção eterna — impossível para um corpo vivo — a não ser que implante uma prótese de efeito semiótico desconfortável ou arrisque os limites da vida numa overdose de Viagra.<sup>4</sup>

Permito-me, agora, expor um caso: o último lugar que conheci em Berlim, antes de meu retorno ao Brasil, foi o *New Action*, um bar também no estilo das *sex parties* berlinenses, mas que prometia uma “experiência única” aos seus frequentadores. Com decoração bastante radical, espaços escuros, sombrios e jogos de luzes vermelhas e brancas, com insígnia representativa de uma cabeça amarrada com cinta de couro

---

<sup>4</sup> Agradeço a Kaciano Gadelha da Freie Universität Berlin, que em nossas discussões sobre pós-estruturalismo e pornografia, sugeriu-me esse *insight*.

e de língua de fora (inclusive seu emblema oficial), o bar evocava sentimentos contraditórios de medo e ojeriza.

Foi no bar, junto ao balcão principal, que dialoguei com Martin<sup>5</sup>, um *barman* que se apresentou como “o mais antigo contratado” daquele recinto. Foi ele quem me contou que o bar, apesar de recentemente aberto, já tinha uma “estória trágica para postar no currículo”. Um homem de 46 anos, alemão e solteiro, numa das festas temáticas do *New Action*, adepto de sadomasoquismo e *fist fucking*, estava sendo “fistado” por um desconhecido, quando esse, com um movimento brusco, arrancou-lhe algum órgão de seu lugar original, provocando uma hemorragia interna. Com o som eletrônico em volume alto, ninguém ouviu qualquer manifestação do sujeito e ele simplesmente “dormiu” no *sling*. Apesar da técnica do *fisting* ser amplamente empregada por empolgados praticantes homossexuais masculinos em festas de sexo em circuito global, é uma prática arriscada e que pode envolver risco de morte, como destacaram Silverstein; Picano (1992).

Além do perigo inerente de fissura ou corte no colo retal, hemorragias internas são comuns e nem sempre perceptíveis ou identificáveis. E Martin continuou,

Situações assim são comuns, entende? Nós não sabíamos de nada e ninguém percebeu. É comum os homens serem fistados lá [no *sling*] e, de tanto prazer, dormem ou ficam em êxtase. Quem deita no *sling* tem que saber que tudo pode acontecer. É uma coisa a mais: no *sling* as pessoas se submetem aos desejos dos outros. Não tem dizer não. No *sling* deve-se aceitar tudo [...]. (Conversa com Martin, 20 fev. 2011).

Com o desfalecimento do indivíduo, todos ao redor se empolgaram, pois afinal dois sinais bem significativos de que o praticante está à vontade e gostando da situação são: a) o relaxamento total (imitando o ato de dormir) aconchegando-se na posição deitada,

---

<sup>5</sup> Reproduzo o nome “Martin” aqui sem saber se é, efetivamente, o nome do *barman*. Durante o tempo em que frequentei os ambientes *queers*, voltados ou não ao sexo, percebi nomações comuns entre os garçons e *barmen*. De modo que, na Alemanha, identifique nomes como Dirk, Martin, Mark ou Markus como sempre referentes.

pois demonstra que o prazer está no auge; e b) os gemidos de prazer. Como o rapaz encaixava-se, a olhos vistos, no primeiro item, depois de terminado o *fisting*, alguns homens usaram o corpo do “usuário” como seu “playground” e o penetraram mais algumas vezes; porém utilizando-se de seus próprios pênis<sup>6</sup>. Por volta das cinco da manhã os funcionários encontraram o corpo, gelado e ainda deitado nos *slings* de couro do bar. O assunto saiu no *Bild*, jornal sensacionalista da cidade, mas não foi noticiado em outros veículos de comunicação<sup>7</sup>.

Se o leitor me permite, outra vez, quero propor uma digressão. O caso de morte ocorrido no bar em questão trouxe-me à lembrança o “Caso Grans e Haarmann”, uma antiga ocorrência policial do mesmo gênero, também na Alemanha, em 1926, narrada por Hans Ulrich Gumbrecht (1999, p. 39):

No dia 19 de janeiro, um júri em Hannover condena Hans Grans, amante e cúmplice de Friedrich Haarmann, a 12 anos de prisão. Grans tinha vendido as roupas de mais de 50 meninos e rapazes, muitos deles prostitutas, que Haarmann assassinava enquanto fazia sexo com eles, desmembrando-os em seguida.

Algo pejorativo e (de certo ponto) moralista foi explicado por Jochen Lorsch (2010, p. P2), em sua coluna policial:

[...] como tais crimes hediondos chocam a opinião pública e há uma dificuldade de lidar com as patologias dos indivíduos, geralmente a análise de casos como esse são deslocadas e o alvo de especialistas passa a ser o lugar onde tal crimes ocorreram [tradução livre].

Portanto, o *New Action* foi lacrado por um mês pela perícia técnica da *Polizei* de Berlim.

---

<sup>6</sup> Foi achado sêmen dentro da cavidade anal (LORS, 2010).

<sup>7</sup> Isso acontece também com outros assuntos relativos aos interesses LGBT. Como eles possuem, geralmente, imprensa própria (exemplos podem ser citados, como a Revista *Siegessäule*, de Berlim; a *BLU*, do oeste alemão; a *BOX*, de Colônia, a *Xtra!*, em Vancouver), as temáticas relativas ao segmento não são veiculadas pelos jornais e revistas convencionais.

O caso relatado da morte no mencionado bar gay berlinense traz indagações sobre os limites da adicção das subjetividades contemporâneas e me faz pensar que emoções estariam em jogo nas práticas esportivas, com diferenças de intensidades entre elas. Que práticas poderiam substituir a adrenalina num nível semelhante àquela liberada em situações de rapel, escaladas, corridas de 100 metros ou de provas do ciclismo contra o relógio? Qual é a fascinação da prática do boxe, por exemplo?

Loïc Wacquant (2002) realiza uma etnografia num ginásio de boxe, nos subúrbios de Woodlawn (Chicago), usando o próprio corpo como instrumento de pesquisa. E, expressa, “achei que pirei, quando me descubro no espelho, metido em roupas de um perfeito boxeador” (WACQUANT, 2002, p. 93).

Talvez não seja a prática do boxe em si que exerça fascínio, mas o consumo de algo que não está, aparentemente, disponível para ser consumido. À semelhança do que Hans Gumbrecht (1999, p. 30) registra, os melhores boxeadores e alpinistas são os que abandonam por completo o “princípio de autopreservação”, esquecendo-se de si na ânsia por viver a intensidade de seu “fetiche” e sentir o inusitado e o inalcançável.

Portanto, para ele, o boxe se aproxima das touradas, pois ambas as modalidades celebrariam a presença da morte, evocando o que de irredutivelmente há de “real” em jogo. Para ele, não há vitórias e derrotas na tourada e se elas se fazem presentes no boxe, não são efetivamente o motivo do fascínio pela modalidade.

O que está em pauta de considerações aqui é que se o desempenho em dada modalidade pressiona o corpo até os limites de sua resistência, a prática de algumas modalidades esportivas (como o boxe, a tourada, a maratona, a corrida de fórmula 1), que funcionam no limite, podem trazer, muitas vezes, aspectos que confrontem a vida e a morte. Retornando ao autor alemão,

mais do que isso, o boxe lida com ‘*Sein zum Tode*’ (estar à beira da morte) e ‘*Vorlaufen zum Tode*’ (antecipação da morte) [...]. O boxe tem o poder de trazer a morte para perto dos espectadores e, se Heidegger estiver certo, ele pode ajudá-los a se libertarem de diversos medos que os fazem evitar, inconscientemente, a

presença da morte em suas vidas cotidianas  
(GUMBRECHT, 1999, p. 80)

O mesmo aconteceria na tourada, pois numa espécie de ritual coreografado, os momentos harmônicos, porém dissincrônicos, de imobilidade e movimentos, expõem ambos os corpos (do toureiro e do touro) ao perigo da morte e, “baseado na mesma convergência entre imobilidade e movimento, o momento final da corrida se aproxima da representação da morte como uma **experiência presente**” (GUMBRECHT, 1999, p. 275, grifo do autor).

As práticas sexuais em bares onde homens transam entre si, embalados pelo consumo de drogas psicotrópicas que aumentam o desempenho sexual (ou o tornam mais atraente), são práticas de risco, evocando exatamente experiências presentes, que colocam em perspectiva não o gozo como produto final, mas a excitação (em escala exponencial) do risco da morte como elemento-chave que aumenta a emoção de todo o espetáculo. Presenciei algo, nesse sentido, na orgia coletiva que envolveu DS, numa das “festas de atletas” [Rituais Festivos]. Quando os sujeitos transam entre si em bares voltados à prática sexual, por exemplo, envolvendo-se em rituais de *barebacking*<sup>8</sup>, se expondo a riscos e almejando o êxtase, eles buscam consumir na plenitude algo que não conseguem em suas vidas cotidianas, ou seja, a experiência da morte.

Ao invés de tomarmos tal aspecto imbuído de um sentido negativo, talvez mais produtivo seria pensar no sentido da morte evocado para especular exatamente os limites da dissolução das identidades sociais, assim como das matérias corpóreas. De acordo com Gregori (2008, p. 583), “a morte visa a transformação e uma espécie de comunhão de seres no cosmos mediante, sobretudo, a transgressão do que possa vir a remeter à vida regular”.

Portanto, as deliberações dos sujeitos queer em espaços por mim etnografados me fazem pensar que o “terceiro regime de subjetivação” ou “terceiro sistema de saber-poder”, nem soberano, nem disciplinar, nem pré-moderno, nem moderno, responsável pela captura e gestão biomediática da subjetividade cunhado por Preciado (2008) não é

---

<sup>8</sup> *Bareback* significa “montar a pelo”, referência direta aos *cowboys* que conseguem domar um animal selvagem sem a proteção da cela. Na prática sexual, o *barebacking* significa não usar camisinha.

tão imperante assim e as agências dos sujeitos me mostram que há rotas de fuga, pois se o controle é introjetado, o desejo de morte apresenta uma linha de fuga de todo o sistema. Entretanto, os desdobramentos de tais conjecturas ficam para outra ocasião!

**Verbetes relacionados:**

Contaminação e Adicção, Práticas Esportivas Queer, Rituais Festivos



# **POSPOSIÇÕES**



## Para que direção seguir?

*Diferentemente das árvores ou de suas raízes,  
o rizoma conecta um ponto qualquer  
com outro ponto qualquer  
e cada um de seus traços não remete, necessariamente,  
a traços de mesma natureza;  
ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes,  
inclusive estados de não-signos.*

(DELEUZE ; GUATTARI, 2009. p. 32)

A intenção de construir um texto deleuzeano, “rizomático”, sem início ou fim, que se dá num fluxo, sem uma estrutura rígida e que pudesse acionar distintas subjetividades (e ser acessado por elas) de modo rápido, a partir de fragmentos que textualizam um cotidiano de vida específico, continua ainda sua jornada. Ao buscar realizar um estudo sobre as masculinidades na arena esportiva de praticantes *queer*, acabei estabelecendo rotas que cartografaram múltiplas entradas, que me sugeriram outras novas entradas, numa contínua e complexa rede de ligamentos. Não acredito que a tese se esgote em si mesma e ficarei decepcionado caso o texto se feche sobre si. Práticas esportivas, sociais, festivas, sexuais, interativas, fetichistas, masoquistas, foram coadunadas e interseccionalizadas, criando campos de análise e abrindo outros e novos pontos de fuga, além de provocarem interlocuções intertextualizadas entre experiências, sujeitos, lugares, substâncias.

A autoridade do pesquisador-antropólogo-pesquisador, ambígua e descentralizada, começou questionada logo de início, não apenas por um campo que se impôs, mas por minha própria postura de não acatar o discurso do hermético, do ‘tem que se assim’ ou do ‘daquilo que não falamos’, ‘aquilo que não fazemos’. Parafraseando de Pocahy (2011), ofereci meu próprio corpo, para ser visto, sentido e experienciado e pactuei comigo.

Assim como na vida não se controlam os fluxos dos acontecimentos, porque se está sob o império do acaso, na pesquisa científica não é diferente. Por mais que alguns cientistas se iludam com o discurso de “controle”, resultados são forçados para aquilo que se quer encaixotar e o “aparente” descontrole pode ser mais produtivo. Propus-

me descobrir os sujeitos, viver suas vivências, fazer de suas as minhas experiências, entender do que falavam e me deixar — também como “cientista” — ao acaso das leis do universo e dos acontecimentos. Antes de ouvir algo sobre o discurso da regra, defendo que tomemos o reverso da regulação como nova orientação.

Não é preciso entorpecer-se para apreender um pouco do mundo dos entorpecidos, nem prostituir-se para identificar as relações corpo-mercadoria, muito menos praticar sexo com entrevistados para saber como eles são ou para saber como é o sexo — como bem postulou Luis Fernando Rojo (2005)—, pois eles estão em meu/nossos cotidianos, vivem no mesmo mundo que vivo/vivemos e o que separa nossas relações são prescrições *a priori*. No entanto, seria interessante dizer algo acerca de envolvimento sexual (e do meu, em específico) com os sujeitos da pesquisa.

Há muito tempo a era vitoriana se findou, mas seus ditames ainda imperam, definindo o que é “moral” e o que é “imoral” (FOUCAULT, 1985). Particularmente os antropólogos incorporaram um dos piores aspectos deste “domínio” evitando, a qualquer custo, pronunciarem-se sobre aspectos afetivos (e também suas vidas sexuais), quando em pesquisa de campo. Isso fez parte da construção da “ciência antropológica”, de um discurso “sério” e legitimado não apenas pelos pares, como por parte de outros cientistas, humanistas ou não. Com o passar do tempo e no decorrer da consolidação da Antropologia no mundo, os antropólogos buscavam a “objetividade científica” ao mesmo tempo em que “empurravam” para baixo do tapete os impactos emocionais vividos no encontro com o outro. Ao menos na escrita, claro!<sup>1</sup>

Assim, nem índias, nem migrantes, nem mulheres, nem travestis, nem gays: sempre o campo fora regido pelo silêncio do celibato ou pela vigência da assexualidade. Nos dizeres de Evans-Pritchard,

O antropólogo do sexo masculino, por não se ajustar às categorias nativas de homem e mulher, e portanto não precisando comportar-se como homem em certas circunstâncias, não está submetido às suspeitas, julgamentos e códigos que

---

<sup>1</sup> Alguns antropólogos brasileiros salientam que as intencionalidades e mesmo acontecimentos entre antropólogos em campo só não são registradas em suas publicações, mas se manifestam nas “conversas de bar” entre os pesquisadores (BRAZ, 2007c; ROJO, 2005).

definem os sexos. Ele realmente está fora destas categorias, pois está fora da vida social do grupo, por mais que procure identificar-se com ela; é uma pessoa até certo ponto sem sexo (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 308).

Se a Antropologia sofre uma “anthropological turn” em meados da década de 1920 — quando Bronislaw Malinowski (1976) fantasticamente postula uma racionalidade diferente da suposta pelos antropólogos de gabinete —, estamos agora em mais um momento de *upload*: a descolonização, o fim de paradigmas bipolares, o interpretativismo, entre outros fatores iniciam uma corrosão da antropologia “mais tradicional” para dar lugar a antropologia pós-moderna ou *multi-sited* (multissituada), nos termos de Marcus e Cushman (1982). Com ela vem não apenas o “multissituar”, os “não-lugares” (AUGÉ, 1994) nos quais a pesquisa pode ocorrer, mas a autoridade do pesquisador-antropólogo é posta em questão e se abrem espaços para outras subjetividades na relação entre pesquisador-pesquisado.

“Ser gay” (*being gay*), como Walter Williams (1996) se postula, não me abriu portas, mesmo porque elas estavam abertas a qualquer um interessado no paradoxal e controverso “esporte LGBT”. Nem precisei sair do campo com o “coração partido” de promessas não cumpridas por um amor, ressentido com uma “ciência régia”, que “governava” minha vida e meu destino, me impedindo de ficar com o “ser amado”. Se não prolonguei contatos, não o fiz por ter razões como quaisquer outras para não fazê-lo frente a tantas outras situações do cotidiano em que dividi com os sujeitos. Apenas penetrei a brecha aberta entre o “familiar” e o “exótico” para compreender o outro, tentando também entender a mim mesmo (GEERTZ, 1989).

Também não fiz trabalho de campo isento de contato “mais íntimo”, nem me coloquei no cruzamento de “salvação e castigo”, algo muito “religioso” (em sentido geral) para mim. Não caio nessas armadilhas, nem me faço refém delas.<sup>2</sup> Muito menos preciso aqui justificar ou enfatizar qualquer aspecto sobre um possível “desvio de

---

<sup>2</sup> Critico a etnografia de Braz (2010) por ser forçadamente asséptica (e moralmente “ética”) no tocante à nudez/relações corporais nos bares de sexo entre homens.

conduta” ética e científica em campo, mesmo porque as relações no corpo social (sejam elas de que natureza forem) foram permeadas por respeito e reciprocidade nos contatos. “Desvios” não podem ser entendidos como distorções; “desvios” são produtivos e funcionam como empuxo para a potência do produzir, do ver com outras lentes ou mesmo sentir de outra forma; “desvios” deveriam ser as novas “normas”.

Ao contrário do que destaca Stephen Murray (1996), que na sua busca por compreender a homossexualidade na América Central fazia sexo propositadamente com seus interlocutores guatemaltecos, em momento algum o envolvimento afetivo-sexual foi decisivo para meu contato com os atletas gays, muito menos para a inserção nos distintos grupos a que percorri. Porém, tal intimidade aconteceu com quatro sujeitos que se tornaram entrevistados da pesquisa, como já mencionei: o nadador HL, alemão de 35 anos e o tenista JN, inglês de 42 anos, ambos participantes do torneio de Copenhagen/2009; o mesatenista NB, alemão de 30 anos e o multiatleta australiano BS, de 28 anos, por ocasião de minha participação nos Jogos “Olímpicos” Gays, em Colônia-2010. O único que prolongou o contato comigo foi BS, tanto por questões afetivas, quando por estarmos também “circulando” pelo espaço europeu e sermos estrangeiros em terra alheia.

Como já destaquei, a relação *esporte-festa-sexo* é parte das lógicas estruturantes dos eventos esportivos LGBT, seja abertamente endereçada pelos sujeitos ou entendida veladamente como constituinte dos encontros. Os momentos mencionados anteriormente de intimidade sexual não foram os únicos, mas talvez tenham sido os que foram envoltos por outra finalidade que não o sexo. Digo isso, pois o sexo era um forte elemento de socialização nas chamadas “festas de atletas”, rituais festivos frequentados e descritos/analizados por mim em situações sociais específicas linkadas às competições esportivas. Estar numa destas festas e não fazer sexo chegava a ser um “insulto” a “tribo” que me recebia. Demorei em perceber que para entender aquele universo festivo em específico a comunicação verbal não adiantava e tive que partir para a “comunicação gestual” do corpo. Entretanto, meu processo de entendimento deste aspecto me custou dores físicas e psíquicas.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Nas primeiras vezes, a “festa dos atletas” causou-me um choque, gerando tremores de nervoso e vômito (talvez como consequência fisiológica) e durante umas três outras vezes eu me tranquei no banheiro ao chegar e me masturbei rapidamente — numa tentativa de me

Contudo, qual é a finalidade de trazer tais aspectos (supostamente privados e participantes dos “silêncios” que envolve o campo antropológico) à tona? Em nome de que vale a pena me expor publicamente? Quis registrar tal aspecto aqui para sublinhar que há necessidade de discussão mais sistemática e pormenorizada sobre a sexualidade do pesquisador em campo e que os investigadores sociais (particularmente os/as antropólogos/as) não devem pactuar com o “celibato e a assexualidade” a eles imputados, como bem destacou, em outro momento, Rojo (2005).

Após ter “dormido com nativos” (MURRAY, 1996) consegui compreender que a prática sexual também é múltipla e é materializada (e mesmo significada) de distintas formas no mesmo contexto cultural — quem dirá em contextos multiculturais!. E, novamente, parafraseando tal autor, percebi que tais sujeitos dividiram comigo não só a cama, mas a percepção sobre a sexualidade do outro. Isto implica em desequilíbrio de poder, impacta viceralmente o sistema de “observação participante”, redefine a “interpretação antropológica” — mexendo, igualmente, com o *feeling* antropológico ou o “anthropological blues” de DaMatta (1974) — e redimensiona a produção do conhecimento em Antropologia (e em Ciências Humanas). Após ter refletido sobre tal aspecto e acerca da “confusão” oriunda dele, nego-a, pois se reconheço sua existência é porque ela me governa ou já me governou. Tem-se que (ou temos que) transpassar tal limite. E é aí, nesse ponto, que se reduzem as chances de reprodução de uma “ciência régia” para dar lugar a uma “ciência nômade”, corrosiva, indomada, subversiva.<sup>4</sup>

Minha história como antropólogo-pesquisador-sujeito não é de “sucesso”, após longo período junto a atletas e em competições internacionais. Não estampeei minha fotografia ganhando uma medalha, ou participando de uma luta, ou ainda fazendo um gol.<sup>5</sup> Não me

---

“livrar” psiquicamente de uma sensação de culpa e castração sobre a presença do pesquisador em campo, sendo seduzido pelos sujeitos e pela situação, e traído pelos feromônios. Fiquei, em palavras de Margareth Willson (1995), sob “tensão esquizofrênica” entre a sensualidade do trabalho de campo e as expectativas profissionais da disciplina. Isso foi se resolvendo com o desenvolvimento da pesquisa.

<sup>4</sup> Agradeço à profa. Dra. Miriam Pillar Grossi pela sugestão da necessidade de dar corpo teórico mais substancial para esta parte, transformando-a num artigo sobre as questões éticas envolvendo a sexualidade do antropólogo em trabalho de campo.

<sup>5</sup> Critico o *happy end* retratado no final da etnografia de Wacquant (2002).

interessa o resultado, a marca, a quantificação. Deixei-me livre de tais prerrogativas. Participei como “atleta” algumas vezes enquanto pesquisava, pois precisava conhecer melhor o campo e também porque me apraz praticar esportes. Também necessitava entender as lógicas estruturantes “de dentro” dele. Medalhas não me interessam, pois a aceitação delas é a legitimação da exclusão de outros/as, fato contra o qual eu me coloco. Em Colônia-2010 iniciei e terminei a prova de 5km em último propositalmente, porque sei que ninguém confere valor aos últimos e era lá o lugar que queria estar, exatamente para possibilitar-me enxergar o todo a partir do fundo, do resto, do local “privilegiado” (ao menos para mim) das margens.

Mas também não é uma história de “fracasso”. Defendo o fim dos binarismos; fim definitivo das categorizações e dos encaixotamentos. Para que pensar no “um ou outro”, na “direita e esquerda”, no “superior e inferior”, no “masculino e feminino”, se temos tantas outras opções. Em dado momento rompi com o sistema esportivo paraolímpico por não concordar com a institucionalização exacerbada de corpos e comportamentos, além da otimização forçada rumo ao esporte-competição, essa estrutura que governa, engessa e impede a criação. Não estou, simplesmente, contra o sistema e não defendo o generalismo da “inclusão”, esta outra o veneno da relação.

Ao término desta tese já fui convidado para participar dos *board* das instituições responsáveis pelo “esporte LGBT” no mundo, e me recusei. De louvável não há nada na recusa, contudo apenas digo que não quero pactuar com a institucionalização da “normatização” de *práticas esportivas queer*, que tende a oprimir sujeitos para que se compartimentalizem em — e continuem se adequando a — categorias binomiais. Ou para que encenem a norma e disfarcem a abjeção, em pistas, quadras, tatames e demais espaços esportivos.

Das lutas ingratas com os “politicamente corretos” enfrentei uma que aqui deixo registrada, qual seja, minha ressemantização e ressignificação do conceito “gueto”. Nem “zona livre de circulação”, nem “circuitos e manchas”, nem “mercado GLS”. “Gueto esportivo sexualizado e global” é o que se erige das práticas esportivas LGBTs. Agora o gueto não precisa mais de aspas, porque ele não morreu! Em tempos de vida em fronteiras, intersubjetividades, fluxos transnacionais e ambivalências “identitárias”, o espaço de conforto e de reciprocidade entre “iguais” ainda continua vivo. Antes fixo, hoje itinerante; antes construído pelos *outsiders*, atualmente pelos próprios *insiders*, que se



regozijam de seus “territórios” de encontros e de confraternizações esportivas, festivas e sexuais. Mas nada de estranho ou aberrante nisso. Apenas não enterremos aqueles que ainda não estão mortos!

## **Reload**

Se quiser, volte agora a qualquer uma das partes do texto. Mas não percorra o mesmo caminho, faça diferente. Escolha outro verbete e, apagando o percurso anterior em sua mente, redesenhe outro caminho. Volte a partir daqui, pulando verbetes e intercalando outros. Reestilize sua visão para uma nova estética de leitura (e de vida!); algo não linear e não previamente anunciado. Sua experiência será nova, interessante, distinta. Descubra novas propostas de entendimento sobre aquilo que, se supõe, já previamente sabido (ou lido).



# **REFERÊNCIAS**



ABREU, Nuno Cesar. Estética e marketing: dar na vista. In: \_\_\_\_\_. **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo.** Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 93-134

ADELMAN, Miriam. As mulheres nos esportes equestres: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, p. 931-953, 2011.

\_\_\_\_\_. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, p. 11-29, 2006.

\_\_\_\_\_. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina?. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-466, 2003.

AEROBICS RESULTS 2009. Disponível em: <<http://www.copenhagen2009.org/Sport/Disciplines/Aerobics/Results.aspx>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

ALGREN, Matt. Brazil stadium turns pink after faggots chants chock community. **Asterisk**, 14 apr. 2011. Disponível em: <<http://blog.mattalgren.com/2011/04/brazil-stadium-turns-pink-after-faggot-chants-shock-community/>>. Acesso em: 11 maio 2011.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do armário: Homossexualidade, casamento, família.** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

ANDERSON, Eric. **In the game: gay athletes and the cult of masculinity.** New York: State University of New York, 2005.

ANZALDÚA, Glória. **Borderlands/la frontera: the new mestiza.** San Francisco: Aunt Lute, 1987.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (Coord.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 311-327.

ASSIS, Gláucia Oliveira. Estar aqui, estar lá... cartografia da emigração de valadarenses para os EUA. In: REIS, R. R.; SALES, T. **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 125-166.

O ATLETA paraolímpico Oscar Pistorius entra para a história do atletismo mundial. **Clube das Corridas**. Disponível em: <[http://www.clubedascorridas.com.br/profiles/blogs/o-atleta-paraolimpico-oscar-pistorius-entra-para-a-hist-ria-do?xg\\_source=activity](http://www.clubedascorridas.com.br/profiles/blogs/o-atleta-paraolimpico-oscar-pistorius-entra-para-a-hist-ria-do?xg_source=activity)>. Acesso em: 20 dez. 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia dasupermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BATAILLE, George. **O erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BATTAN, Carrie. The Beijing Olympics by the numbers: a global corporations salivate, 1,5 milion people are displaced. **Dollars & Sense**: real world economics, Boston, 2008. Disponível em: <<http://www.dollarsandsense.org/archives/2008/0808battan.html>>. Acesso em: 10 maio 2011.

BBC SPORT. Disponível: [www.bbc.co.uk/sport/0](http://www.bbc.co.uk/sport/0). Acesso em: 10 maio 2011.

BECH, Henning. **When men meet**. Homosexuality and Modernity. Cambridge: Polity, 1997.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. **MANA**, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.

BELARMINO, Joana. **Associativismo e política**: a luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena. João Pessoa: Ideia, 1997.

BERLANT, Lauren.; WARNER, Michael. Sex in public. **Critical Inquiry**, v. 24, n. 2, p. p. 547-566, 1998.

BERNARDO, Aglair Maria. **Um novo tipo de impulso na cidade**: um estudo antropológico do sistema de interligação múltipla disquemizada em Florianópolis. 1994. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

BHABHA, Hommi. K. A questão do 'outro': diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 177-203.

BLU: spezielle ausgabe, n. 20, may 2010.

BOLÍVIA terá campeonato de vôlei LGBT. **A CAPA**. Disponível em: <[http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5213&target=\\_blank&titulo=Bol%EDvia+ter%E1+campeonato+de+v%F4lei+LGBT](http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5213&target=_blank&titulo=Bol%EDvia+ter%E1+campeonato+de+v%F4lei+LGBT)>. Acesso em: 25 jul. 2008.

BOSCH, Heike; BRAUN, Phillip. **Let the games beGay!**. Stuttgart: Gatzanis, 2005.

BOURCIER, Marie-Hélène. **Queer zones**: politiques des identités sexuelles des représentations et des savoirs. Paris : Balland, 2001, p. 175-212.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, D. (Org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 11-27.

\_\_\_\_\_. O que é o habitus. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRAGA, Adriana.; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 39, p. 78-84, ago. 2009.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, jan./jun. 2006, p. 329-376.

BRANDÃO, Marcos. Tributo a Lilico: herói por opção. **G Magazine**, n. 25, out. 1999. Disponível online em: <  
[http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews\\_entrevista\\_19.htm](http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews_entrevista_19.htm)>. Acesso em: 27 jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Cultura. Conferência nacional LGBT: texto base. Brasília, 2008.

BRAZ, Camilo Albuquerque. **À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino**. 2010. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. Corpo a corpo: reflexões sobre uma etnografia imprópria. **Revista Ártemis**, v. 7, p. 128-144, dez. 2007c.

BRAZ, C. A. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 175-206, 2007a.

\_\_\_\_\_. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m em São Paulo. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 01-11, 2007b.

BUTCHEREI LINDIGER: megastore. Disponível em:  
<[www.shop.butcherei.com](http://www.shop.butcherei.com)>. Acesso em: 03 out. 2010.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

\_\_\_\_\_. El reglamento del género. In: \_\_\_\_\_. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006. p. 67-88.



\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

\_\_\_\_\_. **The psychic life of power.** Stanford: Stanford University, 1997.

\_\_\_\_\_.; RUBIN, Gayle. Tráfico sexual. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 157-209, 2003. (Entrevista Gayle Rubin com Judith Butler).

CÁCERES, Carlos. F. Epidemiology of HIV/AIDS infection among men who have sex with men in Latin America and the Caribbean: Current Situation and Recommendations for Epidemiological Surveillance. In: \_\_\_\_\_.; PECHENY, M.; TERTO JR., V. (Ed.). **AIDS and male-to-male sex in Latin America: vulnerabilities, strengths and proposed measures.** Lima: UPCH/UNAIDS, 2002. p. 23-53.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Gay and lesbian communities: the world over. **Revista Bagoas: estudos gays e lésbicos**, Natal, v. 5, n. 6, jan./jun. 2011b. p. 337-344.

\_\_\_\_\_. Sexualidades, esportes e teoria Queer: inter-relações. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, dez. 2008 p. 1130-1133.

\_\_\_\_\_. **O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação.** 1999. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_.; CAMARGO, Juliana Xavier de. Experimentação e adicção contemporânea sob regime farmacopornográfico. **Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 11, n. 98, p. 243-261, jan./jun. 2010.

CAMARGO, Wagner X.; RIAL, Carmen S. Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 977-1003, set./dez. 2011a.

\_\_\_\_\_. Esporte LGBT e condição pós-moderna: notas antropológicas. **Revista Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 10, n. 97, 2009, p. 271-289.

CAMARGO, Wagner X.; RIAL, Carmen. S.; VAZ, Alexandre. F. 'Gays não gostam de futebol?' Notas etnográficas sobre masculinidades subversivas em tempos de Copa do Mundo. In: **SIMPÓSIO FUTEBOL: ESPETÁCULO E CORPORALIDADE**, Florianópolis, dez. 2010. **Anais...** Florianópolis, 2010. p. 01-15. Comunicação Oral

CAMARGO, Wagner X.; VAZ, Alexandre. De humanos e pós-humanos: ponderações sobre o corpo queer na arena esportiva. In: GOELLNER, S.; COUTO, E. S. (Org.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. São Paulo: Vozes, 2012. p. 119-144.

CARATOZZOLO, Domingo. Dinâmica do casal violento. In: \_\_\_\_\_. **O casal violento: uma leitura psicanalítica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. p. 09-66.

CASTELLS, Manuel. Cultural identity, sexual liberation and urban structure: the gay community in San Francisco. In: \_\_\_\_\_. **The city and the grassroots: a cross-cultural theory of urban social movements**. London: Edward Arnold, 1984. p. 138-170.

CAUDWELL, Jayne. Femme-fatale: re-thinking the femme-inine. In: CAUDWELL, J (Org.). **Sport, sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 145-158.

CLUTTON, Grahah. Wales and lions full-back Gareth Thomas discloses he is homosexual. **The Daily Telegraph**, 18 dec. 2009. Disponível em: <  
<http://www.telegraph.co.uk/sport/rugbyunion/international/britishandiris>

hlionsrugby/6841818/Wales-and-Lions-full-back-Gareth-Thomas-reveals-he-is-gay.html >. Acesso em: 26 jun. 2010.

COAKLEY, J. **Sports in society: issues & controversies**. 9<sup>th</sup> ed. New York: McGraw Hill Higher Education, 2007.

COME out and fight!. Suplemento: our world. **SCANORAMA**, Australia, v. un., n. 6, jun. 2009. p. 14.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (CBAt). Histórico das provas: masculino. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/provas/historico\\_masculino.asp](http://www.cbat.org.br/provas/historico_masculino.asp)>. Acesso em: 27 nov. 2011.

CONHECIMENTO, Tecnologia e Mercado (CTeMe – Grupo de Pesquisa). **Entrevista com Laymert Garcia dos Santos** (documento digital). 2005. Disponível em: <[www.ifch.unicamp.br/cteme](http://www.ifch.unicamp.br/cteme)>. Acesso em: 18 maio 2008.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. 2<sup>nd</sup> ed. Berkeley: University of California, 2005.

CORNELL, Drucilla. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **The philosophy of the limit**. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1992. p. 1-30.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

COSTA, Carlos Eduardo. Torneios universitários: disputas e sociabilidade nas práticas esportivas estudantis”. In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. (Org.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 17-44.

COUNCIL OF EUROPE. Parliamentary Assembly. **Recommendation 1635: lesbians and gays in Sport**. nov. 2003. Disponível em:

<<http://assembly.coe.int/main.asp?Link=/documents/adoptedtext/ta03/er/ec1635.htm>>. Acesso em: 04 set. 2011.

COUTO, Edvaldo Souza. *Corpos dopados. medicalização e vida feliz.* In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos e GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente.** Rio Grande: Ed. da FURB, 2009, p. 43-53.

DAMATTA, Roberto. 'Tem pente aí?' reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. **Homens.** São Paulo: SENAC, 1997. p. 31-49.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis.** Para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

\_\_\_\_\_. O ofício do etnólogo ou como ter Anthropological Blues. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,** Rio de Janeiro, 1974. p. 23-46.

DAVIDSON, Judy. The necessity of queer shame for gay pride: the gay games and cultural events. In: CAUDWELL, J. (Org.). **Sport, sexualities and queer/theory.** London: Routledge, 2006. p. 90-105.

\_\_\_\_\_. The 'pay' games: the commodification of the gay games and cultural events. In: CANADIAN CONGRESS ON LEISURE RESEARCH.10., Alberta, 2002. **Annals...** Alberta, 2002. p. 01-05.

DEBORD, Guy. **La Sociedad del espectáculo.** 2. ed. Buenos Aires: La Marca, 2008.

DE LAURETIS, Tereza. Queer theory: lesbian and gay sexualities. **Differences: a journal of feminist cultural studies,** v. 3, n. 2, p. 3-18, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs : capitalismo e esquizofrenia.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: COELHO, E. P. (Org.). **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. Da Unijuí, 2005.

DIMERA, Matthew. Have we grown since Celebration'90?. **Xtra!**: vancouver's gay & lesbian news, n. 467, p. 16-18, 4 jul. 2011

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DREHER, Axel; POUTVAARA, Panu. Student flows and migration: an empirical analysis. **CESIFO Working Paper**, Finland, n. 1490, jun. 2005.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. A relação entre os sexos no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, 1997. p. 321-348.

**DU & ICH**: deutschland's schwules magazin, n. 467, apr./may 2010.

EDELMAN, Lee. Banheiro dos homens. In: PENTEADO, F. M.; GATTI, J. **Masculinidades**: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 255-268.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ENG, Heidi. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, J. (Org.). **Sport, sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 49-61

\_\_\_\_\_. Doing sexuality in sport. **Journal of Homosexuality**, v. 54, n. 1/2, p. 103-123, 2008.

ERIBON, Didier. A amizade como modo de vida. In: \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. p. 37-43.

ESPAÑA. Comité Olímpico Español. **Deportes para minusvalidos psíquicos, físicos y sensoriales**. Barcelona: Comitê Olímpico Espanhol, 1992.

ESTEBAN MUÑOZ, José. Queerness as Horizon. In: \_\_\_\_\_. **Cruising utopia: the then and there of queer futurity**. New York: New York University, 2009. p. 19-32.

\_\_\_\_\_. **Disidentifications: queers of color and the performance of politics**. Minneapolis: University of Minnesota, 1999.

EUROPEAN UNION AGENCY FOR FUNDAMENTAL RIGHTS (FRA). **Homophobia and discrimination on grounds of sexual orientation and gender identity in the EU member states: the social situation**. Wien: FRA Report, 2009.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans. **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FACHINNI, Regina. **Sopa de letrinhas? movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FÉDÉRATION INTERNACIONALE DE SKI. **FIS calendar**. Disponível em: < <http://www.fis-ski.com/uk/disciplines/snowboard/fiscalendar.html>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

FEDERATION OF GAY GAMES. **Gay games VIII Cologne 2010 success:** 10,000 participantes, global recognition. Disponível em: <[http://www.gaygames.com/index.php?id=18&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=41&tx\\_ttnews\[backPid\]=1&cHash=89e2dd8ad2](http://www.gaygames.com/index.php?id=18&tx_ttnews[tt_news]=41&tx_ttnews[backPid]=1&cHash=89e2dd8ad2)>. Acesso em: 17 jun. 2011.

FEDERATION OF GAY GAMES. **Gender identity policies.** Disponível em: <<http://www.gaygames.com/index.php?id=208>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **Mission, vision, and values.** Disponível: <<http://www.gaygames.com/index.php?id=56>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity and nationalism among Portuguese immigrants. In: SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (Ed.). *Toward a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered. Annals of the New York Academy of Sciences*, New York, v. 645, p. 145-174, 1992.

FERRARI, Anderson A. 'bicha banheirão' e o 'homossexual militante': grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. 29., Caxambu, 2006. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2006. p. 01-16. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1688-Int.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

FERREIRA, Paulo Rogers. **Os afectos mal-ditos:** o indizível nas sociedades camponesas. São Paulo, Hucitec, 2008.

FOUCAULT, Michel. De outros espaços. Trad. Pedro Moura. **E-Zine vector.** 1998. Disponível em <[http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html)>. Acesso em: 20 dez. 2011. p. 01-05.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**: a vontade de saber I. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRITZ THYSSEN STIFTUNG FÜR  
WISSENSCHAFTSFÖRDERUNG. **Jahresbericht 2007/2008**. Köln:  
Georg Olms Verlag, dez. 2008.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GAGNON, John. O uso explícito e implícito da perspectiva da roteirização nas pesquisas sobre sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 211-268.

GASTALDO, Édison. Ritualizações da nacionalidade entre torcedores da copa do mundo: notas etnográficas. In: Encontro Anual da ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIENCIAS SOCIAIS, 31., Caxambú, 2007. **Anais...** Caxambu, 2007, p. 01-20.

GATTI, José. Notas sobre masculinidades. In: PENTEADO, Fernando. M.; GATTI, José. (Org.). **Masculinidades**: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Cores e Letras, 2011. p. 09-23.

GATZWEILER, Hans-Peter. Zur selektivität interregionaler wanderung. ein theoretisch-empirischer beitrag zur analyse und prognose altersspezifischer interregionaler wanderung. In: GATZWEILER, Hans-Peter (Org.). **Bundesforschungsanstalt für landeskunde und raumordnung**. Bonn: Forschungen zur Raumentwicklung 1, 1975.



GAY FRINDLY VANCOUVER: “IN TOWN GUIDE”, Vancouver, v. 9, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.gayvan.com/services/publications/gay-friendly-vancouver-guide-info.html>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

GAY GAMES COLOGNE WEBSITE. **Parties, concerts, clubbing**: all this is gay games Cologne VIII 2010. Disponível em: <<http://www.games-cologne.de/en/events/>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

THE GAY and Lesbian Business Association of British Columbia. **Directory/2011-12**. Vancouver, 2011.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

\_\_\_\_\_. . . Estar allí: la antropología y la escena de la escritura. In: GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós Studio, 1989. p. 11-58.

GERBASE, Carlos. Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico com o pornográfico. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 31, p. 39-46, dez. 2006.

GODARD, Joëlle. PACS seven years on: is it moving towards marriage? **International Journal of Law, Policy and the Family**, v. 21, n. 3, p. 310-321, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 28-40.

GOLDENBERG, Miriam. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.13-39.

GREEN, James. N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 575-606, 2008.

\_\_\_\_\_. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Org.). **Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. p. 235-255.

GRIFFIN, Pat. Addressing concerns about LGBT athletes and coaches in the locker room. In: BIRCH-JONES, J. **Seeing the Invisible, speaking about the unspoken**. Vancouver: Canadian Association for the Advancement of Women and Sport and Physical Activity, 2011. p. 14-31.

\_\_\_\_\_. The culture of the closet: identity-management strategies of lesbian college coaches and athletes. In: GRIFFIN, P. **Strong women, deep closets: lesbian and homophobia in Sports**. Champaign: Human Kinetics, 1998. p. 133-156.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia de primeira mão**. Florianópolis, v. 1, n. 75, p. 1-37, 2004.

GRUNDMANN, Roy. Retorno a Broakback mountain. In: PENTEADO, F. M.; GATTI, J. **Masculinidades: teoria, crítica e artes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 27-40.

GUAJARDO, Gabriel. Sociocultural context of male-to-male sex. In: CÁCERES, C. F.; PECHENY, M.; TERTO JR., V. (Ed.). **AIDS and male-to-male sex in Latin America: vulnerabilities, strengths and proposed measures**. Lima: UPCH: UNAIDS, 2002. p. 55-75.

GUIMARÃES JR., Mario J. L. O ciberespaço como cenário para as ciências sociais. **ILHA**: revista de antropologia, Florianópolis, v. 2, n. 1, dez. 2000. p. 139-153.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação. In: ROCHA, J. (Org.). **Corpo e forma**: ensaios para uma crítica não-hermenêutica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 137-151.

HALBERSTAM, Judith. Una introducción a la masculinidad femenina. Masculinidad sin hombres. In: \_\_\_\_\_. **Masculinidad femenina**. Trad. Javier Sáez. Madrid: Egales, 2008. p. 23-66.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAN, Petrus. **Soziologie de migration**. Stuttgart: Lucius & Lucius, 2000.

HANNERZ, Ulf. "Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional". **Mana**: estudos de antropologia social, v. 3, n. 1, p. 7-39, abr. 1997.

HANSEN, D. Business has begun to reach out to the gay and lesbian community. **The Vancouver sun**, Friday, July 23, 2011. p. C3.

HARAWAY, Donna. A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century. In: \_\_\_\_\_. **Simians, cyborgs and women**: the reinvention of nature. New York: Routledge, 1991. p.149-181

HARGREAVES, Jennifer. **Heroines of sport**: the politics of difference and identity. London: Routledge, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HÉLIO FILHO. **Denúncias de casos de homofobia em São Paulo em 2011 já são maiores que em 2010**. Disponível em:  
<<http://mixbrasil.uol.com.br/pride/denuncias-de-casos-de-homofobia-em-sao-paulo-em-2011-ja-sao-maiores-que-em-2010.html#rmcl>>.  
Acesso em: 29 jan. 2012.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUGHES, Howard. Marketing gay tourism in Manchester: new market for urban tourism or destruction of 'gay space'? **Journal of Vacation Marketing**, v. 9, n. 2, p. 152-163, 2002.

INTERNATIONAL FLOORBALL FEDERATION (IFF). **History in short**. Disponível em:  
<<http://www.floorball.org/default.asp?sivu=2&alasisivu=25&kieli=826>>.  
Acesso em: 04 jul. 2011.

ISHIGAKI JU-JITSU. **About us: how it all began**. Disponível em:  
<<http://www.ishigaki.org.uk/page.asp?page=aboutus>>. Acesso em: 10 out. 2011.

JACOBO HERNÁNDEZ, Juan. **Lleno de vapor por delante: informe sobre prevención de VIH entre HSH en los baños de vapor en México**. México: Colectivo Sol, 1997.

JARVIS, Nigel. Ten men out: gay sporting masculinities in softball. In: CAUDWELL, J. (Org.). **Sport, sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 62-75.

JONES, William. E. Caça às bruxas no banheiro. In: PENTEADO, F. M.; GATTI, J. **Masculinidades: teoria, crítica e artes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 241-254.

JUSBRASIL. **Juiz do caso Richarlyson é punido**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/2137536/juiz-do-caso-richarlyson-e-punido>>. acesso em: 20 jun. 2011.

THE JUSTIN campaign. **Campaingning against homophobia in football**. Disponível em: <<http://www.thejustincampaign.com/documentary.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

KEARNY, Michel. The local and the global: the anthropology of globalization and transnationalism. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, p. 547-65, 1995.

KEMPE, Martina. Gay & out one games?! **CSD 2010 Magazin**, v. 1, n. 1, 2010. p. 10-11.

KIMMEL, Michel. S. Introduction: 'So many men, so little time': toward a sociology of the gay male clone. In: LEVINE, M. P. **Gay macho: the life and death of homosexual clone**. New York: New York University, 1998. p.03-09.

KLEIN, Alan. M. Dueling machos: masculinity and sport in Mexican baseball. In: MCJAY, J.; MESSNER, M. A.; SABO, D. **Masculinities, gender relations, and sport**. London: Sage, 2000. p. 67-85.

KNEIPP, Marina. **Goleiro assume homossexualidade e enfrenta preconceito no interior do RN**. 08.10.2010. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/10/goleiro-assume-homossexualidade-e-enfrenta-preconceito-no-interior-do-rn.html>>. Acesso em: 10 out. 2010.

KNUDSEN, Patrícia. P. P. Silva. Judith Butler: sujeito e abjeto. In: \_\_\_\_\_. **Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2007.

KRISTEVA, Julia. "Approaching abjection." In: \_\_\_\_\_. **The powers of horror: an essay on abjection**. New York: Columbia University Press,

1982. p. 1-30. Disponível em:  
<[http://www.csus.edu/indiv/o/obriene/art206/readings/kristeva%20-%20powers%20of%20horror\[1\].pdf](http://www.csus.edu/indiv/o/obriene/art206/readings/kristeva%20-%20powers%20of%20horror[1].pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2011.

KUBRICK, Stanley. (Dir.). **De olhos bem fechados** (*Eyes wide shut*). 159 min, EUA, 1999. Produção norteamericana e britânica.

LAILOLO, Mariana. Gays se organizam para tirar esporte do armário. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 maio, 2005, p. D2. (Caderno Esporte).

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LEE, A.. (Dir.). **O Segredo de Brokeback Mountain** (2005), 134 min.

LEE, Jeff. It takes a village. The Vancouver sun. **Arts & Life Issue**, July 30, p. E1, 2011.

LEE, John. Alan. **Getting sex**: a new approach: more fun, less guilt. Don Mills: Musson Book, 1978.

LENSKYJ, Helen J. **Out on the field**: gender, sport and sexualities. Toronto: Women's, 2003.

LEVINE, Martin. P. 'Y.M.C.A.': the social organization of gay male life. In: \_\_\_\_\_. **Gay macho**: the life and death of homosexual clone. New York: New York University, 1998. p. 30-54.

LEWIS, Shauna. Pride and outgames kick off. **Xtra!** Vancouver's gay & lesbian news, n. 468, July 28, 2011. p. 13.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Ethos emergente: notas etnográficas sobre o 'sucesso'. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 65, out. 2007. p. 73-83.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo – novas tendências. 2. ed. Rio de Janeiro: *BestSeller*, 2007.

LORS, Jochen. Tod in der schwulenkneipe! **Das Bild Zeitung**, Polizei, 22 januar 2010. p.2

LOURO, Guacira Louro. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 540-553, ago./set. 2001.

LYOARTD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MACHADO, Igor José. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento: o caso dos brasileiros em Portugal. **Ilha**: revista de antropologia. Florianópolis, v. 7, n. 1/2, p. 187-212, jul./dez. 2005.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto (1983). In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 291-308.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MAHMOOD, Talat; SCHÖMANN, Klaus. The decision to migrate: a simultaneous decision making approach. **Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung**, n. 17, p. 03-34, dec. 2009, (Discussion Paper).

MAJORS, Richard. Cool pose: black masculinity and sports. In: MESSNER, M. A.; SABO, D. F. (Ed.). **Sport, men, and the gender order**: critical feminist perspectives. Champaign: Human Kinetics, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1976.

MARCUS, George. E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995.

\_\_\_\_\_.; CUSHMAN, D. Ethnographies as texts. **Annual Review Anthropology**, v. 11, p. 25-69, 1982.

MARSIAJ, Juan. P. Pereira. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 129-145, 2003.

MATTHEW Mitcham, nadador olímpico, sai do armário. **A Capa**, 30 maio 2008. Disponível em:  
<[http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=4716&target=\\_blank&titulo=Mathew+Mitcham%2C+nadador+ol%EDmpico%2C+sai+do+arm%Elrio+](http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=4716&target=_blank&titulo=Mathew+Mitcham%2C+nadador+ol%EDmpico%2C+sai+do+arm%Elrio+>)>. Acesso em: 30 maio 2008.

MCDONAGH, Eileen; PAPPANO, Laura. What's the problem? In: \_\_\_\_\_. **Playing with boys: why separate is not equal in sports**. New York: Oxford University Press, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003. p. 153-162.

MELO, Victor A.; LACERDA, Cláudio. Masculinidade e dança, masculinidade e esporte: relações. In: KNIJNIK, J. D. (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 111-136.

MENDOZA, Edgard. S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, n. 14, p. 440-470, jun./dez. 2005.



MISKOLCI, Richard. Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 15., Curitiba, 2011. **Anais...** Curitiba, 2011. p. 01-25.

\_\_\_\_\_. Aula magna: “O desafio de um currículo queer”: vídeo-aula. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HbYbPCwMjZg>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1º sem. 2009.

\_\_\_\_\_. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, 2007.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, L. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre a performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 30., Caxambú, 2006. **Anais...** Caxambú, 2006. (CD-Rom)

MONITORING THE AIDS PANDEMIC (MAP). **MAP Report 2005: male-male sex and HIV/AIDS in Asia**, 2005. p. 01-24.

MOORE, Richard. Revelation brings Graeme Obree release from torment. **The Guardian**, 02 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/sport/2011/feb/02/graeme-obree-cycling>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

MOORES, Ezequiel Fernández. **Atleta sem pernas, Oscar Pistorius causa polêmica**. 2008. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2295337-EI6583,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2010.

MOURÃO, Ludmila e GOMES, Euza Maria de Paiva. Mulheres no ringue: a pioneira Maria Aparecida de Oliveira. In: KNIJNIK, Jorge

Dorfman. **Gênero e Esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 231-248.

MURRAY, Stephen. Male homosexuality in Guatemala: possible insights and certain confusions from sleeping with the natives. In: LEWIN, E.; LEAP, W. (Ed.). **Out in the field**: reflections of lesbian and gay anthropologists. Illinois: University of Illinois, 1996. p. 236-260.

NEITZEL, Adair de Aguiar. **O jogo das construções hipertextuais**: Cortázar, Calvino e Tristessa. 2002. 313 f. Tese (Doutorado) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, 1996. p. 13-37.

OSCAR Pistorius not certain of 2012 Olympic place. **BBC**: Sport Athletics, nov. 2011. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/athletics/15562204.stm>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

OWEN, Gareth. Catching crabs: bodies, emotions and gay identities in mainstream competitive rowing. In: CAUDWELL, J. (Org.). **Sport, sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 129-144.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. (Org.). **O Fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 13-28.

PARKER, Richard. **Beneath the equator**: culture of desire, male homosexuality, and emerging gay communities in Brazil. London: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. **Bodies, pleasures, and passions: sexual culture in contemporary Brazil.** Boston: Beacon, 1991.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre a prevenção da AIDS.** São Paulo: Annablume, 2009.

PEREIRA, Márcia. De olhos bem fechados. **Recanto das Letras**, 2007. Disponível em: <  
<http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdefilmes/528384>>. Acesso em 28 nov. 2011.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

\_\_\_\_\_. Territórios marginais (1988). In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 266-290.

POCAHY, Fernando. A. Entre vapores, pistas e pornô-tapes: dissidências (homo)eróticas nas transas (discursivas) do envelhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 16., Recife, 2011. **Anais...** Recife, 2011. v. 1. p. 01-20.

POCAHY, Fernando.; NARDI, H. C. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 45-66, jan./abr. 2007.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina: ou a felicidade no gueto?. In: ARIËS, P.; BÈJIN, A. (Org.). **Sexualidades ocidentais.** São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54-76.

PRECIADO, Beatriz. **Pornotopía: arquitetura y sexualidad en 'Playboy' durante la guerra fría.** Barcelona: Anagrama, 2010.

\_\_\_\_\_. **Testo yonqui.** Madrid: Espasa, 2008.

PRONGER, Brian. Homosexuality and Sport: who's winning? In: MCJAY, J.; MESSNER, M. A.; SABO, D. **Masculinities, gender relations, and sport**. London: Sage, 2000. p. 222-244.

\_\_\_\_\_. Sex and sport. In: \_\_\_\_\_. **The arena of masculinity: sports, homosexuality, and the meaning of sex**. New York: St Martin's, 1990. p. 177-213.

RAFFAELLI, Rafael. **Ensaio sobre cinema e pintura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

RIAL, Carmen. S. Rugby e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (Org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998. (Texto original ). p. 01-20.

\_\_\_\_\_. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A condição da transnacionalidade. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2000. p. 93-129.

RICH, Adrienne. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana. In: NAVARRO, M. STIMPSON, C. R. (Ed.). **Sexualidad, género y roles sexuales**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 159-211.

RITCHIE, Brent W., SHIPWAY, Richerd, & CLEEVE, Bethany. Resident Perceptions of Mega-Sporting Events: A Non-Host City Perspective of the 2012 London Olympic Games. **Journal of Sport & Tourism**, 14, 2009: 143-167.

ROBINSON, Laura. Analysing the Game: the culture of the hockey arena, inside and out. In: \_\_\_\_\_. **Crossing the line: violence and sexual assault in Canada's national sport**. Toronto: M&S, 1998.

ROJO, Luis Fernando. Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 12, p. 41-56, 2005.

ROLNIK, Sueli. Subjetividade antropofágica. In: LINS, D. (Org.). **Razão nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ROSENDAHL, Iris & SCHLACHT, Michael. **Popstar's hardcore party at germany's wildest club**. 04 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.bild.de/news/bild-english/news/popstar-hardcore-party-at-germanys-wildest-club-12536690.bild.html>>. Acesso em: 10 out. 2010.

SALES, Tereza. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 50-64, jan./jul. 1992.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SCANORAMA. "Come Out and Fight!" v. un., n. 6, p. 14, jun. 2009.

SCHEPER-HUGHES, Nancy. **Death without weeping: the violence in everyday life in Brazil**. Berkley: The University of California, 1993.

SCHEUß, Christina; SCHULZE, Micha. **Gay online dating: das ultimative handbuch fürs schwule chatten verabreden und bloggen**. Berlin: Bruno Gmünder, 2005.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**, 645: 1-24. Nova York, 1992.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos PAGU**; Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Gosh, Boy George, you must be awfully secure in your masculinity! In: BERGER, M.; WALLIS, B.; WATSON, S. **Constructing masculinity**. New York: Routledge, 1995. p. 11-20.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life**. New York: Routledge, 2004.

SHERIDAN, Chris. Amaechi becomes first NBA player to come out. 09 feb. 2007. Disponível em:  
<<http://sports.espn.go.com/nba/news/story?id=2757105>>. Acesso em: 09 fev. 2008.

SIEGESSÄULE. **Queer Berlin. Reifeprüfung. Selbstbewusst alt warden**, n.1, jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Fürchtet euch nicht!: regenbogenfamilien; HIV und AIDS; Neuköllnreport**, n. 12, dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **Innen Leben Bauwagen oder Luxusloft?: wie wir wohnen**, n. 11, nov. 2010.

\_\_\_\_\_. **Saiten Sprünge: warum klassische Musik rockt?**, n. 10, oct. 2010.

\_\_\_\_\_. **Und Tschüss!: hat schwul-lesbisch ausgedient?**, n. 9, sept. 2010.

\_\_\_\_\_. **Indie Summer: Berlin klingt anders**, n. 8, aug. 2010.

\_\_\_\_\_. **Ball Kontakte: warum sport verbindet?**, n. 7, july 2010.

\_\_\_\_\_. **Bunt für's Leben: warum vielfalt bereichert?**, n. 6, jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Express Yourself!: queeres theater in Berlin**, n. 5, maio 2010.

\_\_\_\_\_. **Spielregeln: fitness, fetisch und hepatitis C**, n. 4, apr. 2010.

\_\_\_\_\_. **Reise Freiheit: wie wir urlaub machen**, n. 3, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. **Filmreif: die berlinale wird 60**, n. 2, feb. 2010.

\_\_\_\_\_. **Spitzen: tanz! ballett in Berlin**, n. 1, jan. 2010.

SILVA, José Barbosa. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.).

**Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 40-212.

SILVERSTEIN, Charles.; PICANO, Felice. **The new joy of gay sex**. New York: Harper Perennial, 1992.

SILVIA, Elisa; RIAL, Carmen S.. Masculinidades prescritas, interditas e relativizadas em um grupo de pescadores da ilha de Santa Catarina. In: RIAL, C.; GODIO, M. **Pesca e turismo: etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul**. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, 2006. p. 141-156.

SIMÕES, Júlio A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A. (Org.). **Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 415-447.

\_\_\_\_\_.; FRANÇA, I. L. Do 'gueto' ao mercado. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 309-336.

SIMON, Rita J. & BROOKS, Alison. **Gay and Lesbian Communities: the world over**. New York: Lexington Books, 2009.

SKERRY, Steve. I'm out: England wicketkeeper Steve Davies reveals he is gay. **Mail online**. 28 fev. 2011. Disponível em:

<<http://www.dailymail.co.uk/sport/cricket/article-1361321/Cricketer-Sтивен-Davies-admits-hes-gay.html>>. Acesso em: 28 mar. 2011.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 481-504.

SOARES, Carmen Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo** entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Autores Associados, 2011.

SPINA, Ricardo. **Árbitro não relata homofobia a jogador do Vôlei Futuro e CBV aguarda decisão do STJD**. 05 abr. 2011. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas-noticias/2011/04/05/arbitro-nao-relata-homofobia-a-jogador-do-volei-futuro-e-cbv-aguarda-decisao-do-stjd.jhtm>>. Acesso em: 20 maio 2011.

STAHLBERG, Lara Tejada. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C E (Org.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 141-166.

SYKES, Heather. Queering theories of sexuality in sport studies. In: CAUDWELL, J (Org.). **Sport, Sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 13-32.

SYMONS, Caroline. **The gay games: a history**. New York: Routledge, 2010.

\_\_\_\_\_.; HEMPHILL, D. Transgendering sex and sport in the gay games. In: CAUDWELL, J. (Org.). **Sport, Sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 109-128.

TAMBURRINI, Cláudio M. y TÄNNSJÖ, Torbjön. Las bioamazonas del fútbol. In: TORRES, Cesar R.; CAMPOS, Daniel G. (comp.). **¿La**



**pelota no dobra?** Ensayo filosóficos en torno al fútbol. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2005. p. 187-210.

TATCHELL, Peter. It's just a phase: why homosexuality is doomed? In: SIMPSON, M. (Ed.). **Anti-gay**. London: Cassell, 1996.

THOMAS, Sandra. Runner competed in gay games in 1952. **The Vancouver courier**, July 22, 2011. p. A04-06.

THONGKONTHUN, Y. (Dir.). **Damas de ferro** (*The iron ladies*). 100 min, Tailândia, 2000. Produção tailandesa.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. Tese (Doutorado) -Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TOMAZ, Thiago. Equipe brasileira procura patrocinadores para disputar torneio de vôlei *gay* no Chile. **A CAPA**. Disponível em: <[http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5809&target=\\_blank&titulo=Equipe+brasileira+procura+patrocinadores+para+disputar+torneio+de+v%F4lei+gay+no+Chile](http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5809&target=_blank&titulo=Equipe+brasileira+procura+patrocinadores+para+disputar+torneio+de+v%F4lei+gay+no+Chile)>. Acesso em: 26 set. 2008.

TONELI, Maria Juracy Figueira e PERUCCHI, Juliana. Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero. In: **Revista Psicologia & Sociedade**; 18 (3): 39-47; set/dez. 2006.

TRINDADE, Ronaldo. Fábio Barbosa da Silva e o mundo acadêmico de sua época. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 241-262.

TROSTDORF, Mathias. **Skate!**: erotische bilder und geschichten. Berlin: Bruno Gmünder, 2005.

TURNER, Victor. W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNCLE Donald's Castro Street. **Gay games II: the triumph in '86**. Disponível em: <<http://gaygamescom.site.securepod.com/en/gaygames/gaygamehist.html#gg1>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. **Gay games VII: where the world meets**. Disponível em: <<http://gaygamescom.site.securepod.com/en/gaygames/gaygamehist.html#gg1>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

VAZ, Alexandre Fernandez. Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2000. p. 65-108.

\_\_\_\_\_. Treinar o corpo, domar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano 19, n. 48, ago. 1999. p. 89-108.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, P. ; BÉJIN, A. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 39-49.

VICENT, Gérard. Uma história do segredo. In: PROST, A.; VICENT, G. (Org.). **História da vida privada 5: da primeira guerra a nossos dias**. Trad. Denise Bottman; Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 137-364.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

VOGLER, Michael. **Determinanten der zuwanderung aus entwicklungsländern**. Baden-Baden: Nomos-Verlag-Gesellschaft, 2000.

VOLTAN, Daniel; CAMARGO, W. X. Performance esportiva em análise: o goalball brasileiro de 1995 a 2008 (**no prelo**).

VOLUP. **History: gay volleyball in Poland**. Disponível em: <[http://volup.pl/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2&Itemid=65&lang=en](http://volup.pl/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=65&lang=en)>, Acesso em: 10 abr. 2011.

WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WADDELL, Tom. White paper: why the games? 1982. Disponível em <<http://www.gaygames.com/index.php?id=200>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

WADDELL, Tom, SCHAAP, Dick. **Gay Olympian**: the life and death of Dr. Tom Waddell. New York: Alfred A. Knopf, 1996.

WATSON-SMYTH, Kate. Justin Fashanu found hanged in lock-up garage. 04 maio1998. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/justin-fashanu-found-hanged-in-lockup-garage-1161425.html>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

WEID, Olivia von der. Swing, o adultério consentido. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.18, n. 3, p. 789-810, 2010.

WELLARD, Ian. Exploring the limits of queer and sport: gay men playing tennis. In: CAUDWELL, J. (Org.). **Sport, sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 76-89.

WENNER, Laurence A.; JACKSON, Steven J. (Orgs.). **Sport, Beer, and Gender**: promotional culture and contemporary social life. New York: Peter Lang Publishing Inc., 2009.

WILLIAMS, Walter. Being gay and doing fieldwork. In: LEWIN, E.; LEAP, W (Ed.). **Out in the field**: reflections of lesbian and gay anthropologists. Illinois: University of Illinois, 1996. p. 70-85.

WILLSON, Margareth. Perspective and difference: sexualization, the field, and the ethnographer. In KULICK, D.; WILLSON, M. (Ed.). **Taboo**: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London: Routledge, 1995. pp. 251-275.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

WIRTH, Louis. **The ghetto**. Chicago: University of Chicago, 1969.

WITTIG, Monique. Le pensée straight. **Questions Feministes**, Paris, n. 7, fev. 2001.

WOLF, Sherry. America' deepest closet: why does the sports world remain fiercely hostile to open participation by LGBT athletes? **The Nation**, n. 22, p. 29-30, aug. 2011.

WORLD Outgames Aerobic & Step competition. Disponível em: <[http://www.copenhagen2009.org:80/Sport/Disciplines/Aerobics/~media/Sport/Files/Aerobic/Aerobic%20Scores2.ashx](http://www.copenhagen2009.org:80/Sport/Disciplines/Aerobics/~/media/Sport/Files/Aerobic/Aerobic%20Scores2.ashx)>. Acesso em: 14 maio 2010.

WORLD OUTGAMES COPENHAGEN/2009. "Country statistics". Disponível em: < <http://www.copenhagen2009.org/Info/Countries.aspx> >. Acesso em: 15 jun. 2011.

WORLD OUTGAMES MONTREAL/2006. "The games in short". Disponível em: < [http://montreal2006.info/en\\_the\\_games\\_in\\_short.html](http://montreal2006.info/en_the_games_in_short.html) >. Acesso em: 15 jun. 2011.

WORLD OUTGAMES OFFICIAL PROGRAM. Culture, human rights and sport. Copenhagen, 2009.

ZELJKO'S BLOG. Double, coupled and public candidacy. **QSport International**: for queer qualities in sport. Disponível em: <<http://int.qsport.info/Double-Coupled-and-Public-Candidacy>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

# **ANEXO**



# ANONYMOUS SURVEY: II WORLD OUTGAMES

Date: July&Aug/2009 - Copenhagen/Denmark

RESEARCHER: PHD STUDENT WAGNER XAVIER DE CAMARGO	
<p><b>I - ABOUT YOURSELF</b></p> <p>1. Gender ID – what do you consider yourself?  <input type="checkbox"/> female                      <input type="checkbox"/> male  <input type="checkbox"/> trans female              <input type="checkbox"/> trans male  <input type="checkbox"/> multiple genders</p> <p>2. Sex Orientation – you are:  <input type="checkbox"/> heterosexual    <input type="checkbox"/> bisexual    <input type="checkbox"/> Gay  <input type="checkbox"/> Lesbian  <input type="checkbox"/> transgender    <input type="checkbox"/> transsexual    <input type="checkbox"/> Inter-sex    <input type="checkbox"/> Other</p> <p>3. About your color:  <input type="checkbox"/> White   <input type="checkbox"/> Yellow   <input type="checkbox"/> Never though about it  <input type="checkbox"/> Black   <input type="checkbox"/> Brown   <input type="checkbox"/> Other possibility:            _____</p>	<p>4. Do you work?  <input type="checkbox"/> YES, I am _____            (occupation)  <input type="checkbox"/> NO</p> <p>5. Your educational level is:  <input type="checkbox"/> College  <input type="checkbox"/> High school (mainstream and/or technical)  <input type="checkbox"/> University  <input type="checkbox"/> Other: _____</p>
<p><b>II – ABOUT YOU AND SPORTS</b></p> <p>5. How old were you when you started to practice some sport activity? _____ years old.</p> <p>6. Do you often practice sport?  <input type="checkbox"/> YES                      <input type="checkbox"/> NO            IF Yes – which one?            _____</p> <p>7. Do you practice sport at LGBT clubs, associations, institutions or institutionalized groups?  <input type="checkbox"/> YES                      <input type="checkbox"/> NO            IF Yes – where?            _____</p> <p>8. Do you have some coaching?  <input type="checkbox"/> YES                      <input type="checkbox"/> NO, I practice by myself and sometimes            IF Yes – Please mark an answer. Multiple answers are acceptable:   <input type="checkbox"/> I have a personal trainer  <input type="checkbox"/> I practice in an ordinary gym</p>	<p>9. Who teaches you (just in case)? (IF NOT, go straight to 10<sup>th</sup> question)  <input type="checkbox"/> Professional coaches              <input type="checkbox"/> Volunteer coaches  <input type="checkbox"/> Teachers    <input type="checkbox"/> Other players  <input type="checkbox"/> Your friends  <input type="checkbox"/> Some member of your family  <input type="checkbox"/> Others (please, explain):            _____</p> <p>10. Who supports you? (Multiple answers are acceptable):  <input type="checkbox"/> Nobody. I practice as a pleasure and pay all costs involved in competitions and tournaments  <input type="checkbox"/> My family    <input type="checkbox"/> My partner    <input type="checkbox"/> My university (or institution)  <input type="checkbox"/> My coach    <input type="checkbox"/> The government of my country (public policies of developing sports)  <input type="checkbox"/> Others (please, explain):            _____</p>

<p><input type="checkbox"/> I practice in sports facilities for everyone (public ones)</p> <p><input type="checkbox"/> I practice in a private club just for queers</p> <p><input type="checkbox"/> I practice under my own supervision</p> <p><input type="checkbox"/> Others (please, explain):</p> <p>_____</p>	<p>11. How often do you train?</p> <p><input type="checkbox"/> Everyday      <input type="checkbox"/> Two or three times a week</p> <p><input type="checkbox"/> Once a week      <input type="checkbox"/> Once a month</p> <p><input type="checkbox"/> Sometimes</p> <p><input type="checkbox"/> I DON'T TRAIN. I am here just for fun and for socialization</p> <p><input type="checkbox"/> Others (please, explain):</p> <p>_____</p>
<p><b>III – SITUATION IN YOUR COUNTRY</b></p>	
<p>12. Do you have ordinary practices of sport for LESBIAN, GAY, BISEXUAL, TRANSGENDER communities in your country?</p> <p><input type="checkbox"/> YES      <input type="checkbox"/> NO, it doesn't exist this kind of sport in my country</p> <p>IF Yes – Please mark an answer. Multiple answers are acceptable:</p> <p><input type="checkbox"/> They come from a consequent public policy of the government</p> <p><input type="checkbox"/> They come from private institutions or clubs involved in this</p> <p><input type="checkbox"/> They are a non systematic practice around the country</p> <p><input type="checkbox"/> They are just done by rich people, in rich areas</p> <p><input type="checkbox"/> But, I don't know where they happen or who practices this kind of activities.</p> <p><input type="checkbox"/> Others (please, explain):</p> <p>_____</p>	<p>13. How many tournaments (competition or any other sport event) specific for LGBT people do you participate in a year?</p> <p>a) Just local/regional tournaments (_____)</p> <p>b) National competitions (_____)</p> <p>c) International sports events (_____)</p> <p>14. Who supports your participation in this WORLD OUTGAMES?</p> <p><input type="checkbox"/> I pay by myself for everything</p> <p><input type="checkbox"/> My national sports organization bears all the costs</p> <p><input type="checkbox"/> The national sports organization and I have shared all costs</p> <p><input type="checkbox"/> Others (please, explain):</p> <p>_____</p>
<p><b>IV – CONTACTS:</b></p>	
<p>My research is about sport practice of LGBT athletes and has been developed at “Universidade Federal de Santa Catarina” (Brazil), and at “Freie Universität von Berlin” (Germany). My personal email address is wxcamargo@gmail.com.</p> <p>If you don't mind, could you please leave your email address just in case I need further information? Thank you in advance</p> <p>_____</p>	